

SILVIA VIRGINIA COUTINHO AREOSA

**ENVELHECIMENTO, CONTEXTO SOCIAL E RELAÇÕES FAMILIARES: O
IDOSO, DE ASSISTIDO A PROVIDOR DA FAMÍLIA.**

Tese de apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – Doutorado da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª Dra. Leonia Capaverde Bulla

Porto Alegre

2008

A679e	Areosa, Silvia Virginia Coutinho Envelhecimento, contexto social e relações familiares : o idoso, de assistido a provedor da família / Silvia Virginia Coutinho Areosa ; orientadora, Leonia Capaverde Bulla. - 2008. 209 f. : il. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008. Bibliografia. 1. Envelhecimento. 2. Idosos – Relações com a Família. 3. Orçamento familiar. I. Bulla, Leonia Capaverde. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Serviço Social. III. Título. CDD: 362.6
-------	--

Bibliotecária : Muriel Thurmer - CRB 10/1558

SILVIA VIRGINIA COUTINHO AREOSA

**ENVELHECIMENTO, CONTEXTO SOCIAL E RELAÇÕES FAMILIARES: O
IDOSO, DE ASSISTIDO A PROVIDOR DA FAMÍLIA.**

Tese de apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – Doutorado da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 08 de dezembro de 2008.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dra. Leônia Capaverde Bulla – PUCRS

Prof. Dr. Marcos Artêmio Ferreira – UNISC

Prof^a Dra. Maria Lúcia Tiellet Nunes – PUCRS

Prof^a. Dra. Maria Concepción Menéndez Montañés – UB/ES

Prof^a Dr^a Patrícia Krieger Grossi - PUCRS

Gostaria de dedicar esta tese em memória dos meus avôs, com quem aprendi a importância do amor incondicional. Aos meus pais Arno e Miriam, com quem muito aprendi, especialmente sobre o amor na velhice. Ao meu marido com quem compartilho tudo e, aos meus filhos Renata e João Antonio, que lhes sirva de incentivo a minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

Queria fazer um agradecimento especial ao meu marido e companheiro de todos estes anos, Antonio, que tanto me incentivou para que eu continuasse minha trajetória e buscasse o doutorado, que acreditou até mais do que eu mesma e embarcou comigo na aventura de morar fora do país e conhecer outras realidades.

Aos meus filhos Renata e João, que entenderam minhas ausências e nunca me pediram para desistir dos meus sonhos.

À minha irmã Sônia que acompanhou minha caminhada com euforia, me deu guarida em sua casa muitas vezes ao longo destes anos de doutorado e me ajudou em todos os abstracts para minhas publicações.

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que me ajudaram até aqui no caminho da minha qualificação e capacitação profissional, não quero nomear as pessoas por medo de cometer algum equívoco e esquecer alguém, todos são muito importantes para mim, todos os meus mestres e colegas que homenageio na pessoa da minha querida e incansável orientadora Professora Dra. Leonia Capaverde Bulla .

Também gostaria de agradecer a todos os professores que fizeram parte da banca de qualificação, que ajudaram dando importantes contribuições, sugestões para o aprimoramento de minha proposta de doutorado e orientações durante esta trajetória, e que prontamente aceitaram o convite para estar contribuindo com o meu crescimento profissional, em especial minha primeira e sempre orientadora Dra. Maria Lúcia Tiellet Nunes.

Faz-se importante mencionar o apoio da Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, Universidade em que trabalho, a qual me liberou durante esses anos todos para poder assistir às aulas e realizar minha pesquisa de doutorado, inclusive possibilitando um período de afastamento para estágio no exterior.

Da mesma forma, gostaria de agradecer à coordenação do Programa de Doutorado da faculdade de Serviço Social da PUCRS pela confiança em mim depositada, bem como, à CAPES, pela bolsa PEDEE, que garantiu os recursos necessários para a realização do estágio na Universidade de Barcelona.

Tampouco posso deixar de agradecer a pronta acolhida e o carinho da minha co-orientadora Professora Dra. Concha Menéndez Montañés com quem passei alguns meses inesquecíveis estudando em Barcelona e que muito contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional.

Não poderia deixar de homenagear os bolsistas de Iniciação Científica com quem trabalhei ao longo desta pesquisa, especialmente a acadêmica Magali Costantin e a psicóloga Juliana Werner, que esteve comigo durante anos no estudo do envelhecimento e hoje já é uma colega.

E por fim, não poderia deixar de mencionar a ajuda dos idosos e seus familiares, que são o motivo deste trabalho, que concordaram em participar desta pesquisa, que me deixaram entrar em suas casas e que acabaram trazendo um pouco de suas vidas para a minha.

Canção da Plenitude

Não tenho mais os olhos de menina
Nem corpo adolescente, e a pele
translúcida há muito se manchou.
Há rugas onde havia sedas, sou uma estrutura
Agrandada pelos anos e o peso dos fardos
Bons ou ruins.
(carreguei muitos com gosto e alguns com rebeldia)

O que te posso dar é mais que tudo
O que perdi: dou-te os meus ganhos.
A maturidade que consegue rir
Quando em outros tempos choraria,
Busca te agradar

Quando antigamente quereria
Apenas ser amada.
Posso dar-te muito mais do que a beleza
E juventude agora: esses dourados anos
Me ensinaram a amar melhor, com mais paciência.
E não menos ardor, a entender-te
Se precisas, a aguardar-te quando vais
A dar-te regaço de amante e colo de amiga,
E sobretudo a força- que vem do aprendizado.
Isso te posso dar: um mar antigo e confiável.
Cujas marés- mesmo se fogem- retornam,
Cujas correntes ocultas não levam destroços
Mas o sonho interminável das sereias.

Lia Luft

RESUMO

A tendência atual de ampliação do número de pessoas na faixa etária acima de 60 anos, fenômeno conhecido como envelhecimento populacional, vem transformando o perfil das famílias brasileiras (IBGE, 2002). Geralmente, os idosos eram vistos como seres dependentes, mas, nos últimos anos, essa tendência está se modificando e uma nova realidade está surgindo. Agora, eles estão sustentando ou ajudando a sustentar familiares e, muitos, vêm se transformando no principal chefe de família (CAMARANO, 2001). Diante deste cenário o que esta pesquisa busca investigar, são as novas configurações familiares e as relações entre os idosos, mantenedores da família, e seus familiares. Utilizou-se como recorte as famílias de idosos de diferentes estratos sociais, que buscam os serviços da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Trata-se de um estudo predominantemente qualitativo, mas que utiliza alguns procedimentos quantitativos. Através do mapeamento dos idosos que frequentam a UNISC, foram cadastrados 1098 sujeitos, de onde retirou-se uma amostra de forma aleatória (sorteio) de 217 idosos. Ao final do processo de amostragem, levando-se em conta o critério

da saturação, a mesma ficou composta por 34 idosos e 34 familiares. Na amostra, foram aplicados dois instrumentos de coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas com formulário próprio e o Teste de Apercepção Temática – TAT (MURRAY, 1995). Os resultados foram analisados através da técnica da análise de conteúdo segundo Bardin (2004). As entrevistas foram realizadas com o idoso e, preferencialmente, com um dos familiares que mora no mesmo domicílio. Buscando-se verificar como estão se processando as relações familiares, bem como, observar as diferenças existentes em relação às características de gênero e o papel do idoso no núcleo familiar, identificando aspectos de independência, autonomia e reconhecimento do idoso como provedor. Nos resultados constatou-se um número significativo de mulheres na condição de chefes de família, além de configurações familiares, com muitos filhos morando com os pais idosos, filhos descasados voltando para a casa das mães viúvas, filhas descasadas voltando para a casa dos pais ou da mãe, além de idosos que ajudam outros parentes. A pesquisa aponta para o fato de o idoso estar recebendo o reconhecimento da família por ser o provedor, sendo valorizado como alguém importante, que cuida, acolhe, aconselha e se responsabiliza pelos seus.

Palavras-chave: Envelhecimento, Gênero, Relações familiares, autonomia e dependência do idoso.

ABSTRACT

The current tendency of enlargement of people in the age group above 60 years, phenomenon known as population aging, is transforming the profile of the Brazilian families (IBGE, 2002). Commonly in the past, the elder was seen as a dependent being, but this tendency is modifying and a new reality is appearing. Nowadays they are sustaining or helping to sustain the family and, many elders are becoming the main head of the family (CAMARANO, 2001). In face of such scenery, what the present research project searches to investigate are the new family configurations and the relationships among the elders, the family maintainers, and their relatives. It was used as cutting for the present research the elders' families of different social classes, who look for the services of the University of Santa Cruz do Sul (UNISC). It is a predominantly qualitative study, but uses some quantitative procedures. Through the mapping of the elderly who use UNISC's services, 1098 elders were registered where it was taken a sample in a random way (raffle) of 217 elders. At the end of

the data collection, being taken into account the saturation criterion, it was composed by 34 elders and 34 family members. In the sample two instruments of collecting data were applied: a semi-structured interview with own form and Thematic Aperception Test - TAT (MURRAY, 1995). The results will be analyzed through the technique of the content analysis according to Bardin (2004). The interviews were accomplished, preferentially, with one of the relatives who lives in the same home that the elder lives. Seeking to verify how it is being processed their relationships, as well as, to observe the existent differences in relation to the gender characteristics and the role that the elder plays in the family nucleus, identifying aspects as independence, autonomy and the elder's recognition as provider. In the preliminary results it was verified a significant number of women in the condition of head of the family. Several family configurations, with many children living with the elder parents, divorced sons returning to their widow mothers' home, divorced daughters returning to the parents or mother's home, besides elders who help other relatives. The research points to the fact that the elder is receiving the family's recognition for being the provider, being valued as an important person, that take care, hosts, advises and is responsible for their relatives.

Key-Words: Aging, Gender, family Relationships, autonomy and dependence elder's.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Projeções em relação à pirâmide etária brasileira para o ano de 2050	40
Gráfico 1 – Distribuição percentual das pessoas de 60 anos ou mais idade, segundo os grupos de idade – 1996/2006	41
Gráfico 2 – Arranjos familiares por sexo da pessoa por referência, segundo o tipo de arranjo familiar – Brasil – 2007	46
Figura 2 – Idade dos entrevistados	81
Figura 3 – Sexo dos entrevistados	81
Figura 4 – Escolaridade dos entrevistados da amostra.....	83
Quadro 1 – Homens participantes da amostra e seus familiares	95
Quadro 2 – Mulheres participantes da amostra e seus familiares	97
Figura 5 – Análise do T.A.T. em relação à categoria Interação.....	106
Figura 6 – Análise do T.A.T. em relação à categoria Relacionamento.....	107

Figura 7 – Análise do T.A.T. em relação à categoria Imagem	108
Figura 8 – Análise do T.A.T. em relação à categoria Habilidades.....	109
Figura 9 – Sexo da amostra	204
Figura 10 – Mora com quem	205
Figura 11 – Estado civil.....	206
Figura 12 – Quem vai visitar	206
Figura 13 – Qual o grupo, clube ou associação que frequenta	207
Figura 14 – Qual a atividade atual.....	207
Figura 15 – Quais as fontes de renda atuais.....	208
Figura 16 – Falta dinheiro para quê?	208
Figura 17 – Utilizou o estatuto do idoso por qual motivo	209

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Pessoas residentes de 60 anos ou mais de idade e respectivo crescimento relativo, segundo os grupos de idade - Brasil - 1991/2000	39
Tabela 2 – Estrutura das famílias segundo a presença de idosos na RMPA. 1993-96 e 1997-00	71
Tabela 3 – Estrutura das famílias segundo a presença de idosos na RMPA. 1993-96 e 1997-00	72
Tabela 4 – Estrutura das famílias segundo a presença de idosos na RMPA. 1993-96 e 1997-00	73
Tabela 5 – Distribuição da população idosa segundo fontes de rendimentos e sexo na RMPA. 1993-96 e 1997-00.....	75
Tabela 6 – Distribuição da população idosa segundo classes de salário mínimo na RMPA. 1993-96 e 1997-00.....	76
Tabela 7 – Amostra de idosos representada por idade e sexo	79
Tabela 8 – Relação entre a escolaridade e o sexo dos idosos entrevistados.....	82
Tabela 9 – Relação entre estado civil e o sexo da amostra.....	84
Tabela 10 – Número de filhos dos idosos pesquisados	86
Tabela 11 – Tipo de residência em que vivem os idosos pesquisados	87
Tabela 12 – Fontes de renda atual dos entrevistados.....	88
Tabela 13 – Quantas pessoas dependem da renda dos idosos pesquisados.....	90
Tabela 14 – Quem depende da renda dos idosos entrevistados.....	90
Tabela 15 – Possui dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades?.....	92
Tabela 16 – Para que falta dinheiro?.....	93
Tabela 17 – Estado civil dos idosos entrevistados.....	111
Tabela 18 – Com quem mora os idosos da amostra	112
Tabela 19 – Configuração dos arranjos familiares	114
Tabela 20 – Profissão/ atividade exercida na maior parte da vida pelos idosos entrevistados	115
Tabela 21 – Atividade atual dos idosos da amostra.....	116
Tabela 22 – Frequência com que os idosos fazem ou recebem visita.....	119
Tabela 23 – Quem vem visitá-lo?	120
Tabela 24 – Frequenta regularmente algum clube, grupo ou associação?	121
Tabela 25 – Grupos, clubes e/ou associações freqüentados pelos idosos	

pesquisados.....	122
Tabela 26 – O que gosta de fazer nas horas livres?	123
Tabela 27 – Quando o idoso tem de tomar uma decisão	126
Tabela 28 – Como os idosos se sentem com relação à sua capacidade de tomar decisões?	127
Tabela 29 – Quando os idosos necessitam ir ao médico, vai só ou acompanhado?.....	128
Tabela 30 – Doença diagnosticada por profissional de saúde nos últimos dois anos	129
Tabela 31 – Frequência por faixa etária e sexo	204
Tabela 32 – Idade dos idosos pesquisados	205

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BPC – Benefício de Prestação Continuada

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

FEE – Fundação de Economia e Estatística

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INE – Instituto Nacional de Estadística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IMSERSO - Instituto de Mayores y Servicios Sociales

ONU – Organização das Nações Unidas

PDEE - Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior

PEA – População Economicamente Ativa

PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego

PIA – População em Idade Ativa

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

SPSS – Statistical Package for the Social Science

TAT – Teste de Apercepção Temática

UB – Universidade de Barcelona

UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 EM BUSCA DE UM NORTE: A DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	19
3 ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA...	24
3.1 O MÉTODO E AS CATEGORIAS DE ANÁLISE	24
3.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS	29
3.3 PROPOSTA PARA ANÁLISE DOS DADOS	32
4 ENVELHECIMENTO POPULACIONAL E AS CONDIÇÕES SOCIAIS.....	34
4.1 O SURGIMENTO DA GERONTOLOGIA E AS REPERCUSSÕES DO ENVELHECIMENTO POPULACIONAL	34
4.2 A INTERFERÊNCIA DAS CONDIÇÕES SOCIAIS EM RELAÇÃO AO ESTUDO DO ENVELHECIMENTO	45
4.3 RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E ENVELHECIMENTO	51
4.4 CONTEXTO SOCIAL E RELAÇÕES FAMILIARES	62
5 O IDOSO CHEFE DE FAMÍLIA NESTE ESTUDO	79
5.1 IDADE E SEXO DOS IDOSOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	79
5.2 ESCOLARIDADE DOS IDOSOS	81
5.3 ESTADO CIVIL	84
5.4 NÚMERO DE FILHOS	85
5.5 TIPO DE RESIDÊNCIA	86
5.6 FONTES DE RENDA	88
5.7 PESSOAS QUE DEPENDEM DA RENDA DO IDOSO	89
5.8 RENDA E SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES.....	91
5.9 NECESSIDADES NÃO ATENDIDAS POR FALTA DE DINHEIRO.....	92
6 RECONHECENDO O IDOSO DENTRO DO CONTEXTO FAMILIAR.....	95
6.1 HOMENS PARTICIPANTES DA AMOSTRA E SEUS FAMILIARES	95
6.2 MULHERES PARTICIPANTES DA AMOSTRA E SEUS FAMILIARES	97
6.3 COMO IDOSO PERCEBE O RECONHECIMENTO DE SEUS FAMILIARES..	100
6.4 COMO O FAMILIAR RECONHECE O IDOSO NO PAPEL DE PROVIDOR..	102
6.5 PERCEPÇÃO DOS FAMILIARES SOBRE OS IDOSOS	104

7 AS NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES A PARTIR DO IDOSO COMO PROVEDOR DO NÚCLEO FAMILIAR.....	111
7.1 ESTADO CIVIL E AS NOVAS CONFUGURAÇÕES FAMILIARES	111
7.2 A CONVIVÊNCIA FAMILIAR	112
7.3 CONFIGURAÇÃO DOS ARRANJOS FAMILIARES.....	113
7.4 DIFERENÇAS DE GÊNERO EM RELAÇÃO AOS PAPÉIS DESEMPENHADOS PELO IDOSO: PERCEPÇÃO DOS FAMILIARES	115
7.5 VIDA SOCIAL DO IDOSO.....	118
7.6 DEPENDÊNCIA/ INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA DO IDOSO	124
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS	136
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista (idoso)	148
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista (familiar)	152
APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	153
ANEXO A – Análise de conteúdo das entrevistas dos idosos	154
ANEXO B – Análise de conteúdo das entrevistas dos familiares.....	165
ANEXO C – Estórias contadas a partir das lâminas do T. A. T.....	176
ANEXO D – Tabelas e gráficos não utilizados	204

1 INTRODUÇÃO

Os censos demográficos têm demonstrado o aumento da população idosa, que já chega a quase 20 milhões de brasileiros com mais de 60 anos (crescimento para 10,5 % do total da população brasileira em 2007 e 11,4% na região Sul, conforme dados do IBGE, 2007) e, há necessidade de mudanças em relação à idéia de que o Brasil é um país de jovens. O crescimento da população idosa se deu de maneira bastante acentuada na última década, a faixa de 65anos e mais cresceu 49,2% e a faixa de mais de 90 anos cresceu 65%. Esta nova configuração etária demonstra o aumento da esperança de vida ao nascer, a qual subiu para 72,7 anos em 2007, sendo de 76,5 para mulheres e 69 anos para os homens. É importante destacar o aumento da população idosa com mais de 70 anos que passou em 2007 dos 8,9 milhões de pessoas nesta faixa etária, representando 4,9% da população total.

Para Kreling (2002), o processo de envelhecimento da população brasileira é um movimento já deflagrado e em franca expansão. Os estados com o maior percentual de pessoas idosas são o Rio de Janeiro, seguido pelo Rio Grande do sul, e chama a atenção o percentual de idosos na Região Metropolitana do Rio de Janeiro com 14,7% (PNAD, 2007). Na Região Metropolitana de Porto Alegre os dados apresentados pela última pesquisa por amostra de domicílios demonstraram uma evolução, destacando-se a maior longevidade da população feminina em relação à masculina, cerca de sete anos. O envelhecimento da população, por sua vez, afetou profundamente a composição etária da População Economicamente Ativa (PEA), com aumento significativo da participação dos segmentos mais adultos, em especial dos indivíduos com idade de 60 anos ou mais, e redução da participação dos mais jovens.

Terra (2005) diz que o envelhecimento da população brasileira é um dos grandes desafios a serem enfrentados, pois se estima também que em 2025 o Brasil terá 30 milhões de pessoas com mais de 60 anos, aproximadamente 15% da população e será o 6º país do mundo em número de idosos. Nos países em desenvolvimento a velhice, segundo a ONU (1982, apud PIRES e SILVA, 2001), é definida a partir dos 60 anos, enquanto nos países desenvolvidos inicia aos 65 anos, sendo esta diferença de cinco anos marca das limitações do nível de desenvolvimento e que pode apontar diferenças em termos de qualidade de vida e expectativas em relação à longevidade.

A literatura muitas vezes apresenta este idoso brasileiro como um sujeito dependente, ou seja, necessitando de apoio dos familiares e das instituições para viver e se manter economicamente. Camarano (1999), entretanto, afirma que esta situação de dependência está se modificando pelas condições sociais e econômicas pelas quais o país vem passando. Para que o idoso possa desfrutar de melhores condições objetivas de vida em relação à população não-idosa, acrescenta a autora, três fenômenos, que guardam relação entre si, e desempenham papel importante são: a queda da mortalidade, o aumento da tecnologia médica e da qualidade de vida e, a universalização da Seguridade Social, conforme será visto no desenrolar deste trabalho. Em 45 % das famílias brasileiras o idoso vem exercendo o papel de provedor, apesar do avanço da sua idade cronológica, estando ainda muitas vezes, por necessidade, ligado ao mercado de trabalho. A contribuição do idoso para a renda familiar em 53% dos domicílios brasileiros é superior aos 50% e no Nordeste este percentual sobe para 63,5% (IBGE, 2008).

A proporção de homens pensionistas em 2005 ainda era muito pequena, 3,2% contra 33,3% de mulheres nessa condição. O Nordeste era a região com maior proporção de aposentados, 72,2%. Também em 2005, os idosos aposentados, mas ocupados eram cerca de 19%, ou 3,4 milhões de pessoas, sendo mais representativos os na faixa etária entre 60 e 69 anos. Entre os idosos do sexo masculino com idade acima de 70 anos, quase 28% estavam ocupados. No Sul, esse percentual era de 36,4% (IBGE, 2006). Em 2007, a proporção de idosos aposentados e pensionistas no Brasil era de 84%, e a proporção de aposentados que recebem pensão praticamente dobrou nos últimos 10 anos de 4,6% em 1997 para 8,4% em 2007 (IBGE, 2008).

A aposentadoria tem se transformado na única fonte de renda em milhões de famílias brasileiras, como demonstram os dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). A realidade do idoso enquanto chefe de família no Brasil faz com que o filho adulto (quando termina o casamento ou fica desempregado) acabe voltando para a casa dos pais. A família faz a mediação entre o mercado e os indivíduos, pois distribui rendimentos entre seus membros, quer participem ou não de sua geração, assim como faz a intermediação entre o Estado e o indivíduo, redistribuindo, direta ou indiretamente, os benefícios recebidos. Este idoso, cada vez mais, está redistribuindo sua aposentadoria ou pensão entre os seus familiares (pessoas que vivem com ele e que não estão conseguindo se manter), (CAMARANO, 1999, 2001).

Hoje, observa-se que o grau de dependência dos idosos é, em boa parte, determinado pela provisão de rendas por parte do Estado verificando-se que quando este reduz ou aumenta os benefícios previdenciários, está atingindo uma fração razoável dos rendimentos de famílias inteiras. No Rio Grande do Sul 41,1% das pessoas com mais de 60 anos eram responsáveis por famílias com filhos maiores de 18 anos em 2000. No Brasil em 2007, 45% dos idosos

eram responsáveis por domicílios, morando com filhos, ou seja, havia mais de 19 milhões de pessoas nesta condição (IBGE, 2008).

Assim, o perfil do sistema previdenciário construído hoje influirá na distribuição futura da renda das famílias, podendo ser usado para repartir riquezas não só entre indivíduos, mas, também, entre gerações.

Para Camarano (1999), a previdência social recebida pelos idosos na forma de aposentadoria e pensões tem cumprido uma função de proteção social importante, permitindo no espaço familiar, uma revalorização da pessoa idosa que, de posse da renda oriunda de sua aposentadoria, obtém uma espécie de salvaguarda de subsistência familiar. Dessa forma, os idosos invertem o papel social de assistidos para assistentes. Uma parte do cuidado dos idosos é colocada sob a responsabilidade da família, especialmente das mulheres. Esta toma por base a idéia de dependência do idoso como estando relacionada à produção/consumo, manutenção ou não da saúde, capacidade/incapacidade física e mental e realização ou não de tarefas domésticas.

O Brasil registra um dos maiores índices de desigualdade do mundo e em 2002, os 50% mais pobres de sua população detinham 14,4% da renda nacional e, o 1% mais rico concentrava 13,5% da renda nacional (BRASIL, 2004). Essa realidade irá influenciar também as diferenças no processo de envelhecimento das populações nas diversas regiões do país. “No Sul e Sudeste, verificam-se padrões diferenciados, sendo a expectativa de vida mais elevada que a das regiões Norte e Nordeste. Entretanto, esses padrões ainda estão cerca de oito (8) a doze (12) anos abaixo, quando consideramos a expectativa de vida dos países desenvolvidos” (PAIVA; CARVALHO e LUNA, 2007, p. 93).

Desta forma, torna-se importante à produção social de mecanismos facilitadores no encaminhamento e destino de um fato social como este da velhice, bem como, o incremento ao nível de pesquisas e trabalhos de extensão nesta área. Surge a necessidade de adequar as políticas públicas para poder atender as necessidades específicas desta população, com programas que privilegiem as diferenças. Até agora, o idoso era considerado como uma categoria homogênea e, portanto, independente do sexo ou do contexto social, econômico e cultural (SANTOS e BELO, 2000). Hoje, os estudos gerontológicos apontam a diversidade entre as condições econômicas, as faixas de idade, o gênero, sem falar em culturas e contextos sociais como fatores determinantes para o estudo do envelhecimento.

Este estudo buscou aprofundar-se na temática do envelhecimento e para isso apresenta inicialmente as questões introdutórias que levaram à formulação da presente pesquisa. O trabalho é composto por sete capítulos, todos fundamentais para demonstrar a relevância da temática e chegar à comprovação da tese da autora.

No segundo capítulo, serão explicitadas as considerações iniciais, a construção do problema de pesquisa, a justificativa da mesma, quais as questões norteadoras, os objetivos a que se quer chegar e as expectativas em relação aos resultados esperados. Na continuação tem-se o capítulo terceiro, que aborda os aspectos epistemológicos e metodológicos da pesquisa, buscando delinear o estudo de campo, apresentando a pesquisa ao leitor.

O próximo capítulo servirá de aporte referencial para os capítulos subseqüentes. Este capítulo quarto terá a seguinte formatação: inicialmente discorre-se sobre o Contexto Social, o Envelhecimento Populacional e o surgimento da Gerontologia, trazendo a contribuição dos conhecimentos adquiridos ao longo do ano de 2007 durante o período de estágio na Universidade de Barcelona sob a orientação da Professora Doutora Concha Menéndez Montañés. Depois se apresentam as relações entre gênero e envelhecimento e por último trabalha-se com as questões familiares e sua relação com o idoso.

Após o marco teórico apresentam-se os principais resultados da pesquisa com sua discussão embasada nos autores estudados anteriormente e as análises feitas pela autora em três capítulos. Os resultados são apresentados em forma de tabelas e gráficos para melhor visualização, além de trazer algumas falas de idosos e familiares para demonstrar os achados, bem como algumas histórias contadas através do teste projetivo TAT. Estes vêm divididos por assuntos, no capítulo quinto apresenta-se quem é o idoso deste estudo, com suas principais características e necessidades. O capítulo sexto apresenta qualitativamente a amostra que está sendo estudada e demonstra como o idoso vem sendo reconhecido dentro do contexto familiar, bem como, de que modo este percebe seu reconhecimento. As novas configurações familiares que surgem a partir da condição do idoso como provedor da família e as diferenças de gênero são apresentadas no capítulo sete (7). E, por fim o último capítulo traz as considerações finais em relação à proposta de tese, questões norteadoras, que este estudo buscou desvelar.

2 EM BUSCA DE UM NORTE: A DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Este capítulo introdutório busca delimitar o objeto de pesquisa, seus objetivos e descrever como foi realizada a pesquisa. Justifica a importância da temática pesquisada e apresenta as questões que foram investigadas ao longo do estudo. Além disso, busca apresentar de forma preliminar a tese da autora.

O envelhecimento populacional no Brasil é um fato recente, em decorrência das descobertas e novas tecnologias, principalmente na área da saúde. O fenômeno está aí, e os grupos sociais estão ajustados a uma nova ordem, em que os mais velhos possuem perspectivas de longos anos, mas pouco lhes é oferecido. Isto ocorre, pois a sociedade não estava acostumada *com esses novos atores*, que forcem mudanças nas relações humanas de toda a ordem (afetiva, econômica, na saúde, no lazer).

Nos países em desenvolvimento, a velhice, segundo a OMS se dá aos 60 anos enquanto nos países desenvolvidos inicia aos 65 anos, sendo esta diferença uma marca das limitações do nível de desenvolvimento dos países, como o Brasil, e que trazem conseqüências em relação à longevidade e a forma como vai ser tratada esta questão.

A existência de um marco etário para início da velhice tem aspectos positivos. Entre eles, por exemplo, indicar quando se considera que o indivíduo contribuiu o suficiente para a coletividade, adquiriu o direito a um merecido descanso e a benefício previdenciários. Todavia, tal marco está longe de servir como referência para a velhice em toda a sua amplitude. Além de não apreciar diferenças entre os indivíduos, abrange, sob um mesmo rótulo, de sexagenários a centenários, o que pode resultar em experiências, expectativas, objetivos de vida e condições físicas e psicológicas diversificadas (ERBOLATO, 2006, p. 1325).

No Rio Grande do Sul a população de idosos chega a 12,3% da população geral do estado, que atualmente conta com 10.963.219 habitantes (PNAD, 2006). Pode-se citar como exemplo a população da Região Metropolitana de Porto Alegre, que é uma realidade bem próxima à de Santa Cruz do Sul. As pessoas com idade de 60 anos e mais, em 2001, correspondiam a 10,1% (357 mil pessoas) da População Total da Região¹ e a 12% da

¹ Segundo dados do Censo Demográfico – IBGE, no Brasil, em 2000, os idosos com 60 anos e mais representavam 8,6% sobre o total da população, enquanto no Rio Grande do Sul eles representavam 10,4%. Considerando-se apenas o município de Porto Alegre, esse segmento representava 11,8% no mesmo ano. Destaca-se, ainda, ser Porto Alegre a segunda capital brasileira com maior percentual de pessoas nessa faixa etária, ficando atrás apenas da capital do Rio de Janeiro. O total de pessoas com 60 anos ou mais no Brasil em 2000 era de 14.536.029 segundo dados do IBGE.

População em Idade Ativa (PIA) – população com 10 anos e mais de idade. As pessoas do sexo feminino dessa faixa etária representavam, no mesmo ano, 11,8% da População Total Feminina e 14% da PIA Feminina, enquanto os homens, com uma participação menor, representavam 8,2% e 9,9%, respectivamente. As mulheres representam então, a maioria nesse segmento, isto é, 61,0% do total de idosos, tendo em vista a longevidade diferenciada que elas apresentam com relação aos homens. Assim, em 2001, para cada 100 mulheres nessa faixa etária, encontravam-se apenas 63,8 homens. No ano de 1993, as pessoas com 60 anos e mais correspondiam a 7,9% (245 mil pessoas) da População Total e a 9,8% da PIA. Dessa forma, com um incremento de 112 mil idosos, no período de 1993 a 2001, houve um crescimento de 45,7% nesse contingente, bastante significativo, quando comparado com o crescimento da População Total, que foi de 14,3% no mesmo período (KRELING, 2002).

Segundo dados do IBGE e das PNADs é crescente o número de famílias que possuem idosos como chefes e filhos morando junto. Esta proporção passou de 32% em 1986 para 36% em 1996, 41% em 2000 e, 45% em 2007, o que pode ser efeito da situação econômica atual, que faz com que os filhos saiam mais tarde de casa ou que retornem após o casamento, estando separados ou não. A convivência com familiares permanece e surge o fenômeno da intergeracionalidade. É importante também observar que os idosos ocupam significativamente a posição de chefia nestes arranjos. O tipo mais comum é aquele no qual o idoso mora com seus filhos, 44,5%, no conjunto do país (IBGE, 2007).

Os estudos do IPEA apontam que a renda média dos maiores de 60 anos é maior que a dos jovens (aqueles com menos de 30 anos) e que a proporção de chefes idosos que moram em casa própria é mais elevada do que a dos jovens, reforçando a hipótese de que os idosos que recebem o benefício da aposentadoria ou pensão estão em melhor situação econômica que os jovens, os quais estão conseguindo se inserir cada vez mais tardiamente no mercado de trabalho e, às vezes, inclusive nem conseguem (CAMARANO, 1999, 2001).

Diante deste cenário, e tendo como pressupostos que a política de seguridade social é uma forma de redistribuição de renda, que as relações familiares são atravessadas pela questão econômica e, que a velhice não é homogênea; o que esta pesquisa buscou investigar é:

Como os idosos, a partir da condição de chefes de família, são reconhecidos por seus familiares e como este fato interfere nas configurações familiares e na percepção que o idoso tem de si?

Assim, as principais questões que vão nortear todo esse estudo são:

- A nova condição de provedor do idoso está interferindo nas configurações familiares?
- Quais as formas de reconhecimento social do idoso no núcleo familiar?
- Existem diferenças marcantes em relação à questão de gênero dos idosos chefes de família?

É importante ressaltar que com a mudança ou passagem para o novo século, mudaram os valores e que a trajetória da vida exige definições, pesquisas e estudos para entender os conflitos que preocupam a espécie humana. Castro (1998) diz que o fenômeno do envelhecimento populacional vem modificar positivamente a estrutura social, se for bem encaminhado. E, ainda, algumas indagações devem ser suscitadas para que possam ser praticadas mudanças que produzirão os melhores efeitos sociais.

Observam-se mudanças nas famílias, no casamento, nas relações sociais e produtivas, nas empresas frente aos que estão em plenas condições de trabalho e estão sendo afastados. Muda o perfil humano e a forma de entendê-lo, mudam os papéis sociais, o sistema habitacional e o lazer. As conquistas da saúde, a descoberta da importância da inserção social, o projeto de vida são determinantes na mudança social em função do envelhecimento.

Conforme dados da Organização das Nações Unidas (ONU), citada por Rajczuk e Castro (1999), nos países desenvolvidos, estima-se um aumento na taxa de crescimento de indivíduos com mais de 65 anos de 10,5% para 18,1% entre 1975 e 2075, enquanto que, nos países subdesenvolvidos, esse crescimento deverá aumentar de 3,8 % para 17%, sendo esta a faixa etária que cresce mais rapidamente. O censo demográfico de 2000 conforme o IBGE apontou que em Porto Alegre a população idosa já representava 11,80%, sendo 9,39% de homens e 13,91% de mulheres. O Fórum Mundial sobre o envelhecimento realizado em Madrid no ano de 2002 já apontava que a proporção de homens e mulheres acima de 80 anos é de 53 homens para cada 100 mulheres, demonstrando o fenômeno chamado de “feminização da velhice”.

Santa Cruz do Sul, município que é objeto deste estudo, encontra-se na região central do estado do Rio Grande do Sul. Foi colonizado por imigrantes alemães no século XVII e, hoje possui uma população calculada pela última estimativa por município em 121.168 habitantes e no estado são 10.855.214 habitantes no ano de 2008 (IBGE, Estimativas da População, 2008). Em torno de 10% da população do município são constituídos de pessoas idosas (12.922 pessoas), taxa semelhante à média estadual. Dentre sua população, encontramos 6.457 domicílios em Santa Cruz do Sul, sob a responsabilidade de pessoas com 60 anos ou mais, 57,2% chefiados por homens e 42,8% por mulheres (FEE, 2008).

O aumento do envelhecimento populacional no Brasil é um fato decorrente dos avanços científicos e novas tecnologias, principalmente na área da saúde. As alterações na distribuição da pirâmide etária se refletem no aumento da participação relativa da população idosa, em relação aos demais grupos etários. Ocorre, conseqüentemente, uma diminuição dos grupos mais jovens e aumento absoluto da população adulta, particularmente da idosa. Esta nova configuração etária denota o aumento da esperança de vida ao nascer, da população brasileira,

a qual, segundo dados do IBGE, em 2004, foi estimada em 67,9 anos para os homens e 75,5 anos para as mulheres (IBGE, 2005).

Os dados que englobam o período de 1981 a 2006 mostram uma redução ainda mais clara do número de jovens no total da população. O percentual de pessoas com menos de 25 anos de idade caiu de 58,2% em 1981 para 44,3% em 2006. Para o IBGE, "a transformação da estrutura etária do país, de uma composição jovem para envelhecida, reflete os efeitos da redução do número de filhos e do aumento da expectativa de vida da população" (G1, Portal de Notícias da Globo, 2007, s.p.).

Conforme Camarano (1999) os rendimentos da população idosa decrescem com a idade, mas ainda situam-se num patamar mais elevado do que os da população jovem, que vem encontrando dificuldades para se colocar no mercado de trabalho. A maior parte dos rendimentos dos idosos provinha da aposentadoria em 1996, representando 58% da renda dos que tinham entre 65 e 69 anos e 80% dos maiores de 80 anos. Observa-se que os idosos são responsáveis por uma contribuição importante na renda das famílias, 69% quando o idoso é o chefe, fazendo uma redistribuição de renda entre gerações. Cabe destacar que a região Sul é onde existe a maior cobertura previdenciária, em torno de 89%, superando a média nacional (IBGE, 2007).

Entre os idosos que participam da PEA, 52,7% eram aposentados ou pensionistas no período entre 1997 e 2000, o que pode ser tomado como indicador de que o benefício pago ao assegurado seja insuficiente no provimento de suas necessidades básicas ou para manter o padrão de vida que foi adquirido pelo trabalho ao longo de sua vida. Entre os idosos brasileiros, 30,2% continuavam trabalhando mesmo depois de aposentados no ano de 2005 (PNAD, 2006). O fato de o idoso ser o chefe da família muitas vezes faz com que o mesmo necessite se reinserir no mercado de trabalho e segundo Bulla e Kaefer (2003) se submeta a atividades precárias e sem proteção social, pois a aposentadoria não consegue garantir uma boa qualidade de vida.

Mais de 35% dos idosos com 70 anos ou mais de idade do sexo masculino, residentes no Sul, estavam ativos no mercado de trabalho, mesmo recebendo rendimentos de aposentadoria. A massa trabalhadora de idosos, que se encontrava já aposentada, é bastante significativa, representando cerca de 62,1% dos 5,9 milhões idosos ocupados (IBGE, 2007).

Mesmo assim, a situação que esta tese busca mostrar é do número cada vez maior de famílias que depende unicamente desta fonte de renda, como foi apontado por estudo do IPEA. Dentro deste estudo pretende-se de forma geral, investigar as relações entre os idosos, chefes de família, e seus familiares, para verificar se a condição de provedor do idoso está interferindo nas configurações familiares, e busca especificamente:

- Identificar as configurações familiares que vêm surgindo a partir da condição do idoso provedor;

- Verificar se há reconhecimento das famílias em relação ao idoso (a) provedor (a), respeitando seu lugar de chefe de família, bem como, de que forma o idoso percebe isto;

- Investigar se existem diferenças de gênero em relação ao reconhecimento do idoso junto ao núcleo familiar.

Partindo dos conhecimentos adquiridos através da pesquisa bibliográfica e dos dados coletados chegou-se a esta proposta articulada de tese, que deverá ser explorada ao longo do trabalho:

Os idosos, a partir da condição de “chefes de família”, tendo a sua aposentadoria ou pensão como a principal fonte de renda da família, estão sendo reconhecidos por seus familiares como provedores, e isto está interferindo nas configurações familiares. Nestes núcleos a renda não é expropriada do idoso, mas é ele quem decide o que fazer com ela e como distribuí-la entre seus familiares. Existem diferenças significativas nos papéis dos idosos junto às famílias conforme o gênero, sendo as tarefas domésticas exercidas pelas mulheres idosas, inclusive os cuidados com netos e outros idosos de mais idade do núcleo familiar. Como os idosos pesquisados são autônomos, ativos e independentes eles é que exercem a função de cuidadores da geração mais velha, formada pelos seus ascendentes.

E para a constatação desta tese, há necessidade de aprofundar, tanto teoricamente, quanto empiricamente a temática em questão, assim, o próximo capítulo traz os passos metodológicos que foram desenvolvidos para a realização desta pesquisa.

3 ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Este é um capítulo fundamental da tese, pois mostra o delineamento da pesquisa de campo e apresenta em que bases epistemológicas foram alicerçadas as questões de pesquisa. Além disso, busca identificar os instrumentos e procedimentos utilizados para coleta de dados e a forma de análise a ser utilizada neste estudo, embasando-se em autores experientes (MINAYO, 1994; TRIVIÑOS, 1987; CURY, 1985) no uso da metodologia escolhida.

Metodologia é muito mais do que um conjunto de técnicas da pesquisa (SCARPARO, 2000). Aqui há confronto apenas com um recorte da totalidade. E esse recorte é que se entende a partir dos pontos de vista, dos pressupostos, o que leva a fazer uma avaliação da realidade. Mas para isso, é necessária a utilização de um instrumental, que possibilite a realização da pesquisa. E esse instrumental não é apenas um material, mas, também, um conhecimento sobre como operar esse instrumental, e é o que este capítulo irá tratar.

3.1 O MÉTODO E AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Assim como Demo (1990), acredita-se que toda postura metodológica vem construída dentro de quadros teóricos específicos, estes servem de referência para se explicar a realidade e primeiramente o que se precisa é definir o que é a realidade. Utilizou-se nesta pesquisa o método dialético (MINAYO, 1994) que vê o homem como um ser eminentemente social, analisando-o através das categorias: historicidade, totalidade e contradição. Não se trata apenas de uma visão de homem, mas uma visão de mundo, sociedade e ciência voltadas para um conhecimento que é histórico, concreto e que busca entender a realidade em sua totalidade.

A compreensão dialética da totalidade significa não só que as partes se encontram em relação de interna interação e conexão entre si e com o todo, mas também que o todo não pode ser petrificado na abstração situada por cima das partes, visto que o todo se cria a si mesmo na interação das partes (KOSIC, 1995, p.50).

Para o autor a realidade social é vista como totalidade concreta quando se compreende o homem como sujeito objetivo, histórico-social, que cria essa realidade social e que para

conhecê-la realiza um processo cognoscitivo onde a investigação parte dos fatos e retorna a eles, num estado qualitativamente diferente do anterior.

Para o marxismo, as categorias se formaram no desenvolvimento histórico do conhecimento e também na prática social. Esta última afirmação é fundamental. “Ela significa que o sistema de categorias surgiu como resultado do histórico e do lógico, e movimento do abstrato ao concreto, do exterior ao interior, do fenômeno à essência” (TRIVIÑOS, 1987, p. 54).

A historicidade enquanto categoria de análise remete à história, que é produzida e reproduzida pelo homem e, ao mesmo tempo, o produz, estabelecendo continuidade e produzindo avanços. Assim também, pode-se pensar a ciência que avança com os trabalhos de pesquisa já desenvolvidos, não havendo necessidade de estar sempre voltando à “estaca zero”.

A categoria historicidade possibilita a compreensão dos processos de mudanças dos sujeitos, dos fenômenos e dos processos sociais, constituídos na sociedade de forma processual e que provocam mudanças na própria sociedade. A história é o mundo das mediações enquanto movimento do próprio real (CURY, 1985).

Utiliza-se neste estudo a categoria totalidade como um instrumento de interpretação da realidade, buscando uma visão do indivíduo que está inserido na sociedade, como um todo que não pode ser desmembrado apenas como uma parte. O sujeito é entendido como um ser bio-psico-social na sua integralidade. Através da totalidade, compreendem-se as partes do todo e o todo, encontrando a explicação do particular e do geral. O todo é visto como algo inacabado, que está em construção e, portanto, não é determinado pelas partes.

O conceito de totalidade implica uma complexidade em que cada fenômeno só pode vir a ser compreendido como um momento definido em relação a si e em relação aos outros fenômenos. Significa que o fenômeno referido só se ilumina quando referido à essência, ou seja, àqueles elementos que definem sua própria natureza no seu processo de produção. A totalidade, então, só é apreensível através das partes e das relações entre elas (CURY, 1985, p. 36).

O pensamento dialético implica na aceitação da idéia de poder haver uma interação recíproca entre as contradições, e as metáforas fundamentais do paradigma dialético são a mudança e a contradição. A dialética trabalha com a categoria da contradição como um princípio básico do movimento pelo qual os seres humanos existem. As contradições, para Kosik (1995) são conexões íntimas existentes entre realidades diferentes, que criam unidades contraditórias.

Demo (2005) enfatiza que a dialética parte da concepção de que a realidade é constituída por uma unidade de contrários. Em termos formais, isso quer dizer que unidade

seria de iguais, porém as totalidades históricas mantêm-se em processo, transformam-se, porque contêm uma dinâmica interna que é baseada na polarização. E mais, as realidades sociais são polarizadas, como um campo magnetizado, onde qualquer presença provoca ação e reação.

Os opostos estão em interação permanente, constituindo a luta dos contrários, desta forma, tornando-se a mola propulsora da transformação dos fenômenos. E na sucessão dos fenômenos é que a contradição ora revela-se e ora se oculta, constituindo-se em um momento conceitual e explicativo amplo e propulsor do desenvolvimento (TRIVIÑOS, 1987).

Para o autor, a dialética constitui-se de três leis específicas, que assim como a história da sociedade humana, são extraídas da natureza e, estão relacionadas com as fases do desenvolvimento histórico e do pensamento humano, que são as leis de transformação da quantidade em qualidade, a lei da interpretação dos contrários ou unidade e luta dos contrários e a lei da negação da negação.

A dialética passou a ser entendida como a arte do diálogo, “demonstrar uma tese por meio de uma argumentação capaz de definir e distinguir claramente os conceitos envolvidos na discussão” (KONDER, 1988, p. 07). A tese é uma afirmação ou situação inicialmente dada. A antítese é a oposição à tese. Do conflito entre tese e antítese surge a síntese, que é a situação nova que carrega dentro de si elementos resultantes desse embate. A síntese, então, torna-se uma nova tese, que contrasta como uma nova antítese gerando uma nova síntese, em um processo em cadeia.

Mesmo sendo entendida como arte do diálogo, a dialética também tem o seu lado formal, a lógica dialética. “Porque é lógica. Toda lógica é essencialmente formal. Não é o acontecer, mas apenas maneira de acontecer. É método puramente. Ninguém mora na lógica, nem fica feliz com ela. Ainda assim, não saberemos explicar ou compreender a realidade sem lógica” (DEMO, 2005, p. 73). Desta forma, o autor mostra a importância do método dialético e de o pesquisador trabalhar dentro de uma lógica racional, de um planejamento prévio que deve ser seguido.

Para Lefebvre (1979) a práxis é um ato, uma ação, é a relação dialética entre a natureza e o homem, as coisas e a consciência. A práxis inventiva é a expressão do mais alto grau de criatividade, o qual inclui a teoria vivificada. “... A práxis verdadeira é a condição de uma teoria real. Somente é verdadeira a práxis revolucionária, que supera a práxis repetitiva e mimética” (p.43).

Na psicologia há uma posição dialética que enfoca a mudança, “a interação dinâmica, a causação simultânea e mútua, a falta de completa determinação e a atuação conjunta de

processos ontogenéticos (individuais) e histórico-culturais (coletivo-educativos) na determinação do comportamento e do desenvolvimento” (NERI, 2006, p. 64).

Em relação à dialética da qualidade, Demo (2005) chama atenção para a qualidade política e diz que a história é entendida como a epopéia política do homem, quando ele ocupa o seu espaço como ator.

Quanto mais regredimos no passado, mais encontramos uma história acontecida à revelia do homem, que sofre, não a conduz. Um ser frágil, de vida relativamente curta, contraditório, mais uma promessa do que uma realização plena, perdido entre circunstâncias objetivas que o oprimem, subjagam e atemorizam (p. 60).

Na pesquisa qualitativa com raízes no materialismo dialético, como já foi dito, o fenômeno tem sua própria realidade fora da consciência. Ele é real, concreto e, como tal, é estudado. Isto significa enfocá-lo indutivamente. Porém, ao mesmo tempo, ao descobrir sua aparência e essência, se está avaliando um suporte teórico que atua dedutivamente, que só alcança validade à luz da prática social (SCARPARO, 2000).

Neste estudo pretende-se desvelar o que está por trás do fenômeno, buscando suas facetas e tentando interpretar a realidade dentro desta visão dialética, sem a pretensão de generalizar os achados, pois se trata de um estudo qualitativo e desta forma o que se quer é aprofundar a interpretação dos significados.

Para Minayo (1994), dentro da proposta de análise dialética, os resultados obtidos são uma aproximação com a realidade social que não pode ser reduzida e, portanto, o que se buscou foi entender o contexto sócio-econômico e político no qual o grupo estudado está inserido, procurando fazer conexões entre os dados levantados e os referenciais teóricos da pesquisa. Para isto, utilizou-se tanto os dados quantitativos como os dados qualitativos, numa triangulação de dados (FLICK, 2004) que é a possibilidade do uso de diferentes fontes de dados. Para o autor a triangulação pode ser utilizada como uma abordagem para enriquecer ainda mais o conhecimento adquirido pelo método qualitativo.

Além disto, trabalha-se com as categorias explicativas da realidade: configurações familiares, autonomia e, dependência do idoso, sendo importante esclarecer o que se está dizendo quando se fala neles nesta pesquisa.

O envelhecimento seria o processo. Na visão de Papaléo Netto (2006), a velhice a fase da vida, e o velho ou idoso, a pessoa, sujeito do processo ou, segundo o autor, o resultado final. Os componentes deste conjunto estão intimamente relacionados.

Família é o conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, residentes na mesma unidade domiciliar (IBGE, 2002). Dentro da

família existem as Relações Familiares, que são as relações estabelecidas dentro do núcleo familiar que podem ser harmônicas ou conflituosas. A forma como as famílias se organizam seriam as configurações familiares.

A expressão configurações familiares é aqui utilizada como sinônimo de arranjos familiares e quer se referir a todas as composições de família que foram encontradas ao longo desta pesquisa, pessoas que vivem juntas na mesma residência, com algum grau de parentesco em uma situação relacional. Embora se esteja tratando o termo por arranjos familiares, a unidade trabalhada é o domicílio, assim como foi definido pelos censos demográficos.

Autonomia é a capacidade de autodiscernimento, de decisão, de comando, quando o idoso consegue realizar as tarefas da vida diária. A pessoa autônoma é um indivíduo capaz de deliberar sobre seus objetivos pessoais e de agir na direção desta deliberação (GOLDIM, 2002). Autonomia do idoso refere-se ao sentimento de poder tomar as decisões sobre sua vida, suas atividades, possibilidade de autogoverno e de administrar a vida de acordo com valores próprios. Ser capaz de estabelecer e seguir suas próprias regras.

A dimensão da autonomia diz respeito à autodeterminação, à resistência a pressões sociais e à presença de um locus interno de avaliação com base nos próprios padrões. O bem-estar na velhice está correlacionado com a autonomia, definida em termos de capacidade de gerir e de tomar decisões sobre a própria vida (RABELO e NERI, 2005, p. 404).

Segundo Papaléo Netto (2006) para um idoso a autonomia é mais útil que a independência, pois pode ser restaurada por completo, mesmo que o indivíduo continue dependente. Independência é a capacidade de tomar decisões sobre sua vida, capacidade de manter-se economicamente, não depender de ninguém para garantir o seu próprio bem-estar e o autocuidado.

Dependência tem a ver com a capacidade física, com problemas de saúde e com a possibilidade de realizar as atividades da vida diária, necessitando de mais ou menos ajuda para isso. Utiliza-se o termo dependente como contraponto ao termo independente (capacidade de realizar algo com seus próprios meios), que se refere àquele idoso que consegue realizar tudo sozinho sem precisar da ajuda de outro, que tem domínio sobre as atividades da vida diária.

Para Papaléo Netto (2006), esses conceitos ou estados (dependência/independência) só podem existir em relação a alguma outra coisa. “Essas definições e tantas outras transmitem a impressão de que a dependência sempre se refere a uma relação social. Ela, portanto, não é um atributo individual, mas sim de um indivíduo em relação a outros” (p. 11). É possível identificar na mesma pessoa, independência financeira e dependência afetiva, independência

intelectual e dependência física. Assim, em termos afetivos, alguém pode ser independente em relação a uma pessoa e dependente em relação à outra pessoa.

3.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

Enfocar uma realidade e analisá-la só é possível através de uma construção histórica e ideológica, segundo critérios descritos por Minayo (1987) para a pesquisa social. A autora afirma que o objeto de pesquisa é necessariamente histórico, válido para determinada realidade, em determinado momento, sob determinado enquadramento. A escolha do objeto é sempre ideológica, porque a análise e o entendimento dos fatos dependem da visão de mundo do próprio pesquisador ou da linha de pesquisa adotada. Os fenômenos sociais têm diferentes leituras, de acordo com as lentes utilizadas, processo esse denominado interpretação.

A sociedade é composta de microprocessos que, em seu conjunto, configuram as estruturas maciças. A realidade social não é um todo unitário, mas uma multiplicidade de processos sociais que atuam, em temporalidades diferenciadas, compondo, esses sim, uma totalidade. As sociedades se movimentam a partir de forças de ação individual e grupal, mas há uma preponderância de ação grupal sobre a individual.

Este estudo serviu de base para entender uma micro-realidade social, entender como a política de previdência social vem produzindo condições objetivas (renda através de aposentadoria e pensões) que estão interferindo nas relações familiares na medida em que o idoso passa da condição de dependente para a de provedor da família. Desta forma, a escolha do tema e do problema de pesquisa foi intencional e a pesquisadora buscou mostrar a importância da previdência social como suporte para milhares de famílias que vivem nesse país.

Neste estudo, pretendeu-se investigar as novas configurações familiares, como estão se desenvolvendo as relações entre os idosos mantenedores da família e seus familiares, se está havendo uma melhora nas relações entre a família e o idoso, ou seja, se o idoso está sendo reconhecido pelos familiares. Buscou-se verificar através de entrevistas com um dos familiares, de preferência que morasse com o idoso, no mesmo domicílio, como estão se processando essas relações, bem como, analisar as diferenças existentes em relação às características de gênero e o papel que o idoso exerce junto ao núcleo familiar, identificando aspectos de independência e autonomia, ou sua contradição. Para isto, utilizou-se uma amostragem por variedades de tipos, estabelecendo-se previamente os critérios para fazer

parte da amostra como ser chefe de família, possuir mais de 60 anos, ser autônomo e independente e ter como fonte de renda principal a aposentadoria e/ou pensão.

Para poder estudar como está a auto-estima (imagem que o idoso tem de si) dos idosos frente ao novo papel que está desempenhando frente à família, utilizou-se uma entrevista semi-estruturada (APÊNDICE A), com algumas questões definidas previamente a partir dos referenciais teóricos escolhidos pela pesquisadora.

A percepção do idoso pelos familiares, foi verificada através de cinco lâminas do T.A.T. (Teste de Apercepção Temática – ANEXO C) que é um teste projetivo que possui figuras de pessoas idosas. O uso do TAT trouxe outros subsídios para a análise, além dos obtidos na entrevista com os familiares (APÊNDICE B). O Teste de Apercepção Temática constitui-se numa técnica utilizada para revelar alguns dos impulsos, emoções, sentimentos, complexos e conflitos dominantes de uma personalidade. “O procedimento consiste, meramente, na apresentação de uma série de quadros ao sujeito, encorajando-o a que conte histórias sobre eles, inventadas sem premeditação” (MURRAY, 1995, p. 07). O seu valor especial reside na sua capacidade para expor as tendências inibidas subjacentes que o sujeito não está disposto a admitir, ou não pode admitir pelo fato de não ter consciência delas, sendo assim um importante instrumento projetivo para o estudo dos sentimentos.

Após aprovação do Comitê Científico do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUCRS e do Comitê de Ética em Pesquisa da UNISC (Of. N°270/05), iniciaram-se os contatos telefônicos com os idosos, previamente selecionados, para marcar os encontros. Em alguns casos, quando não se conseguia esse contato prévio ia-se diretamente nas residências para agendar a entrevista. As entrevistas, assim como a aplicação do T.A.T. foram feitas na residência dos entrevistados sem custo e risco para os mesmos, e só foram gravados após o seu consentimento. Quando o familiar não quis que se realizasse a gravação, a pesquisadora escreveu o que era dito, ressaltando que os dados seriam sigilosos, sem identificação dos sujeitos em nenhuma apresentação oral ou escrita dos resultados. Assegurou-se que se o entrevistado decidisse desistir do seu consentimento, em qualquer momento da pesquisa, poderia fazê-lo sem nenhum prejuízo.

Espera-se que o estudo possa beneficiar os idosos, na medida em que os resultados forem publicizados e mostrarem esse novo papel que o idoso está desempenhando junto a seus familiares, podendo contribuir para a mudança de concepção que a sociedade, de forma geral, tem do idoso como um sujeito, na maioria das vezes, passivo, doente e dependente e da velhice como uma etapa em que só o que se espera é a morte.

Utilizou-se como recorte para esta pesquisa as famílias de idosos de diferentes contextos sociais, que fazem uso dos serviços da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, tanto no

campus da UNISC como nos 21 grupos de convivência cadastrados junto a universidade, sendo um estudo predominantemente qualitativo, embora sejam utilizados alguns procedimentos quantitativos. Em um primeiro momento da pesquisa, foi feito um mapeamento dos idosos que freqüentam a UNISC², do total de 1098 idosos cadastrados retirou-se uma amostra dos sujeitos de forma aleatória (sorteio). E, através de um formulário aplicado em 217 idosos verificaram-se quais são os tipos de idosos para comporem a parte qualitativa deste estudo.

Foram incluídos na amostra qualitativa, pelos critérios previamente estabelecidos (ser autônomo e independente, ter mais de 60 anos, viver de aposentadoria ou pensão, ser chefe de família) todos os idosos que estavam nessas condições. Não foram incluídos na amostra os idosos que recebiam o Benefício de Prestação Continuada (BPC). O número final dos sujeitos que fizeram parte desta fase da pesquisa foi determinado por uma amostra selecionada pelo critério da saturação, em que foram sendo entrevistados os sujeitos enquanto foram surgindo fatos novos. No momento em que as entrevistas começaram a se repetir, sem trazer nenhum conteúdo novo, suspendeu-se a coleta de dados.

Num primeiro momento, selecionaram-se 56 idosos que estavam dentro dos critérios estabelecidos para fazerem parte da amostra e iniciaram-se os contatos telefônicos com estes para ver quem concordaria em participar e para marcar a entrevista com o idoso, consultando-o no momento sobre a possibilidade de conversar com algum familiar. Dessa forma, o número se reduziu espontaneamente para 38 idosos. As entrevistas foram realizadas na sua maioria nas residências, no entanto, alguns idosos, bem como familiares, sugeriram que as entrevistas fossem na universidade e outros familiares preferiram que fossem no seu local de trabalho. Assim as entrevistas foram realizadas conforme a disposição do sujeito, no ambiente escolhido por ele. Houve um familiar que se recusou a participar e uma idosa que nunca tinha tempo para a entrevista (foram feitas 10 ligações telefônicas), o que fez com que esses dois idosos fossem excluídos da amostra. Em outros dois casos, os familiares (filhos) que moram com o idoso não quiseram participar e então foram substituídos por outros filhos que não moravam com o idoso. Houve a substituição de uma idosa da amostra por seu marido, pois era ele quem sustentava a casa (fato verificado quando da realização da pesquisa). Um idoso foi excluído da amostra por não conseguir responder à entrevista, sendo ajudado pela esposa e houve ainda o caso de uma idosa, que ao ser entrevistada relatou que não era ela quem sustentava a casa e sim a filha e então, foi retirada da amostra.

² A UNISC oferece atividades de extensão para os idosos através do Programa Terceira Idade, além de outros serviços como fisioterapia, grupos de Hipertensos e Diabéticos, Nutrição e, assistência jurídica gratuita.

Ao final da coleta de dados, a mesma ficou composta por 34 idosos e 34 familiares. Entre os familiares houve três casos que não se pode aplicar o TAT, pois um era surdo-mudo, um tinha deficiência mental e um parecia possuir uma limitação cognitiva e não conseguiu realizar a atividade, recusando-se ao final. Todos foram devidamente esclarecidos sobre os objetivos da entrevista. Receberam e leram o termo de consentimento e, após assinaram o documento, ficando com cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C). Os dados quantitativos da amostra foram organizados em tabelas e gráficos com o auxílio do software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 13.0, para melhor visualização e análise.

3.3 PROPOSTA PARA ANÁLISE DE DADOS

O estatuto dos métodos qualitativos está fortemente associado à emergência de uma vertente teórica crítica pautada em questionamentos de cunho epistemológico e político. Essa virada qualitativa das ciências vem sendo amplamente documentada, sendo que vários fatores convergem para a atual ressignificação, havendo confluência em três esferas de atuação: a sociologia da ciência, a pesquisa feminista e a epistemologia construcionista segundo Spink (1999).

A pesquisa social quantitativa ou pesquisa *hard* também tem sido amplamente utilizada em muitos campos da Ciência Social, pois conforme Bauer; Gaskell e Allum (2005) não há quantificação sem qualificação, nem há análise estatística sem interpretação. Os autores apontam para a necessidade de verificar as contribuições das diferentes metodologias e também suas desvantagens para escolher que ou quais métodos utilizar.

O uso da entrevista como instrumento de coleta de dados passou nos últimos anos a ser freqüentemente adotado pelos pesquisadores em ciências sociais e psicológicas. Cervo e Bervian (1983) dizem que os pesquisadores recorrem à entrevista sempre que têm necessidade de dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentárias e que podem ser fornecidos por certas pessoas. E argumentam que esses dados podem ser utilizados tanto para o estudo de fatos como de casos ou de opiniões.

A análise das entrevistas deste estudo e do relato das histórias contadas a partir das lâminas do T.A.T. (Teste de Apercepção Temática) foi feita através da construção e definição de grandes categorias de análise. Conforme Bardin (2004, p. 9), esse procedimento definido como análise de conteúdo, é “um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a

'discursos' (conteúdos e continentes). O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência”. Aplicou-se o TAT em 31 familiares com o objetivo de verificar a percepção que os mesmos possuíam sobre os idosos (envelhecimento), sendo que dois familiares não puderam responder ao teste por problemas de deficiência e um recusou-se a fazê-lo.

Dessa forma, a análise de conteúdo instrumentaliza a interpretação não somente dos dados em si, mas possibilita a inferência e a generalização entre as diferentes perspectivas e enunciados dos entrevistados, indivíduos que, apesar de uma série de características que os aproximam, são únicos na expressão de sua vida, vivências e experiências.

Para Bardin (2004), a análise de conteúdo pode ser tanto uma análise de significados (análise temática), como uma análise de significantes (análise de procedimentos), mas, sobretudo, não se limita ao conteúdo. A autora argumenta que apesar da “análise de conteúdo aparecer como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”, isso não é o suficiente para definir sua especificidade, (BARDIN, 2004, p.33). Ela possibilita a inferência de variáveis psicológicas, sociológicas e culturais, variáveis relativas à situação de comunicação ou do contexto de produção da mensagem.

Víctora, Knauth e Hassen (2000, p.53) salientam que quando uma pesquisa propõe categorias de análise que ajudam na compreensão da realidade há um avanço na ciência, pois elas qualificam e conferem sentido à pesquisa. As autoras alertam para o papel do pesquisador dizendo: “o trabalho do pesquisador deve ser o de examinar minuciosamente os diversos aspectos da vida dos diferentes grupos sociais”.

Aqui nesta pesquisa se buscou a compreensão das relações que se estabelecem entre dois grupos sociais distintos, os idosos provedores e seus familiares dependentes. A pesquisadora tem a pretensão de compreender mais a fundo esses dois universos, com suas nuances e peculiaridades para desvelar o problema de pesquisa e alcançar os objetivos propostos, ao longo deste estudo. Para tanto fez uso de duas entrevistas, uma com os idosos e outra com um de seus familiares que se dispuseram a participar da pesquisa e, ambas foram analisadas com base na técnica da análise de conteúdo. Com os princípios que foram estabelecidos e as categorias de análise definidas, passa-se agora para a busca de consistência teórica que vai alicerçar a base de discussão deste trabalho.

4 ENVELHECIMENTO POPULACIONAL E AS CONDIÇÕES SOCIAIS

Este capítulo é de suma importância, pois traz a pesquisa bibliográfica realizada para fundamentar o estudo realizado. São autores escolhidos pela sua apropriação da temática e também pela identificação da pesquisadora com suas idéias.

O capítulo é dividido em quatro partes, buscando trazer os principais aspectos que serão discutidos ao longo do trabalho, a gerontologia e o envelhecimento populacional, as condições sociais do envelhecimento, as questões de gênero e as relações familiares, sempre enfocando o contexto social onde estas questões estão inseridas.

Este referencial também foi enriquecido com a discussão de autores espanhóis, com os quais a autora teve a oportunidade de entrar em contato em período de estudos na Universidade de Barcelona.

4.1 O SURGIMENTO DA GERONTOLOGIA E AS REPERCUSSÕES DO ENVELHECIMENTO POPULACIONAL

A Gerontologia é a ciência que estuda o envelhecimento, originária do séc. XX, que obteve um desenvolvimento crescente após a II Guerra Mundial com o objetivo de alcançar a longevidade com qualidade de vida no período denominado de “velhice”. Foi com o aumento da população idosa a nível mundial que iniciaram as reflexões e movimentações por parte da sociedade e de seus governantes em relação à temática (MAZO, LOPES e BENEDETTI, 2004). Esta tornou-se hoje um grande campo multidisciplinar e multiprofissional dedicado ao estudo da velhice, a última fase do curso vital, os idosos que são pessoas assim classificadas em função de suas características, num determinado contexto histórico, num determinado contexto social. É uma ciência que vem agregando cada vez mais profissionais e, pesquisadores de todas as áreas do conhecimento, que buscam, dentro da sua especificidade, contribuir para o estudo do envelhecimento.

Sabe-se que o fenômeno do envelhecimento é multifacetado e multifatorial, sendo assim, a gerontologia tem como objetivo tratar dos aspectos biológicos, sociais, psíquicos, legais, entre outros, e promover pesquisas que possam estabelecer os fatores envolvidos em

sua gênese. “Apesar de ser o envelhecimento um fenômeno comum a todos os seres vivos animais, surpreende o fato de que ainda hoje persistam tantos pontos obscuros quanto à dinâmica e à natureza desse processo” (PAPALÉO NETTO, 2006, p. 09).

A Gerontologia Social é uma sub-área da gerontologia que surgiu em 1954 e que se ocupa principalmente dos aspectos sociais e sócio-culturais, políticas públicas, práticas sociais, das consequências sociais do envelhecimento. Para Neri (2006), esse é o campo específico da gerontologia social e tem como temas principais as formas de gestão da velhice, as políticas públicas e sociais, os índices de bem-estar das populações idosas e as redes de suporte social. Os estudos gerontológicos apontam para o desencadeamento de ações capazes de oferecer subsídios para o planejamento de programas de prevenção e também programas de atenção à pessoa idosa, seja prevenindo ou detectando precocemente os déficits funcionais, as doenças, seja trabalhando para a reabilitação de funções.

Hoje, no Brasil, e nos países em desenvolvimento, as pessoas a partir de 60 anos para algumas coisas, ou de 65 para outras, são consideradas idosas, ou seja, “começam a viver o período do envelhecimento, compreendido muitas vezes como um processo de alterações evolutivas de declínio, mas que também pode ser visto como um processo dinâmico, entre as perdas e os ganhos que ocorrem na última fase do ciclo vital” (NÉRI, 2006, p. 301). A autora considera que a gerontologia não se interessa só pelo envelhecimento patológico, mas sobretudo por aquele ótimo que significa envelhecer com saúde, estando ainda produtivo, ativo.

No que tange a produtividade percebe-se que a aposentadoria já não possui o mesmo significado em relação ao que é ser velho no Brasil:

Pode-se ver que a questão da aposentadoria não desempenha mais o mesmo papel que já desempenhou, de demarcador importante no ciclo da vida, no arranjo biográfico; isto é, do estabelecimento de ‘um antes’ e ‘um depois’. Seja pela mudança de composição etária da nossa população, seja pelos baixos patamares das remunerações da aposentadoria, seja pelas mudanças no sistema de empregos e de empregabilidade, seja pelo aumento da informalidade, o fato é que o ciclo de vida institucionalizado está sofrendo mudanças. A demarcação das idades não é a mesma de cinquenta anos atrás (CONCONE, 2007, p.36).

Não se pode ignorar que a velhice é uma construção social e cultural, ou seja, em qualquer sociedade humana estará sujeita às ações da cultura. Desta forma, a noção de velhice depende, basicamente, do estabelecimento de demarcações socioculturais. Além disso, encontra-se no envelhecimento aspectos universais (biológicos), sendo que o envelhecimento é ao mesmo tempo biológico e sociocultural (CONCONE, 2007).

A velhice hoje é vista não como uma categoria natural, mas que é sim socialmente construída, portanto, “não permite um conceito absoluto, possibilitando que uma nova condição seja estabelecida. Logo, envelhecimento é um processo e, assim sendo, é algo que se constrói no transcorrer da existência humana” (BERNARDES, 2007, p. 117). Assim, a forma como se dá a representação do envelhecimento na sociedade possibilita ações legítimas ao ser que envelhece.

Para conviver com estas alterações sociais, as políticas públicas precisam ser repensadas, as pessoas devem ser preparadas para trabalhar com este público. Enfim, uma reestruturação social se faz necessária, para que haja a tão almejada qualidade de vida para todos que envelhecem. O reconhecimento das potencialidades do idoso e a oportunidade da sua participação nos Conselhos de Direitos refletirão sobre o olhar da sociedade em relação ao envelhecimento (BERNARDES, 2007).

Esta qualidade de vida pode ser traduzida “por saúde, independência, condições de vida do idoso, do ponto de vista físico, psicológico, social e cultural”. A “razão de ser” para a sociedade desta ciência está ligada a expressivas questões na área social, destacando três: o aumento da expectativa de vida, que ocasiona “sérias implicações na dinâmica demográfica, nas políticas sociais da saúde, previdência e assistência social”; o modo de produção econômica e produção social, tornando as “desigualdades sociais” um desafio para a gerontologia; o exercício pleno da cidadania levando, a “luta permanente pela conquista e conservação dos direitos fundamentais” (SÁ, 1998, p. 155-156).

O aumento da população idosa no país vem sendo verificado desde a década de 1970 e a partir daí começa a preocupação da sociedade e do governo com esta questão que para alguns é um problema. O discurso anterior ao ano de 1976, apresentava a população idosa como reduzida em razão da baixa expectativa de vida no país, sendo o Brasil considerado um país de jovens, não existindo nenhuma política efetiva para essa faixa etária. Em 1976 realizou-se o I Seminário Nacional sobre o Idoso em Brasília, o que resultou em movimentos em prol do idoso em quase todos os estados do Brasil segundo Mazo, Lopes e Benedetti (2004). A transição demográfica vem acarretando importantes mudanças na estrutura, por idades, da população brasileira. A diminuição do tamanho da população infantil e o crescimento da população idosa alteram a natureza das pressões sobre os programas sociais.

Conforme Heredia (2000), apesar do aumento de sua população idosa, o Brasil terá por um longo período uma considerável proporção também de população jovem o que o diferencia dos países do Hemisfério Norte, que passam por este envelhecimento sem a relativa possibilidade de reposição populacional. Estes tiveram mais tempo para preparar-se com mecanismos institucionais na prevenção e no atendimento das demandas deste novo perfil da

população, possibilitando assim, níveis mais dignos de educação, saúde, trabalho e, principalmente, de previdência social.

Segundo Neri (2001), assim como não se pode precisar o início da fase chamada velhice, maior dificuldade ainda reside nas diferentes formas de como a sociedade vê o fenômeno do envelhecimento e o idoso. Salienta que a sociedade é preconceituosa com aqueles que têm origem em classes sociais mais baixas e, benevolente com os que ocupam classes sociais mais elevadas.

O processo de envelhecimento da população brasileira, que ficou transparente nos anos 90 em consequência das alterações da dinâmica demográfica, opera-se de maneira muito mais veloz do que a que ocorreu em países desenvolvidos. O último censo apontou um aumento na população idosa, passando de dez milhões em 1991 para mais de quatorze milhões em 2000, como se pode verificar na Tabela 1, logo abaixo.

Tabela 1 – Pessoas residentes de 60 anos ou mais de idade e respectivo crescimento relativo, segundo os grupos de idade - Brasil - 1991/2000

Grupos de idade	Pessoas residentes de 60 anos ou mais de idade		Crescimento relativo (%)
	1991	2000	
Total	10 722 705	14 536 029	35,6
60 a 64 anos	3 636 858	4 600 929	26,5
65 a 69 anos	2 776 060	3 581 106	29,0
70 a 74 anos	1 889 918	2 742 302	45,1
75 anos ou mais	2 419 869	3 611 692	49,3

FONTE: Censo demográfico 1991: resultados do universo: microdados. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. 21 CD-ROM: IBGE, Censo Demográfico 2000.

A população idosa com este aumento significativo, tendo crescido 35,6% no período de 1991-00, já representava 8,6% em relação à população total do país. No Rio de Janeiro esta relação é de 12,8%, em Porto Alegre, 11,8% e em Santa Cruz do sul é de 10,9%.

O processo de envelhecimento da população brasileira é um movimento já deflagrado e em franca expansão. Na Região Metropolitana de Porto Alegre, os dados apresentados demonstraram esta evolução, destacando-se a maior longevidade da população feminina em relação à masculina. O envelhecimento da população, por sua vez, afetou profundamente a

composição etária da População Economicamente Ativa (PEA), com aumento significativo da participação dos segmentos mais adultos, em especial dos indivíduos com idade de 60 anos ou mais, e redução da participação dos mais jovens. Cabe ainda destacar que, ao nível de Brasil, o maior crescimento se deu na faixa das pessoas com mais de 75 anos, 49,3%.

Na Região Metropolitana de Porto Alegre, a participação dos idosos no total da PEA, no período 2004-07, era de 3,4%. Considerando-se apenas a faixa etária dos idosos, 14,6% participavam do mercado de trabalho, sendo que a quase-totalidade (14,1%) estava ocupada, e 0,5%, desempregados. Os 85,4% restantes encontravam-se na inatividade. Analisando-se a distribuição da população idosa feminina e masculina, por condição de atividade, observa-se que apenas 8,4% das mulheres participavam do mercado de trabalho, face aos 23,8% dos homens na mesma situação, predominando, portanto, as mulheres idosas na condição de inatividade (91,6% contra 76,2% para os homens nessa condição), (FEE, 2007).

O envelhecimento da população brasileira tem sido acompanhado por importantes mudanças ligadas ao desenvolvimento de novas tecnologias, ao aumento da escolarização (especialmente da feminina), às mudanças nas relações de gênero com o ingresso maciço de mulheres no mercado de trabalho, à universalização da seguridade social, à melhoria dos níveis de saúde e, mais recentemente, às mudanças no mundo do trabalho³ e à crise do *welfare state*⁴, dentre outras (KRELING, 2002, p. 370).

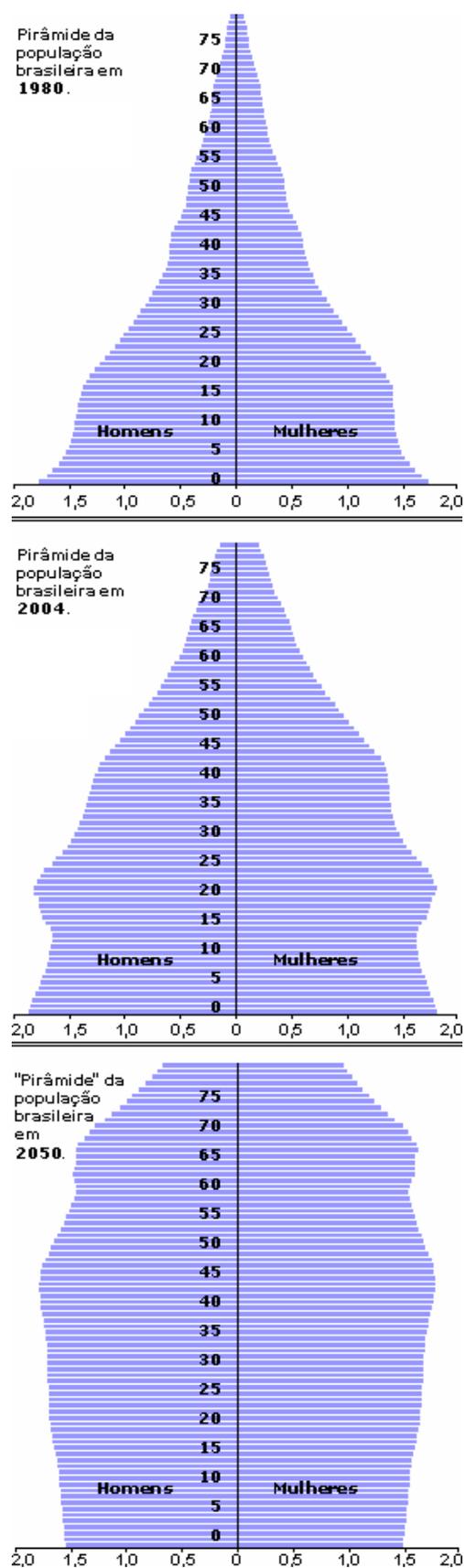
A grande heterogeneidade entre os idosos em todos os seus aspectos, sejam estes morfológicos, funcionais, psicológicos e sociais, decorrentes entre outros fatores, da grande amplitude dessa faixa etária, que começa cronologicamente aos 60 anos e atinge 100 anos de idade ou mais, tem originado questionamentos sobre o conceito de normalidade, quando se faz referência à população idosa (PAPALÉO NETTO, 2006, p. 10).

³ Adequação das alternativas de trabalho com o modelo flexível de produção que traz novas formas de organização do trabalho com características que podem ser resumidas por ampliação das tarefas, rotação das tarefas, polivalência e trabalho de grupos autônomos ou terceirizados. Ver: SIMÃO, Vilma M. Desemprego e sobrevivência: alternativas de trabalho. Blumenau: Editora da FURB, 2000.

⁴ Welfare State ou Estado de Bem-Estar Social implementou um conjunto de políticas e serviços sociais voltados para apoiar os indivíduos e as famílias no enfrentamento das situações de risco social após a Segunda Guerra Mundial. No entanto, este não pode ser compreendido apenas como resultante de uma ampliação progressiva de direitos e garantias. Precisa ser visto num contexto mais amplo considerando as variáveis ou premissas sociais, econômicas e políticas que demarcam as condições para sua viabilidade e sucesso, ao menos durante a chamada “era de ouro do capitalismo”. No final dos anos 70 este sistema entra em crise e é substituído por um Estado Neoliberal. Ver: VELANDIA, Israel. Entre a vulnerabilidade e a exclusão. Tese de Doutorado. Instituto de Medicina Social: UERJ, 2001.

Com relação à expectativa de vida por sexo, o Brasil apresenta características básicas em sua população idosa, predominando o número de mulheres de idade avançada sobre o de homens. Segundo Heredia (2000) estas sobrevivem em média cinco anos ou mais que os homens, em função da maior tendência de mortalidade masculina. A esperança de vida no Rio Grande do Sul é de 70,6 anos para homens e 78,1 anos para mulheres, sendo então a diferença da expectativa mais acentuada, as mulheres vivendo em média oito anos a mais que os homens (IBGE, 2005). “A razão de sexo entre os idosos é significativamente mais favorável às mulheres, especialmente, no grupo etário de 70 anos ou mais idade. Tal fenômeno se intensifica nas Regiões Metropolitanas, o que poderia ser explicado pelo melhor acesso a serviços de saúde nos grandes centros” (IBGE, 2007, p. 135).

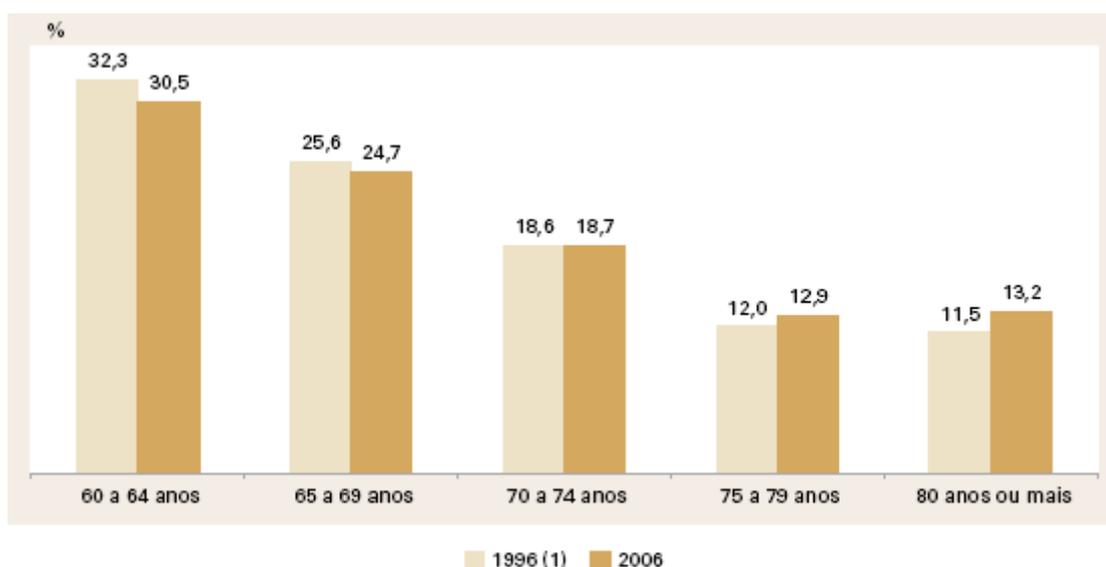
Quando se observam às projeções em relação à pirâmide etária brasileira (FIGURA1) pode-se observar este aumento da expectativa de vida, pois se nota que há um aumento considerável das faixas da população acima de 45 anos. Até 1980 era uma pirâmide que começava a afunilar após os 35 anos de forma acentuada. A pirâmide de 2004 já apresenta uma mudança significativa, com um bolsão grande entre os 15 e os 25 anos em um afunilamento após os 50 anos. E a projeção para 2050 já é de uma forma retangular sem um afunilamento expressivo em nenhuma faixa etária e com uma esperança de vida significativamente maior, tendo um grande número de pessoas com mais de 75 anos. Através da tabela 1 já se observou que este grupo de pessoas é o que está tendo o maior percentual de crescimento (49,3%).



FONTE: Diário Vermelho, Brasil, 31 de agosto de 2004. <http://www.vermelho.org.br>

Figura 1 – Projeções em relação à pirâmide etária brasileira para o ano de 2050

O que esta figura mostra é a redução da mortalidade e o aumento da expectativa de vida de forma clara, inclusive com projeções que em 2050 haja uma diminuição do número de nascimentos, o que vai quase transformar a pirâmide em um retângulo. Até 2004 percebia-se um afunilamento a partir dos 50 anos, este agora se dará somente após os 70 anos. Isso mostra a necessidade de preparação para o envelhecimento populacional e a necessidade de políticas públicas específicas para este segmento da população (idoso).



FONTE: Síntese de Indicadores Sociais – IGBE (2007)

Gráfico 1– Distribuição percentual das pessoas de 60 anos ou mais de idade, segundo os grupos de idade – 1996/2006

Como se pode observar no gráfico acima, há uma diminuição no percentual de idosos mais jovens nas faixas etárias de 60 a 64 anos e de 65 a 69 anos entre 1996 e 2006, porém isto não representa que diminuiu o número de pessoas idosas, mas pelo contrário, que aumentou o percentual de pessoas nas faixas etárias de mais idade. Isso se verifica ao observar o aumento significativo na faixa de mais de 90 anos, de 11,5% em 1996 para 13,2% em 2006. Ou seja, o fenômeno da longevidade é real e os idosos estão envelhecendo como se verifica no gráfico 1. Em países como o Brasil, este processo gera uma série de implicações que conduzem, necessariamente, a uma reavaliação das estratégias de planejamento, por parte do Estado, direcionadas a políticas públicas e sociais no âmbito da família e da sociedade. O aumento da proporção de pessoas idosas, no total da população, faz com que as demandas específicas deste segmento adquiram dimensões maiores, exercendo pressão sobre o conjunto da sociedade. Da mesma forma, é importante que se fortaleça a gerontologia como ciência

específica que estuda este fenômeno para que possa contribuir, inclusive, subsidiando as políticas sociais do idoso.

O IBGE, nos últimos anos, em seus dados estatísticos, mostra que a taxa média de crescimento da população (taxa de natalidade) vem apontando uma tendência regular ao declínio na média de filhos por mulher. Em face dessas quedas nos índices de natalidade em nosso país, a previsão estatística para o ano de 2025 era de dois filhos por mulher, o que já foi atingido no ano de 2007 com índice de natalidade de 1,95, sendo que já encontra-se como mera reposição das gerações (IBGE, 2007). O Brasil está tornando-se, assim, um país com mais idosos e menos jovens, o que pode ser observado nas mudanças da pirâmide etária, por conta da combinação no que tange à redução das taxas de mortalidade e de natalidade.

A necessidade da implementação de ações e programas governamentais para atender e responder às necessidades da população envelhecida envolverá necessariamente a redistribuição dos recursos, hoje já insuficientes para o atendimento da infância e da juventude. Assim, para a sociedade brasileira, a longevidade da população torna-se mais um problema que, somando-se a outros, ainda não equacionados, como a pobreza, o desemprego, o analfabetismo, demanda grandes somas de recursos. É preciso levar-se em conta que 80% das pessoas com 65 anos ou mais estão em países em desenvolvimento e que nos países desenvolvidos o número de idosos hoje já supera o de crianças.

Na maioria dos estudos demográficos, predomina a preocupação com a pressão que o crescimento da população idosa possa fazer sobre os gastos previdenciários, a utilização dos serviços de saúde e, conseqüentemente, com os seus custos. Cabe lembrar que o segmento que cresce mais rápido é o das pessoas com 80 anos e mais, já superando os 70 milhões de pessoas. No entanto, não se conhece nenhum trabalho que tenha medido o tipo de repercussão que a melhora nas condições de vida da população idosa possa ter nesses gastos. Pode-se supor que melhores condições de vida possam levar a uma menor pressão sobre os gastos de saúde e previdenciários. Naturalmente, isso depende de uma associação positiva entre maior longevidade e melhores condições de saúde. Os trabalhos mencionados por Camarano e Pasinato (2002), apresentam uma perspectiva comum referindo que gastos sociais com o envelhecimento representam, sobretudo, consumo para o Estado:

Alguns trabalhos de cunho prospectivo chegam a alardear catástrofes, colocando em risco a reprodução da vida social, caso as contribuições e/ ou impostos não aumentem ou o valor dos benefícios sociais não sejam reduzidos, ou, mesmo, a idade mínima para a aposentadoria não aumente. Na verdade, apresentam uma preocupação puramente contábil e politicamente “neutra”. Contraditoriamente, instituições sociais como a aposentadoria, que foram criadas para gerir riscos, são transformadas em fontes de produção de outros riscos como a inviabilização do sistema [Debert (1999)]. Na verdade, a prioridade das políticas públicas deveria ser com a qualidade de vida e o bem-estar coletivo (p.04).

Salgado (1989) afirma que a generalização da aposentadoria criou um princípio de identidade para a velhice, a qual é definida, basicamente, pela inatividade. A aposentadoria decreta funcionalmente a velhice, ainda que o indivíduo não seja velho do ponto de vista biológico. Pode-se considerar que a velhice humana é um fenômeno social que se alterou substancialmente. Isto significa que as condutas sociais perniciosas resistem às mudanças. Somente uma incessante e persistente ação pode modificar os vícios sociais, ou introduzir condutas inovadoras, inclusive modificando a imagem de não produção do idoso.

As aposentadorias desempenham um papel muito importante na renda dos idosos e essa importância cresce com a idade. Pode-se concluir que o grau de dependência dos indivíduos idosos é, em boa parte, determinado pela provisão de rendas por parte do Estado. Como uma parcela importante da renda familiar depende da renda do idoso, sugere-se que quando se reduzem ou se aumentam benefícios previdenciários, o Estado não está simplesmente atingindo indivíduos, mas uma fração razoável dos rendimentos de famílias inteiras. Isso é importante de ser notado porque, como consequência, o perfil do sistema previdenciário construído hoje influirá na distribuição futura da renda das famílias.

O idoso necessita muitas vezes permanecer trabalhando por necessidade financeira, considerando que os valores recebidos de aposentadoria pela maioria dos brasileiros não cobrem as suas necessidades de manutenção e de seus dependentes, principalmente quando cabe ao idoso o papel de mantenedor do grupo familiar (BULLA e KAEFER, 2003).

A aposentadoria significa um momento de mudança concreta, real na vida das pessoas e que muitas vezes traz como consequência o que fazer com o tempo livre, a necessidade de uma programação, um planejamento para aposentadoria. Segundo Barrili (2001), o fato de a pessoa permanecer muito mais tempo em casa pode gerar atrito com os familiares que não estavam acostumados a tê-la nesta situação.

O preconceito em relação ao velho está relacionado à cultura brasileira, ou seja, em países desenvolvidos o velho é respeitado e possui papéis sociais importantes para a manutenção econômica do país. No caso do Brasil, por bases culturais, o velho é visto como incapaz, improdutivo e dependente. Todavia, através de trabalhos direcionados a terceira idade esta realidade vem se demonstrando falsa e comprovando que o velho muito tem a contribuir em nossa sociedade (BULLA e KAEFER, 2003, p. 04).

Camarano e Pasinato (2002) alertam para o fato da negação do envelhecimento pela sociedade e afirmam que a aposentadoria tem se transformado na única fonte de renda de 12 milhões de famílias brasileiras, baseando-se em dados do IPEA. Dizem que a condição do idoso como chefe de família é uma realidade no país. Quando o filho adulto termina o

casamento ou fica desempregado, por exemplo, acaba voltando para a casa dos pais. A família intermedia parte da relação entre o mercado e os indivíduos, já que distribui rendimentos entre seus membros, quer participem ou não de sua geração, assim como, faz a intermediação entre o Estado e o indivíduo, redistribuindo, direta ou indiretamente, os benefícios recebidos.

Com a ampliação do desemprego e o incremento de várias formas de precarização da mão-de-obra, as famílias acabam dependendo mais de seus idosos, que passam a contribuir com os benefícios previdenciários ou com a renda do trabalho, na renda familiar. Tal situação é corroborada pelos dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), os quais ainda revelam que a contribuição da renda do idoso na renda familiar é tanto maior quanto menor é o nível de renda desse grupo. Ou seja, a proporção da renda do chefe idoso na renda familiar é de cerca de 70% quando ele recebe menos de três salários mínimos, enquanto para aquele que recebe acima de 10 salários mínimos a sua contribuição para a renda familiar é em torno de 40% (KRELING, 2002).

A aposentadoria deveria garantir os recursos necessários para uma velhice com qualidade de vida, onde o idoso pudesse suprir suas necessidades básicas, mas também o seu lazer. Somado ao fenômeno demográfico, do envelhecimento populacional, encontra-se um país com intensas transformações econômicas e sociais.

Iamamoto (2004) lembra que em tempos de crise, o capital concentra poder e globaliza miséria o que torna o crescimento do desemprego e do subemprego um fenômeno mundial. Nesse contexto, verifica-se a redução da presença estatal no mercado e nas políticas sociais, com restrição dos orçamentos governamentais nesse campo, tornando as políticas sociais focalizadas, restritas aos segmentos da população mais pauperizados.

As desigualdades sociais vigentes no país tornam-se mais agudas na velhice, principalmente levando-se em consideração que as transformações sociais, econômicas e culturais desenvolvidas nos últimos anos com o rápido processo de urbanização, têm provocado o enfraquecimento das relações na comunidade e na família, tradicionais suportes na integração e cuidados ao idoso.

Conforme Santos e Vaz (1997), a terceira idade é uma fase da vida marcada por vários estereótipos como a passividade, a improdutividade, a assexualidade, degeneração orgânica e psíquica, além da desvinculação com o futuro, o que leva à alienação. Para eles, à medida que as capacidades orgânicas e psíquicas diminuem, o idoso se retrai para não entrar em conflito com o ambiente e, sobretudo consigo mesmo. Assim, voltado apenas para suas necessidades não interfere no ambiente e, portanto não sofre exigências do mesmo. Esse afastamento do idoso cumpre um importante papel social, ou seja, de oferecer espaço no mercado de trabalho aos mais jovens.

As transformações ocorridas na economia nacional nos últimos anos, segundo Kreling (2002) com a abertura comercial e o processo de reestruturação produtiva e organizacional, trouxeram profundas modificações na estrutura e nas condições de funcionamento do mercado de trabalho. Essas alterações, responsáveis, em grande medida, pela ampliação do desemprego e pelo incremento de várias formas de precarização da mão-de-obra, envolveram segmentos importantes da força de trabalho. Neste ambiente econômico, a população idosa, que já se configurava como um dos segmentos mais vulneráveis, quanto à sua participação como força de trabalho, cuja inserção já tomava as posições mais precárias, passa a ser ainda mais penalizada.

A pobreza é outra característica da velhice brasileira, já que existe uma ligação profunda com as mudanças sociais dos últimos tempos, especialmente com o acelerado processo de urbanização e de industrialização, que prejudica esta fatia populacional de forma mais intensa devido à dificuldade de adaptação da nova situação, já que eles tradicionalmente provêm da zona rural com uma atividade econômica primária e com uma qualificação educacional menor do que a das novas gerações (HEREDIA, 2000, p. 197).

Para Yamamoto (2004), a análise da questão social está situada sem dúvida em uma arena de disputas entre projetos socioetários, que representam diferentes interesses de classe, com concepções e propostas para a condução das políticas econômicas e sociais. Para a autora, a acumulação capitalista continua sendo o núcleo explicativo da miséria relativa aos desempregados na sociedade do século XXI.

Cabe lembrar que o crescimento da pobreza e da desigualdade social tem sido uma das conseqüências mais sérias do modo neoliberal de regular a economia e a sociedade segundo Pereira (2001). Este fenômeno foi determinado principalmente pela diminuição da oferta de empregos, acompanhada das desigualdades salariais e pela diminuição da proteção social por parte do Estado.

4.2 A INTERFERÊNCIA DAS CONDIÇÕES SOCIAIS EM RELAÇÃO AO ESTUDO DO ENVELHECIMENTO

A universidade de Barcelona (UB)⁵ possui programas de educação e investigação em

⁵ Universidade em que a autora desta tese esteve realizando Programa de Doutorado Sanduíche, junto ao Departamento de Psicologia Evolutiva e da Educação e ao Grupo de Investigação Gerontológica (GIG), na cidade de Barcelona durante o ano de 2007.

gerontologia social desde os anos 80, com muitas publicações inclusive. Assim surge o interesse de estar mais próxima e conhecer outra realidade, além da brasileira, de um país em especial, que já trabalha e pensa o envelhecimento há muito tempo. Desta forma, desenvolveu-se algumas idéias sobre questões que estão sendo discutidas na academia, mas que também fazem parte do cotidiano do povo espanhol e tenta-se traçar algumas comparações com a experiência brasileira, buscando integrar o período de estágio dentro do Programa de doutoramento realizado junto a esta Universidade no ano de 2007.

Em 1998 já havia uma preocupação com a questão da dependência do idoso e Moragas (1999) ao abrir uma coletânea que organizou após o ciclo de conferências denominado “El reto de La dependencia al envejecer” afirmava que o fenômeno do envelhecimento da população humana com independência, autonomia e elevada qualidade de vida será uma das grandes novidades do 3º milênio. No entanto, chama atenção para o fato de que o progresso social não acaba com os problemas e entre a população idosa aparecem as pessoas dependentes que necessitam de atenção sanitária e social, cujas necessidades põem à prova os mecanismos de previdência social, tanto pública como privada.

Segundo o autor o estado de bem-estar-social não desaparecerá na Europa, porém as bases em que ele está alicerçado têm que ser revistas, para que possa continuar assegurando todas as pessoas aposentadas. Aqui já se encontra uma grande diferença em relação à situação do Brasil, onde nunca chegou-se a ter um estado de bem-estar-social (*welfare state*) universalista segundo Poschmann (2003) e, onde muitas vezes as pessoas necessitam continuar trabalhando após a aposentadoria pois só com os proventos desta não conseguem dar conta de suas necessidades básicas (moradia, alimentação, saúde, etc.).

Bulla e Kaefer (2003) referem que o Brasil não está preparado para atender as demandas da população envelhecida. Dizem que os serviços públicos são precários, que há carência de qualificação profissional e necessidade de trabalhos e programas direcionados à população idosa com distintos perfis socioeconômicos.

Nos países europeus, onde o envelhecimento começa a ser um dado integrado a gestão social da população, a dependência aparece como um problema novo, diretamente ligado à idade avançada, acima dos 85 anos principalmente. Triadó e Villar (2006) lembram que em 2000 o percentual de pessoas com mais de 65 anos representava 16,7% da população espanhola e as projeções apontam para que esta tendência deva ser cada vez maior e que em 2050 chegue a 19,8% com quase oito milhões de pessoas.

Desta forma, também deve crescer muito o número de pessoas com dependência. É necessário lembrar que a dependência se traduz pela necessidade de uma ajuda indispensável às atividades elementares da vida. Não é só uma incapacidade que cria a noção de

dependência, mas a dualidade da incapacitação e da necessidade de socorro. Não deve se considerar a dependência como um estado fixo, e sim de um processo cuja evolução pode modificar-se e até prevenir-se, reduzindo suas manifestações, através de serviços e ambientes adaptados. Com a dependência e a perda de autonomia, faz-se necessário considerar que estamos diante de uma limitação das atividades da vida diária a que o autor chama de “a capacidade de sobreviver” (MORAGAS, 1999).

Para o autor as populações desfavorecidas são identificadas por dois fatores essenciais: a limitação, quando se trata de mobilidade física, e a dependência de uma terceira pessoa para a realização das atividades corriqueiras como vestir, comer, banhar-se, etc. e temos que começar a nos preocupar em como apoiar a rede familiar de vizinhos e amigos que normalmente dão assistência a esta pessoa em sua residência para evitar a internação.

Segundo Menéndez (2006) 32% da população espanhola, com mais de 65 anos, possui algum tipo de incapacidade e são pessoas que estão vivendo com suas famílias ou sozinhas. Os dados da autora são pesquisados junto ao Instituto Nacional de Estadística (INE, 2004) que mostra que quem cuida dos homens idosos com deficiências em 48,5% dos casos são suas esposas, seguidas pelas filhas com 18%. E as mulheres idosas com alguma incapacidade são cuidadas por suas filhas 32,9%, pelo cônjuge em 14,1% e por outros familiares em 18,6% dos casos. Triadó e Villar (2006) também lembram que na quarta idade, a vida depois dos 80 anos pode ser muito difícil já que grande parte das pessoas que atingem essa idade possui problemas de saúde, que muitas vezes impedem a independência e a autonomia da pessoa idosa.

O apoio social é um fator importante para a pessoa com mais idade poder manter-se com autonomia e ter um envelhecimento satisfatório, sem tantos efeitos negativos. Pinazo (2006) aponta que as pessoas de idade que participam de redes sociais de forma ativa e que recebem apoio social informal são as que possuem melhor saúde física e mental. Considera que a família é a principal fonte de apoio informal.

A ajuda formal e informal tem sido uma questão discutida na França. Por exemplo, sobre a dependência e o papel da família, Pitaud (1999) diz que se aproxima das idéias de Goffman que fala que toda relação tem sua própria história, seu tempo, seu desenvolvimento normal e com isso sua memória e de Mauss que refere que uma prestação traz uma contraprestação, que ele chama de “cambio confirmativo”. Ou seja, há exigência de trocas recíprocas entre as pessoas, “meus pais cuidaram de mim quando eu era pequeno agora eu cuidarei deles”.

A solidariedade familiar que existe entre pais e filhos é muito importante, se entrelaça com a afetiva, a psicológica e a social e segundo Moragas (1995) o Estado possui interesse em

que esta se mantenha e se fortaleça, pois a solidariedade econômica acaba não só mantendo os idosos dependentes, mas também os filhos desempregados, ou netos, etc.

Já Pinazo (2006) fala no apoio social formal e diz que é representado pelos serviços sociosanitários organizados, prefeituras, IMSERSO, administrações públicas, etc, e do apoio social informal, que se traduz pela família (cônjuge, filhos, netos, outros parentes), amigos e vizinhos, mostrando a importância do apoio formal aos familiares.

Os jornais da Espanha (El País, QUÊ!, 20 Minutos) noticiaram que o governo começou a pagar salários para as pessoas que cuidam de familiares dependentes. Isto é reflexo da lei 39/2006 de Promoção da Autonomia Pessoal e Atenção às Pessoas em Situação de Dependência que passou a vigorar a partir do Real Decreto 504/2007 de 20 de abril. Conforme o grau de dependência ou incapacidade e as horas dedicadas de cuidado, foi criada uma tabela com os valores que serão recebidos e uma escala de classificação. Segundo informou o Jornal 20 minutos, de 16 de abril de 2007, existem 1.200.000 pessoas nesta situação. No início 200.000 pessoas que são consideradas com sérias deficiências é que receberão o auxílio financeiro. Segundo o periódico, o perfil dos cuidadores é de mulheres casadas e sem trabalho, com baixo nível de instrução e ainda 20% são pessoas com mais de 65 anos.

Na França, no sul da Europa e na região do Mediterrâneo a família e os vizinhos é que dão o suporte ao idoso, a quem ele recorre primeiramente, sem quase nenhuma implicação ou responsabilidade da sociedade civil. Segundo o Instituto Nacional de Saúde e de Pesquisa Médica da França, mais da metade dos idosos dependentes estão sob responsabilidade das famílias (90% de mulheres, mães, filhas, tias), sem ajuda de nenhum serviço profissional (PITAUD, 2006). Por isso se impõe a necessidade de criar a idéia de apoio às famílias e aos cuidadores de pessoas dependentes e há uma preocupação nestes países com a temática da assistência domiciliar.

No Brasil, a constituição de 1988 afirma que o suporte aos idosos deve ser dado pela família, pela sociedade e pelo Estado, preferencialmente em seu domicílio, o que acaba colocando a família com a maior responsabilidade. As relações de cuidado dentro das famílias, segundo Goldani (2004), são cada vez mais importantes para as mulheres, que são as principais cuidadoras, na maioria das sociedades. Estudos como os de Erbolato (2006) mostram que idosos preferem recorrer primeiro ao sistema de suporte informal (parentes, amigos, vizinhos e conhecidos) para resolução de problemas e só posteriormente a um sistema formal (instituições de apoio diversas).

Entre todos esses relacionamentos, a família constitui-se, com certeza, numa organização *sui generis*, diferente de todas as demais. Embora afeição seja um sentimento freqüente e esperado, a duração desse vínculo é assegurada pela consangüinidade e pelas expectativas sociais ligadas ao parentesco. Relações familiares são caracterizadas por fortes sentimentos de deveres e obrigações entre os membros (ERBOLATO, 2006, p. 1327).

Existem autores como Díaz (1999) que fazem projeções das pessoas dependentes até 2020 e diz que há diferenças significativas em relação a gênero em quase todas as idades, devido à sobre-mortalidade masculina, principalmente nas idades mais avançadas. Este fato tem especial relevância sobre as projeções em relação à dependência e às taxas de incidência de deficiências, as diferenças entre os sexos com relação à saúde e condições socioeconômicas são muito acentuadas nestas idades. As deficiências relacionadas a problemas de saúde são mais freqüentes nas mulheres, mas a proporção de mulheres que não têm nenhuma doença até os 80-84 anos também é superior. O grupo dos velhos - velhos é que possuem a maior porcentagem de deficiências entre os grupos de idosos, como era de se esperar e dentre eles dois terços são mulheres.

Na Espanha, como foi dito anteriormente, a expectativa de vida para homens é de 75,3 anos e para mulheres de 81,4 anos e estes representam atualmente 17% da população, sendo mais de 7,2 milhões de pessoas. Além disso, “os octogenários se multiplicaram muito nos últimos anos e hoje somam mais de um milhão e meio de pessoas” (CUÉLLAR, 2007, p. 2).

Alguns autores já falam em um novo conceito em relação à saúde e a esperança de vida que está surgindo, a esperança de vida dependente e a esperança de vida independente. A esperança de vida na Espanha é uma das mais altas da Europa, aos 65 anos uma pessoa ainda tem uma esperança de vida de uns 16/17 anos e os estudiosos calculam que, destes, 10 anos aproximadamente ainda serão de vida independente, e só 40% de vida dependente (ALLUÉ, 1999).

Desta forma, com o aumento do número de idosos e do número de pessoas dependentes também aumenta a preocupação em relação a quem vai dar conta dessas situações, pois até o momento a família é quem vem arcando com esta situação, praticamente sem ajuda e isto mudaria para serviços prestados por entidades públicas e privadas, os cálculos que fazem em relação à previdência são de que em 2025 teriam que aumentar os impostos em 13% para dar conta da provisão de recursos (BANÚS e ÁLVARO, 1999).

As projeções sobre o total da população segundo o Banco Mundial seriam de 25,5% de idosos na União Européia, 29,2% no Japão e 25,6% na Espanha em 2020. Assim, com o envelhecimento da população aumentam as preocupações em relação aos gastos com

aposentadoria, mas também com as deficiências e com os serviços de saúde. Desta forma os autores prevêem que os seguros privados serão uma peça fundamental para dar conta da qualidade de vida dos idosos do século XXI.

Outra preocupação que Pitaud (2006) chama atenção ao que a Sociologia do Envelhecimento vem estudando: é a inter-geração. Para o autor esse fenômeno se explica pela evolução dos comportamentos sociais das duas idades extremas, a juventude e a velhice. A Sociologia diz que isto ocorre em função de termos passado de um modo relacional intra-familiar, para um modo relacional que atinge os países ocidentais como um todo e que repousa sobre um duplo mecanismo social de oposição, que influi sobre as representações de um grupo etário sobre o outro.

“A oposição nas representações repousa sobre o fato de que, com os aposentados, estamos diante de uma população excluída do mundo do trabalho comercial, mas que conserva seu potencial produtivo numa sociedade onde o racionalismo” valoriza aquelas pessoas que participam ativamente da atividade econômica e põe de lado os outros (PITAUD, 2006, p. 279). O autor afirma que esse mecanismo de oposição cria um fenômeno de reciprocidade entre as duas gerações, com base no desejo do jovem de se tornar socialmente integrado e para o idoso, de continuar sendo socialmente reconhecido como útil.

No Brasil, a pessoa pode trabalhar até os 70 anos e entra em aposentadoria compulsória, tem-se muito desemprego e não há lugar no mercado de trabalho para todos. Os jovens estão conseguindo se integrar ao mercado de trabalho cada vez mais tarde e permanecem mais tempo dependentes de seus pais, muitas vezes idosos. Em relação ao sistema previdenciário verifica-se que a maioria dos aposentados pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) recebe valores baixos. Esses valores vão diminuindo com o passar dos anos, pois não conseguem atualizar-se a ponto de corresponder à inflação. Sendo assim, vão perdendo seu poder aquisitivo e só aqueles que ganham o salário mínimo é que têm o seu valor atualizado.

As demais faixas de aposentadoria estão desvinculadas do salário mínimo e vão ficando defasadas. Não resta ao aposentado outra saída, a não ser tentar engajar-se novamente no trabalho: formal, de preferência, ou informal, se não houver outra alternativa. Além do problema de defasagem do valor do benefício, que atinge os trabalhadores que recebem pelo INSS, outras grandes questões preocupam a sociedade brasileira, entre elas se situa a manutenção do próprio sistema previdenciário, que está sendo ameaçada (BULLA e KAEFER, 2003, p. 06).

A taxa de participação dos idosos no mundo do trabalho em relação ao total de trabalhadores, em 2006, alcançava 4,5%. A proporção de idosos na posição de dirigentes foi

significativamente maior 6,3%, mostrando uma mudança em termos de participação do idoso, na sociedade brasileira (IBGE, 2007).

Na Espanha as pessoas em sua maioria se aposentam aos 65 anos, mas há alguns que pedem antes sua aposentadoria (50.000 pessoas por ano na Espanha se aposentam na pré-jubilção, segundo jornal Qué! de 24/04/2007). Há uma discussão que se tem acompanhado pelos jornais (Qué!, 20 minutos, Metro, El País) falando na possibilidade de deixar a pessoa escolher a idade para sua aposentadoria, pois muitos idosos aos 65 anos estão extremamente ativos e querem continuar trabalhando por muitos anos. Além do que, na Espanha faltam alguns profissionais para determinados tipos de serviços (construção civil, medicina, enfermagem), inclusive havendo necessidade de buscarem esses profissionais através de editais em outros países como o Brasil.

4.3 RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E ENVELHECIMENTO

Gênero não é somente um indicador social entre tantos outros indicadores, é um princípio articulador que afeta profundamente outras inter-relações sociais. As desigualdades de gênero se manifestam ao nível micro e macro no cotidiano e afetam indivíduos de todas as classes sociais. As categorias de classe social e etnia estão entrelaçadas com a de gênero, mas esta tem sua própria autonomia.

Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim com etnia, classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a idéia é perceber o gênero *fazendo parte* do sujeito, constituindo. O sujeito *é* brasileiro, negro, homem, etc. Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelo gênero e são, também constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições ‘fabricam’ os sujeitos (LOURO, 1999, p. 25).

Para Louro (1999) a diferença entre gêneros serviu para explicar e justificar as mais variadas distinções entre mulheres e homens. Teorias foram construídas e utilizadas para “provar” distinções físicas, psíquicas, comportamentais; para indicar diferentes habilidades sociais, talentos ou aptidões; para justificar os lugares sociais, as possibilidades e os destinos “próprios” de cada gênero. Acrescenta que as identidades de gênero estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se constituindo como

masculinos e femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo.

Historicamente a construção da identidade de homens e mulheres tem se configurado a partir da dicotomia entre os espaços públicos e privados, com papéis, atitudes e valores previamente definidos por modelos naturais. O feminismo contemporâneo faz uma crítica à rigidez destas posições binárias como categorias explicativas e busca alternativas para integrar homens e mulheres em suas relações (BRITO, 2001).

As relações sociais organizam, denominam e hierarquizam as divisões da sociedade: privado/público, trabalho manual/trabalho intelectual, capital/trabalho, divisão internacional do trabalho, etc. As modalidades materiais dessas bicategorias são centrais nas relações sociais; a divisão social do trabalho entre os sexos é ponto (de disputas) fundamental nas relações sociais de sexo (KERGOAT, 1996, p. 24).

Scott (1990) propõe o uso do gênero como categoria de análise a partir de uma definição abrangente pela qual se compreende a relação entre os gêneros e a constituição da sociedade, onde se inclui necessariamente a dimensão política. Refere que é um equívoco conceber o par “diferença-igualdade” como um dilema ou como algo contraditório, ao qual as feministas teriam necessariamente de ceder. A autora lembra que a luta primeira do movimento feminista centrava na reivindicação da igualdade entre as mulheres e homens (igualdade social, política e econômica).

Para entender como se constrói esta categoria, há necessidade que se perceba que sua construção também se dá por sua desconstrução. Da mesma forma, é uma construção histórica que se faz incessantemente e que as relações entre homens e mulheres, seus discursos e as representações dessas relações estão sempre em constante mudança. Isso é o mesmo que dizer que as identidades de gênero estão continuamente se transformando.

Sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres de classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras. Gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens geralmente representadas como secundárias, de ‘apoio’, de acessoria ou auxílio ou à educação (LOURO, 1999, p. 17).

Esta nova abordagem que os estudos feministas vêm desenvolvendo tem dado visibilidade à presença das mulheres como agentes integradores aos processos sociais. As atividades femininas têm se desenvolvido também nos espaços públicos como a comunidade, a rua, a vizinhança e a fábrica, e não podem ser consideradas exclusivamente privadas, pois

envolvem intermediações e relações múltiplas de difícil enquadramento em pólos dicotômicos (BRITO, 2001).

Os estudos feministas, para o autor, apontam para o fato de que as mulheres mesmo partindo da esfera privada, podem agir politicamente, seguindo caminhos que entrecruzam os espaços públicos e privados. A dimensão política não se restringe à esfera pública, ou seja, às atividades masculinas, mas também está presente no cotidiano que homens e mulheres vivenciam em conjunto numa determinada relação histórica e o que interessa é seu enfoque integrador, sem juízos de valor que desqualifiquem de antemão formas diferenciadas de envolvimento político.

Originalmente, a teoria de gênero apontava para as diferenças de poder entre homens e mulheres, porém com o tempo aumentou sua complexidade e mudou suas premissas básicas. Existem diferenças na percepção da natureza da opressão e de como os graus de subordinação se originam em condições ideológicas e materiais, unidas ao patriarcado na construção de categorias binárias de mulher e de homem e na afirmação do discurso e da representação, como os principais processos pelos quais a opressão é praticada (REDCLIFTT, 1997).

Avançando em suas teorizações, o feminismo vai responder à “acusação” da diferença transformando-a numa afirmação, ou seja, não apenas reconhecendo a diferença, mas procurando valorizar, positivamente, a diferença entre homens e mulheres. Scott observa que esse desafio representa uma armadilha, é uma “falsa dicotomia”, já que igualdade é um conceito político que supõe diferença. Reivindica-se que sujeitos sejam considerados não como idênticos, mas como equivalentes. “Sendo assim, é indispensável admitir que até mesmo as teorias e as práticas feministas – com suas críticas aos discursos sobre gênero e suas propostas de desconstrução – estão construindo gênero” (LOURO, 1999, p. 35).

Alguns estudos feministas não usam mais o conceito de patriarcado, porém outros apontam que este conceito continua sendo válido para podermos entender a ideologia discriminatória que coloca o homem como “o cabeça” da família, além dos benefícios que o Estado lhe outorga nas áreas social e política (BRITO, 2001).

Todas as teorias de gênero desmascaram a existência da opressão da mulher e prevalece o entendimento de que o sistema de gênero foi construído em três níveis: Estrutural - sustentado pela divisão social do trabalho; Institucional - constituído por normas e regras que guiam a distribuição de recursos e oportunidades entre homens e mulheres, e a Simbólica - marcada por conceitos, mentalidades e representações coletivas de feminilidade e masculinidade (GUZMÁN, 2003).

E dentro das epistemologias feministas aparece o enfoque psicodinâmico que afirma

que as diferenças entre homens e mulheres são consequência dos diferentes processos de aprendizagem emocional a que são submetidos na infância. Enquanto os meninos aprendem a dominar, as meninas aprendem a integrar (CHODOROW, 1978). A teoria do ponto de vista parte do reconhecimento do caráter socialmente situado das crenças e tem sua origem no marxismo (HARDING, 1995). E, por último, o empirismo feminista, que propõe multiplicar os sujeitos, fazendo com que a comunidade seja o sujeito epistemológico (LONGINO, 1998).

Beauvoir (1981) considerou que era necessário criar um clima de opinião pública para que a condição subordinada da mulher mudasse. Em sua opinião, o problema da mulher se reduzia a um: não era considerada como um ser humano igual ao homem, mas relegada a um segundo plano, tida como um objeto, valorizada quase exclusivamente pelo serviço sexual prestado ao homem. Resignada a limitar-se a uma só de suas funções, esposa e mãe, em muitos casos a mulher adverte que foi vítima de uma ilusão; dependente social e economicamente de seu marido, sem outra capacitação para valer-se por si mesma, quando seus filhos não a necessitam diretamente, lhe sobra tempo e se vê condenada à passividade, à ociosidade ou às falsas evasões.

Os defeitos atribuídos às mulheres refletem sua situação e são provocados pela sua passividade forçada, sua dependência, a falta de horizontes e o isolamento no qual muitas vezes se encontram. Para Beauvoir (1981), durante muito tempo a mulher teve que se conformar com essa imagem, sob pena de exclusão, rejeição ou crítica de parte do resto da sociedade, chegando até a ser catalogada de louca, original, libertina ou outras denominações mais indecorosas, quando teimava em fugir à regra.

A construção social de gênero implica em que a família possa ser utilizada tanto para reproduzir como para transformar as normas dominantes em relação a gênero. As famílias são também espaços de resistência e negociação, pois as diferenças de privilégios e de poder podem ser questionadas. Para Guareschi (1989) a maioria de nossas famílias reproduz as relações de poder da sociedade, e nesta cabe ao marido e pai o máximo de autoridade. Da mulher se espera submissão ao marido.

Quando se reconhece o gênero como uma construção social, abre-se a possibilidade de conceitualizar o nosso mundo, criar comportamentos alternativos, ratificar noções de cidadania, bem-estar social e a aceitação das novas formas de sexualidade de cada pessoa e sua orientação sexual (REDCLIFT, 1997).

A argumentação em relação a esta questão e que coloca os gêneros e as sexualidades no âmbito da cultura e da história, “leva a compreendê-los implicados com o poder. Não apenas como campos nos quais o poder se reflete ou se reproduz, mas campos nos quais

poder se exercita, por onde o poder passa e onde o poder se faz” (LOURO, 2007, p. 201).

Se o "gênero é uma maneira primordial de significar relações de poder" (SCOTT, 1990, p. 42), nem homens nem mulheres podem situar-se fora dele. A mobilidade pelas distintas matrizes de gênero permite a ressignificação das relações de poder, o que constitui o objetivo prioritário das diferentes vertentes do feminismo. Praticamente, a bibliografia utilizada pelas autoras feministas defende a idéia desta precedência do gênero na constituição da identidade, ou, se preferir uma fórmula mais maleável, das subjetividades dos seres humanos (SAFFIOTI, 1997).

As lutas feministas dos anos sessenta outorgaram à mulher não só direitos civis e políticos, mas uma nova forma de conceituar independência, auto-estima, que lhes possibilitou assumir por opção diferentes formas familiares e de convivência, buscando a equidade de gêneros. Para Velásquez (2005) esta forma de feminismo não exclui os movimentos sociais e as reivindicações masculinas. Entende que o homem vivenciou mudanças importantes em suas ações e concepções em função de repartir com a mulher os domínios coletivos, familiares e afetivos.

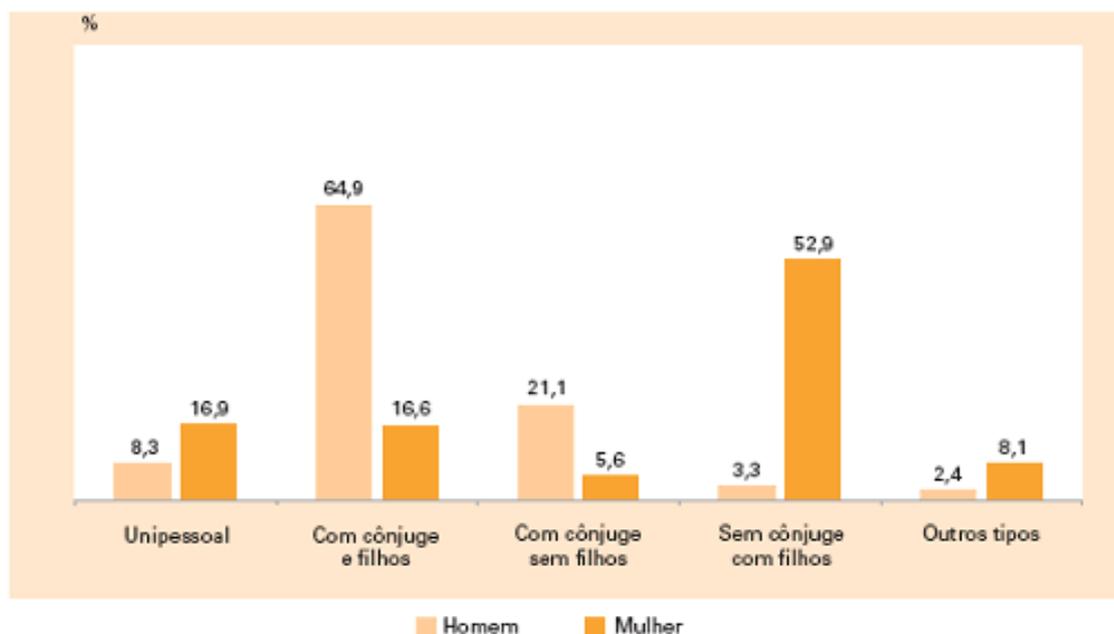
Para a autora, hoje, nas interações afetivas, a mulher tem o direito a ser a provedora econômica única ou principal, delegando, sem culpa, as funções instrumentais e domésticas, em muitos casos, ao companheiro homem. Este é um fenômeno moderno que modifica os clássicos papéis de gênero e que possibilita o exercício dos direitos afetivos a ambos, homem e mulher, sem conotação negativa, podendo aproveitar de outras funções que antes eram vedadas a cada um dos sexos.

Kergoat (1996) faz uma análise sobre as relações sociais e a divisão sexual do trabalho e refere que é conceito indispensável, mostrando que a partir da divisão sexual do trabalho pode-se demonstrar a relação social que existe entre os sexos:

Aponta que esta análise permite verificar, por exemplo, no que se refere ao assalariado ou em relação ao trabalho doméstico que as separações existentes entre homens e mulheres não são redutíveis a mais ou menos exploração ou a uma divisão desigual, mas que se trata de um tratamento contraditório segundo o sexo. E ainda que a divisão sexual do trabalho está no centro do poder que os homens exercem sobre as mulheres (p. 24).

Assim como, a mulher tornar-se a pessoa de referência na família, também é um exemplo destas novas possibilidades. “Na década passada, até 2002, houve um crescimento de 30% da participação da mulher como pessoa de referência da família. Em 1992, elas eram referência para aproximadamente 22% das famílias. Esta tendência ocorreu de forma diferente entre as regiões do País e foi mais acentuada nas regiões metropolitanas” (BRASIL, 2004, p.

19). E hoje temos 26,7% de mulheres com mais de 60 anos como responsáveis por suas famílias (IBGE, 2007). Faz-se interessante observar como vêm se comportando os arranjos familiares a partir destas novas realidades.



FONTE: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2007. Síntese de Indicadores Sociais – IBGE (2008).

Gráfico 2 – Arranjos familiares por sexo da pessoa de referência, segundo o tipo de arranjo familiar – Brasil – 2007

Em 2007, entre os arranjos familiares em que a mulher é a pessoa de referência, 52,9% eram do tipo monoparental (sem a presença de um dos cônjuges). Já nas unidades unipessoais, o percentual de mulheres é maior em decorrência da mais elevada expectativa de vida feminina (16,9%). Também é interessante observar no gráfico 2 a baixa frequência de arranjos familiares com homens na chefia sem a presença de cônjuge (3,3%) em comparação com a mesma situação em mulheres.

Segundo a PNAD 2007, o número de domicílios particulares no Brasil alcançou cerca 56,4 milhões. O número médio de moradores por domicílio, que em 1997 era de 3,8 e 3,6 em 2002, caiu para 3,4 pessoas em 2007, resultado da queda da fecundidade e redução do tamanho médio das famílias.

Mostrar a relação entre envelhecimento e gênero não é tarefa fácil e ainda é um tema pouco explorado. Provavelmente a razão fundamental tenha a ver com as rápidas transformações sociais que aconteceram com as mulheres mais jovens e, também se pode pensar que as raízes do movimento feminista e a própria metodologia dos estudos feministas tiveram alguma responsabilidade sobre isto (ARBER e GINN, 1996). Graças a esta geração de mulheres que hoje são a população de idosas, as mulheres das gerações posteriores puderam ter acesso à educação superior e ao mercado de trabalho, elas foram as protagonistas das mudanças que ocorreram (DÍAZ, 2004).

Em pesquisa realizada por Debert (1997), esta afirma que o próprio depoimento de idosos brasileiros alerta para os perigos das generalizações sobre a velhice. Eles insistem na distinção entre os velhos em geral e a experiência pessoal, com uma clara diferenciação de gênero. Enquanto as mulheres enfatizam a autonomia e a liberdade como valores alcançados na velhice, para os homens é a lucidez o aspecto mais enfatizado e que lhes garantiria o conhecimento das realidades social e política em que se encontram.

As principais conclusões, extraídas da análise do perfil sócio-demográfico da população idosa brasileira para Camarano (1999, p. 9) foram:

Maior longevidade feminina, levando a uma predominância das mulheres no contingente de idosos, especialmente no muito idoso, o que tem implicações em termos dos tradicionais contratos intergeracionais de gênero; o idoso encontra-se em melhores condições objetivas de vida, propiciadas pelo seu momento no ciclo de vida, pela sua trajetória ao longo da vida, pela situação econômica brasileira no seu auge de atividade, dentre outros fatores, que lhe permitiram um acúmulo patrimonial, destacando-se aí a aposentadoria; e participação do idoso até em idades avançadas no mercado de trabalho, mesmo na condição de aposentado.

A pergunta principal para Camarano e Pasinato (2002) é se existe uma associação entre envelhecimento populacional e dependência e se esta relação é dinâmica. As autoras pegam como exemplo a queda da mortalidade e as melhorias nas condições de saúde provocadas por uma tecnologia médica mais avançada, bem como a universalização da seguridade social e outras mudanças tecnológicas, e questionam se isto levaria que o idoso em 1998 fosse diferente do que foi em 1981? Outra questão que elas levantam é se esse é um segmento homogêneo.

Neste estudo torna-se fundamental analisar as diferenças por gênero, pois se acredita não ser um segmento homogêneo. Ao contrário, em pesquisa sobre as representações sociais de idosos, no município de Santa Cruz do Sul (AREOSA; BEVILACQUA; WERNER, 2003) encontrou-se diferenças significativas na forma de viver e representar a velhice para homens e

mulheres de terceira idade. Dessa forma, pretende-se trabalhar nas dimensões dos arranjos familiares, dos rendimentos dos idosos e também da categoria gênero.

As mulheres idosas do ano 2000 correspondem àquelas nascidas entre 1930 e 1934, que entraram na chamada terceira idade nos anos 90 e formaram o grupo 65-69 anos no momento do Censo Demográfico de 2000. “Ao analisar o curso de vida para estas mulheres, queremos resgatar a diversidade racial entre elas, admitindo que os sentimentos de obrigação e ajuda entre os membros da família não diferem entre brancos, pardos e negros” (CAMARANO, 1999, p. 99).

Segundo os estudos realizados e citados anteriormente, a mulher tem uma expectativa de vida maior que o homem em até oito anos. Essas gerações, que hoje estão com 60 anos ou mais, nasceram até finais da década de 40. Naquele momento, as mulheres tinham pouca participação nas atividades fora do lar, e se supõe que isso fez com que ficassem mais preservadas de doenças que afetaram o sexo masculino do ponto de vista da mortalidade. Hoje, com as responsabilidades compartilhadas das gerações mais recentes, acredita-se que essa defasagem com relação à expectativa de vida entre os sexos seja menor no futuro (HEREDIA, 2000).

Outro aspecto sobre o envelhecimento que tem recebido bastante atenção é a questão da feminização da velhice e suas implicações em termos de políticas públicas, pois uma grande parte das mulheres é viúva, vive só, sem experiência de trabalho no mercado formal e são menos educadas. Neste contexto, nem sempre a maior longevidade feminina é vista como vantagem. A maior esperança de vida faz com que muitas mulheres idosas passem pela experiência de uma degeneração biológica devido a doenças crônicas, não ocorrendo o mesmo com os homens que morrem antes. Debert (1999) diz que a perspectiva dos gerontólogos é mais otimista quando afirmam que para as idosas de hoje a velhice e a viuvez podem representar um momento de independência e realização, podendo muitas vezes a partir delas realizarem objetivos e sonhos que antes não conseguiam pela condição do casamento.

Segundo Cuéllar (2007) existem diferenças entre as atividades que homens e mulheres de terceira idade desempenham, referindo-se a pesquisas do Observatório de Mayores (IMSERSO). A autora refere que as atividades domésticas ficam mais sob responsabilidade das mulheres, inclusive o cuidado dos netos e os homens preferem as atividades ligadas ao ócio. A preferência, no entanto de ambos os sexos é pela televisão (90%), seguida pelo turismo (30%) e atividades físicas.

Debert (1999) diz que os trabalhos gerontológicos vêm apontando diferenças para como a aposentadoria é sentida por homens e mulheres. Os estudos mostram a predominância da idéia de que o homem possui maior dificuldade de adaptação. Os homens

teriam estabelecido suas relações mais significativas no espaço público e no mundo do trabalho ao longo de suas vidas, tendo maior dificuldade de adaptar-se à mudança, que implica passar muito mais tempo em casa do que antes de aposentarem-se. As mulheres, por sua vez, desempenhariam outros papéis sociais significativos, além do papel de trabalhadoras, considerando sua especial ligação ao núcleo familiar e ao espaço privado do lar e não encontrariam tanta dificuldade para se adaptarem às transformações no cotidiano advindas da aposentadoria.

Velásquez (2005) diz que muito mais do que a síndrome do ninho vazio ou depressão do climatério, o que acontece com as mulheres que estão por volta dos 50 anos é que dizem “já não posso mais”, não conseguem mais suportar sua rotina habitual de esposas, mães, donas de casa. Afirma que com o problema da nuclearização das famílias nos grandes centros urbanos, do tamanho das casas e das distâncias, o que acaba acontecendo muitas vezes é que os filhos não saem de casa tão cedo ou voltam a viver na casa dos pais com seus filhos.

Desta forma, estas mulheres, além de darem conta de tudo isso, tem que cuidar dos pais idosos. Então muito mais do que crise do ninho vazio seria a crise do “ninho superlotado”. Fala que na literatura atual pouco se escreve sobre os prejuízos da multiplicidade de papéis que as pessoas necessitam exercer simultaneamente. E afirma que muitas vezes o trabalho de algumas mulheres passa a ser sua válvula de escape de tantas fadigas domésticas e, quando tem que internar, uma sogra ou a mãe, em uma residência de idosos, se sentem altamente culpadas. Essas mulheres, segundo a autora, são o esteio de quatro gerações.

Segundo Ortiz (2005) as redes familiares das mulheres não se esgotam no limite da família nuclear ou da família dos filhos, são freqüentes as relações com outros membros da família, principalmente com irmãos que compartilhem a mesma cultura familiar e muitas vezes são da mesma geração. Argumenta também, que o cuidado dos netos proporciona experiências positivas e um contato mais freqüente com filhos e netos, além do sentimento de utilidade, que é tão importante, sobretudo na velhice. Quando o cuidado é muito intenso, entretanto, em termos de atividades e horas despendidas nessa atividade, ou quando as crianças são demasiado pequenas, essa atividade pode ser uma fonte de estresse para as idosas. As mulheres trabalhadoras necessitam da substituição por suas mães, principalmente em caso de doença dos filhos pequenos. Este cuidado informal, que muitas vezes nem é citado, cumpre importante papel social e deve ser reconhecido não apenas no âmbito familiar.

As relações de amizade também têm uma grande importância na velhice e existem diferenças entre as amizades de homens e mulheres, as destas normalmente não foram

construídas no âmbito do trabalho e, portanto não se perdem ou deterioram após a aposentadoria, apenas mais tarde em função de problemas de saúde. As mulheres com alguma dependência mantêm uma relação próxima com filhos e netos que moram na mesma cidade e que lhes ajudam nas atividades da vida diária.

As relações familiares, assim como as de amizade, as construídas em clubes ou associações são muito importantes para os sentimentos de enfrentamento das situações do dia-a-dia e do sentimento de solidão que pode surgir na velhice. Bulla e Kunzler (2005) também falam da importância das Universidades para a terceira idade, que proporcionam que o idoso possa estar em contato com outras gerações, tendo momentos de lazer e de auto-realização e dizem que as pessoas que freqüentam estas atividades demonstram como é possível alcançar um envelhecimento saudável com autonomia, entusiasmo e disposição, mostrando que a velhice não precisa estar associada ao isolamento e à falta de vontade de viver.

Para Ortiz (2005), as amizades dos homens idosos são as que ele adquiriu no trabalho ou nas atividades de lazer enquanto as das mulheres estão mais associadas à vizinhança e às etapas de criação dos filhos, amizades que não são afetadas pelo envelhecimento ou pela aposentadoria. Segundo a autora, as amizades estabelecidas pelas mulheres são amizades muito mais íntimas, apesar de serem mais escassas.

A preferência do universo masculino por alternativas de lazer, voltadas para o desporto, é uma excelente opção, pois estudos garantem que a prática de exercícios físicos previne doenças, proporciona bem-estar e qualidade de vida a todas as gerações. A mulher idosa de hoje, culturalmente, construiu sua imagem associada à manutenção da vida privada, à reprodução e educação dos filhos e aos cuidados de subsistência do lar, considerando essas tarefas não só como responsabilidade, mas também, como atividades de lazer.

Na aposentadoria, os idosos tendem a diminuir suas relações sociais e a não exercer a participação. O convívio social, os relacionamentos interpessoais e as trocas de experiência, antes possibilitadas pelo trabalho, agora muitas vezes são substituídas pelo isolamento e pela ociosidade, levando a fase da velhice a ser marcada por sentimentos de inutilidade produtiva e de dificuldade para o estabelecimento de novas relações sociais. “Para enfrentar essas mudanças, por um lado, é necessário que os idosos recriem novas alternativas de participação, lazer e ocupação do tempo livre, mas por outro, é imprescindível que a sociedade garanta o desenvolvimento integral e permanente do homem também nessa etapa da vida” (BULLA e KUNZLER, 2005, p. 82).

A aposentadoria faz com que os homens participem mais das tarefas de manutenção da casa, mas, no entanto, é discutível se esses participam de atividades tipicamente masculinas, ou se estão começando a participar de atividades marcadamente femininas. O desejo de

independência é que faz com que os homens se envolvam nas tarefas domésticas ou que cuidem de suas mulheres enfermas ou dependentes. A implicação das mulheres diminui com a idade, mais pela ajuda remunerada do que pela ajuda do marido e, assim, mesmo na velhice continua havendo uma divisão sexual do trabalho doméstico (ORTIZ, 2005).

Segundo a autora uma das diferenças mais acentuadas entre os gêneros é a questão da sociabilidade das mulheres idosas em suas relações pessoais, assim como nos laços com a sociedade em geral. As diferenças entre homens e mulheres diante da velhice se manifestam desde os aspectos mais elementares da existência e a capacidade de sobreviver à medida que vão passando os anos é uma experiência muito distinta para eles, inclusive em relação à longevidade. O Fórum Mundial sobre o envelhecimento realizado em Madrid no ano de 2002 já apontava que a proporção de homens e mulheres acima de 80 anos é de 53 homens para cada 100 mulheres.

A diferença entre homens e mulheres não está só na questão da mortalidade, mas também da vivência com enfermidades ou deficiências físicas, que impedem que a vida se desenvolva de forma autônoma. O tempo de vida a mais das mulheres, muitas vezes, são anos de dependência. A experiência de compartilhar os anos de velhice com o esposo é, também, menos habitual para as mulheres que para os homens. A grande maioria dos idosos é de casados, já entre as mulheres a maioria é de viúvas, solteiras ou separadas (ORTIZ, 2005).

Na Espanha, 44% das mulheres com mais de 65 anos é viúva, enquanto os homens que sobrevivem permanecem casados, quase 80%. Esse fenômeno é claro que influencia, diretamente, a forma de convivência das mulheres idosas. Se as relações de poder estavam definidas anteriormente, é provável que a relação entre cuidador e cuidado não altere esta situação. Quando o modelo de poder familiar é patriarcal faz-se possível que se mantenham as antigas formas de poder, apesar da diminuição das forças mentais e físicas (IMSERO, 2007).

Outra questão é a das tarefas domésticas que, habitualmente, são desempenhadas pelas mulheres, mesmo após a aposentadoria, os homens pouco se envolvem e quando as mulheres diminuem suas tarefas em função da idade avançada. Segundo Ortiz (2005) isto se deve ao recurso da ajuda remunerada, sendo substituída por outra mulher. Com esta diminuição de tarefas, sobretudo as mais pesadas, as idosas conseguem um pouco mais de liberdade e de vida social. Assim, a autora afirma que até em idades avançadas continua existindo uma divisão do trabalho doméstico e que a compra para casa é a atividade mais desempenhada pelos homens, devido à força física, ao deslocamento de automóvel, mas sobretudo por ser uma atividade desempenhada fora de casa e isto está mais de acordo com a forma como o

homem utiliza o seu tempo. Assim, a questão da divisão sexual do trabalho também é vista neste segmento populacional, ou seja, o trabalho doméstico segue sendo um trabalho feminino, também na velhice.

Ortiz (2005) chama também, a atenção, para um fenômeno que começa a ser habitual na Espanha que é a convivência dos idosos com filhos não emancipados. Diz que 12% das idosas vivem com o esposo e algum filho que ainda não se emancipou e 10%, vivem só com um ou mais filhos. No Brasil os dados encontrados nos indicadores sociais do IBGE de 2007 apontam que 44,5% dos idosos moram com filhos, 23,7% com filhos menores de 30 anos, 22,3% são de casais sem filhos e 13,2% idosos que vivem sós.

Segundo Kreling (2002), caberia dizer que as políticas e programas sociais, em vez de criticarem o abandono dos idosos por suas famílias (leia-se mulheres), deveriam reconhecer as transformações pelas quais passam as famílias e as mulheres em particular. Urge o reconhecimento do aporte fundamental das mulheres para o orçamento da família hoje, e o que representam os custos das tarefas domésticas dessas mulheres no cuidado dos membros da família em geral e dos idosos e crianças em particular.

No caso da mulher idosa, as formas de inserção no mercado de trabalho se dão em condições ainda mais desfavoráveis, se comparadas com as dos trabalhadores masculinos idosos, principalmente no que se refere às posições mais precárias na ocupação e à menor remuneração recebida por parte da mão-de-obra feminina idosa. Assim, verifica-se para a força de trabalho feminina da terceira idade uma situação de dupla vulnerabilidade: o fato de ser mulher e ser idosa. Dessa forma, a discriminação já exercida sobre a população feminina, pode ter um efeito ainda mais perverso, quando se trata da participação da mulher idosa como trabalhadora, para a autora.

Conforme Camarano (1999), homens e mulheres sofrem perdas com a idade, enfrentam preconceitos e estereótipos, mas os recursos com que cada um conta, para enfrentar a velhice, são diferentes. As mulheres enfrentam nesta fase todas as desvantagens acumuladas ao longo de uma vida de discriminação e desigualdades estruturais. Este é o caso das mulheres idosas brasileiras, onde a maioria não teve trabalho remunerado e possui benefícios mínimos de aposentadoria. “Mesmo entre as que trabalharam, essas tiveram salários equivalentes à metade ou pouco mais que os dos homens e acabam como as mais dependentes e pobres entre os idosos” (p.79).

4.4 CONTEXTO SOCIAL E RELAÇÕES FAMILIARES

A sociedade rotula a velhice como uma forma de estagnação, ironizando-a em suas atividades amorosas, sexuais, físicas e sociais. Por outro lado, exige atitudes tais como: serenidade, tranquilidade e passividade, vestuário sóbrio, decência de maneiras e respeito pelas aparências. E, neste aspecto, alguns elementos devem ser considerados: na família, o idoso é tratado, em muitos casos, como um mero objeto incômodo e inútil, enfim, como uma quantidade desprezível. Quando as atenções se dirigem a ele, são camufladas por uma irônica benevolência, sendo a duplicidade a principal característica da atitude prática do adulto com relação aos velhos; inclina-se ele, até certo ponto, diante da moral oficial imposta nestes últimos séculos e pela qual ele se vê forçado a respeitá-los. A sociedade vai tratá-los como seres inferiores e convencê-los de sua própria decadência. Empenhar-se-á em fazer o idoso sentir suas deficiências e sua falta de habilidade, a fim de que este ceda a gestão dos negócios, lhe poupe dos conselhos e o faça conformar-se com um papel passivo diante do mundo (OLIVEIRA, PASIAN e JACQUEMIN, 2001).

A crença social de que o idoso é um estorvo, que não tem mais utilidade dentro da sociedade é um dos fatores que contribui para a violência familiar e para os sentimentos de desvalia e desamparo dos próprios idosos agredidos. Existem várias formas de violência em relação à pessoa idosa, violência psicológica, violência física, negligência e uma forma de violência que é menos visível que é a exploração econômica do idoso, ou seja, a utilização da aposentadoria ou pensão sem a autorização prévia do idoso. E os estudiosos salientam o fato de que a invisibilidade da violência se dá muitas vezes pela falta de consciência social, sendo que o idoso não se percebe como vítima (GROSSI e ARSEGO, 2001).

As crenças têm sido definidas a partir de aspectos religiosos, morais, cognitivos e pessoais e incluem uma série de interpretações relacionadas ao componente emocional do que está certo ou errado. Desta forma estão relacionadas ao conjunto de pressupostos que a família define com relação ao que é correto ou não, e com isto, o que deve ser obedecido por seus componentes (FLECK e WAGNER, 2003).

Magalhães (1989) observa que diferentes imagens sociais do idoso e do processo de envelhecimento são produzidas em função dos determinantes sociais nos quais os indivíduos estão inseridos. Conforme os fatores envolvidos, os significados e valores associados ao uso de determinado conceito podem variar, modificando, construindo e associando representações.

Conforme Santos e Belo (2000) existe uma tendência por parte dos idosos em buscar uma maior convivência entre a sua própria geração, seja para desenvolver atividades de lazer (como clubes da terceira idade), ou para exercer ações de caráter mais político (como as associações de aposentados). Para Erbolato (2006, p.1326), as demais pessoas com que o

idoso se relaciona, além dos familiares, serviriam como fonte de informação, ao desenvolvimento e à manutenção do autoconceito e à regularização das suas emoções. “Para garantir experiências emocionais predominantemente positivas, otimizando-as, o indivíduo reduziria o número de parceiros sociais. Essa seletividade, mais notada na velhice, começaria em épocas anteriores, já no princípio da vida adulta”.

Pode-se observar, entretanto, uma mudança na representação da velhice e a formação de uma nova identidade do idoso, o que se opõe a um tradicional discurso de uma velhice passiva. Esse fato pôde ser observado em pesquisa sobre as representações sociais de idosos no município de Santa Cruz do Sul, onde se verificou que o idoso encontra-se mais ativo (reforçando a importância da autonomia e da independência) e possui uma representação mais positiva da velhice (AREOSA, 2004).

“É relevante notar que a adaptação e o enfrentamento de uma determinada situação desafiadora dependem, em parte, de um autojulgamento positivo, que incluem o indivíduo sentir-se autônomo, capaz de se relacionar bem com outras pessoas e, de reconhecer suas próprias limitações, para assim poder conviver da melhor maneira possível com elas” (RABELO e NERI, 2005, p. 403).

As estruturas sociais e familiares prescrevem uma série de funções e comportamentos para homens e mulheres como próprias ou naturais de seus respectivos gêneros. Estas expectativas refletem um conjunto de crenças e valores sociais que a pessoa introjeta e que por lealdade ao grupo vai assumindo como suas (FLECK e WAGNER, 2003).

Temos que assinalar que a família, através da história, tem sido reconhecida como a célula fundamental da organização social, aquela que tem inclusive fundado as demais instituições criadas pelo homem e, sem dúvida, que tem caminhado de mãos dadas com a história da humanidade. As relações estabelecidas na família em que se nasce são as mais importantes e representam a base para os comportamentos futuros. Ao nos darmos conta de que as origens da família remontam às origens da humanidade, temos que atentar para as diferenças conceituais que foram imperando a cada época de acordo com fatores sócio-culturais, econômicos, demográficos, etc. Esse entendimento é fundamental para compreender os tipos de família e casamento que se constituíram e as relações de gênero que se estabeleceram a partir desta formação (HIPPI, 2006).

“A família é, e continuará sendo, a par de seu papel na preservação da espécie, um laboratório de relações humanas no qual se testam e aprimoram os modelos de convivência que ensejem o melhor aproveitamento dos potenciais humanos para a criação de uma sociedade mais harmônica e promotora de bem-estar coletivo” (OSÓRIO e VALLE, 2002, p. 18).

Neste século ocorreram muitas mudanças significativas nas relações familiares e no comportamento humano em geral, segundo Osório e Valle (2002). Referem que entre as circunstâncias geradoras de mudanças que vêm ocorrendo no contexto familiar dos nossos dias, estão: a mudança de paradigma na sexualidade humana, o movimento feminista, o reconhecimento dos direitos da criança e do adolescente, a aceitação do homossexualismo, a insatisfação nas relações matrimoniais, o aumento da expectativa de vida, a mudança nos valores da sociedade, a cultura consumista, os avanços tecnológicos e, por fim, o progresso dos meios de comunicação de massa.

A partir da segunda metade do século XIX, o processo de modernização e o movimento feminista provocam outras mudanças na família e, o modelo patriarcal, vigente até então, passa a ser questionado. Começa então, a se desenvolver a família conjugal moderna, na qual o casamento se dá por escolha dos parceiros, com base no amor romântico, tendo como perspectiva a superação da dicotomia entre amor e sexo e novas formulações para os papéis do homem e da mulher no casamento. A existência de traços da família patriarcal na família conjugal moderna persiste até o século XX, fundamentada inclusive na legislação, pois no Brasil, somente na Constituição de 1988 a mulher e o homem são assumidos com igualdade no que diz respeito aos direitos e deveres na sociedade conjugal (GUEIROS, 2002).

Velásquez (2005) afirma que a família, dentro de uma concepção moderna, é mais que estrutura e função, é um sistema relacional e que deve ser estudado de maneira integral pelas instituições. A conceituação de grupo familiar vai muito além de um simples somatório de pessoas, com características próprias de cada um separadamente. A família se constitui em um campo dinâmico, no qual agem tanto os fatores conscientes como os inconscientes (ZIMERMAN, 1993).

Osório (2002) afirma que a família pode se apresentar sob três formatos básicos: a nuclear (conjugal) constituída pelo tripé pai-mãe-filhos, a “extensa” (consangüínea) pode ser composta também por outros membros que tenham quaisquer laços de parentesco e a “abrangente” que inclui os não parentes que coabitem. A estrutura familiar varia, portanto, conforme a latitude, as distintas épocas históricas e os fatores sócio-políticos, econômicos ou religiosos prevaletentes num dado momento da evolução de determinada cultura.

Família é uma unidade grupal onde se desenvolvem três tipos de relações pessoais - aliança (casal), filiação (pais/filhos) e consangüinidade (irmãos) - e que a partir dos objetivos genéricos de preservar a espécie, nutrir e proteger a descendência e fornecer-lhe condições para aquisição de suas identidades pessoais desenvolveu, através dos tempos, funções diversificadas de transmissão de valores éticos, estéticos, religiosos e culturais (ZIMERMAN, 1997).

Para Szymansky (2002) as mudanças na composição familiar, sua visibilidade e o assentimento da sociedade exigem que se leve em conta as formas de viver em família e as relações interpessoais. Para compreendê-las e desenvolver projetos de atenção à família, parte-se do princípio que é preciso olhar para esse agrupamento humano como um núcleo em torno do qual as pessoas se unem, primordialmente, por razões afetivas, “dentro de um projeto de vida em comum, em que compartilham um cotidiano, e, no decorrer das trocas intersubjetivas, transmitem tradições, planejam seu futuro, acolhem-se, atendem os idosos, formam crianças e adolescentes” (p. 10).

Ao se falar em família, hoje, deve-se considerar as mudanças que ocorrem na sociedade, como estão se construindo as novas relações humanas e mais, como as pessoas estão cuidando de suas vidas familiares. As trocas intersubjetivas na família não podem ser vistas isoladamente. As mudanças que ocorrem no mundo afetam a dinâmica familiar como um todo e, de forma particular, cada família, conforme sua composição histórica e o seu pertencimento social. Em uma cultura como a nossa, que valoriza o homem como o poderoso provedor da família, é desconcertante a situação em que a mulher, ou mesmo filhos adolescentes, consigam trabalho e remuneração mais facilmente do que o “chefe” da família.

A família será um *locus* apropriado às mais legítimas manifestações do instinto gregário do homem: afinidade, a não apenas os laços de filiação ou consangüinidade, presidirá a relação entre seus membros; o sentimento de posse cederá gradativamente seu lugar ao anseio de doação; o contrato cível ou religioso entre os casais não prevalecerá sobre o livre e espontâneo vínculo amoroso;A responsabilidade e não a culpa será o elemento básico de regular as relações familiares; enfim, todas essas transformações assinalarão o advento da maioridade social da Família (OSÓRIO e VALLE, 2002, p. 23).

Para Zimerman (2000), quando envelhecemos vemos a família se modificando, em especial a posição de cada membro dentro dela. Para a pessoa idosa, a família passa a ser os filhos, netos, bisnetos e outros parentes, de idade inferior à dele e, muitas vezes, a relação de dependência se torna diferente. Segundo Neri (1993), a família é a principal fonte de cuidados para o idoso, mas por causa da modernização as relações familiares estão mudando.

Normalmente as pessoas idosas não recebem os cuidados adequados que elas esperam da família, principalmente porque os familiares têm de trabalhar e cuidar de suas próprias necessidades. E, também, fora da esfera familiar, existem poucas opções para o idoso no Brasil. Em termos de atividades sociais, o que existe são alguns clubes de lazer, grupos religiosos, grupos comunitários ou associações esportivas para essa faixa etária. Uma das razões pelas quais os idosos têm atividades sociais restritas é devida a uma supervalorização

da juventude, a qual é prevalecente na sociedade brasileira.

Do ponto de vista da Teoria das Trocas (BLAU, 1964), as pessoas idosas são desvalorizadas no Brasil por causa de suas limitações para manter trocas balanceadas com outras pessoas. Para essa teoria a interação entre dois ou mais atores sociais será provavelmente continuada e positivamente valorizada se os atores “lucrarem” com a interação. Como as pessoas idosas têm freqüentemente poucos recursos para trocar elas tendem a ter mais dificuldade que os jovens em manter relações sociais.

O “dar e receber” suporte é descrito como reciprocidade, característica das relações sociais de grande parte do mundo ocidental. Aquele que oferece mais do que recebe termina incomodado pela dependência do outro e acaba por sentir-se explorado. Aquele que recebe mais do que pode oferecer, sente muitas vezes sua independência ameaçada e pode desenvolver sentimentos negativos em relação ao doador. A duração do relacionamento também é importante, pois geralmente significa que ele é estável, que sua continuidade está assegurada, não havendo necessidade de uma reciprocidade imediata pelo que se recebe. A ajuda de um vizinho pouco íntimo pode exigir uma retribuição imediata ou em curto prazo, enquanto prover cuidados a um filho, por longos anos, gera expectativa de retorno num futuro mais longínquo, normalmente no período compreendido como velhice. “Essa ‘contabilidade’ informal pode ser de especial importância no final da velhice, quando não for mais possível manter um equilíbrio entre dar e receber. Ter contribuído o suficiente no passado evitaria sentimentos de débito, de dependência ou de assimetria na relação” (ERBOLATO, 2006, p. 1327).

Hernandis (2005) refere-se à família como fonte de apoio e ajuda de maior importância, sobretudo para aqueles idosos com alguma dependência. A família e os amigos são considerados relações primárias, que se caracterizam por serem relações emocionais, íntimas e por serem duradouras. A família, os amigos e vizinhos são elementos importantes no cuidado das pessoas idosas. O cônjuge é o elemento preferido pelo idoso ou pela idosa. Quando o cônjuge está ausente, aí sim, buscam ajuda nas filhas ou nos filhos ou em outros familiares ou amigos.

Para Triadó e Olivares (2005) o prolongamento da vida até idades mais avançadas faz com que as famílias aumentem e convivam entre diferentes gerações. Este novo modelo de família se caracteriza por um maior peso nas relações de reciprocidade entre os seus membros. O papel do avô mudou tanto na duração, pois se é avô por muito mais tempo, como, também, mudou as características deste avô. Diz que entre os idosos autônomos e independentes estão os avós de hoje, que prestam ajuda a seus filhos e netos. Pontua que, hoje, convive-se com

avós jovens, que ainda trabalham, em muitos casos ainda com filhos morando em casa e, às vezes, inclusive, cuidando de seus pais de idade avançada.

Ou seja, existem muitos perfis de avós. Não se pode falar em um modelo, assim como não se pode falar em um tipo de família. Existem, inclusive, muitas pesquisas que enfatizam a relação avós e netos, como a de Cherlin e Furstenberg (1986, citados por TRIADÓ e OLIVARES, 2005). Nessa pesquisa foram categorizados três grupos de avós que seriam os companheiros que possuem um estilo informal e afetivo, os distantes, que são formais, reservados e vêem pouco a seus netos e os involucrados que, apesar de verem pouco a seus netos lhes proporcionam conselhos e disciplina.

Ainda tem-se que fazer referência ao papel do avô cuidador, aquele que assume o cuidado dos netos enquanto os pais trabalham, ou mesmo durante as férias. Esse papel produz satisfação, mas também produz ansiedade e sobrecarga, especialmente para as avós, que têm que assumir uma série de responsabilidades além de suas tarefas diárias. Elas vivem a contradição entre a queixa e o desejo, com sentimento de culpa, se não cumprem com essa obrigação, pois para elas, o principal é contribuir para o bem-estar físico e econômico de sua família. A relação com netos adolescentes pode ser mais prazerosa, com trocas afetivas e intercâmbios culturais, pois, estes se liberam da relação de cuidado direto.

Se, na velhice avançada, receber ajuda de qualquer tipo pode ser mais freqüente do que dar, isso não significa que idosos não forneçam suporte. Indivíduos com idades entre 70 e 100 anos, estudados por Wagner, Schütze e Lang (1999), relataram ter alguém a quem davam algum tipo de assistência. Auxílios prestados por idosos são facilmente observados na vida diária: tomam conta dos netos; não raro, prestam ajuda financeira aos filhos; servem ainda como uma 'central de informações', provendo a família com notícias de diversos parentes (ERBOLATO, 2006, p. 1327).

Na investigação de Triadó, Martinez e Villar (2000) sobre relações com netos adolescentes foram encontrados três papéis para os avós: cuidador substituto, quando os avós tiveram um papel importante na criação dos netos, fonte de ajuda econômica, quando davam dinheiro regularmente para sustentar os netos e reforço da própria auto-estima. Em relação às diferenças entre os papéis de avôs e avós pode-se dizer que são distintos e que os adolescentes atribuem às avós a condição de provedoras de afeto e cuidados e aos avôs como quem lhes passa informações e orientações, conselhos. Este estudo também mostrou que os adolescentes consideram seus avôs pessoas importantes e se sentem próximos a eles. Assim o estudo concluiu que os avôs casados estão em melhores condições de assumir o suporte e cuidado de filhos e netos em situações de crise familiar do que os viúvos, pela possibilidade de dividir o trabalho doméstico e extra-lar.

Pode-se afirmar que as famílias que possuem idosos, quer na qualidade de chefes de família ou como parte dela, apresentam uma estrutura bastante diferenciada das que não têm idosos. São famílias menores, com etapas do ciclo vital mais avançado e, conseqüentemente, com estruturas mais envelhecidas e com uma presença maior de mulheres na condição de chefes ou pessoas de referência. As mesmas estão em melhores condições de vida do que as que não têm idosos, “condições essas medidas pela maior renda média e menor número de pessoas dependentes da renda do chefe. Embora o tipo de arranjo predominante nas famílias com idosos seja o de casal com filhos, estes estão em proporção bem menor do que o restante das famílias” (CAMARANO, 1999, p. 292).

Isto pode ser observado na tabela 2 que mostra a estrutura das famílias da região metropolitana de Porto Alegre entre 1993 e 2000.

Tabela 2 – Estrutura das famílias segundo a presença de idosos na RMPA. 1993-96 e 1997-00

CARACTERÍSTICAS DAS FAMÍLIAS	1993-96			1997-00		
	C/ idosos	S/ idosos	Total	C/idosos	S/idosos	Total
Proporção de famílias por idosos	21,7	78,3	100,0	23,4	76,6	100,0
Tamanho médio	2,9	3,6	3,4	2,7	3,4	3,2
Número médio de filhos	0,8	1,6	1,4	0,7	1,5	1,3
Número médio de pessoas que trabalham	0,9	1,5	1,3	0,8	1,4	1,3
Número médio de idosos por família	1,3	0,0	0,3	1,3	0,0	0,3
Renda Familiar média	1.034	1.157	1.131	1.180	1.235	1.222

FONTE: PED-RMPA – Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP, DIEESE, e apoio PMPA.
Valores em reais de dezembro de 2001

Como se observa na tabela acima, vem aumentando a proporção de famílias ou a presença de idosos (21,7 para 23,4 % em 2000) e são famílias menores com menos de um filho por família, o que acaba acarretando também em diferenças em relação à distribuição da renda familiar que, apesar de ser um pouco mais baixa, vai ser distribuída por um número menor de integrantes (2,7 %).

As mudanças sofridas pela sociedade interferiram consideravelmente na estrutura familiar. As condições econômicas e de trabalho influenciaram na redução do número de filhos e a entrada massiva da mulher no mundo do trabalho originou a necessidade de uma reorganização da unidade familiar. Essa mudança fez com que a figura dos avôs recuperasse sua importância dentro da família e adquirisse um protagonismo e uma função social valiosa, produzindo uma maior integração dos avôs na família e vínculos afetivos muito fortes.

Para Triadó e Olivares (2005) em muitos núcleos familiares são os avôs que assumem a responsabilidade afetiva, educativa e inclusive econômica dos netos, proporcionando-lhes afeto, tempo, segurança, e proteção durante a infância e adolescência.

Tabela 3 – Estrutura das famílias segundo a presença de idosos na RMPA. 1993-96 e 1997-00

CARACTERÍSTICAS DOS CHEFES DA FAMÍLIA	1993-96			1997-00		
	C/ idosos	S/ idosos	Total	C/ idosos	S/ idosos	Total
Proporção de chefes homens	62,4	82,4	78,1	61,0	79,6	75,2
Idade média do chefe (anos)	64,3	38,9	44,4	65,5	39,7	45,7
Proporção de chefes mulheres	37,6	17,6	21,9	39,0	20,4	24,8
Número médio de anos estudo dos chefes	5,4	7,3	6,9	5,9	7,9	7,4

FONTE: PED-RMPA – Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP, DIEESE, e apoio PMPA.

Por exemplo, pode-se observar as famílias da região metropolitana de Porto Alegre, como mostra a tabela 3. Trata-se de famílias menores, mais envelhecidas, cujos chefes apresentavam, no período mais recente, uma idade média de 65,5 anos, destacando-se uma maior presença feminina nessa condição (39%), comparativamente ao total do contingente feminino. Verifica-se que a proporção de chefes mulheres em famílias com idosos é significativamente maior do que nas famílias sem idosos (20%) e que este fenômeno vem aumentando ao longo dos anos.

Outra questão relevante é a idade média do chefe de família que passa agora dos 65 anos nas famílias com presença de idosos, sendo de 39 anos quando não há mais idosos. Observou-se, ainda, que os chefes dessas famílias apresentavam um nível de escolaridade menor do que quando não há presença de idosos nas famílias (5,9 anos de estudos). Quando os idosos se fazem presentes os índices de escolaridade caem em função de questões culturais, mas também sociais e históricas. Esse fenômeno pode ser entendido como resultado de uma época

em que o acesso escolar era pouco valorizado, fortemente elitista, diferenciado por classe social e gênero, afetando principalmente as mulheres.

Tabela 4 – Estrutura das famílias segundo a presença de idosos na RMPA. 1993-96 e 1997-00

DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS DE FAMÍLIA (%)	1993-96			1997-00		
	C/ idosos	S/ idosos	Total	C/idosos	S/idosos	Total
Casal com filhos	29,8	64,5	57,0	27,1	60,1	52,4
Casal sem filhos	26,3	12,7	15,6	26,6	13,0	16,1
Mãe com filhos	16,5	11,8	12,9	16,5	13,3	14,1
Mulher sozinha	14,0	3,4	5,7	15,7	4,5	7,1
Homem sozinho	3,3	3,7	3,6	4,1	4,8	4,6
Outros	7,7	2,7	3,8	7,3	2,8	3,9
Pai com filhos	2,4	1,2	1,4	2,7	1,5	1,8

FONTE: PED-RMPA – Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP, DIEESE, e apoio PMPA.

É interessante observar na tabela 4 que mostra os tipos de famílias que nos últimos anos vêm mudando a estrutura familiar, aumentando, mesmo que em pequena proporção, o número de casal sem filhos e de mulheres e homens sozinhos. Porém, cabe lembrar que ainda é significativamente maior, o número de casal com filhos entre famílias que possuem idosos (27,1%). Os filhos, mesmo aqueles que formam um novo ramo familiar, continuam ou retornam muitas vezes a habitar o núcleo original como forma de somar rendimentos, em resposta ao crescente aumento da precarização do trabalho e do desemprego estrutural. Isto é fruto de uma economia globalizada, que vem colocando à margem do processo produtivo um significativo número de trabalhadores (KRELING, 2001).

Em 1998, a proporção de mães idosas sem cônjuge morando com filhos foi quase três vezes maior do que a de pais. Em 2000, esta proporção ainda é maior, sendo que 16,5% das mulheres residem com filhos e outros parentes, enquanto apenas 2,7% dos homens encontram-se nesta situação, conforme dados do IBGE. Essas proporções são afetadas pela mais alta taxa de viuvez feminina, seja pela já citada maior mortalidade masculina, seja porque, uma vez viúvas, as mulheres idosas têm menores chances de recasar pelas normas sociais e culturais vigentes e passam a residir com filhos e/ou outros parentes.

Segundo Camarano e Pasinato (2002) há estudos que mostram que foram as mulheres que apresentaram, em relação aos homens, maior capacidade de suporte familiar, ou seja, as

mulheres idosas recebendo os filhos e netos em suas casas e as adultas apoiando parentes idosos (COSTA, 2005). O aumento da participação feminina no mercado de trabalho, que vem ocorrendo no Brasil desde os anos 60, tem levado a um aumento da renda familiar e, provavelmente, está contribuindo para que as famílias com idosos tenham uma renda maior do que as demais famílias. A sua contribuição na renda da família em que está inserido ultrapassa os 50%, mesmo quando ele já passa dos 80 anos.

Para Fleck e Wagner (2003) o modelo de família tradicional de classe média brasileira vem mudando, ele consagrava uma divisão clara de papéis onde o homem se envolvia com trabalho remunerado e a mulher geralmente dedicava-se aos afazeres da vida familiar. As autoras apontam que essa definição de papéis já não é mais tão clara em nossa realidade como era no século XIX e início do século XX. Salientam que nos últimos anos, o trabalho feminino passa a garantir inúmeras vezes o sustento familiar. E apontam que no Rio Grande do Sul em 2001, 33% das famílias de classe média tinham a mulher como provedora.

Além disso, levando em conta as dificuldades experimentadas pelos adultos jovens nessa década, o idoso, por possuir casa própria, na sua maioria, tem crescentemente recebido em seu domicílio filhos adultos e crianças classificadas como parentes, as quais, na maioria das vezes, são netos. "A dependência da família em relação ao idoso é ainda maior nas classes de renda mais baixas" (CAMARANO e PASINATO, 2002, p.304).

Evidentemente, cada pessoa é um ser individual, único, mas necessita viver inserido no contexto familiar, nas relações sociais, e todas as ações influenciam de forma direta o seu comportamento. Atualmente, como foi comentado anteriormente, criam-se diferentes arranjos familiares, os quais interferem na organização da família, passando esta a sofrer as mais variadas alterações em sua composição. Desse modo, as relações se transformam, e começam a conviver, no mesmo espaço, diferentes gerações que passam a dividir despesas e/ou necessidades. "Em muitas situações, os idosos inseridos nesse contexto se mantêm vinculados ao núcleo familiar em virtude da renda de que dispõem". Esse é um fato que suscita questionamento. Esse tipo de vínculo é bom para a pessoa idosa, ou seria melhor, para ela, não se envolver com essas situações familiares? Em pesquisa de doutorado sobre o idoso, Costa (2005) refere que os sujeitos entrevistados relataram que para eles "era importante manter os vínculos e eles se sentiam valorizados no âmbito familiar" (p. 42-43).

Tabela 5 – Distribuição da população idosa segundo fontes de rendimentos e sexo na RMPA. 1993-96 e 1997-00

REMUNERAÇÃO	1993-96			1997-00		
	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total
Ocupado e aposentado	653	1.408	1.104	807	1.738	1.375
Ocupado	439	792	688	472	873	749
Aposentado e/ou pensionista	373	712	519	461	880	640
Pensionista	357	625	463	440	756	563

FONTES: PED-RMPA – Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP, DIEESE, e apoio PMPA. Valores em reais de dezembro de 2001

É interessante observar na tabela 5 o rendimento médio no período 1997-00, dos idosos ocupados, indivíduos com idade de 60 anos ou mais apresentaram renda de R\$ 873,00. Dessa forma, a participação da renda do idoso na renda familiar passa a sofrer maior pressão, principalmente quando se considera que na última década foi grande o excedente de mão-de-obra entre os trabalhadores mais jovens. A maior remuneração entre os idosos corresponde aos trabalhadores que recebem rendimento real médio proveniente do trabalho acrescido de aposentadoria e/ou pensão. Nesse grupo, a renda das mulheres (R\$ 807,00) no período 1997-00, correspondia somente a 46,4% da obtida pelos homens (R\$ 1738,00), resultando em diferenciais de rendimentos entre os sexos muito mais pronunciados (KRELING, 2001).

Cabe observar que as famílias chefiadas por mulheres têm crescido nas últimas décadas. No Brasil, em 2005, eram estimadas em 30,6% e em 2006 este grupo representava 31% (IBGE, 2006). O critério utilizado pela população recenseada, de maneira geral, para definir o responsável pelo domicílio é quem tem a maior remuneração. As famílias chefiadas por mulheres correspondem a 18,5 milhões de famílias. Uma em cada quatro famílias brasileiras é chefiada por mulheres. Nesse universo, a maioria das mulheres responsáveis pelo domicílio está em situação monoparental. Os dados do Censo 2000 revelaram que enquanto cresce a proporção das famílias monoparentais femininas (de 15,1% em 1992 para 17,1% em 1999), diminui a proporção daquelas compostas apenas pelo casal com filhos. Há, por certo, um contingente de filhos, enteados, netos e bisnetos, agregados que vivem sob os cuidados e a responsabilidade da mulher (VITALE, 2002).

Para Neri e Debert (2004) essas mulheres idosas, na grande maioria, viúvas, morando na casa dos filhos ou filhas, ou chefiando famílias monoparentais, ou ainda morando sozinhas continuarão aumentando em números. E o seu bem-estar na velhice estará ligado à intensidade das relações familiares ou ao convívio intergeracional, sendo importante a ampliação de sua rede de relações sociais, o aumento do número de atividades desenvolvidas e a satisfação na velhice.

Também é interessante notar que há relativamente menos pobres entre as famílias com idosos chefiadas por mulheres do que entre as chefiadas por homens. Pode-se entender este fenômeno pelo fato de a legislação brasileira permitir que as mulheres acumulem os benefícios de pensão e aposentadoria. "Em 1998, 7,7% das mulheres idosas acumulavam os dois tipos de benefícios. Além disso, tanto os homens quanto às mulheres podem acumular os benefícios da aposentadoria com trabalho" (CAMARANO e PASINATO, 2002, p.10).

Tomando-se apenas o benefício recebido através da aposentadoria e/ou pensão pelos idosos inativos, a diferença entre mulheres e homens diminui um pouco (R\$ 440,00 e R\$ 756,00 respectivamente), pois as primeiras percebiam uma renda equivalente a 58,2% da obtida pelos segundos, no período 1997-00, conforme a tabela 5.

Já em relação à renda recebida tendo o salário mínimo como base, se pode verificar observando a tabela 6, que mostra a situação de homens e mulheres idosos da Região Metropolitana de Porto Alegre, ao longo dos últimos anos.

Tabela 6 – Distribuição da população idosa segundo classes de salário mínimo na RMPA. 1993-96 e 1997-00

SALÁRIO MÍNIMO	1993-96			1997-00		
	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total
Menos de 1 SM**	58,3	28,6	46,9	59,0	27,8	46,7
De 1 a 3 SM	30,0	35,5	32,1	24,8	30,3	27,0
Mais de 5 SM	6,2	21,1	11,9	8,8	26,8	15,9
De 3 a 5 SM	5,5	14,8	9,1	7,4	15,1	10,4

FONTE: PED-RMPA – Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP, DIEESE, e apoio PMPA.

Nota: Valores em reais de dezembro de 2001

** Incluem-se idosos sem rendimento.

A situação da população idosa que vive de aposentadoria é muito complicada, pois 46,7% recebiam no período de 1997-00 menos de um salário mínimo por mês na região metropolitana de Porto Alegre. Entre as mulheres, a situação é ainda mais crítica, já que quase 60% recebiam menos do que um salário mínimo e 20% destas, não auferiam rendimento algum, enquanto para os homens os dados observados foram de quase 30% e 5% respectivamente. Tais resultados, apresentados na tabela 6, revelam que grande parte dos idosos apresenta uma situação de pobreza, ao serem confrontados seus níveis de rendimentos, fato este que os força a se integrar, novamente, no processo produtivo, com o objetivo de complementar seus rendimentos, principalmente quando estes são os provedores da família.

A noção de família monoparental, de um lado, serviu para se opor ao “estigma de famílias *problemáticas*, ou de menor *status* social (quando comparadas às famílias clássicas), mas, em contrapartida, tem ficado associada ao gênero e à pobreza, na medida em que uma ‘mãe isolada’ pode ter maior dificuldade para responder pelas necessidades e cuidados dos filhos”. Na literatura, encontra-se um maior destaque a essas famílias na relação com a pobreza e, assim como, os dados confirmam essa equação. Desta forma, não é demais enfatizar que o número de mulheres chefes de família cresce em nossa sociedade como um todo, mas a vivência da situação monoparental varia largamente. Vincular a trajetória monoparental com condições de vida, gênero e etnia é um caminho a ser aprofundado segundo Vitale (2002, p. 59).

Para Bem e Wagner (2006) ainda que tenha havido uma redução das famílias numerosas entre as famílias de baixa renda, especialmente nos centros urbanos, o arranjo doméstico mais comum ainda é o de mais de um núcleo familiar ou a inclusão de outros parentes (como avós, primos, tios). As autoras apontam o desemprego, os baixos salários e a instabilidade das relações conjugais como os possíveis motivos para essa situação.

O modelo tradicional de família, composta por pai, mãe, filho, está sofrendo grandes modificações, que têm alterado sua configuração e funcionamento. É um período de crise. Não anuncia a sua dissolução, mas a sua readaptação e reestruturação de papéis. A capacidade humana de superar situações difíceis e buscar novas formas de equilíbrio possibilita o ajustamento e estruturação de novos arranjos familiares (MARTINS, 2003 p. 214).

A situação familiar das pessoas idosas reflete o efeito acumulado de eventos socioeconômicos, demográficos e de saúde, ocorridos em etapas anteriores do ciclo vital. O tamanho da prole, a mortalidade diferencial, o celibato, a viuvez, as separações, os recasamentos e as migrações vão conformando, ao longo do tempo, distintos tipos de arranjos

familiares e domésticos, os quais, com o passar da idade adquirem características específicas, que podem colocar o idoso, do ponto de vista emocional e material, em situação de risco ou mesmo de vulnerabilidade (NERI e DEBERT, 2004).

As características inerentes à população idosa demonstram a necessidade de políticas e programas sociais que visem atender a esse segmento, apontando alguns equívocos e encaminhamentos recentes nessa área. Como o caso da política previdenciária atual, que teve como um dos resultados a redução do benefício, o que certamente trará prejuízos à renda familiar, dada a significativa contribuição do idoso para o orçamento familiar, contribuindo também no sentido de pressionar a participação do idoso no mercado de trabalho (KRELING, 2002).

Assim, afirma a autora, num mercado de trabalho cada vez mais competitivo, em que os jovens estão encontrando grandes dificuldades para se colocar no mercado de trabalho, cabe aos idosos, com os seus rendimentos, seja da aposentadoria, da pensão e/ou do trabalho, arcarem na maioria das vezes com boa parte do orçamento familiar. De fato, o papel do idoso no apoio econômico das famílias pode ser observado através da contribuição de sua renda pessoal, na condição de chefia, a qual alcançava, no período 1997-00, aproximadamente 53% da renda familiar. Esta pode ser uma situação prejudicial para o idoso, quando se tem presente que a ajuda econômica à família, na maior parte das vezes, vem em detrimento de sua própria qualidade de vida, sendo que ele atravessa um momento em que precisaria de segurança e tranquilidade para o atendimento de suas necessidades.

O aumento da longevidade, conjugado com o atual momento da economia brasileira, com efeitos expressivos sobre o jovem, tem levado a que o idoso assuma papéis não-esperados nem pela literatura, nem pelas políticas, é o que aponta Camarano (1999, p.70) “Isto faz com que a associação entre envelhecimento e aumento da carga sobre a família e o Estado não se verifique de forma tão direta e, até pelo contrário, esteja assumindo cada vez mais um caráter bidirecional”.

Um dos importantes pontos de pressão sobre o sistema, é que a Previdência não aposenta só o idoso, mas também pessoas com menos idade, como argumenta Camarano (1999, p. 13):

Por exemplo, 91% dos homens que estavam aposentados em 1998 tinham começado a receber o benefício antes dos 60 anos. A proporção correspondente para as mulheres foi de 98%. Na verdade, em 1998, 75% dos homens e 83% das mulheres se aposentaram por tempo de serviço com idade inferior a 55 anos, configurando um padrão de aposentadoria extremamente precoce.

A análise das diferenças na incidência de pobreza entre idosos e não-idosos revelou que, de um modo geral, a percentagem de pobres tende a ser menor entre os idosos do que entre os não-idosos. “O grau de pobreza entre os idosos é de 23% ao passo que entre os não-idosos é de 39%. Esse fato deve-se, em grande medida, à renda dos idosos. Na falta de renda própria, o grau de pobreza dos idosos e daqueles vivendo em famílias com idosos seria mais de três vezes superior, 72%” (KRELING, 2002, p. 248).

O censo demográfico de 2000 nos sugere uma inversão na relação de dependência das famílias, tendo verificado que 62,4% dos responsáveis pelos domicílios brasileiros possuem 60 anos ou mais (10.880.624). No Rio Grande do Sul são 644.281 domicílios chefiados por idosos. Por isso, reconhece-se a importância dos benefícios previdenciários, que operam como um seguro de renda vitalício. Em muitos casos, constitui-se como a única fonte de renda das famílias.

Assim, o atual sistema previdenciário, somado à capacidade própria de poupança da população, tem sido capaz de resolver de forma satisfatória a pobreza entre os mais idosos no país, se comparada à capacidade da política social brasileira em resolver a questão da pobreza nos demais segmentos da sociedade. “Além disso, do ponto de vista econômico, a presença dos idosos não representa um aumento na razão de dependência. De fato, demonstrou-se que a renda média dos idosos é mais elevada que a renda *per capita* da maioria dos domicílios, em particular dos pobres”. Portanto, a presença dos idosos, em vez de ser uma das razões para um maior grau de pobreza entre os não-idosos, na verdade é responsável por reduzir o seu grau de pobreza, afirma Kreling (2002, p.249) “a pobreza entre os não-idosos seria dois pontos percentuais maior, caso os idosos constituíssem domicílios separados”.

Conforme Camarano (1999) os rendimentos da população idosa decrescem com a idade, mas situam-se num patamar mais elevado do que os da população jovem, tendo a percentagem de homens idosos sem nenhum rendimento caído em 1996 para 2,4% e de mulheres idosas para 17%. A maior parte dos rendimentos dos idosos provinha da aposentadoria, representando 58% da renda dos que tinham entre 65 e 69 anos e 80% dos maiores de 80 anos neste mesmo ano. Constata-se que os idosos são responsáveis por uma contribuição importante na renda das famílias, 69% quando o idoso é o chefe.

As melhores condições de vida dos idosos brasileiros podem ser traduzidas em cifras; por exemplo, enquanto 8% da população brasileira tinham mais de 60 anos – ou seja, eram idosos –, os idosos pobres correspondiam a 5,3% do total de pobres brasileiros. Dentre a população não-idosa, 31% foram classificados como estando abaixo da linha de pobreza; essa proporção para os idosos reduziu-se para 23,1% (KRELING, 2002).

Apesar desta realidade, deve-se observar que entre os idosos que participam da PEA, 52,7% já eram aposentados ou pensionistas no período entre 1997 e 2000, o que pode ser tomado como indicador de que o benefício pago ao assegurado seja insuficiente no provimento de suas necessidades básicas. Ou, para manter o padrão de vida que foi adquirido pelo trabalho ao longo de sua vida. O fato de o idoso ser o chefe da família muitas vezes faz com que o mesmo necessite reinserir-se no mercado de trabalho e segundo Bulla e Kaefer (2003) se submeta a atividades precárias e sem proteção social, pois a aposentadoria não consegue garantir uma boa qualidade de vida.

O crescimento do já elevado percentual de idosos aposentados e ou pensionistas que ainda trabalham, pode ser tomado como indicador de que o benefício pago ao assegurado seja insuficiente no provimento de suas necessidades básicas, forçando-o a continuar participando no mercado de trabalho para sobreviver, ou para tentar manter o mesmo padrão de vida que foi adquirido pelo trabalho ao longo de sua vida. Além do mais, é preciso considerar que a inserção dos idosos no mercado de trabalho confirma, não raro, situação de precariedade. Ou seja, por um lado na maioria das vezes, em que esses idosos retornam ao mercado de trabalho o fazem em atividades menos qualificadas do que as anteriormente exercidas e com rendimentos médios menores.

Faz-se importante salientar que, no Brasil, a implantação de uma política nacional para pessoas idosas só aconteceu em 1994, sendo recente. Rodrigues (2001) aponta que foi na década de 70, com o aumento significativo da população idosa, em nossa sociedade, que surgiu a preocupação de alguns técnicos da área governamental e do setor privado com a questão social do idoso. A partir de então, implementam-se programas assistenciais direcionados aos idosos, surgem grupos de convivência e programas em universidades federais e particulares voltados a esse segmento da população. Para concretizar a busca de subsídios, a fim de implantar políticas públicas adequadas às questões dos idosos, torna-se primordial a execução de pesquisas na área.

Todos estes fatores, na verdade estão relacionados às condições sociais, políticas e econômicas do país e precisam ser analisados desta forma. A transição demográfica em curso no país nos últimos 30 anos vem provocando mudanças significativas na estrutura por idade da população, no comportamento familiar e no mercado de trabalho. Por tudo isso se impõe uma profunda mudança no sistema de proteção social, necessitando sua expansão e seu aprimoramento. O desafio de realizar essas transformações deve ser enfrentado respeitando as instituições democráticas e dando às políticas sociais, no conteúdo e na forma, um papel coadjutor no processo de consolidação e fortalecimento da democracia.

5 O IDOSO CHEFE DE FAMÍLIA NESTE ESTUDO

Esta parte da pesquisa é essencial e, portanto, será tratada detalhadamente, trazendo o maior aporte possível de conhecimentos, adquiridos ao longo do estudo. Apresenta os sujeitos que fizeram parte desta pesquisa através de quadros, figuras e tabelas, assim como, em alguns momentos a própria fala do sujeito se faz presente pela relevância de mostrar o seu entendimento sobre o que se quer comprovar nesta tese. O capítulo busca trazer o maior número de elementos para que se possa estabelecer relações entre os dados coletados e compará-los com outros estudos realizados, buscando a visão do todo. E inicia-se pelos elementos básicos referentes à identificação dos sujeitos que fizeram parte da pesquisa.

5.1 IDADE E SEXO DOS IDOSOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Ao identificar quem são os participantes da pesquisa verifica-se que dentre os 34 sujeitos que concordaram após contato telefônico, em participar deste estudo, tem-se 21 mulheres e 13 homens, com idades que variaram entre 61 e 86 anos, revelando que existem muitos provedores na faixa etária considerada como idosos. Observa-se inclusive que alguns idosos longevos ainda se encontram nesta posição, como se pode verificar na tabela abaixo.

Tabela 7 – Amostra de idosos representada por idade e sexo

Idade	Sexo				Nº de respostas	%
	Masculino	%	Feminino	%		
61-65	5	38,7	7	33,5	12	35,5
66-70	4	30,7	6	28,5	10	29,4
71-75	2	15,3	5	23,8	7	20,5
76-80	2	15,3	2	9,5	4	11,7
Acima de 80	0	0	1	4,7	1	2,9
Total	13	100	21	100	34	100

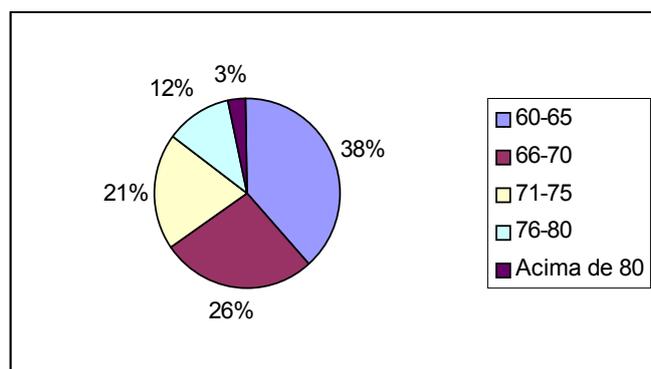
FONTE: Pesquisa de campo 2006.

Como se pode constatar na tabela 7, há um percentual maior de mulheres do que de homens em todas as faixas etárias e, a partir dos 80 anos só encontrou-se uma mulher na amostra de chefes de família. Verifica-se ainda que, ao ser retirado de uma amostra geral de idosos e configurados em uma amostra de chefes de família o percentual entre os sexos é mais equilibrado, prevalecendo ainda o sexo feminino, porém com um percentual menor, 62% da amostra. Ou seja, a amostra apresenta-se majoritariamente feminina, pois esta foi selecionada dentro dos serviços da Universidade e sabe-se pela literatura que as mulheres participam mais das atividades sociais quando nesta faixa etária. Existem, porém, mais homens na função de provedores, o que já faz com que o percentual de mulheres diminua da amostra geral (que era de 84,8%, para 62%). Cabe destacar que o Campus da Universidade encontra-se afastado do centro da cidade, necessitando de transporte para a mesma, o que pode interferir na idade dos sujeitos que buscam os seus serviços, bem como, na utilização por pessoas que não tenham tantos problemas de locomoção.

A tendência em relação ao número de mulheres, também foi apontada na pesquisa “O idoso do Rio Grande do Sul” (1997), este estudo salienta que as mulheres a partir da década de 1970 tendem a deixar a zona rural e se concentrar nas zonas urbanas e esta proporção aumenta na década de 1980, devido entre outros fatores, à sobre-mortalidade masculina.

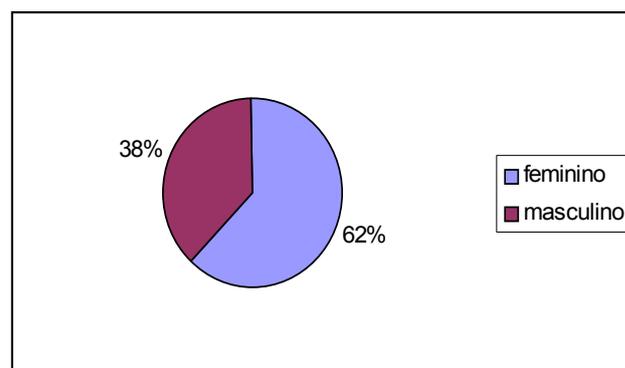
Heredia (2000) informa que as mulheres vivem em média cinco (5) anos ou mais do que os homens, e o IBGE (2008) traz dados sobre a esperança de vida no Rio Grande do Sul mostrando uma diferença ainda mais acentuada de sete anos, com os homens vivendo em média 71,4 e as mulheres 78,8 anos. A autora também salienta a pouca participação das mulheres nas atividades fora do lar e supõe que este seja um dos fatores que fez com que essas ficassem mais preservadas de doenças. Esse pode ser outro fator que remete à feminilização da velhice.

Do ponto de vista demográfico, o envelhecimento populacional é o resultado da manutenção, por um período de tempo longo, de taxas de crescimento da população idosa superiores às da população mais jovem. É importante destacar que as pessoas são consideradas idosas a partir de 65 anos em países desenvolvidos e a partir de 60 anos em países em processo de desenvolvimento (NERI, 2006). Para Camarano e Pasinato (2007) além do envelhecimento da população como um todo, está aumentando a proporção da população mais idosa, com 80 anos ou mais, alterando a composição etária dentro do próprio grupo, ou seja, a população idosa também está envelhecendo.



FONTE: Pesquisa de campo 2006.

Figura 2 – Idade dos entrevistados



FONTE: Pesquisa de campo 2006.

Figura 3 – Sexo dos entrevistados

As idades dos sujeitos variaram entre 62 e 86 anos, sendo que 38% da amostra encontram-se entre 60 e 65 anos, fase que nos países desenvolvidos ainda não seria considerada como velhice. Porém no Brasil, além de ser a faixa mais encontrada em atividades é também a que, muitas vezes, ainda está inserida no mercado de trabalho e que possui muitos dependentes de sua renda (CAMARANO, 2001). Chama a atenção, na população brasileira, o aumento das pessoas com mais de 65 anos, participativas ainda da PEA, que em 2005 eram de 34,4% (IBGE, 2006).

É importante ressaltar que foram encontrados 3% de idosos com mais de 80 anos, ou seja, idosos longevos que se mantêm saudáveis e autônomos. Este é um dado muito relevante levando-se em conta de que é uma amostra de chefes de família, ou seja, ainda após os 80 anos encontram-se pessoas responsáveis pela renda do seu núcleo familiar.

5.2 ESCOLARIDADE DOS IDOSOS

Outro aspecto importante a ser analisado refere-se à escolaridade dos sujeitos pesquisados, característica que é própria de uma faixa etária onde o acesso à Educação era mais dificultado tanto pelo acesso quanto pela própria valorização que era dada ao mesmo. A procedência rural também influenciava o nível de escolaridade das pessoas, como assevera Herédia e Casara (2000, p.48), pois muitos idosos na época viviam longe do meio urbano. E no meio rural, as ofertas de escolas e os meios de acesso a estas eram precários, além do que “a escola tinha como objetivo ensinar a ler, escrever e contar”. Havia também, até metade do

século XX, uma tendência a maior escolarização dos homens, sendo as mulheres mais preparadas para realizar atividades manuais e lides domésticas. Para as autoras, o nível de escolaridade dos idosos também é baixo porque na época a educação escolar não era importante para as filhas mulheres, assim como, a profissionalização feminina não era valorizada. Isto se reflete no fato de que a média de anos de estudos das pessoas que pertencem ao grupo de 60 anos ou mais no Brasil se encontra em 4,6 anos (IBGE, 2008).

Tabela 8 – Relação entre a escolaridade e o sexo dos idosos entrevistados.

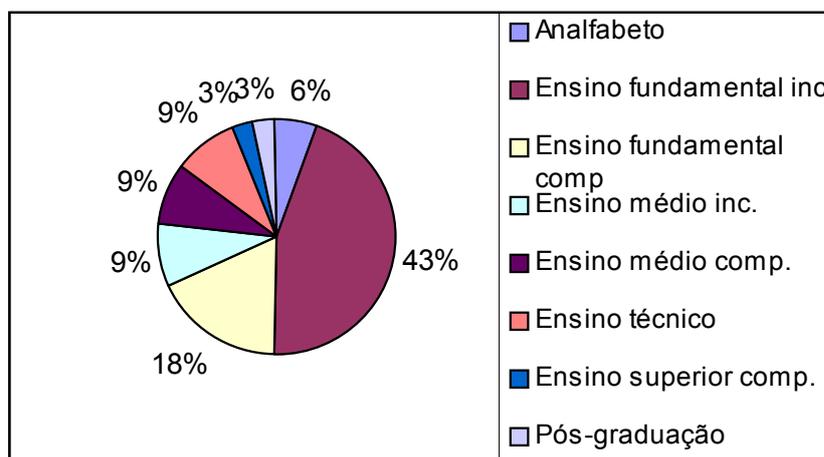
Escolaridade	Sexo				Nº de respostas	%
	Masculino	%	Feminino	%		
Ensino fundamental incompleto	3	23,5	12	57,4	15	44,4
Ensino fundamental completo	2	15,3	4	19,0	6	17,6
Ensino médio incompleto	1	7,6	2	9,5	3	8,8
Ensino médio completo	2	15,3	1	4,7	3	8,8
Ensino técnico	2	15,3	1	4,7	3	8,8
Analfabeto/ 1ª série incompleto	2	15,3	0	0	2	5,8
Ensino superior completo	1	7,6	0	0	1	2,9
Pós-graduação	0	0	1	4,7	1	2,9
Total	13	100	21	100	34	100

FONTE: Pesquisa de campo 2006.

Pode-se verificar através da tabela 8, acima, que entre os sujeitos do sexo masculino há uma distribuição mais uniforme entre os níveis de escolaridade, não se sobressaindo nenhum nível, porém, entre os sujeitos do sexo feminino há uma concentração maior de mulheres com ensino fundamental incompleto, podendo isso ser reflexo de questões culturais da época em que estas mulheres se encontravam em idade escolar, como o fato de ser mais importante preparar-se para o casamento do que estudar. Na pesquisa em análise as mulheres, em sua maioria, tornaram-se chefe de família após a aposentadoria ou a viuvez/pensão, não tendo, portanto se dedicado tanto aos estudos e à profissionalização.

A PNAD de 2006 revela que a média de tempo de estudo entre a população de chefes de família é de 6,67 e 6,55 anos de estudo, respectivamente para homens e mulheres, não havendo diferença significativa entre os sexos. Dessa forma, constata-se uma correlação entre

a categoria chefe de família e a variável, anos de estudo. Tendo-se uma média maior na amostra pesquisada do que a média brasileira, que como vimos é de 4,6 anos para essa faixa etária.



FONTE: Pesquisa de campo 2006.

Figura 4 – Escolaridade dos entrevistados da amostra

O fato de serem provedores, apesar da baixa escolaridade (43% possuem ensino fundamental incompleto), muitas vezes, é avaliado pelas famílias como algo positivo, alguém que apesar de não ter tido estudo, conseguiu vencer na vida, comprar casa e formar família. Assim, não se pode esquecer que o baixo nível de escolaridade, nesta faixa etária, é reflexo de uma época em que o estudo era pouco valorizado, elitista e diferenciado por classe social e gênero e que estes dados encontrados na amostra da pesquisa também foram encontrados nas amostras de outras pesquisas, como a da região metropolitana de Porto Alegre (ver a tabela 3, da página 71), (RS/CEI, 1997).

O nível de instrução das pessoas de 65 anos ou mais idade melhora a cada ano, fruto de um processo histórico que atravessa algumas gerações. A tendência é que este processo continue em função da maior permanência das pessoas mais novas na escola. Em 2006, no grupo de 60 anos ou mais, a proporção dessas pessoas era de 33,5% em todo o Brasil e, no Rio Grande do Sul, devido ao grande número de pessoas idosas, os percentuais de pessoas com 60 anos ou mais, com baixa escolaridade, eram de apenas 17,7% (Síntese de Indicadores Sociais, 2007).

5.3 ESTADO CIVIL

Aqui, são estudadas duas variáveis, sexo e estado civil, estabelecendo-se uma relação entre ambas, com o intuito de conhecer melhor quem são os participantes deste estudo. Conforme a tabela 09, o maior número de homens da amostra é casado e a maioria das mulheres é viúva. Ou seja, a grande maioria da amostra é composta por pessoas que ou foram ou são casadas e, como observam Herédia e Casara (2000) isto revela a importância do matrimônio na vida dessas pessoas e a forte influência católica sobre a região, aqui as autoras se referem à mesoregião nordeste do Rio Grande do Sul.

A literatura da área aponta que as mulheres vivem cerca de cinco a oito anos mais do que os homens, como foi apontado anteriormente no referencial teórico da pesquisa, e estes, quando se separam ou enviúvam, casam-se novamente com mulheres mais jovens, o que ocasiona um número maior de idosas sozinhas (DEBERT, 1999; HEREDIA, 2000). Justifica-se, portanto um percentual mais elevado de viúvas na amostra. Nos indivíduos de 60 anos ou mais, as taxas de nupcialidade legal, são de 3,3% para os homens, e de 0,8% para as mulheres, ou seja, os homens idosos casam-se mais que as mulheres da mesma faixa etária (IBGE, 2007).

Tabela 9 – Relação entre estado civil e o sexo da amostra

Estado civil	Sexo				Nº de respostas	%
	Masculino	%	Feminino	%		
Casado	12	92,4	4	19,2	16	47,4
Viúvo	0	0	12	57,1	12	35,2
Divorciado	0	0	2	9,5	2	5,8
Separado	0	0	2	9,5	2	5,8
Solteiro	0	0	1	4,7	1	2,9
União estável	1	7,6	0	0	1	2,9
Total	13	100	21	100	34	100

FONTE: Pesquisa de campo 2006.

E isto é o que se verifica nesta amostra de chefes de família com 100% dos homens em situação marital e apenas 19% das mulheres nesta situação, sendo 57% de viúvas e 19% que foram casadas e hoje se encontram separadas. Ainda segundo o IBGE (2007), apesar de nascerem mais homens no país, são as mulheres que vivem mais e, portanto, permanecem um maior tempo viúvas. A região sudeste é a que possui mais mulheres com 60 anos ou mais (57,2%) nessa situação, seguida da região Sul (55,9%), Nordeste (55,2%), Centro-Oeste (52,5%) e Norte (51,5%). Para Neri e Debert (2004) o maior número de mulheres idosas continuará prevalecendo e será tanto maior quanto mais avançada for a idade. A grande maioria são viúvas, morando na casa dos filhos, ou chefiando famílias (26,7% em 2007 segundo os Indicadores Sociais do IBGE).

A diferença entre homens e mulheres para Ortiz (2005) não está apenas na questão da mortalidade, mas na vivência com enfermidades ou deficiências que impedem que a vida seja autônoma. Com isso, o tempo de vida a mais das mulheres, muitas vezes é um tempo de dependência. O autor salienta, ainda, que a experiência de compartilhar os anos de velhice com o esposo é menos habitual para as mulheres, sendo a grande maioria de homens casados, mas a maioria de mulheres viúvas, separadas ou solteiras, como se verificou na amostra pesquisada.

5.4 NÚMERO DE FILHOS

Esta variável não está relacionada a nenhuma outra, mas pode-se examiná-la ao longo dos anos, pois está ocorrendo gradativamente um decréscimo no número de filhos que os casais vêm optando em ter, principalmente depois que as populações tornaram-se mais urbanas. Isso pode ser verificado na pirâmide etária brasileira, figura 1, p.40.

Os idosos nascidos no final das décadas de 1920 e 1930, que constituíram família nas décadas de 50/60 segundo Herédia e Casara (2000), vieram de famílias numerosas e tiveram de seis a mais filhos, o que na época estava dentro dos índices da média de filhos da população brasileira, a qual só começou a baixar os índices de natalidade a partir das últimas décadas.

Tabela 10 – Número de filhos dos idosos pesquisados

Nº FILHOS	Nº de respostas	%
6	2	5,8
4	5	14,7
3	16	47,4
2	7	20,5
1	2	5,8
0	2	5,8
Total	34	100

FONTE: pesquisa de campo 2006.

O número de filhos dos sujeitos que fizeram parte desta pesquisa variou entre (não ter) de zero, até possuir seis filhos, porém a maioria dos idosos pesquisados tem de dois a quatro filhos. A pesquisa “O idoso do Rio Grande do Sul” (RS/CEI, 1997) aponta uma média de 2,93 filhos em 1991 no estado. Os resultados da PNAD mostram a diminuição da taxa de fecundidade total para níveis abaixo dos de reposição, 2,0 filhos por mulher. “Essa queda iniciou-se na segunda metade dos anos 1960 e desde os anos 1970 está implicando uma desaceleração do ritmo de crescimento da população brasileira” (PNAD, 2006, p.24). O Rio Grande do Sul apresentou os índices mais baixos em 2007, tendo apenas 1,6 filhos por mulher, ou seja, bem abaixo do nível de reposição (IBGE, 2008).

Esta tendência à diminuição da fecundidade pode ser entendida pela introdução e acesso ao planejamento familiar, bem como, pela migração das famílias para centros urbanos, deixando de serem famílias camponesas e pode ser relacionada também com a entrada da mulher no mercado de trabalho. É uma tendência que aparece também nesta amostra de chefes de família, como se pode observar na tabela 10.

5.5 TIPO DE RESIDÊNCIA

Assim, como em outras pesquisas da área do envelhecimento trabalhou-se com o tipo de moradia em que as famílias residem. Verificou-se se são próprias ou alugadas, como uma

forma de identificar outros elementos, além da renda, que podem contribuir para a organização familiar e as novas configurações.

Quando se observa o tipo de residência, se percebe que a realidade do idoso é mantida em melhores condições que a da população mais jovem, pois se pode verificar que a grande maioria possui casa própria (97,1%). Isso remete à tabela 18, que mostra com quem moram os idosos, percebendo-se como outros parentes se agregam ao domicílio. Este fato também foi confirmado na pesquisa “O idoso do Rio Grande do Sul” (1997), onde a maioria dos idosos possuía moradia e terrenos próprios (81,9%). As famílias que possuem idosos apresentam uma estrutura bastante diferenciada das demais, são menores e apresentam mais mulheres na condição de chefe da família, além de apresentarem uma renda média maior segundo Camarano (1999).

No Brasil, segundo dados do IBGE, a análise dos arranjos familiares onde os idosos estão inseridos permite verificar que, na sua maioria, a convivência com familiares prevalece. É importante observar que os idosos ocupam significativamente a posição de chefia nestes arranjos. O tipo mais comum encontrado foi aquele no qual o idoso mora com seus filhos, 44.5%, em sua casa própria, isto no conjunto do país. Quando se toma as regiões Norte e Nordeste, como referência, se destaca os percentuais de 54,5% e 51,6%, o que pode ser resultado de necessidades socioeconômicas e, também, de características culturais locais (IBGE, 2007).

Tabela 11 - Tipo de residência em que vivem os idosos pesquisados

TIPO DE RESIDÊNCIA	Nº de Residências	%
Própria	33	97,1
De familiares	1	2,9
Total	34	100

FONTE: pesquisa de campo 2006.

Nesta pesquisa apenas um idoso residia no apartamento do filho, todos os outros sujeitos, eram os filhos ou familiares que residiam na casa do idoso. As estimativas com relação à População em Idade Ativa (PIA), de 15 anos e mais, são de que a participação do grupo jovem (de 15 a 29 anos) declinará substancialmente, e de forma mais acentuada a partir de 2010, enquanto a participação da PIA adulta (de 30 a 44 anos) se manterá aproximadamente estável até 2030 e a PIA madura (de 45 a 59 anos) e idosa (de 60 anos e

mais) deverá ser a que experimentará um aumento mais expressivo na sua participação (IBGE, 2007).

A proporção de idosos que são responsáveis pela família e dividem a moradia com filhos, netos ou bisnetos aumentou 60,8% entre 1991 e 2000. A pesquisa refere-se a 2002, mas o estudo específico sobre os idosos foi baseado nos Censos de 1991 e 2000. Em 1991, encaixavam-se nesse perfil 688 mil pessoas com 65 anos ou mais de idade, número que subiu para 1,1 milhão em 2000. No caso das mulheres nessa condição, responsáveis pela família e dividindo a casa com filhos, netos ou bisnetos, o crescimento foi de 57,9% no período (IBGE, 2002).

5.6 FONTES DE RENDA

Aposentadorias e pensões, no ano de 2006, segundo a PNAD, beneficiaram um grande número de pessoas idosas. No grupo de 60 anos ou mais, o percentual de beneficiados era de 76,6% aumentando para 84,6% quando se refere ao conjunto dos idosos de 65 anos ou mais. O Sul é a região com maior cobertura previdenciária, superando a média nacional, com 88,9% (IBGE, 2007).

Em relação à atividade atual e às fontes de renda atual, verificou-se que os idosos vêm se mantendo, com mais recursos que a população mais jovem até 30 anos de idade. Através das respostas dos entrevistados percebeu-se que 59% da amostra desta pesquisa são aposentados e 57,3 % dizem que vivem somente da aposentadoria, 22,4% declaram viver de pensão e ainda 14,2 % apontam os aluguéis como forma de se manter, como se pode verificar na tabela 12.

Tabela 12 – Fontes de renda atual dos idosos entrevistados

FONTES DE RENDA ATUAL	Frequência	%
Aposentadoria	28	57,3
Pensão	11	22,4
Aluguéis	7	14,2
Outros	3	6,1
Total	49	100

FONTE: pesquisa de campo 2006.

Observa-se também, através da tabela acima, que 15 pessoas apontam mais de uma fonte de renda para se manter, é o caso, por exemplo, das viúvas que possuem pensão e também são aposentadas. Apenas um pesquisado exerce atividade extra-lar, percebendo-se que o voluntariado ainda não é uma prática comum entre os idosos, diferentemente do que ocorre em países europeus onde essa atividade é desenvolvida na sua maioria por idosos. Aqui, se percebe as diferenças dos contextos sociais e culturais que envolvem esses dois continentes.

A oposição nas representações repousa sobre o fato de que, com os aposentados, estamos diante de uma população excluída do mundo do trabalho comercial, mas que conserva seu potencial produtivo numa sociedade onde o racionalismo valoriza os que participam ativamente da atividade econômica e põe de lado os demais (PITAUD, 2006, p. 279).

A participação ativa do idoso na sociedade e sua permanência no mercado de trabalho ajudam a minimizar a discriminação e a conseqüente marginalização e isolamento aos quais, muitas vezes os idosos são submetidos. No Brasil, havia cerca de 5,9 milhões de ocupados com 60 anos ou mais, correspondendo a 30,9% (com 65 anos ou mais, 23,9%). O segmento de 70 anos ou mais apresentava um percentual significativo de ocupados, 18,4% da PEA no Brasil. No Sul estes trabalhadores de 70 anos ou mais chegavam a 25,1% da PEA (IBGE, 2007).

5.7 PESSOAS QUE DEPENDEM DA RENDA DO IDOSO

No Brasil e no Rio Grande do Sul a aposentadoria cada vez mais tem se tornado a única fonte de renda de milhares de famílias. Ana Amélia Camarano, pesquisadora do IPEA vem chamando atenção para este fato, desde 1999, e o IBGE (2007) constata que aumentou para 53% o percentual de idosos responsáveis pelas famílias brasileiras e de acordo com o estudo, essa situação é ainda mais expressiva no Nordeste, onde os idosos são responsáveis por mais da metade da despesa familiar em 63,5% dos domicílios.

Para Camarano e Pasinato (2007) uma das grandes mudanças em nossa sociedade visualizadas a partir da PNAD de 2006 é o aumento dos domicílios chefiados por mulheres. Elas constatam que nos últimos dez anos houve um aumento expressivo de chefia feminina em famílias formadas por casais, tendo subido de 4,2% em 1992 para 18,6% em 2006, assim

como a contribuição das mulheres cônjuges para a renda domiciliar passou para 64,5% em 2006.

Tabela 13 –Pessoas dependentes da renda dos idosos pesquisados

QUANTAS PESSOAS DEPENDEM DA SUA RENDA	Nº de respostas	%
6	1	2,9
5	4	11,7
4	4	11,7
3	12	35,4
2	11	32,3
1	2	5,8
Total	34	100

FONTE: Pesquisa de campo 2006.

Dentre os sujeitos pesquisados, a maioria possui duas ou três pessoas que dependem da sua renda (32,4 e 35,3%, respectivamente). Aqui se percebe a importância do sistema previdenciário, possibilitando que estas pessoas, após uma jornada longa de trabalho e contribuição, possam se aposentar e usufruir desse benefício e, no caso das mulheres, também de pensão, além de contribuírem com a manutenção de milhares de famílias, como apontam Camarano e Pasinato (2002).

Tabela 14 – Quem depende da renda do idoso?

QUEM DEPENDE DA SUA RENDA	Nº de respostas	%
Idoso e filho (s)	16	35,8
Idoso e outros parentes	13	28,8
Idoso, cônjuge e filho (s)	10	22,2
Idoso e cônjuge	4	8,8
Somente o idoso	2	4,4
Total	45	100

FONTE: Pesquisa de campo 2006.

Dentre as pessoas que dependem da renda do idoso 35,8% são filhos, 22,2% cônjuge e filhos e 28,8% são outros parentes, como se pode perceber na tabela 14, acima. Verifica-se dessa forma a importância da renda do idoso para as famílias pesquisadas e o perigo da diminuição do benefício recebido através da Previdência Social.

Camarano (1999, 2002) levanta a hipótese dos idosos estarem em melhores condições econômicas que os jovens com menos de 30 anos por receberem o benefício da aposentadoria e da pensão e pelo fato dos jovens estarem cada vez conseguindo se incluir mais tardiamente no mercado de trabalho. Observa ainda que os idosos são responsáveis por 69% das rendas das famílias brasileiras quando ele é o chefe. E que em 2007, de acordo com os dados da PNAD, 45% dos idosos viviam com seus filhos na condição de chefe de domicílio, sendo que nas Regiões Norte e Nordeste os percentuais chegaram a 50%. Ou seja, este é um fenômeno que vem aumentando em proporção com o passar dos anos.

Para Grossi e Mozara (2003) o fato do idoso possuir casa própria acaba fazendo com que seus familiares venham morar com eles e aí pode se iniciar o processo de maus tratos contra os idosos. Inclusive uma forma de maus tratos sugerida pelas autoras é a expropriação da renda do idoso por seus familiares. Surge então uma questão importante, se os idosos pesquisados estão tendo que sustentar seus núcleos familiares, será que a sua renda está sendo suficiente para suprir as suas necessidades?

5.8 RENDA E SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES

Se, como o IBGE (2006) aponta, o idoso está sendo responsável em mais de 50% das famílias pelo sustento da mesma, e neste estudo isto se dá através, quase que exclusivamente, dos recursos de aposentadorias e pensões, 79,5%, sendo famílias de até seis (6) pessoas, cabe perguntar como esses recursos estão sendo distribuídos e se conseguem suprir a necessidade deste idoso e de seus familiares.

Tabela 15 – Possui dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades

OPÇÕES	Nº de respostas	%
Sim	17	50,1
Não	11	32,3
Outro	6	17,6
Total	34	100

FONTE: Pesquisa de campo 2006.

Quanto a possuir dinheiro para satisfazer suas necessidades, metade dos idosos diz que possuem dinheiro suficiente, entretanto 32,3% dizem que não possuem e estes afirmam que falta dinheiro para cuidados importantes como com sua saúde, moradia e alimentação. Ou seja, muitas das necessidades básicas⁶ que todas as pessoas deveriam ter supridas, os sujeitos participantes desta pesquisa, mesmo nesta faixa etária, sendo provedores de suas famílias não conseguem ter. Até, por terem que dividir como vimos anteriormente, sua renda com até mais cinco pessoas além dele.

Sendo assim, é importante ressaltar como faz Bernardes (2007) que o Estado brasileiro se omite muitas vezes na sua responsabilidade de proteção ao idoso e transfere suas responsabilidades, como quando incentiva as iniciativas de previdência e medicina privadas.

5.9 NECESSIDADES NÃO ATENDIDAS POR FALTA DE DINHEIRO

Cabe verificar quais as necessidades que, segundo os idosos dizem, não possuem renda suficiente para fazer frente às mesmas, ou seja, que não estão sendo supridas. E portanto, questionou-se junto aos idosos, para que (quais eram as coisas que não conseguia fazer ou comprar) estava faltando dinheiro.

⁶ Ver Pereira(2002). A autora trabalha com o conceito de necessidades humanas básicas, como um contraponto a noção liberal de mínimos sociais.

Tabela 16 – Para que falta dinheiro?

NECESSIDADES	Nº de respostas	%
Saúde	6	24
Medicamentos	5	20
Lazer	4	16
Moradia	4	16
Alimentação	3	12
Outro	2	8
Vestuário	1	4
Total	25	100

FONTE: Pesquisa de campo 2006.

Pode-se constatar através da tabela 16 que a falta de dinheiro que estes idosos sentem, não é para o “supérfluo”, mas sim, para necessidades básicas, como saúde (24%), moradia e lazer (16% cada) e o pior para alimentação (12%), o que leva a refletir o peso que acarretará sobre suas vidas o fato de serem os provedores do seu núcleo familiar. Se somar a categoria saúde os outros 20% que dizem sentir a falta de recursos para comprar medicamentos, tem-se 44% dos sujeitos que não estão conseguindo cuidar adequadamente de sua saúde. Este fato suscita questionamentos sobre como fica a qualidade de vida desses idosos. Mostra a desigualdade⁷ que existe em nosso país e o problema que é para estes idosos ter a carga de sustentar ainda seus familiares. Este fato ressalta o que aponta Kreling (2002), o risco que é o fato de quererem diminuir o benefício da aposentadoria, que muitas vezes é a única fonte de renda de 12 milhões de famílias brasileiras.

Bulla e Kaefer (2003) chamam atenção para o fato de o idoso muitas vezes ter de se reinserir no mercado de trabalho após a aposentadoria por não estar conseguindo garantir uma boa qualidade de vida para si e para sua família. Estes dados aparecem nos indicadores sociais de 2007 como se comentou em relação aos idosos com mais de 70 anos, que ainda estão inseridos na PEA e que aqui no Rio Grande do Sul representam mais de 25%.

Percebe-se através destes dados, que o idoso provedor tem um ônus bastante pesado a

⁷ Ver Gentili (2008). O autor é um educador que faz com uma crítica ao neoliberalismo e defende a educação como meio para diminuição das desigualdades sociais.

carregar e no caso da pesquisa em estudo está se privando de bens materiais e produtos de primeira necessidade como medicamentos (que poderiam inclusive prolongar a sua vida) para manter seus familiares. Ainda é importante observar se nestes núcleos a renda não é expropriada do idoso, mas se é ele quem decide o que fazer com ela e como distribuí-la entre seus familiares. E como será que a família reconhece o esforço feito pelo idoso? Será que há valorização deste provedor por parte dos familiares? Esta é a questão central deste estudo, entender como se dão as relações familiares e como os núcleos estão se organizando em função desta nova realidade que é de um idoso provedor, da chefia da família não estar mais entre os jovens adultos, mas sim entre os pais idosos ou avós de ambos os sexos, não sendo mais apenas uma função masculina. Se existem diferenças significativas nos papéis dos idosos junto às famílias conforme o gênero, sendo as tarefas domésticas exercidas por homens e por mulheres ou, tarefas que estão sendo divididas entre os sexos influenciadas pela categoria gênero. E a importância da Previdência Social (aqui definida como aposentadoria e pensão) que é quem está colocando este idoso neste lugar de destaque na família e na sociedade brasileira.

6 RECONHECENDO O IDOSO DENTRO DO CONTEXTO FAMILIAR

Dentro da perspectiva de verificar como estão se dando as relações familiares e se o idoso está sendo reconhecido no seu núcleo como o provedor, foram criados dois quadros divididos por gênero, homens e mulheres. Esses servem para apresentar os idosos que fazem parte deste estudo com seus respectivos familiares e poder conhecer um pouco da realidade e dos arranjos familiares dos entrevistados. Para que o leitor tenha uma idéia de quem são as pessoas de quem se está falando, foram trazidas algumas categorias de análise como idade, renda, fonte de renda, estado civil, que são estudadas ao longo dessa discussão.

6.1 HOMENS PARTICIPANTES DA AMOSTRA E SEUS FAMILIARES

Quadro 1 – Homens idosos e seus familiares

Nº	SUJEITOS	
1	Idoso 1	Familiar 1
	Homem aposentado, com 77 anos, vive com esposa e filho, sustenta esposa e ajuda filho, renda própria de 1 salário, renda familiar de 2 salários.	Filho, 41 anos, solteiro, publicitário, superior completo. Renda de R\$ 1.000.
2	Idoso 6	Familiar 6
	Homem aposentado, com 64 anos, vive com esposa e filho, sustenta esposa e ajuda o filho, renda mensal de R\$ 2.500, renda familiar de R\$ 4.000.	Filho, 21 anos, solteiro, trabalha na prefeitura, cursando ensino superior. Renda de R\$ 1.400.
3	Idoso 9	Familiar 9
	Homem aposentado, com 63 anos, vive com companheira, sustenta uma filha, renda de R\$ 2.700,00.	Cônjuge (união estável), 51 anos, professora, aposentadoria privada, superior completo. Renda de R\$ 2.100.
4	Idoso 11	Familiar 11
	Homem aposentado, com 63 anos, vive com esposa, filha e netos, sustenta esposa, filha e netos, renda de R\$ 600,00, renda familiar de R\$ 1.000.	Filha, 24 anos, solteira, operadora de caixa, ensino médio completo. R\$ 430,00.
5	Idoso 20	Familiar 20

	Homem aposentado, com 68 anos, vive com esposa, filha e neta, sustenta a esposa, a filha e neta, renda de cerca de 2 mil reais (em torno de 7 salários).	Filha, 30 anos, solteira, auxiliar administrativo, superior completo. R\$ 1.000.
	Idoso 24	Familiar 24
6	Homem aposentado, com 67 anos, vive com esposa e filha, sustenta as duas. Possui renda de R\$ 1.700.	Filha, 31 anos, solteira, atendente em serviço de cópia, cursando ensino superior. Renda de R\$ 450,00.
	Idoso 25	Familiar 25
7	Homem aposentado, com 73 anos vive com esposa e filho, sustenta esposa, renda de cerca de R\$ 350 e renda familiar em torno de R\$ 1.000.	Filho, 40 anos, solteiro, aposentado por invalidez (alcoolismo), fundamental incompleto. Renda de R\$ 498,00.
	Idoso 28	Familiar 28
8	Homem aposentado, com 65 anos, vive com esposa e filhas, ajuda esposa e sustenta uma filha, renda mensal de R\$ 850,00, renda familiar de R\$ 2.200.	Filha, 31 anos, solteira, cursando Psicologia, não trabalha. Não tem renda.
	Idoso	
9	Homem, 71 anos, retirado da amostra por não ser o provedor.	
	Idoso 29	Familiar 29
10	Homem aposentado, com 72 anos, vive com esposa e dois filhos, sustenta todos, renda mensal de R\$ 2.300,00 e renda familiar de R\$ 2.600.	Filho, 12 anos, solteiro, estudante. Não tem renda.
	Idoso 31	Familiar 31
11	Homem aposentado, com 67 anos, vive com esposa, filha e neta, sustenta esposa e neta, renda mensal de 2 salários, renda familiar de 3 salários.	Neta, 12 anos, solteira, estudante. Não tem renda.
	Idoso 32	Familiar 32
12	Homem aposentado, com 62 anos, vive com a esposa, ajuda uma filha, renda mensal de R\$ 1.800 e renda familiar de aproximadamente R\$ 3.500.	Cônjuge, 58 anos, professora aposentada, pós-graduada. Renda de cerca de R\$ 1.800.
	Idoso 33	Familiar 33
13	Homem aposentado, com 77 anos, vive esposa, ajuda filhos e netos e sustenta esposa, renda mensal de R\$ 2.300 e renda familiar de R\$ 2.700.	Cônjuge, 74 anos, ensino fundamental incompleto, aposentada. Renda de 1 salário.
	Idoso 34	Familiar 34
14	Homem aposentado, com 69 anos, vive com esposa, filha, genro e dois netos, sustenta a esposa, renda mensal de cerca de 1 salário e meio, renda familiar de cerca de 3 salários.	Filha, 40 anos, casada, professora, ensino superior completo. Renda de cerca de 1.500.

FONTE: Pesquisa de campo 2006.

Após entrar em contato com os 38 idosos que preenchiam os critérios para fazerem parte da amostra restou um total de quatorze (14) homens com idades que variam de 62 a 77 anos, todos aposentados, sendo os provedores da família. Quase todos são casados vivendo

com mulher e filhos, ou ainda netos e genro. Apenas um possui uma companheira. O idoso de nº 9 foi retirado da amostra, pois não era o provedor da família, não se enquadrando, dessa forma, nos critérios pré-estabelecidos, totalizando então treze (13) sujeitos do sexo masculino na amostra.

6.2 MULHERES PARTICIPANTES DA AMOSTRA E SEUS FAMILIARES

Quadro 2 – Mulheres idosas e seus familiares

Nº	SUJEITO	
1	Idosa 2	Familiar 2
	Mulher pensionista, com 71 anos, vive com um filho e sustenta-o, renda de cerca de R\$ 780,00.	Filho, 45 anos, solteiro, cursando fisioterapia, não trabalha. Não tem renda.
2	Idosa 3	Familiar 3
	Mulher aposentada, com 64 anos, vive com filhos, neta e companheiro, sustenta filha, neta e companheiro, renda mensal de pouco mais de 1 salário, e renda familiar de 4 salários.	Filho, 45 anos, solteiro, aposentado por invalidez, ensino fundamental incompleto. Renda de 1 salário.
3	Idosa 4	Familiar 4
	Mulher aposentada, com 65 anos, vive com o marido, dois filhos e a mãe, divide renda com o marido, e sustenta filhos e a mãe, renda mensal de 2 salários, renda familiar de 5 salários.	Filho, 23 anos, solteiro, mecânico, cursa faculdade, com renda de R\$ 900,00 paga seus estudos.
4	Idosa 5	Familiar 5
	Mulher aposentada, com 64 anos, vive com marido e uma filha, divide renda com o marido e sustenta filha, renda mensal de 1 salário, renda familiar de 2 salários e meio.	Cônjuge, 57 anos, aposentado. Renda de 1 salário e meio.
5	Idosa 7	Familiar 7
	Mulher pensionista, com 69 anos, vive com duas filhas e duas netas, sustenta as filhas e netas, renda mensal de R\$ 1.500,00, renda familiar de R\$ 2.100,00.	Filha, 44 anos, separada, ensino superior incompleto, dona de casa. Renda em torno de R\$ 300.
6	Idosa 8	Familiar 8
	Mulher aposentada, com 63 anos, vive com companheiro e filho, sustenta companheiro e filho, renda de 1 salário + aluguel de 200 reais de uma peça da casa, renda familiar em torno de R\$ 1.000,00	Filho, 38 anos, solteiro, deficiente auditivo. Renda de 1 salário.
7	Idosa 10	Familiar 10

	Mulher pensionista e aposentada, com 62 anos, vive com um filho, sustenta este filho, renda de R\$ 800,00.	Filho, 35 anos, solteiro, contador, superior completo. R\$ 5.000. Este filho mora em Curitiba (não é o sustentado pela idosa).
8	Idosa 12	Familiar 12
	Mulher aposentada e pensionista, com 67 anos, vive com dois filhos, sustenta um filho e recebe ajuda de uma filha, renda de 2 salários e meio, renda familiar em torno de 5 salários.	Filha, 49 anos, casada, aposentada, fundamental completo. Renda de 870,00.
9	Idosa 13	Familiar 13
	Mulher pensionista e aposentada, com 86 anos, mora sozinha, sustenta a si e ajuda os netos e às vezes um filho, renda de R\$ 1.100.	Sobrinha (criada na casa da idosa), 36 anos, solteira, professora universitária, pós-graduada. R\$ 4.000.
10	Idosa 14	Familiar 14
	Mulher pensionista, com 71 anos, vive com filha, neta e irmão, ajuda a filha e o irmão, renda mensal de 3 salários.	Filha, 47 anos, casada, dona de casa, ensino médio completo. Renda de 1.500. Não mora com a idosa.
11	Idosa 15	Familiar 15
	Mulher pensionista, com 65 anos, vive com uma filha, sustenta a filha, renda de cerca de R\$ 1.500,00.	Filha, 23 anos, solteira, professora em escola particular, superior completo (formanda). Renda R\$ 200.
12	Idosa 16	Familiar 16
	Mulher pensionista e aposentada, com 67 anos, vive com a filha, genro e dois netos, sustenta todos, renda de 2 salários.	Filha, 34 anos, casada, doméstica, fundamental. completo. R\$ 400,00.
13	Idosa	Mulher, 74 anos, retirada da amostra por não ser a provedora, ela é quem recebe ajuda financeira da filha.
14	Idosa	Mulher, 71 anos, retirada da amostra por que o familiar recusou-se a participar da pesquisa.
15	Idosa 17	Familiar 17
	Mulher pensionista, com 67 anos, vive com dois filhos, sustenta um e recebe ajuda do outro, renda mensal de 1 salário e renda familiar de R\$ 1.500.	Filho, 40 anos, solteiro, estilista de moda, ensino médio completo. R\$ 1.200.
16	Idosa 18	Familiar 18
	Mulher aposentada, com 62 anos, vive com filha e neto e sustenta-os, renda mensal de R\$ 850, renda familiar de R\$ 1.450.	Filha, 36 anos, solteira, professora voluntária no Lar da Menina, superior completo. Renda de R\$ 600, mas só fica com R\$ 300.
17	Idosa 19	Familiar 19

	Mulher aposentada, com 71 anos, mora sozinha, tendo na casa ao lado uma sobrinha casada com dois sobrinhos que ajuda, renda de R\$ 1.800.	Sobrinha-neta, 20 anos, solteira, cursando Nutrição, não trabalha. Não tem renda.
18	Idosa 21	Familiar 21
	Mulher pensionista e aposentada, com 75 anos, vive com quatro filhos e um neto, sustenta a casa, recebendo ajuda de alguns filhos, sustenta totalmente um deles e o neto, renda de R\$ 710.	Filho, 49 anos, solteiro, juiz de futebol – biscoite, fundamental completo. Renda de + ou – R\$ 500,00.
19	Idosa 22	Familiar 22
	Mulher pensionista, com 78 anos, vive com uma filha, com quem reparte sua renda, renda mensal de cerca de 2 salários e renda familiar de cerca de 5 salários.	Filha, 43 anos, solteira, aposentada por invalidez (problemas psiquiátricos), ensino médio completo. Renda de cerca de 3 salários.
20	Idosa 23	Familiar 23
	Mulher aposentada, com 67 anos, vive com o marido e um filho no apartamento do filho, reparte a renda com o marido, renda mensal de cerca de R\$ 580, renda familiar de R\$ 2.000.	Filho, 44 anos, separado, consultor de sistemas, pós-graduado. Renda de R\$ 4.000.
21	Idosa 26	Familiar 26
	Mulher aposentada, com 66 anos, vive sozinha, sustenta somente a si, ajuda a neta, renda de 1 salário e meio.	Neta, 18 anos, solteira, estudante pré-vestibular, ensino médio completo. Não tem renda.
22	Idosa 27	Familiar 27
	Mulher aposentada, com 71 anos, vive com o marido, ajuda filha e neto, renda mensal de 1 salário e renda familiar de 2 salários e meio.	Neto, 25 anos, solteiro, cursando mestrado, bolsista CAPES. R\$ 850,00.
23	Idosa 30	Familiar 30
	Mulher pensionista e aposentada, com 77 anos, vive com uma irmã, sustenta a irmã, renda mensal de cerca de 2 salários, renda familiar de 3 salários.	Irmã, 73 anos, solteira, analfabeta (tem retardo), aposentada por invalidez (psiquiátrico). Renda de 1 salário.
24	Idosa	Mulher, 67 anos, retirada da amostra por não ter tempo para realizar a entrevista.

FONTE: Pesquisa de campo 2006.

No total da amostra feminina, foram contabilizadas 24 idosas que, pela pesquisa inicial, corresponderam ao perfil proposto para fazer parte deste estudo. Porém três idosas tiveram que ser retiradas da amostra, a idosa de nº 13 por não ser a provedora da família, a idosa de nº 14 por seus familiares não concordarem em participar e, a idosa de nº 24 por não possuir tempo para realizar a entrevista. Entre as idosas que fizeram parte da amostra, encontram-se 21 mulheres com idades entre 62 e 86 anos, que são viúvas e sustentam filhos e netos com

aposentadoria e pensão ou ainda são casadas e dividem sua renda de aposentadoria com marido e filhos, como se pode constatar no quadro 02.

A Síntese de Indicadores Sociais 2007, divulgada pelo IBGE revela que o número de mulheres chefes de família cresceu 79% entre 1996 e 2006, passando de 10,3 milhões para 18,5 milhões nesse período. O número de homens chefes de família aumentou 25% nesses dez anos. Dessa forma, o percentual maior de mulheres nessa condição não prejudica o estudo, apenas marca esta diferença.

No total de arranjos domiciliares brasileiros, a proporção de famílias chefiadas por mulheres cresceu de 16,9% em 1985 para 20,7% em 2006, sendo que em Porto Alegre se encontram 27,8% de mulheres nesta condição (IBGE, 2007). A proporção de mulheres morando sozinhas é mais elevada que a de homens, porém esta diferença vem diminuindo ao longo do tempo (CAMARANO e PASINATO, 2007). Neste estudo se encontrou apenas duas mulheres nesta condição, ou seja, 6% da amostra.

6.3 COMO O IDOSO PERCEBE O RECONHECIMENTO DE SEUS FAMILIARES

Através das entrevistas dos idosos pôde-se notar que estes se reconhecem no papel de provedores da família. Eles percebem que sua função dentro do núcleo familiar é muito importante e que sua ajuda é fundamental para a sustentabilidade da família e isso lhes pesa, causa preocupação, porém também faz com que se sintam importantes, fundamentais até para o equilíbrio de seus núcleos familiares, o que reforça sua auto-estima.

Eu ainda ajudo eles, sou o cabeça...tem partes boas e as partes que não são tão boas assim, por exemplo, meu rapaz que está desempregado, gera preocupação (Idoso 11).

Eu tenho o mais novo com 32 anos e está separado da mulher. Tem 2 netos, daí a gente tem que pagar pensão (eu ajudo) e a gente se preocupa (Idosa 12).

Preocupação de dar proteção, auxiliar. Não importa se está casada ou não, é sempre teu nenê. Nós pagávamos o mestrado dela em Camboriú e agora o cursinho. Nós que ajudamos (filha mais nova), (Idoso 32).

Pôde-se constatar principalmente naqueles que além de provedores são cuidadores de netos, filhos, irmãos e até de mães o quanto isto lhes custa em termos de dedicação, abnegação de coisas que gostariam de estar realizando e preocupação em relação a seus dependentes e sua condição de idoso.

Com a filha tenho bastante conflito, pois não concordo com o namoro dela, tem transtorno bipolar do humor, gasta todo dinheiro logo. Ela não trabalha. Me ajuda muito pouco. Além do problema dela, é muito prevalecida, pois faço todo serviço. Às vezes lava a louça, cozinha, mas não tem gosto e vontade para isso. Quem a sustenta sou eu (Idosa 18).

Alguns se sentem tolhidos em sua autonomia por serem cuidadores e terem outras pessoas que dependem deles e, desta forma, não poderem realizar tudo o que gostariam de fazer e que agora teriam tempo para fazer, em função de já estarem aposentados, porém, como são os provedores e muitas vezes também os cuidadores, não podem realizar. Velásquez (2005) faz referência ao estresse que às vezes as mulheres cuidadoras sofrem pelo excesso de atividades na terceira idade, mesmo após a aposentadoria.

Eu me sinto presa, amarrada por causa da mãe. Eu não quero morrer, quero aproveitar a vida bastante ainda, a vida é tão bela, as pessoas é que estão viradas. Agora estou ficando fraca e quase não saio. Os filhos e o marido não querem, então eu acabo não saindo quase. Eu gostaria de ir junto com a terceira idade para as águas termais, praia, mas não posso. Meu marido não se interessa mais (Idosa 04).

Tenho vontade de realizar alguma coisa, mas me sinto presa aqui em casa. Queria fazer curso de alemão que preciso para o Grupo 25 de julho (Idosa 07).

As falas dos idosos e das idosas demonstram o peso que o fato de ainda exercer a função de “chefe de família” representa para eles e, a responsabilidade que estes sentem por cuidar e sustentar os seus. Aqui “seus” refere-se não apenas a filhos/as, mas também a netos/as, sobrinhos/as, irmãos/ãs. Pelo fato da longevidade ser uma realidade, encontraram-se também mães entre os familiares, ou seja, idosos cuidando de idosos, fato que começa a ser mais comum em nossa sociedade.

O prolongamento da vida segundo Triadó e Olivares (2005) faz com que as famílias aumentem e convivam entre diferentes gerações, fomentando relações de reciprocidade entre seus membros. A solidariedade familiar que existe entre pais e filhos é muito importante segundo Moragas (1995), pois fará com que os membros se apoiem mutuamente em situações de dificuldade, inclusive financeira. O Estado possui interesse em que esta relação se mantenha e se fortaleça, pois a solidariedade econômica acaba não só mantendo os idosos independentes, mas também auxiliando os filhos desempregados, ou netos, etc. Fenômeno que se percebe nas famílias em estudo, os idosos em melhor situação econômica graças aos rendimentos de aposentadoria e pensões, sustentando ou auxiliando filhos, netos e outros parentes.

Meus familiares ajudam dando atenção, me dão muita atenção. Eles cozinham para eu não ter que fazer para mim. Eu colaboro com eles (pagando). As crianças (sobrinhos) são muito legais comigo. Me oferecem carona para ir ao centro, são atenciosas (Idosa 19).

Os filhos dificilmente ajudam porque não podem, mas com gestos um ajuda o outro. Somos família humilde, mas unida. Quando estou ruim, o filho faz o serviço, cuida de mim (Idosa 08).

Constatou-se que a maioria das falas aponta para uma satisfação em relação a seus familiares e, por viverem em família, muitos trazem o sentimento de reciprocidade de estar recebendo atenção por parte dos familiares, carinho e ajuda em troca de auxílio financeiro, como se houvesse uma compensação pela dedicação. Esse sentimento de solidariedade familiar é apontado por Moragas (1995) como um importante instrumento não só para manutenção afetiva, social e psicológica, mas econômica entre familiares.

6.4 COMO O FAMILIAR RECONHECE O IDOSO NO PAPEL DE PROVIDOR

Pode-se dizer que a sociedade se encontra em um período de mudanças. Apesar disso, não seria exagero afirmar que se convive com dois tipos polarizados de representação sobre o ser idoso: de um lado há representações que o valorizam (onde são destacados o respeito, a sabedoria, etc.) e de outro, as que o desvalorizam (decadência, passadismo, etc.). As primeiras expressam uma visão tradicional, quase caricatural, e apontam para um ideal de respeito ao idoso. As segundas, não menos caricatas, de sabor mais contemporâneo, apontam para novas concepções, que trazem embutidas uma ideologia positiva do novo e da modernidade (CONCONE, 2007).

Percebe-se que a maioria dos entrevistados faz referência a ter uma boa relação com o idoso, de carinho, de respeito e amizade. Muitos citam a ajuda financeira do idoso quando falam em sua relação reconhecendo-o no papel de provedor da família como podemos verificar nas falas a seguir:

Ela sempre foi à sustentação da família, tanto da mãe, quanto da tia, também, financeiramente. A relação com ela é ótima, sempre me ajudou quando eu cursava faculdade. Ajudou os três (3) netos a cursar faculdade, até se formarem. Ela está sempre disposta a ajudar (Familiar 27).

Sempre foi um pai bom, nunca deixou faltar nada, sempre tentou dar o melhor para nós. Discussões não têm mais, só às vezes. Acho que, enquanto eu tiver morando com eles, eles têm autoridade. Nos ensinaram ter respeito com os mais velhos e por isso não vamos faltar com respeito (Familiar 11).

Através das falas dos familiares e das histórias contadas no TAT percebe-se que o respeito do espaço do idoso, e de sua vontade está ligado ao fato de ele ser o chefe da família, o provedor. Isto faz pensar que esta categoria está influenciando fortemente as relações familiares, a ponto de modificar o lugar que o idoso vinha ocupando e a forma como era visto em outros tempos, em outras sociedades. Pode haver mudanças nos estereótipos ligados à velhice que segundo Santos e Vaz (1997) são muito marcados por aspectos negativos, e assim, possibilitar a construção de uma nova imagem social (MAGALHÃES, 1989). O papel de provedor do idoso e o respeito a este fica claro nas seguintes afirmações:

Adoro minha mãe, ela é tudo para mim. Minha mãe é aposentada, eu faço essas coisas de mercado, eu ajudo ela. Diálogo não temos muito. Eu respeito à vida dela e ela respeita a minha. Temos uma convivência bacana. Eu respeito o namorado dela, fico no meu quarto vendo TV e ela fica com ele, namorando. Como eu moro na casa dela, tento respeitar o espaço físico. Como eu estou crescendo ela me respeita também, às vezes fala que eu saio muito, mas tudo bem (Familiar 17).

Às vezes ele ajuda no tema, mas não converso tanto com ele. Ele xinga às vezes, poucas vezes, quando pego as ferramentas. Eu respeito ele (Familiar 29).

Lopes, Arantes e Lopes (2007) chamam atenção para o fato de que a humanidade criou mitos sobre o envelhecimento. Os autores acreditam que isto possa se dever ao fato da falta de convivência com pessoas acima dos 60 anos ou pelo medo de ficar velho; e que a falta de interação entre as gerações, pode gerar intolerância de ambos os lados e reforçar esses mitos.

Neste estudo, alguns familiares fazem referência às pequenas discussões com o idoso, como coisas do dia-a-dia, que parecem estar relacionadas a hábitos e diferenças entre gerações como explicam uma neta e uma filha nas seguintes falas:

Claro que sempre tem os desentendimentos porque em certos casos, ela tem uma mentalidade e eu outra, e às vezes ocorre um desentendimento (volume alto, chegar tarde em casa, coisas que os jovens gostam de fazer e os idosos não estão acostumados), mas nada que uma boa conversa não resolva (Familiar 26).

Acho que deveria ter mais tempo para estar com ela, mas quando a gente está junto é muito bom. Somos bem amigas. É claro que tem essas brigas de filha, porque deixo minhas coisas atiradas, por falta de organização, falta de tempo, só isso que nos faz brigar, nada mais (Familiar 15).

Em certas falas, pode-se notar até certo descontentamento pela dependência do filho/familiar em relação ao idoso, de ter que estar morando com ele, necessitando dele e de seu auxílio financeiro. Muitos tiveram a experiência de morar sozinhos ou de ter constituído outra família e de necessitar retornar ao núcleo familiar de origem, voltando a depender do pai/mãe e, isso gera um desconforto.

Até alguns anos atrás só se falava na dependência do idoso por parte de seus familiares e de como as famílias dariam conta deste sobrepeso, mas não era aventada a possibilidade de esta dependência se inverter. Camarano (1999), porém, vem chamando atenção para a inversão dessa dependência, de forma gradual, desde os anos 60 e sugere que essa dependência é maior nas classes menos favorecidas. E aqui em muitos casos encontra-se o oposto da dependência, o idoso autônomo e independente e o familiar dependente do idoso.

A gente se dá bem, mas sempre tem alguma coisa com que a gente se incomoda. Ela gosta das coisas de um jeito e eu de outro. Ela me trata que nem criança, por que eu sempre morei com ela. Ontem não queria que eu me arrumasse para ir para o centro, não queria que eu fosse de carro. Ela é preocupada demais (Familiar 12).

6.5 PERCEPÇÃO DOS FAMILIARES SOBRE OS IDOSOS

Para auxiliar a verificação da percepção dos familiares sobre os idosos foram aplicadas cinco (5) lâminas do TAT⁸ que são agora apresentadas com seus significados:

L5. Inter-relações mãe-filho.

Uma mulher de meia-idade observa através de uma porta entreaberta o interior de um quarto.

L6VH. Relações paterno- filiais.

Uma mulher madura de pouca altura, parada de costas para um jovem alto. Ele olha para baixo com uma expressão perplexa.

L7VH. Relações fraternas, intra-familiar.

Um homem encanecido observa um jovem que olha mal-humorado e fixamente para o espaço.

L12H. Atitude frente aos adultos

⁸ Como o TAT é um teste projetivo, de uso exclusivo do psicólogo e não se pode fazer cópia das lâminas para apresentá-las neste relatório, optou-se por fazer sua descrição como está no manual do teste, para que o leitor tenha idéia das imagens apresentadas aos sujeitos.

Um jovem deitado em sua cama, com os olhos fechados. Inclinado sobre ele, um homem de idade magro, com a mão estendida sobre o rosto do homem deitado.

L12M. Relações paterno-filiais.

Mulher jovem, atrás, gesticula uma velha fantasmagórica, que tem um xale sobre sua cabeça.

Uma forma de observar este sentimento de incômodo pela relação de dependência dos familiares é através da análise das estórias que foram contadas no teste de apercepção temática (TAT) o qual pode ilustrar através dos personagens esse sentimento. É apresentada, como exemplo, abaixo, a estória relatada por um familiar tendo como estímulo a lâmina 5, que trata das inter-relações materno-filiais.

A mãe toma o lugar do filho e fala por ele para outras pessoas. Ele é submisso a ela. Ele foi lá pedir ajuda para ela e ela disse que ele não tinha capacidade para decidir as coisas, que ela cuidaria do assunto, e que ele não aprendeu nada na vida. E ele se sente um pobre coitado e rejeitado que não tem capacidade de pensar por si. Não consegue tomar decisões, pois a mãe é autoritária (Familiar 7).

As categorias mais representativas neste estudo foram quatro e, dentro de cada grande categoria de análise, foram selecionadas cinco das categorias mais significativas nas estórias dos sujeitos pesquisados:

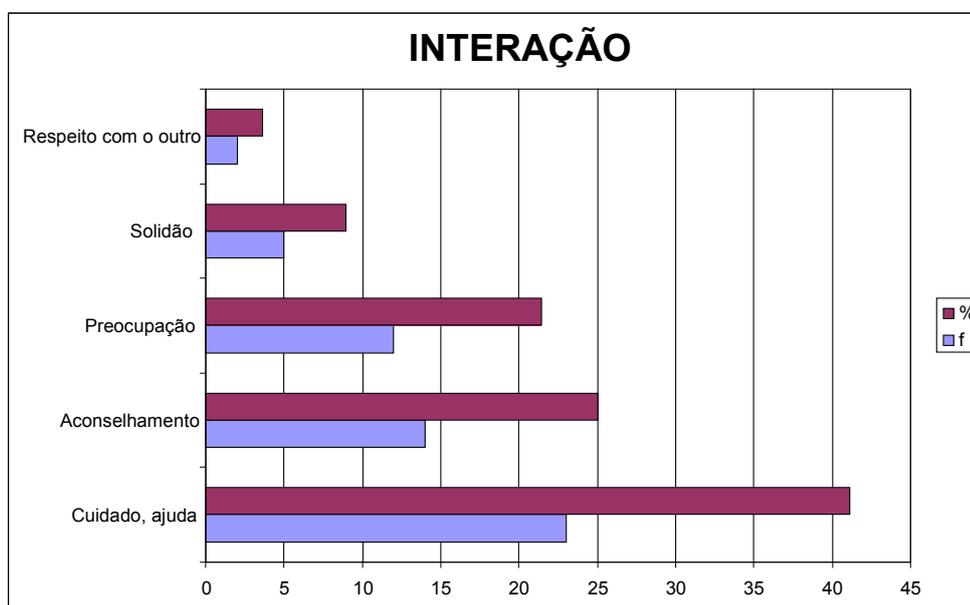
INTERAÇÃO: Esta categoria aparece 56 vezes e é composta por cuidado e ajuda (23); aconselhamento (14); preocupação (12); solidão (05) e, responsabilidade com o outro (02).

RELACIONAMENTO : A categoria é representada em 47 citações. Dentro desta categoria aparecem amizade (13); diálogo (10); controle (09); conflito de gerações (09); afeto e carinho (06).

IMAGEM : Ocorreram 42 referências a conteúdos ligados a imagem. As categorias mais citadas dentro desta grande categoria são: tristeza (11); perdas, doenças e morte (10); identificação com figura má, bruxa (10); assustada (06); preocupação com aparência (05).

HABILIDADES : Esta categoria aparece 29 vezes ao longo das estórias e é composta pelas categorias de experiência, sabedoria (11); autoridade (07); atividade (05); decisão (04); acomodação (02).

Para apresentar a força de cada categoria foi feita a análise de frequência que será a seguir apresentada graficamente:



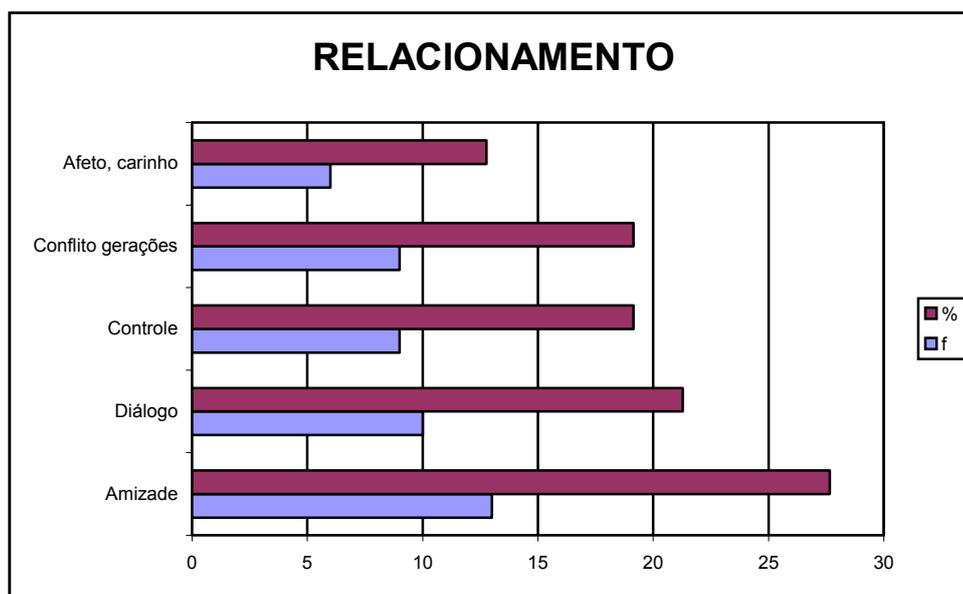
FONTE: TAT familiares, 2006.

Figura 5 - Análise do TAT em relação à categoria Interação

Observando a figura 5, acima se pode perceber que as categorias mais fortes, as mais apontadas pelos familiares, são as relacionadas ao cuidado, preocupação que o idoso tem com os familiares e que estão ligadas ao seu papel de “chefe de família” marcando uma visão positiva de velhice. Um exemplo disso pode ser verificado na estória contada por esse familiar em relação à lâmina 12H:

Eu acho que são pai e filho. O pai está conversando com o filho, dando alguns conselhos para o filho, o filho deve ser um advogado ou um médico, e ele está aconselhando o filho, o que fazer. O filho dele deve estar em dúvida sobre alguma coisa e ele deve estar dando conselho. Como é mais experiente, ele deve estar conversando com o filho, tirando as dúvidas dele, ele está em dúvida quanto ao que fazer sobre uma cirurgia ou sobre um determinado assunto e o pai dele como já é mais experiente está dando conselhos: ‘acho que deve ser assim, quem sabe se você fizer de outro jeito’. Por que ele está bem pensativo e acho que ele vai seguir (Familiar 11).

Aparece fortemente a questão do aconselhamento, ajuda do pai ao filho menos experiente e também a preocupação deste pai e o respeito do filho com a opinião do pai, que pode ser entendido como o respeito à figura de autoridade, mas também aos anos a mais de experiência, sabedoria de vida.



FONTE: TAT familiares, 2006.

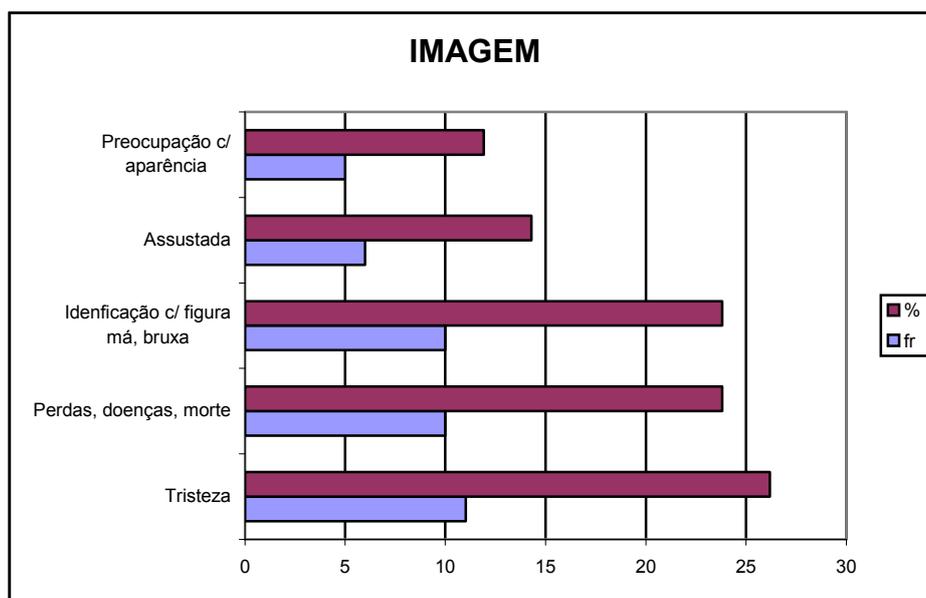
Figura 6 - Análise do TAT em relação à categoria Relacionamento

Em relação à categoria relacionamento, o que os familiares mais trazem são as categorias de amizade e diálogo que estão relacionadas ao bom relacionamento entre os idosos e seus familiares. Porém os conflitos de gerações e a categoria de controle que foram apontados pelos familiares como um aspecto negativo, também aparecem, como se vê na estória a seguir:

Aqui deve ser a mãe ou a avó. Eu acho que deve ser mãe também observando e olhando pela janela, o filho também pelo jeito, ele... também deve ter algum problema com a mãe dele no caso. Ah, isso é conflito de gerações, por que hoje em dia existe muito o conflito de gerações entre pais e filhos. A juventude tem uma mentalidade e as pessoas da terceira idade outra. O que pode estar acontecendo é o seguinte, os jovens não aceitam a mentalidade das pessoas mais velhas, chamam de careta e assim por diante. Por que pelo que eu noto aqui não tem assim um filho pedindo um apoio pra mãe. Eu acho que ele não estaria xingando a mãe, porque se a mãe já virou as costas é sinal que não existe diálogo, basicamente isso (Familiar 3, lâmina 12M).

Szymansky (2002) ao falar das mudanças que ocorreram na família aponta para as relações interpessoais e diz que as trocas intersubjetivas na família não podem ser vistas isoladamente. Hernandiz (2005) enfatiza que a família faz parte das relações primárias por serem relações emocionais íntimas, duradouras e a fonte de apoio mais importante para as pessoas.

Para Triadó e Olivares (2005) o prolongamento da vida até idades mais avançadas faz com que as famílias aumentem e convivam entre diferentes gerações. Esse novo modelo de família se caracteriza por um maior peso nas relações de reciprocidade entre os seus membros. O papel do avô mudou tanto na duração, pois se é avô por muito mais tempo, como também mudaram as características deste avô, que agora tem novos papéis a desempenhar. E isto vai fazer com que haja uma alteração também na imagem que se tem deste idoso.



FONTE: TAT Familiares, 2006.

Figura 7 - Análise do TAT em relação à categoria Imagem

Em relação à imagem do idoso ou imagem da velhice mais propriamente dita, o que se verifica é ainda uma imagem muito ligada a aspectos negativos, tristezas, perdas físicas, visão de coisas feias e assustadoras além da preocupação com a aparência (do envelhecer). Esta visão talvez se deva a grande preocupação que hoje se tem com a aparência e com a questão midiática da pessoa ter que ser jovem, magra, seguir um padrão de beleza. A beleza é associada à juventude; sendo o que coloca o Brasil na ponta dos países que fazem mais cirurgia plástica no mundo. “O padrão da estética e da beleza baseado somente na ótica do jovem e com a contribuição global da mídia que condena o envelhecimento, exalta a juventude e negligencia a longevidade. O homem repete suas ações ancestrais que não percebiam sua finitude” (LOPES; ARANTES e LOPES, 2007, p. 50).

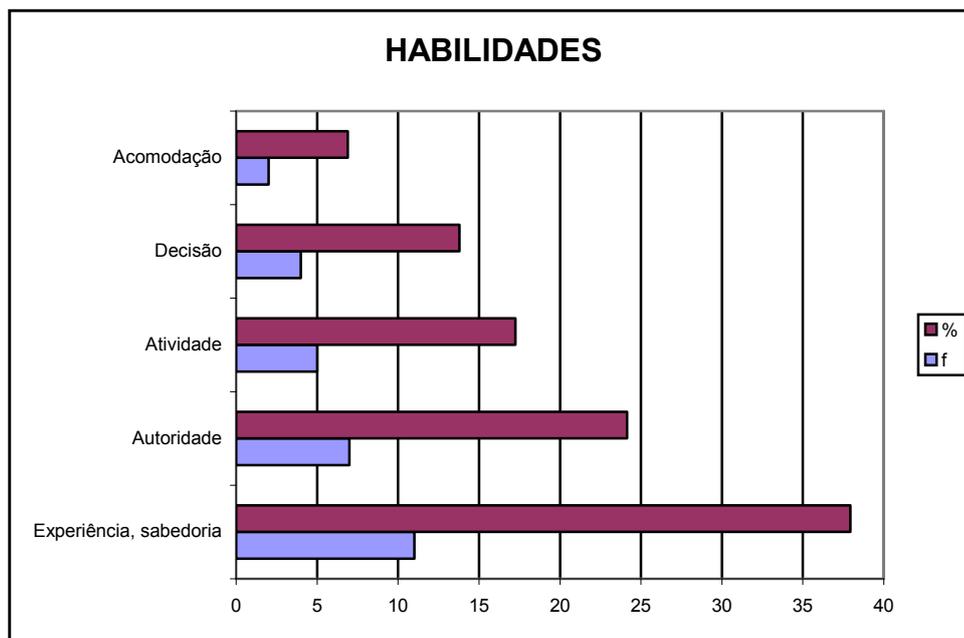
Essa visão da juventude associada ao belo e da velhice associada ao feio apareceu nas estórias relatadas através do uso do TAT. Na estória contada pelo familiar de nº 32 essa visão pode ser constatada claramente:

É uma mulher mais nova e aqui é ela 50 anos depois. Ela está pensando que ela está velha, está se sentindo triste, por que ela queria ficar bonita (mulher, 58 anos, aposentada).

Para Santos e Vaz (1997) existem muitos estereótipos que marcam a velhice e há uma associação desta com a passividade, degeneração orgânica e psíquica, bem como, com a improdutividade e a dependência ou incapacidade. Menéndez (2006) informa que 32% da população espanhola, com mais de 65 anos possui alguma dependência ou incapacidade, o que revela a fragilidade em termos de saúde física desta faixa etária. Conforme Concone (2007) um dos maiores medos das pessoas é a perda da autonomia e de ficar dependente das outras pessoas, além disso, há uma associação de velhice com doença.

Normalmente, um idoso de 80 anos tem suas capacidades diminuídas se comparados a eles mesmos quando tinham 70 anos. Entretanto, essa não é uma regra, já que algumas pessoas apresentam declínio no estado de saúde e nas funções cognitivas precocemente, enquanto outras vivem saudáveis até idades muito avançadas (FARENZENA, ARGIMON, MORIGUCHI e PORTUGUEZ, 2007, p. 235).

Nesta pesquisa encontrou-se como pôde ser visto anteriormente, 3% de idosos com mais de 80 anos que ainda são os provedores de suas famílias e que se mantêm saudáveis, autônomos e independentes, utilizando os serviços da universidade, possuindo uma vida social ativa. Revelando o que começa a ser uma realidade também nos países em desenvolvimento, o fenômeno da longevidade que trás novas perspectivas para a população de adultos.



FONTE: TAT familiares, 2006.

Figura 8 - Análise do TAT sobre a categoria Habilidades

Quando os familiares se referem às habilidades do idoso, apontam através dessa categoria principalmente a experiência e a sabedoria, ligada aos anos de vida e a figura de autoridade que estes representam nos seus núcleos familiares. Esta imagem está ligada à categoria de interação em que eles falaram sobre como o idoso cuida, aconselha e ajuda seus familiares. Os aspectos positivos são os mais ressaltados nesta categoria e estão claramente relacionados com o papel que o idoso vem desempenhando, junto a sua família, que nem sempre é composta apenas de pais e filhos, mas que agrega outros parentes, principalmente netos.

Esta também é sobre relação de pai e filho e parece que o pai está aconselhando o filho e ele está prestando atenção. É uma troca de experiência, uma coisa de respeito, de troca de informações. Estão conversando e o jovem está prestando atenção no que o senhor de idade está dizendo com admiração, respeito pela experiência de vida, pelo que o velho está dizendo. Tanto pode ser pai como avô (Familiar 19).

Triadó e Olivares (2005) lembram que as mudanças sofridas pela sociedade interferiram consideravelmente na estrutura familiar e fez que a figura dos avôs recuperasse sua importância dentro da família adquirindo, uma função social valiosa, prestando ajuda a filhos e netos.

Este novo papel desempenhado pelos avôs como os autores apontam, também apareceu neste estudo, como se pôde perceber. É uma figura de autoridade, valorizada por sua experiência e sabedoria adquirida ao longo de sua vida e que vem refletida como habilidades que o idoso possui, mas também aparece em relação às categorias interação e relacionamento, onde se verifica que o cuidado e a ajuda que este personagem oferece aos demais são reconhecidos, facilitando o diálogo e a amizade entre os familiares. E, apesar de haverem os conflitos de gerações estes são menos valorizados pelos entrevistados. São mais ressaltados os aspectos positivos, como se verificou nas entrevistas dos familiares e nas histórias do TAT.

7 AS NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES A PARTIR DO IDOSO COMO PROVIDOR DO NÚCLEO FAMILIAR

Sabe-se que as famílias vêm passando por transformações, ao longo dos anos e, que não se pode mais pensar no modelo de família nuclear burguesa como um modelo hegemônico de família. Para que se possam entender as modificações que vêm ocorrendo dentro das famílias e sua relação com o envelhecimento populacional, que estão se traduzindo em novas configurações familiares relacionou-se algumas variáveis que fizeram parte deste estudo e, estas são trazidas agora para discussão.

7.1 ESTADO CIVIL E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES

Em relação ao estado civil a amostra de chefes de família apresenta algumas diferenças em relação à amostra inicial de idosos, sendo 12% separados ou divorciados e 35% viúvos. O grande número de viúvos na verdade são de mulheres viúvas, pois são as mulheres que normalmente permanecem nesta situação, sendo que os homens recasam após a viuvez (HEREDIA, 2000).

Tabela 17 – Estado civil dos idosos entrevistados

ESTADO CIVIL	Geral		Chefes de família	
	Nº de pessoas	%	Nº de pessoas	%
Casado	98	45,5	16	47,3
Viúvo	87	40,0	12	35,2
Separado/ divorciado	13	5,9	4	11,7
Solteiro	16	7,3	1	2,9
União Estável	3	1,3	1	2,9
Total	217	100	34	100

FONTE: Pesquisas de campo 2005 e 2006.

O percentual de divorciados dobrou em relação à amostra inicial, o que pode estar ligado ao fato desta ser uma amostra de chefes de família, característica que mostra a independência de seus integrantes. Como na amostra inicial, não há diferença entre a maioria dos idosos pesquisados, que é de casados (47%), porém já se percebe algumas diferenças significativas na forma como estão se organizando, por exemplo, estas mulheres que ficaram viúvas (35,2%). Debert (1999) aponta para o fato de que, muitas vezes, a viuvez é um momento de independência e realização, através do qual, as mulheres conseguem realizar ações e sonhos que antes não podiam realizar, pela condição de estarem casadas.

7.2 A CONVIVÊNCIA FAMILIAR

Na pesquisa do Idoso no Rio Grande do Sul, publicada em 1997, entre os 6.241 idosos pesquisados, 79,8% viviam com familiares (CEI/RS, 1997). Em 2000, segundo dados do censo encontrou-se 61,5% das mulheres residindo com filhos e outros parentes, enquanto apenas 8,9% dos homens encontram-se nesta situação (IBGE, 2002). Autores como Camarano e Pasinato (2002) e Ortiz (2005) constataram, também que as mulheres possuem mais capacidade de agregar e acolher familiares e que as redes familiares das mulheres não se esgotam na família nuclear, havendo diversos arranjos familiares.

Tabela 18 – Com quem moram os idosos

COM QUEM MORA?	Nº de respostas	%
Cônjuge e filhos	13	30,0
Filhos	9	20,4
Netos	5	11,3
Netos e filhos	4	9,0
Outros parentes	4	9,0
Companheiro	3	6,8
Cônjuge	3	6,8
Sozinho	2	4,5
Mãe	1	2,2
Total	34	100

FONTE: pesquisa de campo 2006.

Em relação a com quem moram os idosos, verificou-se nesta pesquisa conforme a tabela 18, que 30% vive com o cônjuge e com filhos e 20,4% com filhos e filhos e netos (9%), há ainda um percentual significativo que mora com os netos (11,3%). Em comparação aos percentuais em nível de Brasil temos segundo a Síntese de Indicadores Sociais (2007) a família unipessoal correspondendo a 13,2%, casal sem filhos 22,3%, morando sem filhos e com outros parentes 10,7%, morando com ao menos um filho menor de 30 anos 23,7%, morando com todos os filhos maiores de 30 anos 20,8%.

A tendência a convivência familiar é um forte traço cultural do Estado gaúcho e da população pesquisada. Pode se verificar, também, que os idosos provedores vêm em 9,1% sustentando e morando com outros parentes que são sobrinhos, genros, irmãos, voltando ao modelo de família extensa apontado por Osório (2002). Através da tabela 18 acima, percebe-se que o modelo de família nuclear, pai, mãe e filhos sustentados pelo pai (30%), ainda é forte, porém entrou mais um elemento a ser sustentado, o neto (20,3%), tornando-se mais uma geração dependendo do mesmo provedor.

Para Triadó e Olivares (2005) o papel do avô mudou com o prolongamento da vida. As famílias tendem a conviver entre várias gerações, o que gera um sentimento maior de reciprocidade. Salientam que entre os idosos autônomos e independentes estão os avôs de hoje que auxiliam filhos e netos e começa-se a falar no fenômeno da intergeracionalidade.

7.3 CONFIGURAÇÃO DOS ARRANJOS FAMILIARES

Osório e Valle (2002) apontam que são vários os fatores que afetam a família de hoje, sendo alguns deles a maior incidência das separações conjugais e as correspondentes reconstruções familiares, a crise da autoridade dos pais, a instabilidade profissional e, a insegurança financeira dos responsáveis pela manutenção do lar, a sobrecarga com o atendimento a progenitores senis, os fracassos escolares dos filhos, a falta de perspectiva no mercado de trabalho para os jovens, a alienação pelas drogas, e o aumento da violência urbana.

Para tentar visualizar melhor os arranjos familiares que foram encontrados, elaborou-se um quadro explicativo demonstrando como estão configuradas as famílias pertencentes a este estudo. Dividiram-se assim, os integrantes da amostra em três grandes categorias em relação ao sustento familiar: 1º Idosos que sustentam seus familiares – são os únicos provedores, únicos com renda no núcleo familiar. 2º Idosos que repartem sua renda – são os provedores

principais, mas o cônjuge ou outro familiar também possui alguma renda. 3º Idosos que ajudam familiares – esta categoria não é de completo sustento, a ajuda pode ser mensal, porém não pagando todas as despesas dos familiares, assim como pode ser esporádica a familiares de outro núcleo, que não more com o idoso.

Tabela 19 – Configuração dos arranjos familiares

CATEGORIZAÇÃO	Sexo				Total	
	Homem	%	Mulher	%	n	%
Sustentam familiares	09	69,3	10	47,7	19	55,9
Repartem renda com familiares	04	30,7	06	28,5	10	29,4
Ajudam familiares	0	0	05	23,8	05	14,7
Total	13	100	21	100	34	100

FONTE: Pesquisa de campo, 2006.

Com relação às novas configurações familiares, o que esta pesquisa detectou, foi que 69,3% dos homens idosos da amostra sustentam seus familiares, um índice um pouco acima do nacional que se encontra segundo o IBGE 2006 em torno de 65%. Nesta pesquisa, como se visualiza através do quadro acima, aparece muitas mulheres sustentando ou repartindo sua renda com familiares (76,2%), como provedoras e, o mais significativo, talvez não mantendo o conceito de família nuclear, mas ampliando para uma gama maior de parentes. E aparece também o papel da avó cuidadora, que assume o cuidado dos netos enquanto filhos trabalham ou quando se separam.

Na amostra, que fez parte da pesquisa vê-se, por exemplo, mulheres sustentando irmãos, sobrinhos, genros (23,8%) o que não foi verificado em famílias chefiadas por homens. Também, não se verificou homens ajudando familiares que não moram no mesmo domicílio. Como salienta Velásquez (2005), hoje a mulher já tem o direito de ser a provedora econômica única ou principal podendo aproveitar outras funções que antes lhe eram vedadas.

A Síntese de Indicadores Sociais 2007, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revela que o número de mulheres chefes de família cresceu 79% entre 1996 e 2006, passando dos 26% entre as que possuem mais de 60 anos. O número de homens

chefes de família aumentou 25% nesses dez anos. Confirma-se o papel agregador da mulher também nesta pesquisa, com idosas sustentando ou ajudando a sustentar suas mães, irmãos(ãs), sobrinhos(as), sobrinhos-netos(as), além de filhos(as), genros/noras e netos(as).

7.4 DIFERENÇAS DE GÊNERO EM RELAÇÃO AOS PAPÉIS DESEMPENHADOS PELO IDOSO: PERCEPÇÃO DOS FAMILIARES

Aqui são relacionadas as variáveis atividades exercidas ao longo da vida e a atividade atual desempenhada pelos idosos, e atividades sociais desenvolvidas como visitas, lazer, etc., com as falas dos familiares entrevistados.

Tabela 20 – Profissão/ atividade exercida na maior parte da vida pelos idosos entrevistados

PROFISSÃO	Nº de respostas	%
Profissionais liberais	10	29,9
Industriários	6	17,6
Dona de casa	5	14,7
Administração pública, defesa e segurança social	4	11,7
Secretários/ auxiliares	2	5,8
Comerciários	2	5,8
Trabalhadores agrícolas	2	5,8
Serviços domésticos	1	2,9
Professores/ ensino	1	2,9
Outros	1	2,9
Total	34	100

FONTE: Pesquisa de campo 2006.

Em relação às atividades exercidas pelos sujeitos da amostra ao longo de sua vida profissional, verificou-se uma predominância entre os profissionais liberais (29,9%) e os industriários (17,6%), o que chama atenção, pois, quando temos uma amostra predominantemente feminina, normalmente é composta em sua maioria por donas de casa, e

aqui isso não ocorre, pois elas representam 14,7% dentre os 62% de mulheres da amostra. Verifica-se então uma mudança significativa em relação a este perfil e o encontrado muitas vezes na bibliografia sobre as mulheres de terceira idade. Aqui se tem uma maioria de mulheres que foram profissionais e hoje se encontram aposentadas, ou seja, um perfil diferenciado daquele apontado por Beauvoir (1981) da mulher dependente social e economicamente de seu marido. Isto já reflete uma mudança importante, que vai repercutir sobre as novas configurações familiares.

Tabela 21 – Atividade atual dos idosos da amostra

ATIVIDADE	Nº de respostas	%
Voluntariado	1	2,5
Atividades domésticas	15	44,1
Aposentados	18	53,4
Total	34	100

FONTE: pesquisa de campo 2006.

A tabela acima mostra a situação atual dos sujeitos pesquisados, 15 mulheres que se colocam como tendo as atividades domésticas como principal atividade, não se considerando como aposentadas. É claro que se continuam com a responsabilidade de provedoras econômicas e cuidadoras do núcleo familiar não se vêem como aposentadas.

Há autores como Velásquez (2005), inclusive, que apontam para o desgaste das mulheres que passam por essa situação e falam do estresse do “ninho superlotado”, com a superposição de papéis assumidos por estas mulheres.

Em relação aos papéis desempenhados pelo idoso junto ao núcleo familiar e as possíveis diferenças que possam existir em função da categoria gênero, o que se percebe através da fala dos familiares é na maioria das vezes o que a literatura aponta, ou seja, o papel da mulher ligado ao cuidado e às atividades domésticas. Os familiares atribuem às mulheres idosas este papel de cuidar, não aos homens idosos. E, quando as mulheres não conseguem dar conta de todas as atividades que necessitam exercer, simultaneamente, ainda se sentem culpadas.

Ela faz trabalhos manuais e cozinha muito bem. Até um ano atrás se fazia todo domingo churrasco na mãe. Agora é mais de vez em quando, duas vezes no máximo por mês, daí vão todos os filhos e netos (Familiar 14).

Ela faz tudo pra mim, se eu não tivesse ela seria muito difícil, iria passar fome, não ter roupa passada (Familiar 15).

Para Louro (1999), isso ocorre, pois o casamento e a maternidade até o início do século passado eram vistos como etapas femininas fundamentais, e constituíam-se na verdadeira carreira das mulheres. A autora afirma ainda que “qualquer atividade profissional será considerada como um desvio dessas funções sociais, a menos que possa ser representada de forma a se ajustar a elas” (LOURO, 1999, p.26). Assim, a mulher segue desempenhando o papel que a sociedade espera dela, sem grandes transformações e conflitos familiares.

Também fica claro, na fala dos familiares, que a maioria possui uma visão positiva da figura feminina como sendo ativa, com o potencial de unir a família e de se atualizar com o passar do tempo. Para Ortiz (2005) a mulher idosa de hoje construiu sua imagem associada à manutenção da vida privada, à reprodução e educação dos filhos e aos cuidados de subsistência do lar, considerando essas tarefas como responsabilidade sua, mas também, como atividades de lazer e continua exercendo-as mesmo após a aposentadoria. A autora diz que os homens, após a aposentadoria, participam mais das tarefas de manutenção da casa, mas não necessariamente das atividades tidas como femininas. Com relação à jornada média semanal despendida em afazeres domésticos, verifica-se que as mulheres trabalham mais que o dobro dos homens nessas atividades (24,8 horas), segundo dados do IBGE (2007).

Na PNDA realizada em 2006, somente metade dos homens realizava afazeres domésticos (51,4%), enquanto nove (9) em cada dez (10) mulheres tinham essa atribuição. Para as mulheres, a saída para o mercado de trabalho não implica em deixar tais atividades. Pelo contrário, a participação das mulheres ocupadas nesses afazeres é ainda maior (92%). Entre 1996 e 2006 os homens aumentaram sua participação nas tarefas domésticas em 7 p.p, passando de 44,4% para 51,4%. Neste período, o aumento da participação masculina no Estado da Bahia foi o maior, ao passar de 28,3% para 52%. O estado com a maior participação de homens em tais atividades, no entanto, foi o Rio Grande do Sul (69,9%), sendo que na Região Metropolitana de Porto Alegre esse percentual foi ainda maior, atingindo o nível de 74,2% (IBGE, 2007).

Apesar disso, em relação à figura paterna e masculina, percebe-se em algumas entrevistas uma visão, de certa forma negativa e muitas vezes associada à bebida, ao jogo ou doenças, havendo uma comparação com os papéis desempenhados pela figura feminina/mãe.

A mãe tem uma cabeça maravilhosa para quem tem 71 anos. Até expressões de gurizada ela usa. Totalmente diferente da relação que eu tinha com o pai. O pai era muito severo e não aceitava erro (Familiar 2).

Ela é extrovertida, alegre, a gente tem um entendimento legal. Além disso, ela paparica bastante, ela não é daquelas avós chatas (Familiar 26).

Nós passamos muito trabalho por causa do meu pai, era doente e bebia (Familiar 16).

O pai vai todos os dias jogar cartas (Familiar 6).

Meu pai que abandonou a família, faz um ano que não vem e eu não procuro por ele. Minha mãe trabalhava fora e sustentava a família. Ela lava toda roupa da filha e da neta (Familiar 3).

E, apesar do estudo se referir a uma amostra de terceira idade, já se percebe algumas inversões nos papéis desempenhados por homens e mulheres, tendência que deve se acentuar nos próximos anos com o fenômeno da diminuição da natalidade e da entrada maciça da mulher no mercado de trabalho.

O que os familiares que participaram desta pesquisa apontam é o fato de que algumas mulheres mães, já cuidavam das finanças da família, sustentavam a casa, ou mesmo, eram mais severas e autoritárias que a figura masculina com seus filhos.

Nunca apanhei dele, da mãe sim (Familiar 29).

A mãe cuidava das finanças (Familiar 28).

Para Velázquez (2005) hoje nas interações afetivas, a mulher tem o direito a ser a provedora econômica única ou principal, delegando sem culpa as funções instrumentais e domésticas, em muitos casos ao companheiro homem. Este é um fenômeno moderno que modifica os clássicos papéis de gênero e que possibilita o exercício dos direitos afetivos a ambos, homem e mulher, sem conotação negativa, podendo aproveitar de outras funções que antes eram vedadas a cada um dos sexos. E pelas estatísticas, o Rio Grande do Sul será protagonista nessa mudança de papéis, pois possui a menor taxa de natalidade, de mortalidade infantil e a maior esperança de vida, além da maior participação masculina em atividades domésticas (IBGE, 2007).

7.5 VIDA SOCIAL DO IDOSO

A participação do idoso na sociedade é fundamental para que este continue ativo, conectado com o que está acontecendo no mundo a sua volta, evitando baixa na auto-estima e sentimentos de isolamento e tristeza. Desta forma, cabe pesquisar como estão as relações sociais do idoso da amostra, desde o espaço micro (relações com familiares e vizinhos) até o macro (participação em clubes e associações comunitárias).

Tabela 22 – Frequência com que os idosos fazem ou recebem visita

FREQÜÊNCIA DAS VISITAS	Nº de respostas	%
Semanalmente	24	70,6
Diariamente	5	14,7
Mensalmente	5	14,7
Total	34	100

FONTE: pesquisa de campo 2006.

O idoso da amostra mantém uma vida social ativa. Como se pode verificar nas tabelas 22 e 23, 70,6% recebe ou faz visitas semanalmente e, das pessoas que vem visitá-los 31,4% são amigos e 24,4% outros parentes.

Segundo Osório e Valle (2002), a família tem e continuará tendo, seu papel na preservação da espécie. É um laboratório de relações humanas no qual se testam e aprimoram os modelos de convivência que extraiam o melhor aproveitamento dos potenciais humanos, tendo como objetivo a criação de uma sociedade mais harmônica e promotora de bem-estar coletivo.

As relações familiares, assim como as de amizade, as construídas em clubes ou associações são muito importantes para os sentimentos de enfrentamento das situações do dia-a-dia e do sentimento de solidão que pode surgir na velhice. Debert (1999) afirma que a aposentadoria é encarada de diferentes formas por homens e mulheres, sendo que os homens sentiriam mais dificuldade de se adaptar à mudança que implica passar um tempo muito maior em casa.

“Como as necessidades e expectativas ligadas aos relacionamentos mudam em decorrência da posição no curso de vida e do envolvimento nas várias tarefas normativas, os demais relacionamentos podem ser transitórios e substituíveis” (ERBOLATO, 2006, p. 1326). Para o autor esse conjunto de pessoas, de níveis variados de importância e, de proximidade psicológica, compõe uma rede social, um espaço em que ocorrem intercâmbios ou suportes sociais, de extrema importância para a pessoa idosa. Quanto mais amplo for o seu grupo de amizades e menos dependente o idoso for de sua família melhor será, pois terá uma rede mais ampla e harmônica.

Tabela 23 – Quem vem visitá-lo?

TIPO DE RELACIONAMENTO	Nº de respostas	%
Amigos	28	31,4
Outros parentes	22	24,4
Filhos	19	21,1
Netos	8	8,8
Irmãos	6	6,6
Noras/ Genros	3	3,3
Namorado (a)	1	1,1
Total	90	100

FONTE: pesquisa de campo 2006.

As relações de amizade, que têm uma grande importância na velhice, são apontadas aqui por 31,4% da amostra que salienta receber visita de amigos. Cabe ressaltar que existem diferenças entre as amizades de homens e mulheres. As amizades das mulheres, normalmente, não foram construídas no âmbito do trabalho e, portanto, não se perdem ou deterioram após a aposentadoria, apenas mais tarde, em função de problemas de saúde (ORTIZ, 2005). Outra característica distinta, é que as mulheres que possuem alguma dependência mantêm uma relação próxima com filhos e netos que moram na mesma cidade e que as ajudam nas atividades da vida diária, o que nem sempre ocorre com os homens.

Para Ortiz (2005) as amizades dos homens idosos são as que adquiriram no trabalho ou nas atividades de lazer enquanto a das mulheres está mais associada à vizinhança e às etapas

de criação dos filhos, amizades que não são afetadas pelo envelhecimento ou pela aposentadoria. Segundo a autora essas são amizades muito mais íntimas apesar de serem mais escassas.

“Amizades de infância e de adolescência, colegas de estudos ou trabalho, membros de associações ou da igreja, vizinhos e conhecidos casuais podem ser parceiros circunstanciais, duradouros ou efêmeros, mas nem por isso pouco relevantes” (ERBOLATO, 2006, p. 1326). As redes sociais de extrema importância na velhice, como foi comentado anteriormente, são estimuladoras na disposição de ânimo, do nível de confiança e de sentimentos positivos de adultos idosos (estando ligadas ao bem-estar subjetivo). Segundo Erbolato (2006), são cinco tipos de redes que existem: aquelas que possuem um efeito mais positivo sobre os sujeitos são as mais diversificadas e que incluem amigos, as mais restritas ficam centradas nos familiares e existem as caracterizadas pela ausência de parentes e que ficam centralizadas nos vizinhos. Para o autor estas são as que trazem um menor bem-estar subjetivo ao idoso.

Tabela 24 – Freqüenta regularmente algum clube, grupo ou associação?

OPÇÕES	Nº de respostas	%
Sim	25	73,6
Não	9	26,4
Total	34	100

FONTE: Pesquisa de campo 2006.

Dos 34 sujeitos que participaram da pesquisa, 25 (73,6%) dizem participar com regularidade de algum clube, grupo ou associação, o que reforça o fato da autonomia destes idosos. São pessoas ativas, que participam de uma ou mais entidades ou grupos de convivência, deslocando-se pela cidade pelo menos uma vez por semana. Os que não participam alegaram problemas de locomoção que serão tratados mais adiante no item 7.6, que se refere às condições de dependência e independência em que se encontra o idoso desta pesquisa.

Sabe-se que as mulheres, nesta faixa etária, normalmente são a maioria por viverem mais que os homens, mas também, por participarem mais do que estes de grupos, clubes e atividades sociais, havendo quase que uma inversão do espaço público e do privado na terceira idade. Uma das diferenças mais acentuadas entre os gêneros, que diferencia homens e mulheres é a questão da sociabilidade das mulheres idosas em suas relações pessoais, bem como, os laços com a sociedade em geral (ORTIZ, 2005), o que aqui também é reforçado pelo

número da amostra: 62% de mulheres que são as maiores freqüentadoras dos serviços da UNISC.

Tabela 25 – Grupos, clubes e/ou associações mais freqüentados

	Nº de respostas	%
Grupos de lazer	17	46,3
Grupos de esportes	8	21,6
Auto-ajuda e tratamento	4	10,8
Associações beneficentes e voluntariado	3	8,1
Grupos religiosos	3	8,1
Associações profissionais	2	5,1
Total	37	100

FONTE: Pesquisa de campo 2006.

Através das tabelas 24 e 25, também se verifica que este idoso é ativo socialmente, pois 73,6% freqüentam algum grupo ou associação, sendo que 46,3% participam de grupos de lazer e 21,6% de grupos de esporte. Aqui há uma diferença acentuada entre a amostra pesquisada e a que fez parte do relatório de pesquisa “O idoso do Rio Grande do Sul” (1997), pois aqueles idosos concentravam suas atividades com a participação em grupos religiosos (29,7%), o que aqui só aparece em 8,1% das respostas (CEI/RS, 1997).

Talvez esta diferença esteja associada aos dez anos entre uma pesquisa e outra, reflexo de traços culturais, ou de mudanças que possam estar ocorrendo com a criação de entidades e programas voltados a essa população. No entanto não se pode desconsiderar o fato de que esta é uma amostra de idosos autônomos e independentes e que ainda são muito ativos socialmente.

O lazer é associado a um estilo de comportamento, podendo ser encontrado em qualquer atividade que traduza no praticante uma grande satisfação, distração, entretenimento, capaz de aliviar tensões e eliminar o desgaste físico-mental produzido pelos compromissos cotidianos...Essa perspectiva considera o lazer segundo as idéias de tempo livre, de liberação não só do trabalho, mas também das obrigações cotidianas, sociais, familiares ou políticas. Enfim, um tempo verdadeiramente livre, em que o lazer representa um campo de livre escolha pessoal, conforme defende o sociólogo Dumazedier (TEIXEIRA, 2007, p. 173).

Tabela 26 – Atividades de lazer

ATIVIDADES	Nº de respostas	%
Ficar em casa/ descansar	15	21,6
Atividades manuais	11	15,4
Passear/ viajar	10	14,0
Atividades de socialização	9	12,6
Jardinagem	7	9,8
Ler/ escrever	5	7,0
Esportes/ atividades físicas	4	5,6
Freqüentar clubes, associações e/ou grupos	3	4,2
Outros	3	4,2
Serviços domésticos	2	2,8
Atividades religiosas	1	1,4
Artes	1	1,4
Total	71	100

FONTE: Pesquisa de campo 2006.

Nas horas livres os idosos pesquisados dizem que gostam de ficar em casa e descansar (21,6%), de atividades manuais (15,4%) e de passear e viajar (14%) e também de participar de atividades de socialização (12,6%).

O lazer, ou o que as pessoas fazem com o seu tempo livre, é definido por Dumazedier (2004, p. 34) como um “conjunto de ocupações” a que o indivíduo se entrega por vontade própria, “seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais familiares e sociais”.

Para Cuèllar (2007) apesar das diferenças entre as atividades desempenhadas por homens e mulheres de terceira idade, ambos têm preferência pela televisão (90%), seguida pelo turismo e pelas atividades físicas (30%). Aqui se percebe uma semelhança maior, pois o

idoso de nossa pesquisa que refere gostar de ficar em casa e descansar, também pode ter preferência por assistir televisão.

Para Teixeira (2007, p.177) a necessidade de tempo livre e de horas de lazer não é uma conquista apenas dos trabalhadores, também é uma necessidade do sistema produtor de mercadorias, para o consumo de seus produtos, bens e serviços. A necessidade do lazer traz a marca das condições sócio-históricas, cuja possibilidade de satisfação dessa necessidade ou o seu acesso está definida pelo lugar ocupado na divisão social do trabalho. “O lazer como campo de desenvolvimento humano é ilusório na ordem do capital. Enquanto não cessar o domínio das coisas sobre os homens e a produção para fins de valorização do capital, as necessidades não poderão ser governadas pela necessidade de desenvolvimento do indivíduo”. Talvez por isso o lazer não seja tão valorizado em nossa sociedade, o que faz com que os idosos de nossa pesquisa se privem de opções de lazer por falta de recursos financeiros que são utilizados para outras necessidades tidas como mais prementes.

7.6 DEPENDÊNCIA/ INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA DO IDOSO

“A dimensão auto-aceitação refere-se a ter atitudes positivas em relação a si mesmo e em relação à própria vida presente e passada, bem como, o reconhecimento e a aceitação dos múltiplos aspectos de si mesmo, incluindo as boas e más qualidades” (RABELO e NERI, 2005, p.403).

A questão de como o idoso percebe a sua independência ou dependência e sua autonomia aparece ligada às atividades do dia-a-dia. Ele se sente com independência e autonomia se consegue se manter financeiramente e se permanece fazendo as atividades da vida diária, tarefas domésticas, atividades físicas, coisas que estava acostumado a fazer antes de entrar na terceira idade e assim se aceita e mantém uma boa auto-estima.

Enquanto tiver cabeça boa e minhas pernas me ajudarem, quero fazer tudo. Sair de ônibus sozinha, vir para UNISC treinar, fazer atividade física, caminhadas, jogos de integração do idoso (Idosa 17).

Me sinto bem, pois graças a Deus eu consigo fazer minhas coisas mesmo (Idosa 19).

Não dependo dos outros. O que eu posso resolver sozinha eu resolvo (Idosa 08).

Alguns idosos fazem referência à restrição da mobilidade como uma dependência em função da deterioração física ou da falta de meios de locomoção próprios para pessoas com alguma dependência. Os idosos que se sentem dependentes e que demonstram necessitar de ajuda são os que apresentam problemas de saúde. Essa associação entre a doença e a dependência é muito maior do que se sentir velho. E assim se percebe que há um temor ligado ao envelhecimento, “um medo de ser velho. Medo mais que justificado, dado que o envelhecimento é visto quase que como uma fase de perdas: perdas físicas, perdas sociais, perdas psíquicas, perdas afetivas. Não deixa de ser um horizonte tenebroso que é necessário afastar” (CONCONE, 2007, p.29).

Assim como o autor faz menção em sua pesquisa, nesta que está em análise, foi visto que os idosos possuem uma concepção de que a dependência é algo de que não se pode escapar, pois “seria próprio da velhice”, porém tentam afastá-la do seu destino pessoal, não relacionando suas doenças à condição de velho, “velho é o outro” como refere Concone (2007, p.25). Percebe-se nas falas dos sujeitos que a doença lhes impõe uma condição de dependência que lhes incomoda e que mesmo que esta não seja permanente, o fato de depender de algum familiar lhes traz desconforto.

Eu fiz cirurgia e não podia fazer nada, aí ele fazia tudo sozinho (marido). Agora estou começando a ajudar (Idosa 05).

Às vezes eu sinto vontade de sair, passear, não ficar sempre em casa, mas como estão minhas pernas eu quase não saio. Se caminho um pouco, doem as pernas. Não posso mais pegar na enxada e carregar peso. Faz o serviço da casa ‘conforme dá’ e cuidar do neto pequeno (Idosa 16).

Ônibus comum não consigo porque tenho labirintite, vou com o ônibus do grupo. Minha filha me leva aos domingos para minha irmã, às vezes filha cozinha... Tenho medo de viajar sozinha por causa da labirintite (Idosa 15).

Além disto, pode-se perceber através das entrevistas que, em alguns casos, a relação de dependência financeira por parte do familiar é compensada pela necessidade afetiva e mesmo física do idoso, que começa a ter problemas de saúde ou pela idade avançada e, nota-se uma reciprocidade na ajuda, o que também apareceu na fala dos idosos.

O apoio social é um fator importante para a pessoa com mais idade poder manter-se com autonomia e ter um envelhecimento satisfatório, sem tantos efeitos negativos. Pinazo (2006) explica que as pessoas de idade que participam de redes sociais de forma ativa e que

recebem apoio social informal são as que possuem melhor saúde física e mental e afirma que a família é a principal fonte de apoio informal.

Somos 3 filhas e houve uma divisão de tarefas. A minha irmã ficou com o comércio e eu cuidava do pai, que teve AVC, eu tinha tempo. Ainda continuo levando ele ao médico. Sempre foi uma relação de respeito, ele como figura paterna. Moro na peça de baixo e eles me ajudam. Ele se queixa que se sente sozinho, pois não estou tanto lá, pede para ir vê-lo (Familiar 28).

Nós temos uma boa relação, por morarmos numa casa só, pode imaginar. Ele está numa fase que mais me escuta do que me aconselha. A gente troca experiências também. Às vezes a gente não concorda, mas chega num meio termo, vai amadurecendo (Familiar 34).

Um fator que se mostra fundamental é o dos familiares manterem a autonomia do idoso apesar de seus problemas de saúde, que podem causar uma dependência temporária, para que os mesmos possam voltar à condição de independentes passado o episódio da doença. E um dos fatores onde se pode observar isto é se o idoso mantém o seu poder de decisão.

Tabela 27 – Posição dos idosos frente à tomada de decisões

OPÇÕES	Nº de respostas	%
Decide	22	64,9
As decisões são tomadas em conjunto com a família	6	17,6
Não decide, pois tem dificuldade	4	11,7
Decide com ajuda de outras pessoas	2	5,8
Total	34	100

FONTE: Pesquisa de campo 2006.

É importante salientar que o idoso pesquisado decide em sua maioria (64,9%) ou decide em conjunto com familiares (17,6%), ou decide com alguma ajuda (5,8%) apenas um percentual pequeno de (11,7%) não consegue tomar suas decisões. Essa questão de decidir está muito relacionada com as categorias de autonomia e independência do idoso e como se tem predominantemente neste estudo pessoas ainda com sua autonomia intacta, consegue-se

verificar este grande percentual de mais de 70% da amostra que toma para si suas decisões. Diferindo do exemplo citado por Grossi e Mozara (2003) que fala da repressão que alguns idosos sofrem por parte de seus familiares, onde alguns não podiam decidir nem que canal de televisão assistir, nem a que horas telefonar, mesmo estando em suas casas.

Para Rabelo e Neri (2005, p.403) a adaptação e o enfrentamento de uma situação dependem, em parte, de um “autojulgamento positivo, que incluem o indivíduo sentir-se autônomo, capaz de se relacionar bem com outras pessoas e de reconhecer as próprias limitações” para poder conviver da melhor forma possível.

Tabela 28 – Como se sentem em relação à sua capacidade de tomar decisões?

OPÇÕES	Nº de respostas	%
Satisfeito	19	56,1
Muito satisfeito	11	32,3
Insatisfeito	2	5,8
Nem satisfeito, nem insatisfeito	2	5,8
Total	34	100

FONTE: Pesquisa de campo 2006.

Os idosos sentem-se em sua maioria, satisfeitos ou muito satisfeitos (30 idosos – 88,4%), com sua capacidade de tomar decisões, afirmando que decidem quando precisam (64,9%), porém encontrou-se, mesmo em uma amostra de “chefes de família”, 11,7% que não decidem, pois têm dificuldade, mostrando uma dependência em relação a familiares. Ou seja, na sua grande maioria estas pessoas que se mantêm autônomas e independentes sentem-se bem por tomarem suas decisões, por terem o controle sobre suas vidas e fazem isso sem maiores problemas apesar da idade avançada. Porém, também encontramos um percentual pequeno (5,8%) de pessoas insatisfeitas por não conseguirem decidir, que mesmo sendo provedores, autônomos e independentes na hora de decidir, sentem-se inseguros necessitando aprovação familiar. Seria interessante verificar se essas pessoas que possuem dificuldade de tomar decisões são do sexo feminino ou masculino para verificar a influência da categoria gênero sobre este aspecto, bem como, se são pessoas com problemas de saúde.

Normalmente, um idoso de 80 anos tem suas capacidades diminuídas se comparados a eles mesmos quando tinham 70 anos. Entretanto, essa não é uma regra, já que algumas pessoas apresentam declínio no estado de saúde e nas funções cognitivas precocemente, enquanto outras vivem saudáveis até idades muito avançadas (FARENZENA; ARGIMON; MORIGUCHI e PORTUGUEZ, 2007, p. 235).

Tabela 29 – Quando os idosos necessitam ir ao médico, vão sós ou acompanhados?

	Nº de respostas	%
Só por que prefiro	22	58,2
Acompanhado por cônjuge	6	15,7
Acompanhado por filho	5	13,1
Só porque não tem quem vá comigo	3	7,8
Acompanhado por familiares	2	5,2
Total	38	100,0

FONTE: Pesquisa de campo 2006.

Os idosos pesquisados normalmente vão sozinhos ao médico (58,2%) porque preferem. Apenas 7,8% vão sozinhos porque não têm quem vá com eles. Desta forma, demonstram um desejo por autonomia e independência. A velhice ativa tem sido muito associada a questões como independência e autonomia, sendo importante distinguir os efeitos da idade.

Em relação aos familiares, o que se percebe é que alguns possuem uma preocupação em relação à saúde do idoso e às vezes o percebem como dependente, ou mais frágil em função de sua saúde debilitada, como se pode verificar nas imagens de velhice que se refletem nas estórias do T.A.T. e em algumas entrevistas.

Ela tem problema de pressão alta, tem que controlar um pouco, cuidar o que come, às vezes quer desistir da fisioterapia e digo para ela continuar. A caminhada até lá é difícil por causa das pernas. (Familiar 16)

Queria que ela fizesse hidroginástica, mas tem problema do coração, ela tem que fazer exame para ver se pode. Anos atrás fazíamos hidroginástica juntas antes de ela ter problemas de saúde. (Familiar 22)

Lopes, Arantes e Lopes (2007) afirmam que há uma excessiva valorização dos jovens em detrimento aos mais velhos na nossa sociedade atual e que isto reforça os mitos sobre o envelhecimento. Isso se deve a fatores culturais que associam as idades mais avançadas à improdutividade e decadência, decadência esta física, emocional, de todas as ordens.

O trabalho de Mercadante mostra, ainda, que os entrevistados relacionam imediatamente corpo doente e velhice. Tal fato não seria de admirar, dado que nosso modelo social de velho é fortemente biomédico. No que se refere essa relação, entretanto, há ambigüidades quando tomada a ótica do próprio idoso – se a doença genericamente aponta para a velhice, esse não é o caso dos entrevistados, que vêm ‘suas’ doenças, somente ‘como doenças’ e não como algo relacionado à idade ou indicativas da sua própria condição de velhos (CONCONE, 2007, p.26).

Pode-se perceber, também, que nos casos estudados, mesmo existindo uma relação de dependência em função de alguns problemas de saúde, a decisão e a autonomia do idoso estão mantidas, como pode ser visto através das seguintes afirmações:

Ela é muito positiva, quando quer uma coisa, se não quer não faz, adora comer, não faz exercício como deveria. (Familiar 14).

Assim como ela depende de mim eu também dependo, uma completa a outra (Familiar 15).

Às vezes tem algumas coisas que não concordo em relação à saúde dele e ele não aceita (Familiar 34).

Tabela 30 – Doença diagnosticada nos últimos 2 anos

OPÇÕES	Nº de respostas	%
Sim	24	70,6
Não	10	29,4
Total	34	100

FONTE: Pesquisa de campo 2006.

Percebe-se através da tabela 30, acima, que a maioria dos idosos entrevistados (70,6%) possui alguma nova doença diagnosticada nos últimos dois anos, o que pode ser decorrência do seu processo de envelhecimento ou de complicações pelo estilo de vida. Porém, esse item

mereceria maiores investigações para poder se afirmar tal fato, sem cair na tendência a associar velhice à doença.

Entretanto, explica a preocupação de alguns familiares com a saúde do seu idoso e pode estar associada também à imagem de velhice que estes têm e aos idosos que não conseguem tomar decisões sozinhos. Para os autores, o envelhecimento, apesar de ser um processo natural e universal, depende da história de vida de cada um, incluindo o autocuidado com a saúde e o bem-estar geral (LOPES, ARANTES e LOPES, 2007).

E não se pode esquecer que é um processo que começa com o nascimento, mas que termina apenas com a morte que cada um teme e quer evitar. E também, é uma construção social estabelecida através das múltiplas relações que vão se criando, ao longo da vida do sujeito. Este vai elaborar e se preparar para esta fase do desenvolvimento, melhor ou pior, de acordo com suas experiências, com suas crenças e com as possibilidades que forem dadas pela sociedade em que vive.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da gerontologia é um desafio e como se trata de uma temática interdisciplinar em sua gênese, pressupõe analisar uma gama de aspectos fundamentais para a compreensão do fenômeno do envelhecimento humano, como as condições de vida, as relações familiares, o contexto social, as relações de gênero, as políticas sociais, entre tantos outros.

Muitas pesquisas vêm colaborando nos últimos tempos para o entendimento do processo de envelhecimento e vemos que a Gerontologia Social, como área do conhecimento, ganha força e novos adeptos a cada ano.

Esta pesquisa teve a pretensão de contribuir para o estudo de uma faceta do envelhecimento, trazendo como recorte o “idoso provedor” que através do benefício da previdência social (aposentadoria e pensões) é o mantenedor de sua família, em um município de médio porte do interior do Rio Grande do Sul. Por outra, pretendeu-se chamar atenção para uma velhice que é heterogênea, com diferenças marcantes em relação a gênero e apontar os novos arranjos familiares que se formam a partir desta questão econômica.

Partiu-se da discussão teórica sobre as mudanças nas famílias, no casamento, nas relações sociais e produtivas, nas empresas frente aos que estão em plenas condições de trabalho e estão sendo afastados. E com o estudo desvelou-se que muda o perfil humano e a forma de entendê-lo, mudam os papéis sociais, o sistema habitacional e o lazer. As conquistas da saúde, a descoberta da importância da inserção social, o projeto de vida são determinantes na mudança social em função do envelhecimento populacional.

Através das questões norteadoras que direcionaram este trabalho de pesquisa e sem esquecer o problema levantado ainda na fase inicial do projeto buscou-se apresentar a tese da autora que mostra a importância da Previdência Social, aqui representada pelos benefícios de aposentadoria e pensões, pois não se trabalhou com o benefício de prestação continuada (BPC), para demonstrar o quanto esses recursos estão interferindo na vida dos idosos e de seus familiares.

As questões levantadas inicialmente e que foram perseguidas ao longo desta investigação, tratavam de esclarecer como os idosos, a partir da condição de mantenedores da família, são percebidos por seus familiares. Objetivou-se verificar se esta nova condição de provedor do idoso está modificando as configurações familiares, as formas de reconhecimento

social do idoso no núcleo familiar e como isto interfere no autoconceito dos mesmos, identificando aspectos de independência e autonomia, ou sua contradição. E ainda, se existem diferenças marcantes em relação à questão de gênero nos papéis desempenhados pelos idosos chefes de família.

Após a análise detalhada e a discussão com o corpo teórico desta pesquisa pode-se confirmar que a previdência social vem interferindo de maneira significativa nas configurações familiares e nas relações estabelecidas entre os idosos chefes de família e seus dependentes, havendo um reconhecimento por parte dos familiares com o papel de provedor que ele desempenha. Os idosos, a partir da condição de “chefes de família”, tendo a sua aposentadoria ou pensão como a principal fonte de renda da família, estão sendo reconhecidos por seus familiares como provedores, e isto está interferindo nas configurações familiares, fazendo com que sejam reforçados os vínculos de solidariedade.

Nestes núcleos a renda não é expropriada do idoso, mas é ele quem decide o que fazer com ela e como distribuí-la entre seus familiares. Existem diferenças significativas nos papéis dos idosos junto às famílias conforme o gênero, sendo as tarefas domésticas exercidas pelas mulheres idosas, inclusive os cuidados com netos e outros idosos de mais idade do núcleo familiar. Como os idosos pesquisados são autônomos, ativos e independentes eles é que exercem a função de cuidadores da geração mais velha, formada pelos seus ascendentes.

Os dados da pesquisa apontam que o idoso, apesar da idade, mantém a condição de provedor da família, exercida antes de chegar à terceira idade e, isto pode estar associado à dificuldade do jovem se inserir no mercado de trabalho, no aumento do desemprego, falta de políticas de inclusão, o que acaba sendo traduzido como melhores condições para o idoso. Porém, deve-se atentar para o fato de que esta não é uma regalia nem uma benesse, senão que o idoso tem mais uma “carga”, um peso para suportar na sua velhice, o fato de continuar tendo familiares que dependem da sua renda. Pode-se verificar, inclusive, que existem mudanças nas configurações familiares, havendo a volta da família extensa por dificuldades econômicas. Por outro lado há como aspecto positivo, o reforço do sentimento de reciprocidade entre este idoso e seus familiares, gerando satisfação por parte dos familiares dos cuidados e ajuda que recebem de seu idoso e um aumento da auto-estima deste idoso, que se reconhece no lugar de provedor da família.

Observam-se mudanças nas famílias, no casamento, nas relações sociais e produtivas, nas empresas frente aos que estão em plenas condições de trabalho e estão sendo afastados. Muda o perfil humano e a forma de entendê-lo, mudam os papéis sociais, o sistema habitacional e o lazer. As conquistas da saúde, a descoberta da importância da inserção social,

o projeto de vida são determinantes na mudança social em função do envelhecimento populacional.

Assim como se pode verificar a influência da questão econômica sobre os arranjos familiares, também se constatou sua interferência sobre como estão as relações familiares. Uma grande preocupação que se tinha no início da pesquisa era verificar se os recursos financeiros não estariam sendo expropriados deste idoso, configurando-se em uma violência contra o idoso. Ou, verificar se estes recursos estavam sendo distribuídos pelo próprio idoso e desta forma, lhe configurando o papel de provedor, “chefe” de família, com o status que lhe faria jus, dentro do núcleo familiar.

E, desta forma, percebeu-se que o mesmo conteúdo que foi trazido conscientemente nas entrevistas dos familiares apareceu no teste projetivo, mostrando que há um reconhecimento do idoso no papel de provedor. Aparece de forma destacada a visão da experiência e da sabedoria desta figura, reconhecida como uma figura de autoridade, que cuida, que aconselha e que ajuda seus familiares. O diálogo e a amizade aparecem como o ponto forte em relação ao relacionamento com os idosos provedores desta pesquisa e seus familiares.

Com as novas configurações, as relações se transformam, e começam a conviver, no mesmo espaço físico (moradia), diferentes gerações, que passam a dividir as suas despesas e também as suas necessidades, sonhos, alegrias. A figura do neto surge com força e o novo papel de avó aparece, inclusive no papel de cuidador e como um agregador familiar. Esse tipo de vínculo é bom para a pessoa idosa, pois se constatou que os idosos se sentem valorizados, o que lhes reforça o autoconceito e, gera uma melhora na auto-estima. Para os sujeitos pesquisados é importante manter os vínculos e eles se sentem valorizados no âmbito familiar, mesmo para aqueles em que sua contribuição com os familiares é somente econômica, fato que possivelmente está ligado a questões culturais da região do estudo. Além disto, este aspecto reforça a característica de autonomia e independência destes idosos, que continuam decidindo sobre suas vidas, mantendo uma vida social ativa, com vínculos de amizade e participação em suas comunidades.

A imagem associada à velhice também aparece no TAT e na fala de alguns familiares, e é uma imagem ainda muito associada a aspectos negativos, pois está relacionada às perdas físicas e à tristeza. Além da influência de questões culturais que se sabe que foram construindo socialmente, ao longo dos anos, esta imagem (representação) de velhice na mente das pessoas, também se percebeu que nesta amostra, de certa forma, esta imagem está relacionada aos episódios de doença, pelos quais passaram ou estão passando seus pais/familiares.

Em relação à questão das diferenças de gênero e o papel de provedor da família, foram encontradas diferenças importantes associadas ao papel desempenhado por homens e mulheres idosas nesta pesquisa. O papel da mulher idosa, mesmo após aposentadoria, continua ligado ao cuidado dos familiares e das atividades domésticas e o papel do homem relacionado à atividade extra-lar. E apareceu um elemento que não era esperado, relacionado a uma imagem muitas vezes negativa da figura masculina, associada a jogo, álcool ou doenças.

Verificou-se, assim, que o idoso está desempenhando um novo papel junto aos seus familiares, de provedor, e nas famílias estudadas este papel está sendo reconhecido, e está havendo uma valorização desta figura, como alguém importante que cuida, acolhe, aconselha e se responsabiliza pelos seus, estando a tarefa do cuidado ainda mais ligada à figura feminina, mesmo essa idosa já possuindo um novo perfil, o de mulher trabalhadora.

A partir deste estudo, pensa-se que seria importante investigar, como foi apontado na discussão, a relação das categorias gênero e doença e a imagem do idoso. Sugestão para a continuidade da caminhada, que não finaliza aqui. Com a conclusão deste trabalho encerra-se uma etapa apenas, pois se sabe que quanto mais se estuda, maior a curiosidade de continuar buscando o conhecimento e aprender cada vez mais.

Quando se termina um trabalho ou uma pesquisa, se alcança uma meta e se conquista um objetivo que adquire “dupla dimensão: gratifica o profissional por ter contribuído de forma objetiva na evolução da valorização do idoso e, principalmente, resgata dívida histórica da sociedade no sentido de valorizar o idoso como ser humano capaz e não como um fardo social a ser suportado” (BERNARDES, 2007, p. 119).

E quando se potencializam os espaços, dão-se novas formas de cidadania à velhice, abrindo caminhos e caminhando junto aos idosos pode-se visualizar a sua inserção nesse espaço social. E é desta forma que concluo esta tese entendendo que este sujeito que hoje é objeto de estudo desta pesquisa está se construindo ao longo do tempo, modificando e sendo modificado por suas relações sociais e pelo contexto onde está inserido. Há que se falar em “velhices”, pois são muitas as características e diferenças entre os sujeitos que estão nesta faixa etária compreendida como terceira ou quarta idade.

REFERÊNCIAS

ALUÉ, Ramón Cristófol. El reto de la dependencia. Valoración y proyecciones. In: MORAGAS, Ricardo Moragas (Org.). **El Reto De La Dependencia Al Envejecer**. Barcelona: Ed.Herder, p. 89-104, 1999.

ARBER, S.; GINN, J. Patterns of Employment, Gender and Pensions: The Effect of Work History on Older Women's Non-State Pensions. **Work Employment Society**, September 1; 10(3): 469 – 490 , 1996.

AREOSA, S.V.C.; BEVILACQUA, P.; WERNER, J. Representações sociais do idoso do município de Santa Cruz do Sul. **Revista Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, v. 5, p. 81-100, 2003.

AREOSA, Silvia V. C. O que pensam as mulheres e os homens idosos sobre o seu envelhecimento? **Revista Virtual Textos & Contextos**. Porto Alegre, V.3, nº 1, p. 1-12, 2004. Disponível em: < <http://www.pucrs.br/textos/main.htm>>. Acesso em: 20 de out. 2005.

BANÚS, José Luis Salido; ÁLVARO, Javier Ibars. Sistema de Pensiones Situacion Actual y previsiones de Futuro. In: MORAGAS, Ricardo Moragas (Org.). **El Reto De La Dependencia Al Envejecer**. Barcelona: Ed. Herder, p.147-163, 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3ªed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARRILI, Heloisa Salvadora de Carvalho. A qualidade de vida e a aposentadoria. In: TERRA, Newton Luiz (Org.). **Envelhecendo com qualidade de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.119-123, 2001.

BAUER, M.W.; GASKELL, G.; ALLUM, N.C. Qualidade, Quantidade e Interesses do Conhecimento. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: II a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1981.

BEN, Laura Alonso; WAGNER, Adriana. Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas e família de baixo nível socioeconômico. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 63-71, jan./abr., 2006.

BERNARDES, Maria Aparecida Fraga. Conselhos de representação: espaços para os idosos se organizarem na defesa de seus direitos. **Revista Kairós**. São Paulo: EDUC, v.10, n 2., p. 107-121, 2007.

BLAU, Peter. **Exchange and power in social life**. NY: Wiley, 1964.

BRASIL. **Política nacional da Assistência Social**. Brasília: Cortez, 2004.

BRITO, Maria N. C. Gênero e Cidadania: referenciais analíticos. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, v. 9, nº02, p. 291-298, 2002.

BULLA, L.C.; KAEFER, C.O. Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado. **Revista Textos e Contextos**. Porto Alegre: PUCRS, vol.2, nº1, 2003. Disponível em: <[http:// revista_eletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/fass/issue/view/87](http://revista_eletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/fass/issue/view/87)>. Acesso em: 15 de maio 2007.

BULLA, L. C.; KUNZLER, R. B. Envelhecimento e gênero: distintas formas de lazer no cotidiano. In: DORNELLES, Beatriz; COSTA, Gilberto J. C. da (Org.). **Lazer, realização do ser humano**: uma abordagem para além dos 60 anos. Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2005.

CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Muito Além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

_____. **O idoso brasileiro no mercado de trabalho**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

CAMARANO, Ana A.; PASINATO, Maria T. **Envelhecimento, condições de vida e política previdenciária**. Como ficam as mulheres? Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

_____. **Envelhecimento, Pobreza e Proteção Social na América Latina**. Texto para discussão (IPEA), v.1, p.1-32, 2007.

CASTRO, Odair P. (Org.). **Velhice, que idade é essa?** Uma construção psicossocial do envelhecimento. Porto Alegre: Síntese, 1998.

CENSO demográfico 2000. **Banco de dados agregados do IBGE**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 24 set. 2004.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. **Metodologia científica**: para uso de estudantes universitários. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CHODOROW, N. **The Reproduction of Mothering**. Berkeley: University of California Press, 1978.

CONCONE, Maria Helena V. B. Medo de envelhecer ou de parecer? **Revista Kairós**. São Paulo: EDUC, v.10, n 2., p.19-44, 2007.

COSTA, Ruthe Corrêa. As pessoas idosas em evidência na contemporaneidade: desafios cotidianos no trabalho, na família e na vida social. 2005. 224 f. **Tese de Doutorado** (Programa de Pós-graduação em Serviço Social), Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

CUÉLLAR, Arancha. Nuestros mayores se mueven más que nunca. Barcelona: **Periódico Qué!**, p. 2, 24/04/2007.

CURY, Carlos R. J. **Educação e Contradição**. São Paulo: Cortez, 1985.

DEMO, Pedro. **Avaliação Qualitativa**. 8ª Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

_____. Dialética e Qualidade Política. In: HAGUETE, Teresa M. F. (Org.). **Dialética Hoje**. Petrópolis: Vozes, 1990.

DEBERT, Guita G. Gênero e Envelhecimento. **Estudos Feministas**. Porto Alegre, v.2, n.3, p. 33-51, 1997.

_____. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp, 1999.

DÍAZ, Julio Pérez. Proyección de personas dependientes al horizonte 2020. In: MORAGAS, Ricardo Moragas (Org.). **El Reto De La Dependencia Al Envejecer**. Barcelona: Ed.Herder, p.69-88, 1999.

_____. **La situación social de la vejez en España a partir de una perspectiva demográfica**. Instituto de Economía, Geografía y Demografía, CSIC, p 1-46, 2004.

DIÁRIO VERMELHO. Brasil, 31 de agosto de 2004. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br>> . Acesso em 17 nov. 2004.

DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Editora Perspectiva, 3^a ed, 2004.

ERBOLATO, Regina M. P. L. Relações sociais na velhice. In: In: FREITAS, Elizabete V. et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. La dinámica familiar y el fenómeno de la transgeneracionalidad: definición de conceptos. In: WAGNER, Adriana (Org.). **La transmisión de modelos familiares**. Madrid: Editorial CCS, 2003. p. 21-43.

FARENZENA, W. P.; ARGIMON, I. L.; MORIGUCHI, E.; PORTUGUEZ, M. W. Qualidade de vida em grupo de idosos de Veranópolis. **Revista Kairós**. São Paulo: EDUC, v.10, n 2, p. 225-243, 2007.

FEE. Fundação de Economia e Estatística. **Estimativa da população por município, faixa etária e sexo no Rio Grande do Sul, 2006**. Disponível em: <www.fee.rsgov.br/sitefee/pt/content/contato/index.php>. Acesso em 11 de mar. 2008.

FEE. Centro de Informações Estatísticas/Núcleo de Produtos Estatísticos. **Estimativas 2007**. In: <www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/index.php>. Acesso em ago. de 2008.

FLECK, Ana Cláudia e WAGNER, Adriana. A mulher como principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, vol. 8. Nº especial, p. 31-38, 2003.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Ed. Bookman, 2004.
GENTILI, Pablo (Org.) **Globalização Excludente**. 5^aed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
GUARESCHI, Pedrinho A. **Sociologia Crítica: Alternativas de mudanças**. 21^a ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1989.

GOLDANI, Ana Maria. **Relações Intergeracionais e Reconstrução do Estado de Bem-Estar**. Por que se deve repensar essa relação para o Brasil? São Paulo: UNICAMP, 2004.

GOLDIM, José R. Bioética e envelhecimento. In: Freitas, Elizabete. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 85-90.

GUEIROS, Dalva Azevedo. Família e Proteção Social: questões atuais e limites da solidariedade familiar. **Revista Serviço Social & Sociedade: Famílias**. v. 23, n. 71, ano XXIII, p.102-121, set. 2002.

GUZMÁN, J.M. **Redes de Apoio Social, comunitário e familiar en personas adultas**

maiores. Programa de Desenvolvimento. Celade, Nações Unidas. Santiago, Chile: CEPAL, 2003.

GROSSI, Patrícia Krieger; ARSEGO, Livia Ramalho. Idosos e violência familiar: desvelando o fenômeno. In: TERRA, Newton Luiz (org.). **Envelhecendo com qualidade de vida.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p.63-68.

GROSSI, Patrícia Krieger; SOUZA, Mozara dos Reis. Os Idosos e a Violência Invisibilizada na Família. Porto Alegre: **Revista Textos & Contextos**, v. 2, n 1, 2003. Disponível em: <<http://revistaeletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/fass/issun/view/87>. Acesso em: 14 de ago. 2006.

G1 - O PORTAL DE NOTÍCIAS DA GLOBO, 2007. **Taxa de fecundidade confirma tendência de queda, segundo IBGE.** Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,MUL104495-5598,00-TAXA+DE+FECUNDIDADE+CONFIRMA+TENDENCIA+DE+QUEDA+SEGUNDO+IBGE.html>>. Acesso em 20 de ago. 2008.

HARDING, S. Can feminist thought make economics more objective. **Feminist Economics.** v.1, n. 1, p.7-32, 1995.

HEREDIA, Olga Collin. Mulher e velhice demográfica. In: STREY, M.N.; MATTOS, F.; FENSTERSEIFER, G; e WERBA, G. **Construções e perspectivas em gênero.** São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2000. p.120-134.

HERÉDIA, V.B.M.; CASARA, M. B. **Tempos Vividos: Identidade, memória e Cultura do Idoso.** Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

HERNANDIS, Sacramento Pinazo. El apoyo social y las relaciones sociales de las personas mayores. In: HERNANDIS, Sacramento Pinazo; MARTINEZ, Mariano Sánchez (Orgs.). **Gerontología: Actualización, innovación y propuestas.** Madrid: Pearson Educación S.A., 2005. p.221-256.

HIPP, Roswitha. Orígenes del matrimonio y de la familia modernos. **Revista Austral de Ciências Sociais.** Valdivia: Universidade Austral do Chile, n.11, p. 59-78, 2006.

IAMAMOTO, Marilda V. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional.** 2 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Perfil das mulheres responsáveis pelos domicílios no Brasil - 2000. **Estudos e Pesquisas:** informação demográfica e socioeconômica, n. 8, Rio de Janeiro, 2002.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil – 2000**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso/perfidosos2000.pdf>>. Acesso em: 8 set. 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Banco de dados agregados: **Indicadores sociais**: Síntese de indicadores sociais 2005. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 27 nov. 2006.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Tábua Completa de Mortalidade do Brasil 2005**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/>>. Acesso em 22 de abr. 2007.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Banco de dados agregados: **Indicadores sociais**: Síntese de indicadores sociais 2006. Disponível em: <http://www.ibge.com.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=774&id_pagina=1>. Acesso em 05 set. 2008.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de Indicadores Sociais. Uma análise das condições de vida. Rio de Janeiro: **Estudos e pesquisas**: Informação demográfica e socioeconômica, n. 21, 2007.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas da População 2008**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1233&id_pagina=1>. Acesso em: 08 de out. 2008.

INE. INEBASE: **Encuesta sobre discapacidades, deficiencias y estado de salud**, 1999. INE, 2004.

IMSERSO - **Instituto de Mayores y Servicios Sociales 2007**. Disponível em: <<http://www.seg-social.es/imserso/index.html>>. Acesso em 20 de ago. 2008.

KERGOAT, D., Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. In: LOPES, M. J.; MEYER, D.; WALDAW, V. (Orgs.). **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 19-27.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

KRELING, Norma Herminia. Gênero e trabalho na terceira idade. Mulher e trabalho. **FEE, FGTAS/SINE-RS**. Porto Alegre, p.97-104, 2001.

_____. Os idosos e as novas evidências nas relações com a família e com o trabalho. In: WILTGEN, R. S.; GARCIA, L. S. (Coord.). **Transformações do mercado de trabalho metropolitano**. Porto Alegre: FEE, FGTAS/SINE-RS, DIEESE, SEADE-SP, PMPA, 2002. p. 97-120.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

LEFEBVRE, Henri. **Sociologia de Marx**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1979.

LONGINO, Charles F. The Medicine: Paradigm Strain and Social Policy. **Journal of Health e Social Policy**. v. 9, n. 4, p.101-116, jun. 1998.

LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. Gênero & Saúde. In: KERGOAT, Danièle. **Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LOPES, M. S.; ARANTES, R. C.; LOPÉS, R.G.C. Um breve ensaio sobre a aceitação da beleza na enfermidade dos corpos. In: **Revista Kairós**. São Paulo: EDUC, v.10, n 2, p. 45-61, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. Gênero, Sexualidade e Educação: Das afinidades políticas às tensões teóricas-metodológicas. **Educação Revista**, n. 46, p. 201-218, dez 2007.

MAGALHÃES, Dirceu N. **A Invenção social da Velhice**. Rio de Janeiro: Ed. Papagaio, 1989.

MARTÍN, A.; MESA, J. Sueldos alternos para quienes se turnen en el cuidado de un familiar. Barcelona: **Periódico 20 Minutos**, p.12, 16/04/2007.

MARTINS, Rosana M. Família em cena: Trama, dramas e transformações. **Psico - USF**, v. 8, n. 2, p.213-214, jul/dez. 2003.

MAZO, G. Z.; LOPES, M.A; BENEDETTI, T. B. **Atividade Física e o Idoso: Conceção Gerontológica**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MENENDEZ, Concha M. Equipamentos Urbanos e Residenciais: Tecnologias Assistivas para Idosos Dependentes. **Encontro Internacional de Gerontologia Social**. São Paulo: SESC, p.188-195, 2006.

MINAYO, Maria Cecília S. (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Campinas: Papyrus, 1987.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1994.

MORAGAS, Ricardo Moragas (Org.) **El Reto De La Dependencia Al Envejecer**. Barcelona: Ed.Herder, 1999.

_____. **Gerontología Social: Envejecimiento y calidad de vida**. Barcelona: Ed.Herder, 1995.

MURRAY, Henry A. **Teste de Apercepção Temática: TAT**. Tradução de José de Souza e Melo Werneck. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

NERI, Anita L. **Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1991.

_____. (Org.) **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas, São Paulo: Ed. Papyrus, 1993.

_____. **Maturidade e Velhice: trajetórias individuais e socioculturais**. Campinas: Papyrus, 2001.

_____. Teorias Psicológicas do Envelhecimento: percurso histórico e teorias atuais. In: FREITAS, Elizabete V. et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

NERI, A. L.; DEBERT, G.G. **Velhice e Sociedade**. 2 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

OLIVEIRA, Érica A; PASIAN, Sonia R; JACQUEMIN, André. A Vivência Afetiva em Idosos. **Psicologia Ciência e Profissão**. Ano 21, n.1, p.68-83, 2001.

ORTIZ, Lourdes Pérez Envejecimiento y Género. In: HERNANDIS, Sacramento Pinazo; MARTINEZ, Mariano Sánchez (Orgs.). **Gerontología: Actualización, innovación y propuestas**. Madrid: Pearson Educación S.A., 2005. p.71-90.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Casais e famílias: uma visão contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OSÓRIO, Luiz Carlos; VALLE, Maria Elizabeth do. **Terapia de famílias: novas tendências**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PAIVA, S.C.; CARVALHO, E.M.F.; LUNA, C.F. A velhice não contemplada: invisibilidade das demandas sociais da pessoa idosa em Fernando de Noronha- Nordeste do Brasil. **Revista Kairós**. São Paulo: EDUC, v.10, n 2, p. 91-105, 2007.

PAPALÉO NETTO, Matheus. O Estudo da velhice: Histórico, Definição de Campo e Termos Básicos. In: FREITAS, Elizabete V. et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

PESQUISA Nacional por Amostra de Domicílio. **Banco de dados agregados do IBGE**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 14 jul. 2005.

PNAD- 2006. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf_release/18Pnad_Primeiras_Analises_2006.pdf>. Acesso em: 08 de mar. 2008.

PNAD- 2007. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1230&id_pagina=1>. Acesso em 5 de ago. 2008.

PEREIRA, Potyara A. **Política social e democracia**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Necessidades Humanas: subsídios à crítica dos mínimos sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

PINAZO, Sacramento. Relaciones Sociales. In: TRIADÓ, Carme ; VILLAR, Feliciano (Coords.) **Psicología de la vejez**. Madrid: Alianza Editorial, 2006. p.253-282.

PIRES, Z. R. S.; SILVA, M. J. Autonomia e capacidade decisória dos idosos de baixa renda: uma problemática a ser considerada na saúde do idoso. **Revista Eletrônica de Enfermagem** Goiânia, v.3, n.2, jul - dez. 2001. Disponível: <<http://www.fen.ufg.br/revista.htm>>. Acesso em: 13 de abr. de 2007.

PITAUD, Philippe. La dependencia y su prise en charge(responsabilidad). In: MORAGAS, Ricardo Moragas (Org.). **El Reto De La Dependencia Al Envejecer**. Barcelona: Ed.Herder, 1999. p.17-30.

_____. Políticas e Projetos Sociais para a Terceira Idade em Portugal e na França. **Encontro Internacional de Gerontologia Social**. São Paulo: SESC, p.277-282 , 2006.

POSCHMANN, M. Gastos sociais, distribuição de renda e cidadania: uma questão política. **Econômica**, v.5, n.1, p.111-114, 2003.

RABELO, Dóris Firmin; NERI, Anita Liberalesso. Recursos psicológicos e ajustamento pessoal frente a incapacidade funcional na velhice. **Psicologia em Estudo**, v.10; nº 3, p. 403-412, 2005.

RAJCZUK, L.; CASTRO, R.C.G. Eventos discutem cuidados com os idosos. **Jornal da USP**, 19 a 25/04/99, p. 8-9, 1999.

REDCLIFT, M. Development and the environment: managing the contradictions? In: SKLAIR, Leslie (Org.) **Capitalism and development**. 2.ed. London : Routededge, p.123-139, 1997.

RIO GRANDE DO SUL. Conselho Estadual do Idoso. Os idosos do Rio Grande do Sul: Estudo multidimensional das suas condições de vida: **Relatório de pesquisa**. Porto Alegre: CEI, 1997.

RODRIGUES, Nara C. Política Nacional do Idoso – retrospectiva histórica. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre: UFRGS, v.3, p. 149-158, 2001.

SÁ, Jeanete. L. M. Gerontologia e Interdisciplinaridade: fundamentos epistemológicos. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo: Cortez, n. 58, p. 153-161, 1998.

SAFIOTTI, Heleieth. Violência de Gênero – lugar da práxis na construção da subjetividade, **Lutas Sociais**, n. 2, PUC/SP, p. 59-79, 1997.

SALGADO, Marcelo. Aposentadoria e ética social. **Revista da Terceira Idade**. São Paulo, v.2, n.2, p.4-8, 1989.

SANTOS, Geraldine e VAZ, Cícero. Grupos da Terceira Idade, Interação e Participação Social. In: ZANELLA, Andréa (et al.) **Psicologia e Práticas Sociais**. Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 1997.

SANTOS, Maria de Fátima S.; BELO, Isolda. Diferentes modelos de velhice. **Revista PSICO**. Porto Alegre, v.31, n.2, p.31-48, jul./dez. 2000.

SCARPARO, Helena. **Psicologia e Pesquisa: Perspectivas metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2000.

SCOTT, Joan W. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica**. Recife: SOS: Corpo e Cidadania, 1990.

SIMÃO, Vilma M. **Desemprego e sobrevivência: alternativas de trabalho**. Blumenau: Editora da FURB, 2000.

SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999.

SZYMANSKY, Heloisa. Viver em Família Como Experiência de Cuidado Mútuo: Desafios de um Mundo em Mudança. **Revista Serviço Social & Sociedade: Famílias**, v.23, n. 71, ano XXIII, p. 9 - p. 25, 2002.

TEIXEIRA, Solange Maria. Lazer e tempo livre a “terceira idade”: potencialidades e limites na trabalho social com idosos. **Revista Kairós**. São Paulo: EDUC, v.10, n 2., p. 169-188, 2007.

TERRA, Newton Luiz. E os idosos? **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 17, jan. 2005.

TRIADÓ, Carme; VILLAR, Feliciano (Coords.) **Psicología de la vejez**. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

TRIADÓ, C.; MARTÍNEZ, G.; VILLAR, F. **Psicología del desenvolupament: adolescència, maduresa i senectut**. Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona, 2000.

TRIADÓ, Carmen T.; OLIVARES, Maria José Osuna. Las relaciones abuelos-nietos. In: HERNANDIS, Sacramento Pinazo; MARTINEZ, Mariano Sánchez (Orgs.). **Gerontología: Actualización, innovación y propuestas**. Madrid: Pearson Educación S.A., 2005. p.259-288.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, Eduardo M. (Org.). **Saúde mental e Serviço Social: o desafio da subjetividade e da interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2002.

VÍCTORA, Ceres G.; KNAUTH, Daniela R.; HASSEN, Maria de Nazareth A. **Pesquisa Qualitativa em Saúde**. Porto Alegre: TOMO Editorial, 2000.

VELANDIA, Israel. Entre a vulnerabilidade e a exclusão. **Tese de Doutorado**. Instituto de Medicina Social: UERJ, 2001.

VELÁSQUEZ, Ángela Maria Quintero. La mujer y sus derechos desde la función familiar. **Convergencia: Revista de Ciencias Sociales**, mayo-agosto, v.12, n38. México: Universidad Autónoma del Estado de México, p.43-58, 2005.

VITALE, Maria Amália Faller. Famílias monoparentais: Indagações. **Revista Serviço Social & Sociedade: Famílias**, v.23, n. 71, ano XXIII, p. 45 – p. 62, set. 2002.

ZIMERMAN, E. D. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Editora: Artes Médicas, 1997.

_____. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre. Editora: Artes Médicas Sul, 1993.

ZIMERMAAN, Guite L. **Velhice: aspectos biopsicosociais**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista (idoso)

ROTEIRO DE ENTREVISTA

DADOS PESSOAIS

1. Sexo: (1) masculino (2) feminino

2. Idade: _____

3. Data de nascimento: ___/___/___

4. Cor (**pelo entrevistador**)

(1) branco (2) negro (3) amarelo (4) mulato (5) outro

5. Qual é sua escolaridade? _____

(1) analfabeto/1ª série incompleto (2) ensino fundam. incompl. (3) ensino fundam. compl.

(4) ensino médio incompl. (5) ensino médio compl. (6) ensino técnico

(7) ensino superior (8) pós-graduação

6. Estado civil:

(1) solteiro (2) casado (3) união estável (4) separado

(5) divorciado (a) (6) viúvo (a)

7. **a)** Tem filhos: (1) sim (2) não

b) Quantos: _____

8. Mora:

a) com:

(1) cônjuge (2) filhos (3) cônjuge e filhos (4) netos

(5) netos e filhos (6) sozinho (7) com outros parentes (8) outros: _____

b) residência:

(1) própria (2) alugada (3) familiares

9. **a)** O Sr.(a) recebe visitas?

(1) sim (2) não

b) Quem vem visitá-lo?

(1) filhos (as) (2) noras/genros (3) netos (as) (4) irmãos (as)

(5) outros parentes (6) amigos

c) Com que frequência o Sr.(a) recebe ou faz visitas?

(1) nunca (2) anualmente (3) em feriados (4) bimestralmente (5) mensalmente

(6) semanalmente (7) diariamente (8) outro: _____

10. **a)** Participa/freqüenta regularmente algum grupo, clube ou associação?

(1) sim (2) não

b) Se respondeu sim à questão anterior, quais as associações?

(1) associação de moradores (2) sindicatos (3) grupo de terceira idade

(4) clube de mães (5) clube social (6) grupo de esporte (7) partido político

(8) grupo de carteados (9) grupo de colecionadores (10) outro: _____

11. **a)** Qual a sua profissão/atividade na maior parte da vida? _____

b) Qual a sua atividade atual? _____

12. Quais suas fontes de renda atuais?

(1) pensão (2) aposentadoria (3) aluguéis (4) aposentadoria privada

(5) trabalho atual (6) ajuda de filhos e parentes (7) outras: _____

13. Qual a sua renda mensal? _____ **a)** Qual a renda familiar? _____

b) Quantas pessoas dependem da sua renda?

(1) ninguém (2) minha mulher e eu (3) esposa e filhos

(4) filhos (5) outros parentes

14. **a)** O Sr. (a) tem dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades?

(1) sim (pular para a 14) (2) não (3) outra: _____

b) Se não ou mais ou menos, para o que fica faltando dinheiro?

(1) alimentação (2) vestuário (3) educação (4) lazer

(5) moradia (6) saúde (7) medicamentos (8) outro: _____

15. O que o Sr.gosta de fazer nas suas horas livres?

(1) ficar em casa (TV, rádio, atividade Lazer...) (2) passear (3) viajar (4) visitar

(5) clubes e associações (6) esporte (7) religião (8) atividade física regular

(9) outros: _____

16. O que o (a) Sr. (a) sente quando pensa na sua família?

17. Que tipos de conflitos surgem entre o Sr. (a) e seus familiares?

18. Quando o (a) senhor (a) pensa nas outras relações sociais estabelecidas no seu dia-a-dia, como se sente em relação a:

a) parentes:

b) amigos, conhecidos e colegas:

c) no espaço público (ônibus, comércio, bancos, etc.):

19. **a)** Quando tem de tomar uma decisão:

(1) não decido porque tenho dificuldade (2) não decido porque outros decidem por mim
(3) decido sem dificuldade (4) outros:

b) Como o senhor (a) se sente em relação a sua capacidade de tomar decisões?

(1) muito insatisfeito (2) insatisfeito (3) nem satisfeito, nem insatisfeito
(4) satisfeito (5) muito satisfeito (6) outro:

20. **a) O senhor (a) conhece o Estatuto do Idoso?**

(1) não (**pular para a 20**) (2) mais ou menos (3) sim

b) Já fez uso? (1) não (2) sim

c) Por qual motivo?

21. No seu entender quando uma pessoa idosa precisa de ajuda?

22. Quais são as situações que o seu familiar o ajuda?

23. Existe alguma coisa que o (a) Sr.(a) gostaria de realizar atualmente e não consegue, que tenha deixado de realizar? _____

24. Quando necessita ir ao médico vai só ou acompanhado?

- () Só por que prefiro
() Só porque não tem quem vá comigo
() Acompanhado por filho
() Acompanhado por cônjuge
() Acompanhado por familiares

25. **a) Nos últimos dois anos teve alguma doença diagnosticada por seu médico ou profissional de saúde?**

(1) sim (2) não

b) Qual (quais)? _____

26. Em que situação o Sr. (a) se sente a vontade para dizer o que pensa e quando não se sente?

27. Como o Sr. (a) se auto-definiria? Justifique

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista (familiar)

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nº do questionário: _____

1. Sexo: (1) masculino (2) feminino

2. Idade: _____

3. Parentesco com o idoso pesquisado:

(1) filho (2) neto (3) cônjuge (4) irmão (5) sobrinho (6) outro: _____

4. Estado civil:

(1) solteiro (2) casado (3) união estável (4) separado (5) divorciado (6) viúvo

5. Escolaridade:

(1) analfabeto/1ª série incomp. (2) ensino fundam. incomp. (3) ensino fundam. comp.
 (4) ensino médio incomp. (5) ensino médio compl. (6) ensino técnico
 (7) ensino superior comp. (8) ensino superior incomp. (9) pós-graduação

6. Qual a sua atividade atual? _____

7. Renda mensal: R\$ _____, _____

8. Fale sobre a sua relação com o (a) _____ (nome do idoso):

APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Envelhecimento, Contexto Social e Relações Familiares: Desmistificando o papel do idoso na sociedade contemporânea, de assistido a provedor da família.

Segundo dados do Censo Demográfico – IBGE, no Brasil, em 2000, os idosos com 60 anos e mais representavam 8,6% sobre o total da população, enquanto no Rio Grande do Sul eles representavam 10,4%, ou seja, uma camada expressiva da população. Desta forma, é importante que sejam realizados estudos sobre o processo de envelhecimento e suas repercussões. Esta pesquisa então, parte do pressuposto que as relações familiares são atravessadas pela questão econômica e, que a velhice não é homogênea; e pretende investigar: as novas configurações familiares e as relações entre os idosos, mantenedores da família, e seus familiares. Para isso fará uso da entrevista enquanto instrumento de coleta de dados junto aos idosos e de um teste projetivo o TAT, com os familiares. As entrevistas, assim como a aplicação do TAT será feita na residência dos pesquisados sem custo e risco para os mesmos. Os dados serão sigilosos, sem identificação dos sujeitos em nenhuma apresentação oral ou escrita dos resultados. Se o pesquisado em qualquer momento da pesquisa decidir desistir do

seu consentimento, poderá fazê-lo sem nenhum prejuízo. A pesquisadora Silvia Coutinho Areosa, docente da UNISC e doutoranda em Serviço Social pela PUCRS, poderá esclarecer qualquer dúvida sobre a pesquisa pelo fone: (51)37177388.

Após ter sido devidamente informado(a) e esclarecido(a) de todos os aspectos da pesquisa eu, _____ (participante 1);
 _____ (participante 2) concordo em participar desta pesquisa.

 Assinatura do participante 1

 Assinatura do participante 2

 Assinatura do pesquisador

Santa Cruz do Sul, ____ de _____ de 2006.

ANEXO A – ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS DOS IDOSOS

1 - Percepção do idoso como chefe de família (Como o idoso percebe o reconhecimento de seus familiares e o relacionamento familiar)

Falas dos idosos:

01. Homem, 77 anos, casado, aposentado, vive com mulher e filho:

“Não tem conflito. A família tem que estar unida com dinheiro junto. Às vezes o filho ajuda com dinheiro e eu também ajudo ele.”

02. Mulher, 71 anos, viúva, pensionista, vive com um filho:

“Me sinto bem porque convivo com eles. Por enquanto eu que estou ajudando, porque ele está na faculdade e eu que estou levando. Meu maior desejo é ver esse filho formado”.

03. Mulher, 64 anos, separada, vive com companheiro, filhos e neta:

Se sente bem quando todos estão bem, tem problemas de relacionamento com a filha e o filho não se acerta com ex-marido e a nora não faz visita, “eu é que vou fazer visita. A pequena incomoda, mas a gente se acerta melhor com ela do que com a mãe dela (filha). O filho toma suas ‘cachacinhas’ antes da noite e aí ele incomoda. Faço tudo sozinha, não tenho ajuda de ninguém”.

04. Mulher, 65 anos, casada, aposentada, vive com filhos e mãe:

“Mudou muito as relações familiares, não é mais aquela coisa boa. Muito dolorido ter que criar filhos para o mundo, agora não tem mais aquela união de família, todo mundo tem que correr para o trabalho, para o estudo e não tem tempo pra nada. Acho que eu não conto com meus filhos quando eu estiver velha. Acho que eles têm responsabilidade deles e não vão poder me cuidar. Vou contratar uma pessoa e não vou querer que eles sejam responsáveis total por mim... Só ganho ajuda do meu marido, ele me ajuda em tudo. Se eu não tivesse o marido não podia estar com a mãe.”

05. Mulher, 64 anos, casada, aposentada, vive com marido e filha:

“Não tem nenhum conflito grave, só coisinhas normais, às vezes me estresso, às vezes me emociono, me preocupo”.

06. Homem, 64 anos, casado, aposentado, vive com esposa e filho:

“Me sinto bem, tudo tranquilo, às vezes só uma palavra mais áspera, mas só na hora. Quando tenho vontade digo, não sou de guardar, sempre está bom para mim”.

07. Mulher, 69 anos, viúva, pensionista, vive com filhas e netas:

“A neta ajuda a cozinhar, a filha também ajuda. Quando viajo, ela toma conta da cozinha. Com a limpeza todo mundo ajuda, está todo mundo grande. Tenho vontade de realizar alguma coisa, mas me sinto presa em casa”. Preocupa-se em colocar as netas, a filha se separou e está desempregada.”

08. Mulher, 63 anos, separada, aposentada, vive com companheiro e filho:

“Minha família me abandonou e não recebo ajuda nenhuma (refere-se a pais e irmãos). Os filhos dificilmente ajudam porque não podem, mas com gestos um ajuda o outro... Somos família humilde, mas unida. Quando estou ruim, o filho faz o serviço, cuida de mim”.

09. Homem, 63 anos, viúvo, aposentado, vive com companheira:

“Não temos conflitos, a gente se dá bem, briga não existe, de nenhuma das partes. Me sinto bem, tive um bom relacionamento com todos. Moralmente me visitam seguidamente, me telefonam. Filho que mora na cidade é o que mais aparece. É um tipo de ajuda como convivência, me sinto bem”.

10. Mulher, 62 anos, viúva, pensionista e aposentada, vive com um filho:

“Estou muito bem, gosto de ter os filhos por roda. Sempre sonhei em ter os filhos na volta e o pior é que foram tudo embora e este que está aí... Também diz que vai embora. Eu ajudo financeiramente o mais novo que não trabalha e o mais velho me ajuda”. Sobre o relacionamento com os filhos diz que o pior é com a filha que fica quieta no trabalho e que depois descarrega nela.

11. Homem, 63 anos, casado, aposentado, vive com esposa, filha e netos:

“Eu ainda ajudo eles, sou ‘o cabeça’... Tem partes boas e as partes que não são tão boas assim, por exemplo, meu rapaz que está desempregado, gera preocupação”.

12. Mulher, 67 anos, viúva, pensionista e aposentada, vive com filhos:

“Eu tenho o mais novo com 32 anos e está separado da mulher. Tem 2 netos, daí a gente tem que pagar pensão (eu ajudo) e a gente se preocupa”. Fala que a filha a ajuda e que o filho não dá para contar, pois tem namorada e fica mais lá do que em casa. “Quando preciso comprar uma coisa, a minha filha me ajuda a pagar. O filho mais novo não me ajuda. O outro filho vem às vezes e arruma alguma coisa aqui e não me cobra”.

13. Mulher, 86 anos, viúva, pensionista e aposentada, vive só:

“A sobrinha me ajuda muito. Comprar remédio, me ajuda em tudo, tenho tudo aquilo que eu quero, ajudar os outros, tenho paz, alegria, realmente acho que estou realizada”.

14. Mulher, 71 anos, viúva, pensionista, vive com irmão, filha e neta:

“Não entro em grande conflito com meu irmão por que ele está aqui desde que meu marido morreu. Com meus filhos a gente se desentender é muito raro, a diferença é como eu fui criada e hoje é diferente, elas não seguem a religião como eu e eu não deixo de lembrar que a vida não é só essa e aí eu logo choro e não tem conflito”. Fez empréstimo para ajudar a filha que tem neto com problema de audição. Minha filha (que mora com ela) “é muito boa comigo, não digo excepcional, mas muito boa, sempre vem e pergunta se preciso alguma coisa, se tem que levar no médico, e às vezes se ela me diz uma coisa mais dura é por que eu preciso”.

15. Mulher, 65 anos, viúva, pensionista, vive com filho:

“Com filhos não tem maiores conflitos. Filha que xinga e grita quando tem muita coisa para fazer, fica nervosa, no mais não tem conflitos”.

16. Mulher, 67 anos, viúva, pensionista e aposentada, vive com filha genro e netos:

“Se eles têm aí eles me ajudam, se sobra eles me dão. Graças a Deus não precisa pagar aluguel, senão aí não dava pra viver”.

17. Mulher, 67 anos, viúva, pensionista, vive com filhos:

“Tenho problema um pouco grave com esses 2 filhos. Um é homossexual e está indo pro lado da bebida e eu estou desconfiada que até droga, porque nunca tem dinheiro. O mais velho sempre teve richa porque o do meio é mais dócil, sempre se deu bem com a irmã e sempre estive perto de mim. O mais velho não fala com ele há 6 meses e diz que mata, que faz e acontece. A filha ajuda se estou apertada, se ela tem ela me ajuda com uma roupa, uma coisa, desabafar é com ela, me dá muito apoio. Fico com o neto para ela sair”.

18. Mulher, 62 anos, separada, aposentada, vive com filha e neto:

“Com a filha tenho bastante conflito, pois não concordo com o namoro dela, tem transtorno bipolar do humor, gasta todo dinheiro logo. Ela não trabalha”. O neto (7 anos) e a mãe (sua filha) brigam muito. Conta telefônica gera conflito. Diz que a filha tem ciúmes do filho (a

relação deles é como irmãos). Cuida dela e do neto. “Me ajuda muito pouco. Além do problema dela, é muito prevalecida, pois faço todo serviço, às vezes lava a louça, cozinha, mas não tem gosto e vontade para isso. Quem a sustenta sou eu”.

19. Mulher, 71 anos, solteira, aposentada, vive só:

“Me ajudam me dando atenção, me dão muita atenção, eles cozinham para mim não ter que fazer para mim, eu colaboro com eles (pagando), as crianças são muito legais comigo, me oferecem carona para ir ao centro, são atenciosas”.

20. Homem, 68 anos, casado, aposentado, vive com esposa, filha e neta:

“Só tenho preocupação com esta filha que mora comigo. Preocupação da filha se juntar com o pai da filha dela. Na minha casa quem manda sou eu”. Ele não deixa o namorado entrar na casa.

21. Mulher, 75 anos, viúva, pensionista e aposentada, vive com filhos e neto:

“De vez em quando a gente discute, coisas que não gosto eu xingo e brigo, mas isso é de vez em quando. Às vezes, um diz uma coisa e outro não gosta. Um dos filhos é muito brabo, burro demais. Às vezes ele me ofende, outro não é assim, sempre está me abraçando. Quando estou brava, aí abro o apito. Muita coisa deixo de dizer para não dar briga. Penso que quando morrer eles vão ficar passando trabalho, tenho medo porque vai faltar para eles que dependem de mim. Me ajudam só quando me dão dinheiro, quando recebem”.

22. Mulher, 78 anos, viúva, pensionista, vive com a filha:

“Tenho filha mais nova que enviuvou e neta ficou com 4 anos. Fiquei com a menina uns 6 anos e agora ela levou a menina e ela está rebelde e a mãe não aceita palpite. Fico pensando o que será quando a gente não tiver mais aqui. Filha não aceita e isso preocupa muito a gente. Às vezes fico com vontade de falar com o conselho tutelar. A que está morando comigo (mais velha) é com quem me comunico melhor. A gente reparte despesas, da casa e até exames médicos, levam de carro para ir ao dentista, médico”.

23. Mulher, 67 anos, casada, aposentada, vive com marido e filho:

“A gente se respeita muito, eu respeito opinião deles e gosto que respeitem a minha. A união da família é coisa muito importante, a gente tem que ceder para não acabar a união...Recebo muita ajuda do nosso filho, pessoa muito especial, quanto vê que estou com problema tenta passar lado bom, que as coisas vão melhorar. Bom para os dois. Agora a poucos minutos ligou para saber como nós estamos e disse de noite a gente conversa”.

24. Homem, 67 anos, casado, aposentado, vive com esposa e filha:

“A mulher faz todo o serviço da casa e eu, faço uns biquinhos”. É sargento da brigada e acha que ganha muito pouco de aposentadoria, “saúde temos, só isso que poderíamos viver melhor se o governo pagasse uma aposentadoria melhor...” “A gente tem que se contentar com a família. O que acontece no serviço não se traz para casa e o que acontece em casa não se leva para o serviço”.

25. Homem, 73 anos, casado, aposentado, vive com esposa e filho:

“Estamos tudo numa boa, em harmonia, cada um respeita um. Não tem discussão nem briga, tudo em ordem. Gosto de receber eles na minha casa. Se tiver alguma coisa eu falo para eles, tem que falar”.

26. Mulher, 66 anos, viúva, aposentada, vive só:

“Sempre fiz coisas boas para eles e eles são legais comigo. Meu genro é meio louco e quando chega já está indo embora. É muito apressadinho e isso dá tristeza na gente”.

27. Mulher, 71 anos, casada, aposentada, vive com marido:

“Tenho duas filhas e elas são bem comportadas, não tenho que reclamar, só a falta de dinheiro”. Não recebe ajuda. “É só eu a ajudar, ajudar eles”.

28. Homem, 65 anos, casado, aposentado, vive com esposa e filhas:

“Me orgulho, pois são estudiosas, foram bem nos estudos, na faculdade, estou satisfeito com isso”.

29. Homem, 72 anos, casado, aposentado, vive com esposa e filhos:

“Lá em casa não existe conflito, de jeito nenhum, é uma harmonia, um exemplo, filhos são educadíssimos, fora de sério”.

30. Mulher, 77 anos, viúva, pensionista e aposentada, vive com irmã:

Desde que a mãe faleceu, ela toma conta da irmã. “Ela é um problema, é retardada, atrasada, não sabe do dinheiro, não aprendeu a ler. Ela é muito teimosa, cabeçuda, o que a gente diz não entra na cabeça”.

31. Homem, 67 anos, casado, aposentado, vive com esposa, filha e neto:

“A mulher, os filhos, ajudam em todos os sentidos, tanto filho como filha, quando um precisa o outro ajuda. Às vezes preciso ir ao centro e não posso, eles se oferecem. Às vezes não pode sair porque neta mora com a gente, não tem onde ficar... Sempre tentar melhor a situação financeira que é difícil”.

32. Homem, 62 anos, casado, aposentado, vive com esposa e filha:

“Preocupação de dar proteção, auxiliar. Não importa se está casada ou não, é sempre teu nenê. Nós pagávamos o mestrado dela em Camboriú e agora o cursinho. Nós que a ajudamos (filha mais nova)”.

33. Homem, 77 anos, casado, aposentado, vive com esposa:

“Fico orgulhoso, graças a Deus os filhos são bons e nunca me desanimaram. Conflitos mesmo, nunca tivemos, algumas discussões, desentendimentos com minhas cunhadas”.

34. Homem, 69 anos, casado, aposentado, vive com esposa, filha, genro e netos:

“Nos damos muito bem desde que meu genro e filha moram aqui. Moram desde que me aposentei, o genro é que fez a reforma da casa. Ajudam em tudo, situação de alimentação e assistência médica (pago um seguro). Um ajuda o outro, nessa casa é assim”!

4 - Dependência/ Independência e Autonomia do idoso (Como ele percebe) essa questão:**Falas dos idosos:****01. Homem, 77 anos, casado, aposentado, vive com mulher e filho:**

“Livre como um passarinho. Cozinha e roupa é com a mulher. Filho passa a roupa toda”.

02. Mulher, 71 anos, viúva, pensionista, vive com um filho:

“Sou bem extrovertida, gosto de participar, participo de tudo. Não me sinto com a idade que tenho, me sinto uma pessoa normal, logo faço amizade com todo mundo”.

03. Mulher, 64 anos, separada, vive com companheiro, filhos e neta:

“Faço tudo sozinha. Eu acho que quando a gente pode deve morar só, faz como quer, sai como quer e quando pode”. Sente-se bem, mas não gosta de ônibus lotado.

04. Mulher, 65 anos, casada, aposentada, vive com marido, filhos e mãe:

“Eu me sinto presa, amarrada por causa da mãe. Eu não quero morrer, quero aproveitar a vida bastante ainda, a vida é tão bela, as pessoas é que estão viradas. Agora estou ficando fraca e quase não saio, os filhos e o marido não querem então eu acabo não saindo quase. Eu gostaria de ir junto com a terceira idade para as águas termais, praia, mas não posso, meu marido não se interessa mais”...

05. Mulher, 64 anos, casada, aposentada, vive com marido e filha:

“Eu fiz cirurgia e não podia fazer nada aí ele fazia tudo sozinho (marido). Agora estou começando a ajudar”.

07. Mulher, 69 anos, viúva, pensionista, vive com filhas e netas:

“Tenho vontade de realizar alguma coisa, mas me sinto presa aqui em casa. Queria fazer curso de alemão que preciso para o 25 de julho” (Grupo de convivência que participa).

08. Mulher, 63 anos, separada, aposentada, vive com companheiro e filho:

“Não dependo dos outros, o que eu posso resolver sozinha eu resolvo”.

09. Homem, 63 anos, viúvo, aposentado, vive com companheira:

“Preciso de alguém do meu lado para conversar. Ainda tenho cabeça, pratico esportes. Vivo em função de caridade, de ajudar, sou espírita”.

10. Mulher, 62 anos, viúva, pensionista e aposentada, vive com um filho:

“Nem conto que vou ao médico senão ficam me incomodando. Sou presidente do grupo de bolão e aprendi a falar. Agora sou faladeira, antes não falava... A única coisa é que minha filha implica por causa dos cachorros (9). Não adianta discutir, eu gosto e tenho”.

12. Mulher, 67 anos, viúva, pensionista e aposentada, vive com filhos:

Vai ao médico acompanhada por filho. Quando se sente bem vai sozinha de ônibus.

13. Mulher, 86 anos, viúva, pensionista e aposentada, vive só:

“Não ando mais de ônibus (só excursão). Na rua ando sozinha, não tem problema nenhum”.

14. Mulher, 71 anos, viúva, pensionista, vive com irmão, filha e neta:

Não sai quase de casa, problema de artrose, tem duas próteses, tem que sair de táxi. Diz que gostaria de fazer diversas coisas. “Ia querer estudar mais línguas, trabalhos manuais, gostaria de ajudar uma entidade, mas dependeria de condução, não tenho dinheiro para táxi e não tem ônibus que passa aqui”.

15. Mulher, 65 anos, viúva, pensionista, vive com filho:

Ônibus comum não consegue porque tem labirintite, vai com o ônibus do grupo. A filha leva para os lugares de carro, para supermercado, médico. “Me leva aos domingos para minha irmã, às vezes a filha cozinha... Tenho medo de viajar sozinha por causa da labirintite”.

16. Mulher, 67 anos, viúva, pensionista e aposentada, vive com filha, genro e netos:

“Às vezes eu sinto vontade de sair, passear, não sempre ficar em casa, mas como estão minhas pernas. Eu quase não saio. Se caminho um pouco dói pernas”. Não pode mais pegar na enxada e carregar peso. Faz o serviço da casa “conforme dá” e cuida do neto pequeno.

17. Mulher, 67 anos, viúva, pensionista, vive com filhos:

... “enquanto tiver cabeça boa e minhas pernas me ajudarem, quero fazer tudo”. Sai de ônibus sozinha, vem para UNISC treinar, faz atividade física, caminhadas, jogos de integração do idoso.

18. Mulher, 62 anos, separada, aposentada, vive com filha e neto:

Diz que a independência é importante para ela, a liberdade. A filha é completamente dependente dela. Segundo a idosa sua filha reclama que ela não pára em casa.

19. Mulher, 71 anos, solteira, aposentada, vive só:

“Me sinto bem, pois graças a Deus eu consigo fazer minhas coisas mesmo”.

20. Homem, 68 anos, casado, aposentado, vive com esposa, filha e neta:

Dirige e vai em tudo de carro.

21. Mulher, 75 anos, viúva, pensionista e aposentada, vive com filhos e neto:

“Também queria ter minha saúde para fazer todo meu serviço sem dor. Não tenho dinheiro para fazer exames”.

22. Mulher, 78 anos, viúva, pensionista, vive com filha:

“Tenho problema de saúde, não me sinto muito bem, lugares fechados não posso, desmaio, como dona-de-casa, me sinto bem, pois faço todo o serviço da casa”.

23. Mulher, 67 anos, casada, aposentada, vive com marido e filho:

“Parece que minha vida começou depois dos 60 anos. Antes eu trabalhava muito. Gosto de reunir família, e cantar e dançar. Deixei tudo (refere-se a sua atividade que teve que deixar para cuidar o marido doente), mas quando mudar aí eu vou retomar tudo de novo”.

25. Homem, 73 anos, casado, aposentado, vive com esposa e filho:

“Se eu pudesse trabalhar, hoje ainda trabalharia”.

26. Mulher, 66 anos, viúva, aposentada, vive só:

“Com dinheiro, eu me organizo para viver com o que tenho, enquanto eu puder eu mesma tomo conta de mim”.

Ainda viaja sozinha. O filho a leva até a rodoviária e depois busca.

27. Mulher, 71 anos, casada, aposentada, vive com o marido:

“Gosto de trabalhar, gosto bastante, não sei ficar parada”. Dirige e vai de carro ao centro da cidade.

29. Homem, 72 anos, casado, aposentado, vive com esposa e filhos:

“Hoje tenho deficiências físicas e por isso não vou na hidroginástica, tenho deficiência de um olho, mais 2 joelhos e coluna. Gostaria de voltar a trabalhar como eu trabalhava, fazia de tudo”.

30. Mulher, 77 anos, viúva, pensionista e aposentada, vive com irmã:

“Se eu tenho saúde que eu possa ir até o fim da vida sozinha, decidir tudo sozinha, peço a Deus que não me deixe ficar inválida”.

31. Homem, 67 anos, casado, aposentado, vive com esposa, filha e neto:

“Faço o que gosto, vou pescar, caçar, andar de bicicleta, vou para o centro caminhar, às vezes convido a mulher pra viajar, passear nos parentes”.

32. Homem, 62 anos, casado, aposentado, vive com esposa e filha:

“Até hoje não precisei, nem financeiramente, nem de doença. Mais ajuda moral até hoje”.

33. Homem, 77 anos, casado, aposentado, vive com esposa:

“Saio de carro e faço visita para amigos, parentes. De vez enquanto viajo. Ontem mesmo fui a Marquez de Souza”.

34. Homem, 69 anos, casado, aposentado, vive com esposa, filha, genro e netos:

Cuida da mãe, vai todo dia visitar a mãe de ônibus em Pinheiral, pois seus irmãos não ajudam a cuidar. No domingo trás a mãe de carro para ficar com a família em sua casa.

ANEXO B – ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS DOS FAMILIARES

1 - Reconhecimento Social do idoso como chefe de família (como o familiar reconhece o idoso no papel de (como provedor) mantenedor da família)

Falas dos familiares:

F1- Filho solteiro, com renda:

“Relação bacana assim, não tem atritos...alguns arranca rabos normais, picuinhas do dia-a-dia, tem coisa de carinho, respeito”.

F2 - Filho solteiro, estudante, sem renda:

“É bem aquela coisa de filho mimado, a gente se dá muito bem... a gente tem um relacionamento muito bom, maravilhoso, não posso me queixar. Ela vive para os filhos, conversamos legal...Ela passa vibração, isso fez com que eu continuasse nos estudos.”

F3 - Filho solteiro, aposentado por invalidez:

“Com a mãe às vezes discuto. A mãe emprestou dinheiro para a minha irmã e ela não devolve. Mãe é mãe é só uma, e homem é homem..., quando eu trazia mulher pra casa ela se invocava, agora não mais”.

F4 - Filho solteiro, estudante, com renda:

“É tranqüilo, às vezes está doente. É bastante amizade, bem aberto, tudo que acontece comigo ela sabe. Me apóia ou dá contra, tem o ponto de vista dela, às vezes ela tem divergências com minha irmã, tem amizades que a minha mãe não gosta. Às vezes elas tem discussões, coisas do dia-a-dia”.

F5 - Esposo não idoso, aposentado:

“Casal normal, casal que não briga também não está certo! A gente levanta de manhã e faz tudo junto, serviço, conversa o que tem que fazer...”.

F6 - Filho solteiro, estudante, com renda:

“Quando eu preciso de um pouco mais de dinheiro e ele não quer ajudar, eu entendo. Não é uma relação tão aberta, não gosto quando se mete nas minhas coisas. Mas tá tranqüilo, nunca parei pra pensar nisso. Meu pai não perde uma oportunidade para fazer uma piada, mas nunca falei para ele que às vezes isso me incomoda”.

F7 - Filha separada, com renda:

“Muita amizade, diálogo, conversamos muito, relação de confiança... Dá conflito de geração, mas agora está mais calmo. Cuido da casa e ela não precisa se preocupar. Geralmente poupo a mãe... Às vezes a gente discute um pouco, mas por stress, TPM, temos que esfriar a cabeça. Ela se preocupa com os netos, cuida”.

F8 – Filho solteiro, aposentado por invalidez:

“Nos entendemos bem, muito bem”.

F9 – Esposa não idosa, com renda:

“Companheirismo, respeito, cumplicidade. Temos perfeita interação. Cada um tem sua liberdade de ir e vir, ninguém interfere, participamos. Existe preocupação de saber se o outro está bem. Cada um tem sua independência financeira, quando um tem necessidade nos ajudamos”.

F10 - Filho solteiro, com renda, não mora junto:

“É uma relação boa, não tem nenhum ponto de atrito, nada. Quando necessário a gente se fala por telefone (mais ou menos uma vez por mês), só venho nas férias. Briga eu acho difícil com qualquer filho”.

F11- Filha solteira, com renda:

“É boa, sempre foi um pai bom, nunca deixou faltar nada, sempre tentou dar o melhor para nós. Discussões não têm mais, só às vezes, acho que enquanto eu tiver morando com eles, eles têm autoridade. Nos ensinaram ter respeito com os mais velhos e por isso não vamos faltar com respeito”.

F12 – Filha casada, aposentada:

“A gente se dá bem, mas sempre tem alguma coisa que a gente se incomoda. Ela gosta das coisas de um jeito e eu de outro. Ela me trata que nem criança por que eu sempre morei com ela. Ontem não queria que eu me arrumasse para ir pro centro, não queria que eu fosse de carro. Ela é preocupada demais. Às vezes faço como ela quer, às vezes não”.

F13 - Sobrinha solteira, com renda, não mora junto:

“Sempre foi como uma segunda mãe, ajudou a me criar. Gosto de conversar com ela por que é pessoa inteligente. Cuida sempre de mim, é minha família, a pessoa mais importante na minha vida”.

F14 - Filha casada, com renda, não mora junto:

“...Quando ela precisa de alguma coisa ela me liga, quando pode ajuda. Agora a gente é mais amiga, depois que a gente fica mãe vai mudando as coisas. Ela é muito boa demais, todo mundo passa a perna nela, faz ela de trouxa, pois ela nunca pensa o mal das outras pessoas.”

F15 - Filha solteira, com renda:

“Acho que deveria ter mais tempo para estar com ela, mas quando a gente está junto é muito bom, somos bem amigas, claro que tem essas brigas de filha, por que deixo minhas coisas atiradas, falta de organização, falta de tempo, só isso que nos faz brigar, nada mais”.

F16 - Filha casada com renda:

“Ela me ajuda bastante, trabalho manhã e tarde e ela cuida do filho. Às vezes a gente tem umas divergências, por causa dos filhos. Ela xinga quando eu xingo e dou palmada nos filhos, ela não gosta. No mais ela se dá bem com o meu esposo. A pessoa mais velha é diferente, tem coisas que a gente não dá bola, não dá para questionar, por exemplo, ela não gostar de barulho”.

F17 - Filho solteiro com renda:

“Adoro minha mãe, ela é tudo para mim. Minha mãe é aposentada, eu faço essas coisas de mercado, eu ajudo ela, diálogo não temos muito. Eu respeito a vida dela e ela respeita a minha. Temos uma convivência bacana, eu respeito o namorado dela, fico no meu quarto vendo TV e ela fica com ele namorando. Como eu moro na casa dela tento respeitar o espaço físico. Como eu estou crescendo ela me respeita também, às vezes fala que eu saio muito, mas tudo bem”.

F18 - Filha solteira, com renda:

“É bem difícil. Não sei assim, levanto, ajudo na casa. Pensamos de modo diferente”. Às vezes briga com a mãe em função do filho, pois pensam diferente. A filha diz que não se sente bem

em casa, que entendem tudo que ela fala diferente, que não pôde trabalhar por causa do seu problema nos nervos e que a pensão que ganha tem que dar a metade para a mãe e que só sobra para pagar contas. Brigaram e a mãe pegou seu cartão e só lhe dá metade da pensão”.

F19 - Sobrinha-neta solteira, estudante, sem renda:

“Ela ajudou a me criar desde pequena. Ela sempre me ajuda com as coisas da casa, ela vai fazendo coisas na cozinha e depois eu termino. As briguinhas não são por coisas sérias, são por frescurinhas. Não tem muita coisa que a gente faça junto, só o almoço que a gente faz junto. Ela me ajuda a pagar a faculdade e tudo”.

F20 - Filha solteira, com renda:

“É uma relação amigável, de respeito. Tranquilo, meu pai é muito brincalhão. Conflitos são por coisas do dia-a-dia, pensamentos diferentes, mas é muito bom”.

F21 - Filho separado, com renda:

“Tinha uma companheira e a gente se abriu e vim para cá de novo. Já é a segunda vez que me separei e voltei para casa. A gente se dá bem, faz uma carne sempre dia das mães e a gente racha”.

F22 - Filha solteira, aposentada:

“Faz uns 10, 15 anos que a gente está bem. Na adolescência ela era muito autoritária e a gente brigava. Anos atrás fazíamos hidroginástica juntas antes de ela ter problemas de saúde. Hoje nós olhamos novela. Se ela tivesse saúde podíamos fazer mais coisas, viajar. Semana passada a mãe foi comigo a POA no meu médico, tenho problemas psiquiátricos. O médico ia diminuir a medicação então ela foi comigo para saber tudo que podia acontecer”.

F23 - Filho separado com renda:

“É uma relação bem de amizade, bem aberta, considero ela uma amiga. É uma pessoa que me abro muito, conto meus problemas, me entende, não tem atritos”.

F24 - Filha solteira, estudante, com renda:

“A gente tem amizade, cumplicidade. Um respeita o espaço do outro. Dependência existe um do outro. Relacionamento tranquilo, a gente senta e conversa”.

F25 - Filho solteiro, aposentado por invalidez:

“Me acerto bem com ele. É uma relação boa, não tem conflito, briga. Conversamos bastante”.

F26 - Neta solteira, estudante, sem renda:

“A avó depois que eu vim morar com ela, parece que se modernizou. Eu converso coisas com ela que eu não converso com minha mãe. A avó é sozinha, depois que eu vim morar com ela, ela é como minha mãe. Ela só tem eu e minha irmã. Claro que sempre tem os desentendimentos porque em certos casos, ela tem uma mentalidade e eu outra, e as vezes ocorre um desentendimento (volume alto, chegar tarde em casa, coisas que os jovens gostam de fazer e os idosos não estão acostumados), mas nada que uma boa conversa não resolva”.

F27 - Neto solteiro, estudante, com renda:

“Ela sempre foi a sustentação da família, tanto da mãe, quanto da tia, também financeiramente. A relação com ela é ótima, sempre me ajudou quando eu cursava faculdade. Ajudou os 3 netos a cursar faculdade, até se formarem. Ela está sempre disposta ajudar”.

F28 - Filha solteira, estudante, sem renda:

“Somos três filhas e houve uma divisão de tarefas. A minha irmã ficou com o comércio e eu cuidava do pai, que teve AVC, eu tinha tempo. Ainda continuo levando ele ao médico. Sempre foi uma relação de respeito, ele como figura paterna. Moro na peça de baixo e eles me ajudam. Ele se queixa que se sente sozinho, pois não estou tanto lá, pede para ir vê-lo”.

F29 - Filho menor, estudante:

“Às vezes ele ajuda no tema, mas não converso tanto com ele. Ele xinga às vezes, poucas vezes, quando pego as ferramentas. Eu o respeito”.

F30 - Irmã idosa, aposentada por invalidez:

“Não tem problema, não tem briga. Eu às vezes incomodo, mas só um pouco”.

F31- Neta menor, estudante:

“A gente só olha TV junto. Ele cobra as tarefas da casa, lavar louça, limpar coisas. Às vezes eu gosto. Final do mês eu peço mesada pra ele”.

F32- Esposa não idosa, aposentada:

“Nunca tivemos problema, depois de velho fica melhor ainda. 36 anos casados. Ele é uma pessoa excelente, fora de série, não se acha igual. Não tem conflito, os filhos estão tudo grande. Passamos dessa fase, discussão e brigas não têm. Nos ajudamos”.

F33 - Esposa idosa, aposentada:

“Discutimos como todo casal normal, eu acho. 52 anos de casados. Não tem algo que cause conflito. Um ajuda o outro, quando é preciso, normal. Casal normal, a gente discute, conversa, toma chimarrão, normal, como nossos pais também foram”.

F34 - Filha casada com renda:

“Nós temos uma boa relação, por morarmos numa casa só, pode imaginar. Ele está numa fase que mais me escuta do que me aconselha. A gente troca experiências também. Às vezes a gente não concorda, mas chega num meio termo, vai amadurecendo”.

3 - Diferenças de Gênero em relação aos papéis desempenhados pelo idoso: reconhecimento do familiar

Falas dos familiares:

F1- Filho solteiro, com renda:

“Meu pai acho se sente velho, o pai é menos ativo..., meu pai não vai tanto nas atividades da 3ª idade, mas minha mãe, por exemplo, hoje, está para Lajeado. Assim eles se mantêm ativos”.

F2- Filho solteiro, estudante, sem renda:

“A mãe tem uma cabeça maravilhosa para quem tem 71 anos. Até expressões de gurizada ela usa. Totalmente diferente da relação que eu tinha com o pai. O pai era muito severo e não aceitava erro”.

F3 - Filho solteiro, aposentado por invalidez:

“Meu pai que abandonou a família, faz um ano que não vem e eu não procuro ele. Minha mãe trabalhava fora e sustentava a família. Ela lava toda roupa da filha e da neta.”

F6 – Filho solteiro, estudante, com renda:

“O pai vai todos os dias jogar cartas”.

F4 – Filho solteiro, estudante, com renda:

“Tem um problema que ela gosta de jogo”.

F13 - Sobrinha solteira, com renda, não mora junto:

“É madrinha e sempre foi como uma mãe para mim”.

F14 - Filha casada, com renda, não mora junto:

“... Ela faz trabalhos manuais e cozinha muito bem. Até um ano atrás se fazia todo domingo churrasco na mãe. Agora é mais de vez em quando, duas vezes no máximo por mês, daí vão todos os filhos e netos. Às vezes tem conflitos por que é muito religiosa e não aceita. Por exemplo: neta grávida sem ser casada”.

F15 - Filha solteira, com renda:

... “Ela faz tudo pra mim, se eu não tivesse ela seria muito difícil, iria passar fome, não ter roupa passada”.

F16 - Filha casada com renda:

“Nós passamos muito trabalho por causa do meu pai, era doente e bebia”.

F19 - Sobrinha-neta solteira, estudante, sem renda:

“Mais quando não sai uma coisa muito certa a gente se estranha, quando ela não faz uma coisa muito certa eu reclamo, como por exemplo, quando ela adoça demais o suco, daí eu reclamo, mas nada de mais. A gente se dá bem”.

F21- Filho separado, com renda:

“Ela passou muito trabalho com o meu pai (doente muito tempo só na cama e não queria morrer) uns 5 anos”.

F26 - Neta solteira, estudante, sem renda:

“Ela é extrovertida, alegre, a gente tem um entendimento legal. Além disso, ela paparica bastante, ela não é daquelas vós chatas”.

F27- Neto solteiro, estudante, com renda:

“Sempre almoça lá, nos finais de semana ela junta toda a família em sua casa.”

F28 - Filha solteira, estudante, sem renda:

“A mãe cuidava das finanças”.

F29 - Filho menor, estudante:

“Nunca apanhei dele, da mãe sim”.

F30 - Irmã idosa, aposentada por invalidez:

“Eu olho novela, mas ela não olha”.

F34 - Filha casada com renda:

“Às vezes ele reclama das crianças, mas muito pouco. Ele não é de falar muito”.

4 - Dependência/ Independência e Autonomia do idoso, como a família percebe essa questão:

Falas dos familiares:

F1- Filho solteiro, com renda:

“Como convivo com eles perto dos 80 anos, está mudando a relação, a minha opinião acaba tendo mais importância. Às vezes inverte a relação pai-filho de dizer que tem que marcar médico, eles me ouvem mais como adulto”.

F2 – Filho, solteiro, estudante, sem renda:

“Eu faço fisioterapia nela toda noite”.

F5 - Esposo não idoso, aposentado:

“Eu acho que quando falta saúde já falta tudo e complica. Mas assim tá tudo normal, não tem nada ruim ou grave”.

F6 - Filho solteiro, estudante, com renda:

“O pai vai todos os dias jogar cartas”.

F7 - Filha separada, com renda:

“Cuido da casa e ela não precisa se preocupar. Geralmente poupo a mãe”.

F9 - Esposa não idosa, com renda:

“Cada um tem suas atividades... Não tem problema nenhum, bom relacionamento apesar da diferença de idade. Um participa das atividades do outro tranquilamente”.

F14 - Filha casada, com renda, não mora junto:

“Ela é muito positiva, quando quer uma coisa, se não quer não faz, adora comer, não faz exercício como deveria”.

F15 - Filha solteira, com renda:

“Assim como ela depende de mim eu também dependo, uma completa a outra”.

F16 – Filha casada, com renda:

“Ela tem problema de pressão alta, tem que controlar um pouco, cuidar o que come, às vezes quer desistir da fisioterapia e digo para ela continuar. A caminhada até lá é difícil por causa das pernas”.

F22 - Filha solteira, aposentada:

“Queria que ela fizesse hidroginástica, mas tem problema do coração, ela tem que fazer exame para ver se pode. Anos atrás fazíamos hidroginástica juntas antes de ela ter problemas de saúde”.

F27 – Neto solteiro, estudante, com renda:

“Só brigo com ela para parar de trabalhar um pouco”.

F28 - Filha, solteira, estudante, sem renda: O idoso teve AVC e tem dificuldades motoras.

“Agora ele está precisando de uma enfermeira”.

F32 - Esposa não idosa, aposentada:

“Vamos juntos na hidroginástica da UNISC, estamos sempre mais juntos, ajudamos na igreja”.

F34 - Filha casada, com renda:

“Às vezes tem algumas coisas que não concordo em relação à saúde dele e ele não aceita”.

ANEXO C – ESTÓRIAS CONTADAS A PARTIR DAS LÂMINAS DO T.A.T.

Familiar 1:

L.5) Mulher entrando num possível quarto e olhando para dentro, estranho é que os móveis estão empilhados e que aquela porta não abre. Livros chamam atenção. Dois móveis encostados. Talvez ela esteja saindo, talvez tenha posto flores novas. Sei lá.

L.6VH) A senhora de trás está com cara de bruxa de livro infantil, é uma cara de velha do mal, é o rosto de uma nova e uma velha. A senhora mais velha está mais pensativa, ta com a mão no queixo, a mais nova, ou mais novo, deve ser mulher, é meio andrógono, não tenho nenhum comentário para fazer. Os olhares estão em direções diferentes. São olhares perdidos, sem expressões, não esboçam muitas reações, não dizem se estão felizes, ou ansiosos, ou tristes ou com fome.

L.7VH) Pajelança, é tem uma coisa dessa luz, uma coisa mística. É uma situação de cama com uma atenção de um velho com um mais novo, alguma afeição (atenção?) com doença e talvez

o velho esteja fazendo um carinho. Talvez o mais normal fosse o velho doente e o novo em pé, mas deve ser uma situação de carinho, assim.

L.12H) Parecido com a situação da mulher velha antes. Talvez uma relação de pai e filho. Os olhares não tem tanta informação mas é uma situação pacífica, amistosa, mas são olhares sem emoções evidentes assim. Talvez a pessoa mais velha esteja olhando, não tem situação de fala por que estão de lado, ninguém fala de lado a não ser cego.

L.12M) Bom, deve ter falado e estão meio ressentidos, tem um pouco de tristeza, por que o cara ta meio recolhido. Se fosse um filme seria uma cena de despedida ou pedido de desculpas. O cara deve gostar dela, deve ser talvez mãe dele, e está se desculpando, algo mais sério e ela está ouvindo. No filme ela ta decepcionada, triste, magoada, ta de costas, to de mal, não me olha na cara e como a gente faz também, não querer encarar, ambos não querem encarar, ele pode ta dando a versão dele da situação, pode ser uma despedida dele, mas é um assunto mais sério. Pedido de desculpas, pisei na bola, a gente se ofendeu, lavando os pratos para deixar mais confortável. Mesmo de costas devem se gostar pois estão tentando resolver.

Familiar 2:

L.5) Alguém que chega num quarto, perguntando pra pessoa que está se está tudo bem. Com relação ao ambiente, deve ser um ambiente gostoso de se viver, com flores em cima da mesa, tem um abajur, tem livros, uma pessoa que gosta de livros, talvez é uma pessoa culta. A pessoa que chega é uma mulher, que abre a porta. O que eu consigo enxergar é isso, não tem uma coisa que chamasse mais a atenção que isso. É uma pessoa que vem tentar conversar, pode até ter vindo te pedir ajuda. (*E ela encontra alguém?*) Não, não, a expressão do rosto dela aqui, com relação aos olhos, não aparece nada, parece que ela simplesmente abre a porta pra falar, pra pedir ajuda, alguma coisa nesse sentido, não dá pra dizer outra coisa.

L.6VH) Uma pessoa que está atrás, com uma expressão como se te influenciasse, como se fosse dizer: “olha, cuidado, atenção”, alguma coisa nesse sentido. Por que as duas tão olhando em direções opostas, a mulher que está na frente está olhando para a direita, e a pessoa que está atrás está olhando para a esquerda. Ela está com uma expressão assim, como que dizendo pra ter cuidado com alguma coisa. Não tem uma relação muito boa entre elas não, pela expressão da pessoa que está atrás dela como se tivesse tentando alguma outra coisa, não me

passa segurança. E a pessoa que está na frente não está dando muita bola pra ela não, pelo que está aqui, não está assustada, é uma pessoa que sabe o que quer, não é influenciável.

L.7VH) Tranqüilamente é um curador. Uma pessoa que está no leito, está recebendo uma espécie de cura, um tratamento, alguma coisa nesse sentido. Essa relação aqui tem alguma relação de afinidade. A pessoa que está no leito ela passa uma idéia de receptividade, de querer aceitar essa ajuda, e a pessoa que está em pé dizendo “eu quero te ajudar”, e estica a mão, a mão está aberta em direção à face, e a própria posição das mãos dele no abdômen mostram que ele é uma pessoa que está aberta a receber essa ajuda.

L.12H) Uma relação de pai e filho, onde o filho parece que está escutando os conselhos do pai. É uma boa relação, não vejo pela expressão da boca aqui que seria alguma coisa como recíproco, a posição dele aqui é como se tivesse realmente escutando, prestando atenção. A pessoa que talvez esteja falando seja a pessoa de trás, no caso a pessoa mais velha, que está aconselhando.

L.12M) A mesma coisa. Aqui novamente passa alguma coisa no sentido de família. Como se o filho tivesse presente a mãe, ou mesmo pode ser a senhora que cuida da casa pra ele. Ele tem uma expressão de apreensão, e ela visualiza alguma coisa, pelo porte que ela ta na janela, como se visualiza alguma coisa fora da janela, até pela posição que está segurando o chapéu, como se estivesse preocupado com alguma coisa. Ela ta de lado pra ele, não quer dizer que ela não está dando ouvidos, mas ela está como se estivesse olhando pra fora, preocupada com alguma outra coisa e não talvez o problema que ele esteja vindo trazer, ou alguma notícia que tenha a dar, alguma outra coisa. Pode-se ver como se ela estivesse segurando o avental, ou secando as mãos, alguma coisa nesse sentido. Novamente parece que ela não está dando muita atenção ao que ele ta fazendo. Pode ser que não é o caso de não estar interessada, mais no sentido de “Não to te entendendo, não sei o que tu quer”, ta mais presa no mundo dela. Pela posição que eles tão aqui não tem alguma relação mais próxima. Pode até ser que sejam parentes, mas como na anterior que seria de pai e filho com relação de proximidade, aqui não, aqui parece que não são próximos, parece que ele se afastou e agora ele quer voltar e ela não ta dando muita atenção, é o que eu to visualizando.

Familiar 3:

L.5) Esta mulher aqui, pelo jeito ela está num sofrimento muito grande e a figura do lado, pelo jeito, é um vaso de flor. (*Por que ela está num sofrimento muito grande?*) Pela performance dela. O que deixou triste deve ter sido uma coisa do passado. Também vejo um abajur. Talvez ela fosse pedir uma ajuda para Deus. E aqui do lado parecem umas velas eu acho. Ela ia pedir um apoio para Deus. Acho que basicamente seria isso aí.

L.6VH) Aqui eu vejo uma mulher aparentemente normal assim, o jeito dela. E atrás dela parece que tem uma pessoa falsa que parece que está debochando dela, pela cara. É isso aí. (*O que ela estava fazendo, qual a relação dela?*) Talvez uma amiga que queria ser verdadeira e a outra falsa. (*Por que a outra era falsa?*) Só pelo jeito, uma pessoa que olha a outra pelas costas normalmente é falsa, que fica debochando. Acho que o amigo verdadeiro é olho no olho e deu.

L.7VH) Esta aqui é uma pessoa acamada e o homem aqui (em pé) tentando consolá-la. Isto é uma coisa muito importante, às vezes uma pessoa acamada no hospital, coisa que mais gratifica um doente é a visita de um amigo. Eram amigos. De repente uma pessoa que ta no hospital, é sinal que está doente e o amigo chega e bota a mão para consolá-lo, ou até de repente pode ter estado num estado profundo de coma ou alguma coisa.

L.12H) A meu ver isso aqui deve ser um pai e um filho. Uma relação de conflito por que o filho não olha para a cara do pai e pelo que to percebendo deve ser um adolescente que hoje em dia no mundo das drogas acontece isso muito, eu vejo, escuto muitos pais com esse tipo de problema. O pai deve estar falando alguma coisa para o filho e o filho não está dando muita atenção.

L.12M) Aqui deve ser a mãe ou a avó. Eu acho que deve ser mãe também observando e olhando pela janela, o filho também pelo jeito, ele...também deve ter algum problema com a mãe dele no caso. Ah, isso é conflito de gerações, por que hoje em dia existe muito o conflito de gerações entre pais e filhos. A juventude tem uma mentalidade e as pessoas da terceira idade é outra. O que pode estar acontecendo é o seguinte, os jovens não aceitam a mentalidade das pessoas mais velhas, chamam de careta e assim por diante. Por que pelo que eu noto aqui não tem assim um filho pedindo um apoio pra mãe. Eu acho que ele não estaria xingando a mãe por que se a mãe já virou as costas é sinal que não existe diálogo, basicamente isso.

Familiar 4:

L.5) Parece que ela está olhando assim, ela tá meio espantada com o que ela viu. Ela tá vendo alguma coisa que ela não gostou muito. Acho que é isso, ela tá vendo alguma coisa que alguém tá fazendo que ela não gostou muito, uma atitude, sei lá. (E o que vai acontecer depois?) Ah, pode criar uma...um conflito, pode ter um começo de um conflito. Aqui parece uma senhora, uma mãe, uma avó.

L.6VH) Aqui é uma mulher na frente *né?* Eu acho que é uma mulher, e atrás parece que tem uma senhora mais velha. (E o que está acontecendo?) Estranho que uma está olhando pra um lado e a outra pro outro, não tão olhando pra mesma situação. Parece mãe e filha. Pode estar acontecendo que elas não tão se entendendo muito bem. Acho que é isso.

L.7VH) Essa aqui é um pai que tá dando a benção pro filho na hora de dormir, pra ele ir dormir bem. Acho que é, parece o meu pai meio carequinha também. (E o que cada um deles tá pensando ou sentindo?) Acho que é amor, eles sentem amor, que é afeto, um pai com o seu filho, e com certeza o filho vai sentir, mesmo dormindo ele sente que o pai está ali.

L.12H) Aqui também acho que é pai e filho, acho que aqui eles tão, pela visão, eles tão um pouquinho... não sei, o filho parece que não está olhando muito bem e o pai já está mais afim de ter uma conversa com o filho e o filho não está, está meio divergente com ele. (E o que vai acontecer depois?) Ah, eles vão se entender.

L.12M) Esse aqui é o filho com a mãe. Não sei, ela não tá gostando muito do que ele está fazendo. (E o que ele está fazendo?) Ah, não sei, ele está...sei lá, ele também não está com uma cara muito boa, parece que ela está assustada assim com alguma coisa. (Com o que será que ela está assustada?) Parece assim que, pode ser que ele esteja saindo de casa e ela não está gostando. (E como eles vão resolver isso?) Ah eles vão ter que conversar pra ver o que vai ser melhor pros dois.

Familiar 5:

L.5) Aqui tem uma mulher abrindo uma porta e olhando ali fixo, no canto ali. Parece que está vendo uma coisa errada, ou está esperando alguém. Com uma mesinha e um abajur em cima, um vaso de flor, mais uma estante ali no canto. Acho que o que eu vejo é isso.

L.6VH) Aqui eu vejo uma senhora de idade meio preocupada, com uma pessoa mais nova, também assim um olhar fixo que está preocupada também. Pra mim é mãe e filha isso aí, e tem preocupação entre a família. Tem tantas coisas como hoje em dia acontecem nas famílias, é difícil de dizer, dá pra imaginar muita coisa. Mas assim, dizer que é isso, eu não vejo nada que eu possa dizer.

L.7VH) Aqui, pelo que eu vejo, tem uma mulher doente, e isso é me parece uma pessoa de mais idade que está abençoando ela. Até parece que ela está na cama, que desfaleceu, e outra pessoa está abençoando ela, é assim que eu imagino isso aqui.

L.12H) Aqui tem dois homens, pode ser pai e filho, ou são dois amigos conversando preocupados. Agora qual é a discussão, o que realmente eles são, eu não sei descrever. Pode ser pai e filhos, pode ser sócios de uma firma e que uma coisa não deu certo, assim que eu consigo identificar.

L.12M) Isso aqui também pode ser até mãe e filho. Acho que a senhora é um pouco idosa pra ser esposa dele, então eu vejo como mãe e filho e está acontecendo alguma coisa, tão preocupados. De repente a gente vê muita preocupação em tudo. Pelo o que eu vejo os dois tão preocupados, mas ele está olhando fixo pra baixo, e ela está mais de costas. Mas pelo que eu vejo os dois discutiram, e ele não está gostando, está pensando positivamente no que ela disse.

Familiar 6:

L.5) Bom, isso aqui é uma mulher. Tem mais gente aqui na sala, conversando e a mulher está espiando pra ver o que está acontecendo, acho que é isso. É a mãe de um dos que tão conversando. (O que vai acontecer?) Vai ver que tão conversando, vai fechar a porta e vai embora.

L.6VH) Aqui vão tirar uma foto. A mãe e a filha. Daí o cara tava aqui tirando a foto e alguém na hora de tirar a foto chamou a mulher. Essa aqui só queria sair mais na foto, e essa aqui só queria ver o que alguém queria falar com ela.

L.7VH) Isso aqui é um cara muito doente e o padre dando a extrema unção. Nada, está quase morto. É isso.

L.12H) Isso aqui eles tão numa palestra, e esse senhor aqui ia falar alguma coisa pra esse aqui. Esse aqui tava prestando atenção na palestra e esse aqui foi falar alguma coisa, um comentário da palestra mesmo. (Tem alguma relação entre eles?) No máximo colegas de trabalho, mas acho que é isso. Esse aqui está achando interessante a palestra, e esse aqui está falando “*bah*, que palestra chata, o cara não sabe nada”. Só não sei o tema da palestra.

L.12M) Aqui assim tem uma TV, o cara está escutando as notícias e daí deu assim: “vai chover bastante hoje”, e essa aqui é a empregada da casa que está vendo como está o tempo. Esse aqui é o patrão dela. Esse aqui está preocupado por que deu alguma notícia anterior que preocupou ele, deve ser alguma notícia que afetou o negócio dele, ele deve trabalhar com mercado ou alguma coisa assim, e a empregada quer saber se vai chover.

Familiar 7:

L.5) É uma mulher que parece mais curiosa, pelo jeito ta chegando na casa dela, ta abrindo a porta. Está sozinha abrindo a porta num vazio, e triste. Ela está vendo se está tudo em dia. Chega em casa e vê que está tudo organizado. Vê se os filhos estão bem, entra nos quartos, um está dormindo, um está lendo. Vai fazer um lanche, trocar de roupa, de repente ler um livro e descansar. Tua casa é o lugar do teu aconchego. É como eu gosto de fazer.

L.6VH) Aqui vejo duas gerações. A de mais idade com influência sobre a de meia idade. A de meia idade com os pensamentos dela e a de mais idade olhando em outra direção. Na vestimenta a outra já é mais resguardada. A de meia idade questionou sobre violência urbana, da mulher, elas estavam conversando sobre isso. A de mais idade falou que a mulher ta muito libertária e deveria se resguardar mais. E a de meia idade falando que nessa nossa atividade fora do lar conseguimos a nossa independência. No trabalho ela pode ficar mais independente, mas sofre preconceito, mas vale a pena e faz o que gosta. A de mais idade é mais do lar. Fica um questionamento.

L.7VH) Eles estão no interior onde não tem uma assistência médica. O rapaz está enfermo e necessita assistência médica, mas não conseguiram, não com urgência. É de noite, ta chovendo, e esse senhor resolveu tomar uma atitude religiosa e acredita que vai ajudar o rapaz dessa maneira, enquanto não tem assistência médica.

L.12H) Vejo um político já mais influente, também conservador conversando em cima do mais jovem sobre como conseguir uma votação no congresso para não subir os salários dos brasileiros, para manter esse poder, exploração. Ele ta seduzindo o mais novo para continuar esse jogo de poder bem conservador. Poderia ser também pai e filho, esse jogo de gerações, influência patriarcal.

L.12M) A mãe toma o lugar do filho e fala por ele para outras pessoas. Ele é submisso a ela e ele foi lá pedir ajuda para ela e ela disse que ele não tinha capacidade para decidir as coisas, que ela cuidaria do assunto, e que ele não aprendeu nada na vida. E ele se sente um pobre coitado e rejeitado que não tem capacidade de pensar por si. Não consegue tomar decisões pois a mãe é autoritária.

Familiar 8: Filho tem deficiência auditiva, não foi possível aplicar o TAT.

Familiar 9:

L.5) Eu vejo aqui uma senhora entrando num espaço, num ambiente onde ela está meio surpresa, chegou surpresa, aí é um ambiente parece antigo, as coisas. E também esboça assim um pouco de curiosidade dela no abrir a porta, dá uma olhadinha pra ver o que está acontecendo. Parece ser uma sala, um quarto de estudo, alguma coisa assim. Bem arrumado, bem como eu gosto, tudo organizado, tudo no seu lugar. É isso que eu vejo. Parece-me que seja a dona da casa, que pode estar chegando nesse espaço, está conferindo esse espaço. É isso que me parece. Seria isso com relação a essa figura.

L.6VH) Fique pensando numa bruxa...louca pra botar umas idéias na cabeça da tia ali, está um pouco pensativa, e a outra atrás ali louca pra ver o circo pegar fogo. (Tem alguma relação entre elas?) Acho que não, elas não têm, é uma que ta louca pra ver uma cena dantesca, nesse sentido assim “vamos ver o que vai acontecer agora”, e a outra então está “será que eu vou ou não vou”, “e agora?”. É isso que eu vejo, a outra meio assim e a outra botando pilha.

L.7VH) Uma pessoa que está acamada e tem outra ali dando uma bênção, alguma coisa nesse sentido assim. Devido a essa pessoa estar com a mão levantada, está ajoelhada, parece tem uma cama, a pessoa está deitada, um jovem, uma pessoa mais idosa, é isso que me parece ali. Parece que essa pessoa deitada está bem febril, é isso que ela me transmite. E a outra então

está tentando...de repente até fazendo uma oração, dando uma bênção. (Relação entre elas?) Não, não existe relação entre elas.

L.12H) Isso aqui me parece um pai e um filho, onde estão tentando equacionar uma situação, pensativos. O pai com um olhar ali bastante distante, o filho com um olhar de quem não sabe que rumo vai tomar. Mas um apoiando o outro, um tentando dar suporte ao outro. Essa é a sensação que eu tenho aqui. A relação pra mim é de pai e filho.

L.12M) Isso aqui é uma relação de...de mãe com um filho...a pessoa está bem mais idosa. Também estão tentando... a mãe está olhando pra outro lugar e o filho de repente parece que está fazendo um questionamento e a mãe meio que deu as costas pra situação, e o filho ficou pensativo pela resposta que a mãe deu. É uma senhora já de mais idade e ele é um rapaz de mais ou menos uns 30 e alguma coisa. Ta havendo um questionamento entre os dois ali, e a mãe me parece que deu a resposta e deu as costas pra situação: “Agora você tem que tomar uma atitude”...Essa é a sensação que eu tenho nessa figura aqui.

Familiar 10:

L.5) A mulher estava sozinha em casa, escutou algum barulho na sala e foi ver o que era. Pra mim nesse momento ela estava sozinha. Pelos traços da faze ela estava se sentindo um pouco assustada. Talvez um gato que entrou em casa ou alguma pessoa que entrou em casa. Pra mim é isso.

L.6VH) Seria uma senhora com a mãe dela olhando para não sei o que. Aparentemente tinham uma relação boa, estão confortáveis uma com a outra. Realmente, acho que é isso.

L.7VH) Isso aqui me parece uma cena tipo unção dos enfermos. O jovem deve ter contraído alguma doença fatal ou alguma coisa nesse sentido, e o velho já está para meio que se despedir ou alguma coisa nesse sentido. Eu te diria que não tem uma relação entre eles, ta mais para um padre do que para alguém da família mas...(padre dando extrema unção?) É, mais para esse lado, é isso.

L.12H) Um senhor com uma pessoa mais velha ao lado. Esse eu diria que está mais para chefe e empregado. O senhor mais velho com um olhar mais crítico enquanto que o mais novo com

um olhar um pouco mais distante. Aparentemente eu não vejo nada acontecendo, e conversando também não estão, só se olhando mesmo. E acho que é isso.

L.12M) Esse se parece muito com um quadro em que a família não tem muita comunicação, em que a mãe, a velha, fica olhando para um lado e o filho aparenta certo remorso ou alguma coisa nesse sentido. (*Por que o filho estaria com remorso?*) Talvez eles tenham brigado por algum motivo digamos assim “besta” e então ela nem olha mais pra ele. Creio que é isso. (*Como tu acha que eles resolvem esta situação?*) É, geralmente é só conversar, por que é uma questão de comunicação. Creio que é isso.

Familiar 11:

L.5) Eu acho que ela tava entrando na sala. Ela deve ter escutado alguma coisa e foi ver o que tava havendo. Ela escutou algum barulho naquela sala que ela não achou normal e ela foi ver o que tava acontecendo. Acho que é isso. Depois disso ela foi ver que era apenas algum filho, algum parente que tava tentando ler, estudar alguma coisa e sem querer acordou ela.

L.6VH) Eu acho que é uma velha fofoqueira e tava fazendo alguma fofoca para a outra mulher que tava desconfiada de alguma coisa, mas ela é uma mulher séria e não acreditou, achou que era tudo fofoca mesmo. Ela pensou que fosse alguma coisa sobre a vida dela, sobre algum filho que tivesse fazendo alguma coisa e a senhora mais velha foi correndo falar, daí ela foi ver o que era e pensou: “não, não era o filho dela, foi engano, era outra pessoa”. E a velha continuou insistindo, mas mesmo assim ela não acreditou, por que a velha é bem maldosa.

L.7VH) Eu acho que é uma mulher doente e esse senhor mais velho que deve estudar alguma coisa, ser um senhor que as pessoas vão, algum espiritista que as pessoas acreditem e que foi abençoá-la por que ela deve estar bem doente. É algum senhor que eles acreditam que tenha força positiva. Eu acho que ele vai ajudar ela a conseguir a se libertar, ela deve ta bem doente assim com doença terminal e acho que ela vai conseguir. Ele deve estar passando as forças positivas, alguma coisa do tipo pra ela e ela deve estar sentindo e deve estar se sentindo bem assim. Acho que ele deve ter aliviado aquela dor que ela tava sentindo.

L.12H) Eu acho que são pai e filho. O pai ta conversando com o filho, dando alguns conselhos pro filho, o filho deve ser um advogado ou um médico, e ele ta dando uns conselhos para o filho dele, o que fazer, o filho dele deve estar em dúvida sobre alguma coisa e ele deve ta

dando conselho como é mais experiente ele deve ta conversando com o filho, tirando as dúvidas dele, ele ta em dúvida quanto a o que fazer sobre uma cirurgia ou sobre um determinado assunto e o pai dele como já é mais experiente ta dando conselhos: “acho que deve ser assim”, “quem sabe se você fizer de outro jeito”. Por que ele ta bem pensativo e acho que ele vai seguir.

L.12M) Isso deve ser alguma empregada, alguma coisa assim e esse o filho dos patrões que deve ter feito alguma coisa errada e ela como mais velha, deve ter ajudado a criar ele, e aí ela está sentindo, eles devem ta discutindo com ele por que ele está avisando que fez alguma coisa errada e ela ta apavorada por que ela não acha certo que eles devem ta falando pra ele, e ele ta quieto escutando por que ele sabe que ele errou, e ela está tirando as dores por ele, ela ta sentida com o que eles tão fazendo para ele.

Familiar 12:

L.5) A mulher ta chegando em casa do trabalho de noite. A casa ta vazia, ela é solitária, meio assustada parece, ta tudo escuro. Não tem luz, ela ta assustada, não tem ninguém na casa, é ruim uma pessoa sozinha assim.

L.6VH) Essa aqui é uma foto que bateram e daí saiu uma imagem má atrás. Talvez seja a má índole da pessoa que bateu a foto, o aspecto sombrio da pessoa. A foto reflete a imagem interna dele. Acho que é homem, não é mulher, não dá para definir se é homem ou mulher.

L.7VH) Esse aqui acho que é alguém que ta bem doente, terminal assim, acho que essa pessoa ta ajudando ela a passar desta vida para outra, dando um conforto assim, essa deve ser a hora mais triste da pessoa, se tem uma pessoa mais querida, um esposo, uma mãe junto já é mais fácil assim, talvez tu sente que aquela pessoa te dá conforto, te segura, que tu não vai sozinho.

L.12H) Acho que é um pai dando conselho para um filho. Ele ta bem perto, aconselhando ele. Uma palavra amiga, ele é mais velho, geralmente é pai e filho. Deve ser uma coisa assim...o filho parece triste, com semblante caído e o pai ta dando conforto, uma palavra amiga, por que ta muito próximo. Vê que esse é bem mais velho, geralmente pessoa mais velha tem mais experiência, sabedoria da vida, faculdade da vida.

L.12M) Esse aqui é um filho e uma mãe (?). O filho está assim, não sei se está se despedindo ou pedindo conselho para a mãe. Ele ta falando com ela. Talvez pedindo conselho por que ta de cabeça meio baixa, mão no chapéu. Ela ta falando e ele escutando de cabeça baixa. Ele tem semblante de humilde, de pessoa que aceita.

Familiar 13:

L.5) Parece uma senhora de idade que ta entrando numa sala e ta vendo o que está acontecendo. Não sei se ta entrando ou saindo, tava procurando uma pessoa, mas não tinha ninguém na sala. Ela ta procurando alguém e não sabe onde estão, se sentiu que precisava continuar procurando e vai procurar pelo resto da casa.

L.6VH) É uma senhora com um rosto bondoso, parece que está meio sorrindo, esta outra mulher está meio séria. Parece que estão assistindo alguma coisa ou vendo TV ou vendo um desfile na rua e essa senhora de trás está mais contente, a moça mais nova está meio séria. Estão assistindo a um desfile de 7 de setembro.

L.7VH) Parece que é um padre que está benzendo uma pessoa doente. Parece um rapaz meio novinho que veio para benzer o rapaz, pode ser um sacerdote, um pastor, é o que me passa, uma pessoa bem jovem sendo abençoada. Acho que é isso.

L.12H) Dois homens conversando, pode ser um pai e um filho, pode ser o pai que está dando um conselho para o filho. É um senhor com o rosto de sabedoria, é um senhor de mais idade que parece estar passando para o filho um conselho. O filho parece que está meio arrependido de ter feito algo, está com rosto de tristeza, arrependimento. Ele não parece com raiva e sim tristeza. O pai estava só aconselhando, não estava bravo.

L.12M) Aqui os dois parecem que estão tristes. Depois que aconteceu alguma coisa triste, uma morte na família. Parece que esta senhora mais velha está olhando para fora com um ar triste, e o rapaz que pode ser filho também está olhando para baixo. Parece que morreu alguém na família. Ela é mãe dele. Eles não estão nem falando, ainda estão sob o impacto desta notícia. Parece que é isso.

Familiar 14:

L.5) Uma visita chegando. Ela é de casa por que entrou sem bater, abriu a porta sozinha. Provavelmente veio tomar um chimarrão. Ta reparando que está tudo arrumado e limpo. Aí ela vai entrar. Espantada de não ver ninguém sentado no lugar de sempre. Ela ta acostumada a ver alguém sentada ali e não tem ninguém. É que a vizinha ta lá nos fundos foi pegar umas verduras no quintal.

L.6VH) Ai... que meu neto quer de presente, ou o que eu vou aprontar para ele. Uma cara bem travessa da vovó. Uma coisa mais maliciosa, será que ele é. Eles não tão se olhando, provavelmente não se falavam. A vovó ta com uma cara de quem vai fazer uma coisa boa para ele. Ele talvez tivesse pedido alguma coisa para ela. Acho que é neto pela diferença assim.

L.7VH) Ai, suspira, isso eu acredito que tem pessoas que tem poder de cura com a mão, inclusive com a oração, ele vai curar, acho que não a pessoa que ta deitada confia nele, ta de olhos fechados, tranqüila. A pessoa que está sobre ele tem bastante força positiva, bastante luz. É isso.

L.12H) Esse aqui é um pai falando com um filho. O filho deve ta com problema, o pai ta ajudando. Deve ser uma coisa grave, triste. O pai ta olhando para o filho então ta dando força para ele. Acho que aconteceu uma coisa com o filho, não sei, talvez com a família, esposa, filhos, e o pai parece que diz “isso passa”. Acho que ele não fez nada não, aconteceu com a família dele, talvez alguém no hospital, cara de quem levou uma paulada, o pai tem expressões serenas, o filho que ta “não posso fazer nada”. O filho parece que ta ouvindo, que concorda com o que o pai está dizendo.

L.12M) Ih, esse aqui “perdi o emprego, mãe perdi o emprego”. Para escola ele ta muito velho. A mãe não deve estar preocupada muito, pois ta tranqüila, foi para a janela, diz que ta um dia bonito e não é para ele se preocupar que vai ajudar. Ele tem rosto preocupado, talvez achasse que a mãe ia ficar preocupada também, mas tem semblante bem tranqüilo, ele ta segurando chapéu como quem ta nervoso. Para ela não deve ter sido nada muito preocupante. É isso.

Familiar 15:

L.5) Essa é a dona Maria entrando em sua casa. Quando entra na sua casa ela se assusta, por que vê que tem alguma coisa diferente, não sabe o que, mas tem alguma coisa diferente. Está meio preocupada com alguma coisa que ela está sentindo quando ela entrou ali nessa porta

adentro. Então de repente, quando ela entrou dentro da casa ela viu que tinha um gato embaixo dessa mesa, e esse gato foi a causa do susto dela. (Quem é esta mulher?) Uma mãe de família, entrando em sua casa.

L.6VH) Eu acho que essa senhora, pode ser assim ó...tem uma cara de bruxa. Uma bruxa pensando atrás, a menina aqui na frente tava tirando uma foto e apareceu uma bruxa atrás, com uma cara assim “hum, o que será que vai acontecer?”. Alguma coisa assim, mas não está de mau, não é cara de mau, está pensando atrás assim. Eu acho. (E a da frente?) Não sei, olhando pro nada. Não sei, que figura difícil, não sei.

L.7VH) Eu vejo tristeza. Eu to vendo parece que é um padre abençoando uma pessoa doente, perto da sua morte. A pessoa deve ta condenada a morte, ta doente e o padre ta abençoando ele, é isso que eu vejo. (O que a pessoa doente está sentindo?) Parece assim calma, não vejo assim..., a boca dela ta meio triste mas não aparenta ta sofrendo. Está tranqüila, ta indo. É isso que eu vejo.

L.12H) Parece pai e filho. Caminhando assim e aí ele vai falar alguma coisa pra ele, está falando alguma coisa assim, o pai tava falando alguma coisa pro cara ali do lado, o filho. Eu penso assim, eles caminhando, por que eles tão assim meio de lado, e aí o pai falou alguma coisa pro filho. O que falou não sei. O filho está com cara de preocupado, algo lhe preocupa. Parece assim, o pai dizendo “não, não te preocupa com isso, isso acontece” alguma coisa assim.

L.12M) Parece daqueles filmes bem antigos. Também aqui tão preocupados com alguma coisa, pela expressão deles assim. A senhora ta olhando pra alguma coisa aqui. Parece assim ó, esse cara aqui chegou pra contar alguma notícia pra ela. Uma coisa assim. E não tão muito felizes, está meio assim, com a sobrancelha assim, meio preocupado. (Tem alguma relação?) Acho que é a avó dele parece, ou pode ser a mãe, deixa eu ver melhor, acho que é a mãe.

Familiar 16:

L.5) Pela aparência assim, parece que ela está esperando, abrindo a porta. Está espiando alguém. Uma mãe, a mãe está espiando o filho, como se fosse uma biblioteca alguma coisa assim, ou uma sala, para ver o que ele tava fazendo.

L.6VH) Essa, no caso, seria a pessoa jovem. Mas a princípio seria uma pessoa idosa. Ela na juventude e depois seria na fase mais velha. Seria a mesma pessoa. Ela está triste, pensativa. Ou se olhando no espelho e imaginando como ela seria mais idosa, no caso.

L.7VH) Seria uma pessoa dormindo. Um filho dormindo e o pai vem passar a mão. Pode até ser um espírito ou alguma coisa assim. Mas acho que não, acho que seria mais assim: o filho dormindo e o pai vem lá pra fazer um carinho no filho dormindo.

L.12H) Dá pra dizer que seriam pai e filho de repente. Na idade jovem e na idade idosa. Ele está olhando pra ver o que ele vai fazer. Pai e filho juntos, de repente conversando, pensando...ou até de repente orando, por uma perda.

L.12M) Parece que mãe e filho tiveram uma divergência, uma briga. E a mãe...até a impressão que dá é que o filho dela está indo embora, deixando a mãe sozinha, por uma discussão, alguma coisa nesse sentido. Tristes, os dois de coração partido, por estarem se separando, mãe e filho, por uma briga. Ele por deixar a mãe, e a mãe por uma divergência que teve.

Familiar 19:

L.5) Uma senhora que poderia ser minha mãe e ta surpresa pelo que ta parecendo e um fato que não gostou muito, até espantada e o olhar meio triste. Ela viu uma coisa que não gostou, pode ser tanta coisa, parece um quarto, biblioteca, um fato surpreendeu talvez com um filho, tem uma luz acesa, será que ela ta vendo filho dormir, talvez possa ser isso. Não sei se é espanto ou olhar carinhoso. Pode ser tantas coisas.

L.6VH) A juventude e a velhice, um rosto jovem e um rosto velho. Acho que é a mesma pessoa jovem e velha. Os olhos são os mesmos, é uma mulher, acho que é a mesma pessoa, pois a expressão do olhar é a mesma, os lábios.

L.7VH) Esse é um pai, um filho dormindo e o pai velando o sono dele. Não sei se este pai está morto ou não, talvez seja um pai morto e o filho está sonhando com ele, é um espírito de luz.

L.12H) Este também relação de pai e filho e parece que o pai está aconselhando o filho e ele está prestando atenção. É uma troca de experiência, uma coisa de respeito, de troca

de informações. Conversando e o jovem está prestando atenção no que o senhor de idade está dizendo com admiração, respeito pela experiência de vida, pelo que o velho está dizendo. Tanto pode ser pai como avô.

L.12M) Um rapaz que não é tão jovem e uma senhora idosa, não sei se tão conversando ou discutindo, ela está de costas pra ele. Não sei se tão discutindo ou se ela está pedindo desculpa para ela. Ela está com cara de choro, mas parece que ela o está perdoando, apesar de magoada, mas ela está com olho cheio de lágrimas, ele magoou muito ela, mas está arrependido e ela o perdoou. É mãe e filho.

Familiar 20:

L.5) Ela ta chegando num lugar ou em casa, não dá para saber se é branca ou negra. Ela ia fazer uma limpeza, ela tava chegando para trabalhar, uma empregada.

L.6VH) Meu deus o que é isso, é um quadro. É uma moça na frente de um quadro de uma velha. Essa velha não dá para ser por que é muito enrugada, então é um quadro. A moça não está pensando nada, é enigmático, como se ela estivesse num museu, observando.

L.7VH) Seria um padre dando uma extrema unção? Ou uma pessoa dando uma benção final, senão que não está com cara de doente, está com feições bem boas. Se fosse católico seria extrema unção, mas como sou espírita seria uma benção e não é uma senhora de idade, uma velha, é uma moça e está doente.

L.12H) Também diria que é um rapaz diante de um quadro de um velho. Pensando sobre a idade, sobre a vida, sobre viver vários anos. Sobre o envelhecimento, ele pensa pra ele como é ser velho, pensa no pai dele também como é ser velho. Ter mais dificuldade para se locomover, aposentadoria, responsabilidade com a família.

L.12M) A senhora, a cozinheira parece a mãe, aqui em casa não é assim mas tudo bem. O filho de chapéu é esse aqui. Não sei por que ela tava de lado, parece um assunto desagradável que eles tem aqui pra travar e é de namorada ou mulher, de casamento, de separação. Mãe não gosta de ouvir falar sobre isso. Pode acabar bem, pode conversar e se entender, vai acabar bem sim, sempre acaba bem.

Familiar21:

L.5) Aqui é uma senhora que está entrando na sala e olha para o lado onde está a mesa para um abajur e está com uma cara assim de meio assustada com alguma coisa que ela está vendo ali na frente dela. É uma senhora mais de idade. Pelo jeito é dona de casa, não trabalha fora por que a casa está bem arrumadinha, está tudo certinho, tudo no lugar. Acho que ela está com essa expressão de assustada por que acho que alguém chegou e ela não esperava daí ficou com o olhar de assustada. Provavelmente um filho, ou algo que ele trouxe junto de certo. Depois acho que ela entra na sala e conversa com a pessoa que chegou, acho que ela vem vindo da cozinha.

L.6VH) Esta outra acho que é uma moça e ta observando alguma coisa e tem uma senhora atrás dela que acho que é até a mãe dela. Ela ta com uma expressão mais séria a moça e a senhora não ta tão séria assim, parece que ela ta querendo rir de alguma coisa que ta acontecendo. Não é bem rindo a expressão dela, é meio que, ela ta com a mãe no rosto, parece que ela ta meio preocupada, não é nem preocupada nem sorridente, ela ta naquela... Não sei, ela ta pensando que já foi como a filha dela assim jovem um dia e ta pensando no futuro da filha. A filha ta com expressão de quem ta pensando em alguma coisa, séria, parece que ta pensando no futuro. A filha está de costas para a mãe mas acho que se relacionam bem. Acho que é isso.

L.7VH) Acho que é uma pessoa que ta doente, um médico de mais idade vem curar ele, ta com a mão em direção parece que na testa dele, que parece que vai ver a febre dele, alguma coisa assim. Não sei se é médico ou acho que é o pai dele. Por que ta de gravata, acho que é o pai e vai acordar o filho. Acho que ele chegou do serviço e deu uma cochiladinha e agora o pai foi chamar que já ta na hora de voltar para o serviço. Parece que se relacionam bem senão o pai não ia acordar o filho, ia deixar ele ali. Acho que é só.

L.12H) Aqui parece que eles tão todos de terno, é um mais de idade e um mais novo, parece uma reunião, parece que o mais velho quer falar algo para o mais novo, algo da reunião. O mais novo parece que não ta prestando atenção no que ele ta dizendo parece que quer ouvir mais o que ta acontecendo na palestra ou coisa assim. Parece que tão cansados ou coisas assim, já era tarde, estão com expressão de cansaço. Acho que é só.

L.12M) Aqui é uma senhora de idade e um rapaz novo, acho que é o filho dela e pela expressão do rosto dos dois parece que ele brigou com ela. Ela ta indo em direção da cozinha ou sala e ele ta saindo, indo embora. (*Por que ele brigou com ela?*) Não sei, acho que por que

ela ta de idade, de certo ela fez alguma coisa que ele não gostou e aí ele brigou com ela. Ele ta com cara de meio zangado, de quem ta com raiva parece. Eu não sei o que ela fez, mas tem gente que não tem paciência com quem ta com mais idade e qualquer coisinha que eles fazem se irrita, só que as vezes tem coisas que tem que ir levando por que às vezes a pessoa de mais idade já não são mais tão rápidas ou ágeis ou atentas para fazer as coisas. Acho que alguma coisa que ela fez assim, ele está todo de terno, talvez ela não passou o terno dele direito, ou alguma roupa. Ela ta com expressão de magoada com o que o filho deve ter dito pra ela, acho que ela deve estar pensando que ela dedicou tantos anos da vida para ele e ele veio e xingou ela.

Familiar 22:

L.5) A mãe chamando alguém na sala, chamando pra almoçar. (*Quem ela está chamando?*) Podem ser várias pessoas, pode ser meu pai, pode ser eu, pode ser uma criança, chamando alguma pessoa. (*Esta pessoa que tu vê é a tua mãe?*) Eu vejo como uma mulher que é mãe, não vejo como a minha mãe, uma mãe chamando alguém da família pra almoçar. Demora um pouquinho e todo mundo vai almoçar.

L.6VH) Alguém querendo saber o que esta pessoa mais nova está pensando, o que ela vai fazer. Como a gente está falando de família eu pensei em mãe e filha. (*O que elas tão pensando?*) Alguma coisa que a filha tem que resolver e que a mãe ta pensando o que ela vai fazer. A mãe está esperando a filha dizer qual é que é a atitude que ela vai tomar.

L.7VH) Um pai foi ver se o filho ta bem, ta doente. (*E o que eles estão sentindo e pensando?*) É um pai preocupado com filho, ver se ele ta bem, o que ele precisa fazer pra melhorar. (*E o que acontece depois?*) Ele vai tomar as providências pra ver se tem dar remédio, se não tem que, algo assim.

L.12H) Um filho com um pai, pedindo um conselho, trocando idéias, algo assim. (*E o que eles estão sentindo e pensando?*). O filho está analisando a idéia que o pai traz pra ele, o pensamento do pai, e vai ver se vai acatar ou não, acho que é isso.

L.12M) Discussão. Estão discutindo sobre algum problema que surgiu. Estão pensando em como resolver o problema. Pelas caras está difícil chegar numa mesma resposta, alguém vai ter que tomar decisão ali, eu acho, é isso.

Familiar 23:

L.5) É uma pessoa esperando alguém, não sei para abrir esta porta, esta pessoa ta chegando talvez, ela abre a porta para esta pessoa. É uma pessoa esperando outra, está aflita esperando a outra pessoa. Pode ser comigo mesmo, não vou me prolongar.

L.6VH) (Olha, demora) Isso aqui é inveja ou o que é. Isso aqui é inveja. Uma pessoa que está sempre cuidando. É uma pessoa que ta me cuidando numa parada, inveja não quer deixar acontecer o que ta acontecendo, ta perturbando o balançado. (Entrega a figura nervosamente e diz “posso te dar essa figura de novo?”)

L.7VH) (Demora e pergunta o que tem essa figura, dou estímulo.) Essa pessoa ta precisando de ajuda mas não faz parte pra mim eu acho, esta pessoa está precisando de mais, como se diz, espiritualmente, precisa de ajuda, mais de iluminação, de mais brilho, clareza, precisa ajuda no corpo todo que alguma coisa não ta legal. A pessoa que ta em pé ta ajudando, vai ajudar, não tem intenção de fazer o mal, parece que ele ta iluminado e está tentando ajudar com a mão. Uma coisa boa ele quer fazer, tentando abençoar essa pessoa. Tem a ver um pouco comigo, to precisando de ajuda celeste, de clareza. As pessoas conviver melhor, não dá para dizer bem certinho. Poderem se dar mais umas com as outras.

L.12H) Estranha essa figura. Uma pessoa aconselhando outra pessoa. Uma pessoa de mais idade, essa outra pessoa está meio triste e a outra ta ajudando, aconselhando, algum obstáculo, algo que a outra fez e a pessoa mais velha que aconselha. Não é pessoa muito estranha, acho que eu mais velho aconselhando um amigo, não tem muito o meu rosto, mas é eu avisando alguém, alguma coisa assim, é isso aí.

L.12M) É uma pessoa que está se despedindo vai ter que ir embora, não sei parece que não quer que um vá embora, não sei, está dividida, não é de coisas assim normais, tem que ir embora, tem que voltar para algum lugar, saiu a trabalho, vai demorar a volta, não posso dizer o que é. O homem vai ter que sair, partir não vai ter retorno, ele está confuso não quer ir, está pensativo, vai ter que tomar uma decisão. Ela vai ter que esperar vai aguardar, está com ansiedade.

Familiar 24:

L.5) Acho que é uma mãe abrindo uma porta e dentro tem um buquê de flor, em cima de uma mesa, tem abajur, livros, acho que talvez ela ta olhando se a filha ta dormindo, se ta ali, ela quer saber alguma coisa. A mãe está com cara meio zangada (?), meio triste também, não sei, se a filha ta ali dentro também.

L.6VH) Esta aqui a moça tem uma cara de preocupação e atrás dela tem uma figura como se fosse uma bruxa. Parece que a pessoa mais nova tem um sorriso, olhos tristes, a mais velha tem um sorriso, mas parece de maldade. A mais nova te ar de preocupação.

L.7VH) É um rapaz/ moça não sei, ta dormindo ou acordado não sei e tem alguém se inclinando para cima. Pessoa que ta deitada é jovem e a pessoa por cima é mais velha. É como se a pessoa mais velha tivesse abençoando a outra com a mão. A diferença de idade é bastante entre as pessoas.

L.12H) É um senhor velho, de idade, ta com rosto preocupado, meio triste e um rapaz mais novo também ta preocupado. Eles não tão conversando. Achei que fosse pai e filho.

L.12M) É uma vovó e um pode ser neto ou filho dela. Ela ta de costas para ele, ele tem o ar de preocupado, ela não, ela acho triste. Ele ta segurando o chapéu e ela ta com blusa ou segurando alguma coisa, casaco. Não sei o que aconteceu.

Familiar 25:

L.5) Bom, nessa primeira figura eu estou vendo a figura de uma mãe que está abrindo a porta de um, me parece que é um escritório, e pelo olhar dela ela está chamando a pessoa que está dentro do escritório pra almoçar. Vejo que é um escritório bem decorado, tem livros, tem flores, está bem iluminado, seria isso. (Quem seria a pessoa que ela foi chamar?) Seria o filho. (E como é a relação deles?) Pelo que eu vejo aqui é uma relação boa, tranqüila, de amizade. É isso que eu vejo aqui.

L.6VH) Me parece que é uma filha escutando algum conselho da sua mãe. Sua mãe já mais idosa e ela está aconselhando a filha de algum problema que a filha está sentindo no momento. É isso que eu vejo nessa figura. Olha, pelo olhar dela assim parece que ela está distante daquilo que a mãe está querendo aconselhar, e parece que ela não está muito atenta.

L.7VH) Estou vendo o pai fazendo uma oração pro filho que está doente, que está acamado e o pai está fazendo uma oração, ele é muito religioso e está rezando pelo filho. E o filho me parece que está muito cansado ou está doente. (Como ele está se sentindo com o gesto do pai?) Acredito que está se sentindo bem, me parece que pela imposição de mãos ele está aplicando um passe ou alguma coisa assim e eu acredito que ele está se sentindo bem.

L.12H) Me parece o filho contando algum problema, alguma situação da vida dele pro pai. O pai está atento, está escutando e o filho confia muito no pai, e então procura contar os seus problemas pra ele e o pai aconselha o filho a tomar a melhor decisão. É isso que estou vendo nessa figura.

L.12M) Nessa figura eu vejo a mãe com o seu filho, mas os dois me parece que estão em mundos separados. O filho está com um tipo de pensamento e a mãe está com outro tipo de pensamento. Então me parece que não existe muita afinidade aqui entre a mãe e o filho. É uma figura que parece que existe algum conflito entre o relacionamento dos dois. Nesse momento, me parece que o filho está preocupado com alguma situação, algum problema, e a mãe está assistindo televisão e está com o pensamento em outro local. Não estão conversando.

Familiar 26:

L.5) Parece uma mãe olhando se o ambiente tá organizado ou procurando alguém. Parece que tá com olhar de preocupada. Tem mesa, vaso, abajur, mas não consigo definir que lugar é esse. Tá mais para cozinha. Acho que não vai encontrar alguém.

L.6VH) Aqui é uma mulher jovem que tá pensando na sua velhice. E acho que a velhice assombra ela um pouco. (Como está se sentindo?) Angustada. Por que acha que vai ficar velha e feia.

L.7VH) É um rapaz dormindo. Acho que tá sonhando que essa pessoa tá perto dele. Acho que tá tendo um pesadelo. Talvez seja o avô dele, o avô falecido. É isso.

L.12H) Aqui é a figura de um pai e um filho que devem ter tido algum desentendimento e depois de conversarem começaram a pensar no futuro, já mais aliviados.

L.12M) Parece uma avó e um neto. Que ele deve tá falando pra ela e ela está pensando como responder ou ajudar. Alguma coisa preocupante relacionado ao futuro dele. O relacionamento entre eles é bom. Uma avó que provavelmente criou ele.

Familiar 27: Não quis fazer o T.A.T.

Familiar 28:

L.5) Ta parecendo uma mãe braba que de repente a sua filha tava fazendo alguma coisa e a mãe chegou assustada para ver o que estava acontecendo em casa. A filha fez alguma coisa que ela não gostou, trouxe amigos, fez bagunça, sei lá...trouxe namorado e fez alguma coisa que não poderia estar fazendo, era certa hora da noite e ela estava fazendo barulho e bagunça e a mãe não gostou.

L.6VH) Esta ta me parecendo uma situação em que ta duas mulheres, uma mulher ingênua e ta uma senhora atrás dela tentando mudar a cabeça dela para fazer ela mudar de idéia e tentar influenciar ela. Às vezes a gente não sabe o que dizer sobre algum fato e aí a gente vai para aquilo que aquela pessoa falou. Parece que não se conhecem muito bem, pelo jeito que ela ta na foto parece que a mais velha quer influenciar a mais jovem e esta está na dúvida.

L.7VH) Ta parecendo...aí, um jovem deitado, uma pessoa, um senhor fazendo...como vou dizer... parece aquelas coisas de hipnotizar, tentando hipnotizar o jovem a fazer alguma coisa que esse senhor queira fazer, sei lá. Esse jovem ta se sentindo a vontade, ta tranqüilo, de repente até como uma forma de tranqüilizar esse jovem, de repente ele está com problemas e essa pessoa vem ali tranqüilizar e acalmar...sei lá.

L.12H) Conversa entre pai e filho. O filho ta com problemas, ta confuso e o pai está tentando aconselhá-lo, ajudá-lo com o problema, e esse filho não sabe o que fazer. Eles têm uma relação boa aparentemente, parece que é pai e filho que se dão bem por isso o filho pediu ajuda ao pai.

L.12M) Uma situação em que o homem da foto fez alguma coisa e este homem tava envolvido no fato e a senhora está assustada pelo que aconteceu. Ele está com a cabeça baixa com ar de culpado, ou de repente aconteceu alguma coisa com alguém que ele gosta e ele ta triste e a vovó ta assustada com o que aconteceu. Acho que eles são conhecidos, mas não tem laços mais fortes.

Familiar 29:

L.5) Bom, nessa primeira figura eu estou vendo a figura de uma mãe que está abrindo a porta de um, me parece que é um escritório, e pelo olhar dela ela está chamando a pessoa que está dentro do escritório pra almoçar. Vejo que é um escritório bem decorado, tem livros, tem flores, está bem iluminado, seria isso. (Quem seria a pessoa que ela foi chamar?) Seria o filho. (E como é a relação deles?) Pelo que eu vejo aqui é uma relação boa, tranquila, de amizade. É isso que eu vejo aqui.

L.6VH) Me parece que é uma filha escutando algum conselho da sua mãe. Sua mãe já mais idosa e ela está aconselhando a filha de algum problema que a filha está sentindo no momento. É isso que eu vejo nessa figura. Olha, pelo olhar dela assim parece que ela está distante daquilo que a mãe está querendo aconselhar, e parece que ela não está muito atenta.

L.7VH) Estou vendo o pai fazendo uma oração pro filho que está doente, que está acamado e o pai está fazendo uma oração, ele é muito religioso e está rezando pelo filho. E o filho me parece que está muito cansado ou está doente. (Como ele está se sentindo com o gesto do pai?) Acredito que está se sentindo bem, me parece que pela imposição de mãos ele está aplicando um passe ou alguma coisa assim e eu acredito que ele está se sentindo bem.

L.12H) Me parece o filho contando algum problema, alguma situação da vida dele pro pai. O pai está atento, está escutando e o filho confia muito no pai, e então procura contar os seus problemas pra ele e o pai aconselha o filho a tomar a melhor decisão. É isso que estou vendo nessa figura.

L.12M) Nessa figura eu vejo a mãe com o seu filho, mas os dois me parece que estão em mundos separados. O filho está com um tipo de pensamento e a mãe está com outro tipo de pensamento. Então me parece que não existe muita afinidade aqui entre a mãe e o filho. É uma figura que parece que existe algum conflito entre o relacionamento dos dois. Nesse momento, me parece que o filho está preocupado com alguma situação, algum problema, e a mãe está assistindo televisão e está com o pensamento em outro local. Não estão conversando.

Familiar 30:

L.5) Na figura 1 eu vejo uma senhora entrando dentro de uma casa, e ela está espiando, eu acho que ela tá espiando alguém ou procurando por alguém. Uma casa bem montada. Parece uma mãe de família. É isso que percebo.

L.6VH) Vejo uma senhora idosa ao fundo e uma senhora jovem à frente. E parece que a da frente é a senhora jovem, e a do fundo se refere à figura da frente, que foi o envelhecimento dela. Pra mim seria a mesma pessoa, como se fosse um retrato dela aqui e um retrato atrás dela. Eu acho que a pessoa da frente, a que é nova, ta mais preocupada com as coisas que estão acontecendo, e a dos fundos, que é a mais idosa, eu acho que ela está mais descansada assim, pelo que eu vejo pela fisionomia dela, ela já está mais assim...acomodada, assim, com a mão no rosto. Também pensando no que pode acontecer com o futuro dela. Mas eu vejo a da frente com os olhos mais de preocupação do que a de trás.

L.7VH) Eu vejo uma pessoa no seu leito de morte, numa cama, recebendo talvez uma benção de um padre, ao que me vem...que lá em casa acontece isso, todo mês vem um padre que vem e dá a benção ao meu pai. Uma pessoa idosa dando a benção a uma pessoa mais jovem, que o jovem também pode adoecer e pode vir a...(E como esta pessoa está se sentindo?) Eu não sei, parece que ela está num sono mais tranqüilo assim, eu vejo que ela está num sono mais tranqüilo. Talvez sejam familiares, filho e pai.

L.12H) Eu vejo dois homens, acho que um é filho do outro. Um de cabelo branco e o outro mais jovem. Parece que há um diálogo, uma harmonia...há uma harmonia e não há, por que os olhos deles não se encontram. O da frente, mais jovem, está olhando pra frente enquanto que o mais velho está olhando em outra direção.

L.12M) Parece duas pessoas bem desoladas, olhando pela janela. Eu acho que o filho, esse rapaz é filho desta senhora. Os olhares estão parece bastante desolados. Ela está olhando pra fora, ele está olhando pra baixo, de repente eles perderam algum ente querido, ou até mesmo algum familiar.

Familiar 32:

L.5) Não sei. Está chegando em casa. Ela está indo desligar o abajur. (Por quê?) Pra não gastar luz. (E o que ela está pensando?) Não sei. (O que acontece depois?) Ela vai dormir. (Quem é essa pessoa, é uma mãe, é casada?) Ela é solteira.

L.6VH) É difícil. É uma mulher mais nova e aqui é ela 50 anos depois. Ela está pensando que ela vai está velha. (E como ela vai se sentir?) Triste. (Por quê?) Por que ela queria ficar bonita.

L.7VH) Esse quer acordar esse. (Por quê?) Por que ele é malvado. (E o que vai acontecer?) O outro vai acordar e vai bater nele. (E depois?) Eles vão embora. (E o que ele vai sentir quando é acordado?) Ele vai ficar brabo. (E o que o outro está pensando?) Não sei.

L.12H) Esse aqui é o cara e esse é o pai dele. (E o que estão fazendo?) Eles tão conversando. (Sobre o que?) Sobre futebol. (E o que o pai está pensando?) Está feliz por que está ao lado do filho. (E o filho?) Está feliz por que está ao lado do pai.

L.12M) Está difícil. O homem tava falando com a mãe dele e eles ficaram brabos. (Por quê?) Por que ele queria uma mulher que ela não queria pra ele. (E como estavam se sentindo?) Tristes. (O que aconteceu depois?) Discutiram, ficaram brabos e daí foram embora.

Familiar 33: Familiar apresenta uma deficiência mental e não foi possível aplicar o T.A.T.

Familiar 34:

L.5) Uma mulher abrindo a porta, olhando, cara de apavorada, triste, uma coisa assim. Alguma coisa com a família. Livros, flor, estante, uma sala, eu acho.

L.6VH) Uma velha de preto, parece com cara de deboche, coisa assim. Acho que só. Uma mulher normal. Podem ser parentes, amigos. Acho que só.

L.7VH) Alguém tentando fazer uma maldade, dois garotos. Alguém dormindo e outro tentando fazer uma maldade. Eles podem ser amigos querendo acordar ele ou um inimigo querendo matar ele. Acho que é um inimigo dele.

L.12H) Dois homens conversando, olhando alguma coisa, amigos, ou pai e filho. Eles parecem estar olhando alguém, falando de alguém. Parece que tão bem.

L.12M) Uma velha de avental assustada parece e um homem de terno triste. Alguém pode ter morrido. Um parente, um filho, uma mãe, uma avó. Não tão conversando.

Familiar 35:

L.5) É uma mulher abrindo uma porta e espiando o que está acontecendo. O jeito dela é de assustada. Talvez uma mãe, espiando se os filhos estão estudando, se estão fazendo as tarefas, tem uma mesa ali perto. Eu acho que é uma mãe olhando/ espiando os filhos.

L.6VH) Uma mulher e uma pessoa de idade desse lado. Talvez até a pessoa de idade pensando como ela era antes, se comparando, talvez com uma fotografia, colocando do lado “ali eu era assim e o que eu estou agora” Isso aí. (E o que ela está sentindo?) “Que que eu me virei, né?” O tempo passou.

L.7VH) Um senhor mais de idade de pé ali e um jovem. Dá impressão de que o jovem, não que ele está dormindo, mas que já morreu. E o pai meio desesperado, essa é a impressão que dá. (O que ele está fazendo?) Um gesto com a mão... Tentando chamá-lo de volta, dá essa impressão, olhando de relance. (O que vai acontecer?) Pra mim ele está morto. (Como ele vai se sentir?) Você imagina, como é que o pai vai se sentir, desesperado que está querendo chamar a vida, acho que é isso.

L.12H) Também um pai com um filho. O filho parece meio...não está de bom humor ali, fez alguma coisa e o pai dando conselhos. (O que eles estão sentindo?) A impressão é que ele está ouvindo o que o pai diz e ele não está gostando muito. O pai tem um ar bondoso, parece que está dando conselho ou alguma coisa pro filho, está ouvindo ele.

L.12M) Aqui é uma mãe com um filho. Os dois estão distantes um do outro. A mãe, mais de idade, está olhando longe...parece que é a mesma do outro, que está refletindo, chamando a atenção dele pra alguma coisa, que ele está cabisbaixo. Deve ter chamado atenção de alguma coisa dele...estão meio distante um do outro, até a mãe com um olhar longe. Não sei.

Familiar 36:

L.5) Parece a esposa observando alguma coisa. Pelo jeito é uma biblioteca, uma sala de estar. Uma casa bem organizada, antiga, esse vaso não está bem no lugar, mas eu acho que está perfeito. Parecido com o nosso aqui. (O que ela está sentindo/ pensando?) Observando se tem visita ou alguma coisa, parece que ela está observando alguma coisa. (O que vai acontecer?) Não sei, pode ser que vai observar se uma janela está aberta, observando se tudo está em ordem. (Como ela está se sentindo?) Observadora.

L.6VH) Essa é difícil. A senhora idosa parece que está meia não combinando muito com o que está acontecendo, essa outra parece que é só uma gravura, não parece uma pessoa, uma foto, parece mais uma gravura, não? Parece sem imagem, parece mais um desenho. A outra sim já parece mais vida, mas essa outra parece mais uma paisagem morta, sem vida (a primeira), parece uma pintura, enquanto que essa aqui não, parece que tem vida, não sei se é isso. (Quem a senhora acha que são?) Isso aqui parece uma foto (moça), e essa aqui uma observadora (senhora). (E o que ela está observando?) Talvez não está muito no que ela está acostumada à vida dela, parece que está observando alguma coisa que não é do ambiente dela, do que ela gosta, não sei se é isso. Por que a gente fica observando que a moral da gente é outra, mas cada caso é um caso, nós não podemos mover, uma andorinha só não move, então eu acho que essa daqui está observando que não é bem do que seria da vida dela. E isso aqui parece uma gravura, sem vida.

L.7VH) Pessoa doente ou morta, parece que está se despedindo, dando a benção. Uma pessoa doente, e ele está passando energia para aquela pessoa. Parece pai e um médico, e o doente. Parece que está ajoelhado aqui não? É um médico ou alguma pessoa especial passando uma energia ou falando e incentivando. Parece que está dormindo. Quando eu apaguei quando eu tive o infarto talvez eu estivesse nessa posição também, não sei.

L.12H) Pai e filho. Pai aconselhando o filho. Acho que é isso. O filho expondo os problemas e o pai aconselhando, escutando. Ele parece que está com o pensamento longe, mas certamente no fundo no fundo cala um pouquinho, as vezes não ouve no momento, mas depois recorda o que o pai disse. Acho que é isso.

L.12M) A mesma coisa. O filho com a mãe, expondo os problemas e a mãe escutando. Ali parece que já está com o chapéu na mão pra ir embora, e a mãe muito sentida, mas concorda, só escuta o que o filho tem a dizer. Acho que seria isso. (Como vai terminar?) A mãe deixa ele ir embora, se é o que o filho quer, se sabe que ele já está com o chapéu na mão, expondo os problemas dele que quer ir embora, e a mãe deixa. Temos que seguir os conselhos dos pássaros que botam os filhos pra fora do ninho pra voar. Eu acho que os filhos também a gente tem que deixar, que a mãe não pode prender o filho, desde que sabe que ele está num bom caminho eu acho que a mãe deixa. Que ele está querendo ir embora, e ela ouve o que ele tem a dizer, acho que é isso.

Familiar 37:

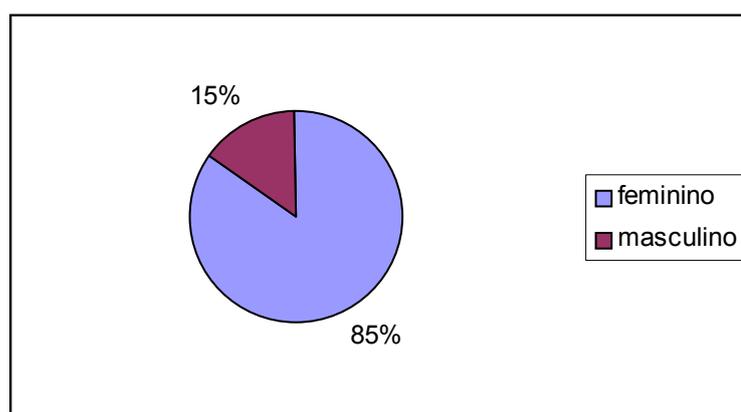
L.5) Uma moça ta chegando em casa. Abriu a porta, tem um vaso, um abajur, um balcão, estante com livros, uma casa bem bonita. Eu percebo que ela ta iluminada (ambiente). A expressão é de surpresa, ela parou na porta e está entrando. Está surpresa com algo que viu ou o ambiente bonito iluminado pelo abajur.

L.6VH) Eu vejo uma moça com uma pessoa de idade atrás dela e esta pessoa de idade com ar pensativo e a moça com ar também pela sobrancelha levantada com ar de tranqüilidade, pessoa de idade com ar de pensando ou preocupada ou de repente como se fosse o fantasma dela atrás de certa idade, ela no futuro. Quem sabe ela pensando de como ela seria no futuro. De repente até de como seria sua velhice se estaria bem. Uma preocupação de como seria sua velhice.

L.7VH) Aqui é um senhor deitado e um senhor de mais idade, idoso que ta indo assistir ou até, deve ta doente para dar palavra de conforto para essa pessoa mais jovem. Ou ele está morrendo, não sei, e a pessoa de mais idade ta indo lá confortar a pessoa. Eu vejo que há uma relação até pai e filho onde o pai vai confortar o filho.

L.12H) Aqui também o filho e o pai tão conversando, eles tem bom relacionamento de amizade, o filho sabe escutar o pai, de companheirismo, apoio. O pai sabe escutar, mas tem posicionamento do pai que diz que sabe mais que o filho, não acata totalmente tudo o que o filho diz. É no caso assim tendo o papel de pai ainda e o filho tendo seu posicionamento de nem sempre achar que tudo que o pai diz está correto pela sua idade, pois também é adulto.

L.12M) Aqui to vendo um jovem mais para maduro, um senhor e uma senhora de mais idade. Ela ta olhando janela afora, ela com suas preocupações de encaminhar esse filho bem em todos os aspectos de felicidade e financeiro e este filho também que ela esteja bem de saúde. A expressão dele é de preocupação e dela mil pensamentos devem estar passando por esta cabeça. Isso.

ANEXO D - TABELAS E GRÁFICOS NÃO UTILIZADOS

FONTE: Pesquisa de campo 2005.

Figura 9 – Sexo da amostra

Tabela 31 – Frequência por faixa etária e sexo

			Idade por Faixa					
			60 a 65 anos	66 a 70 anos	71 a 75 anos	76 a 80 anos	81 ou mais	Total
Sexo	masculino	% por faixa de idade	11,9%	15,7%	15,6%	24,0%	10,0%	15,2%
		% of Total	3,7%	5,1%	3,2%	2,8%	,5%	15,2%
	feminino	% por faixa de idade	88,1%	84,3%	84,4%	76,0%	90,0%	84,8%
		% of Total	27,2%	27,2%	17,5%	8,8%	4,1%	84,8%
Total	% por faixa de idade		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% of Total		30,9%	32,3%	20,7%	11,5%	4,6%	100,0%

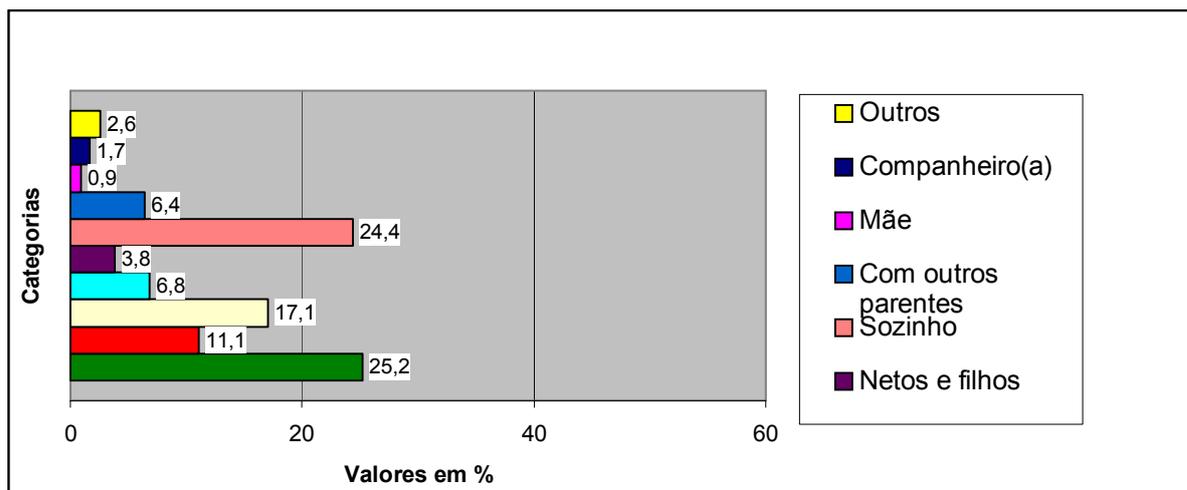
FONTE: Pesquisa de campo 2005.

A predominância feminina é comprovada em todas as faixas etárias, como pode ser observado na tabela 31. Além disso, verifica-se que 32,3% do total de idosos encontra-se na faixa etária de 66 a 70 anos e 30,9% na faixa de 60 a 65 anos.

Tabela 32 – Idade dos idosos pesquisados

IDADE	Geral (217) %	Chefes de família (34) %
60-65	31	38
66-70	32	26
71-75	21	21
76-80	11	12
Acima de 80	5	3
Total	100	100

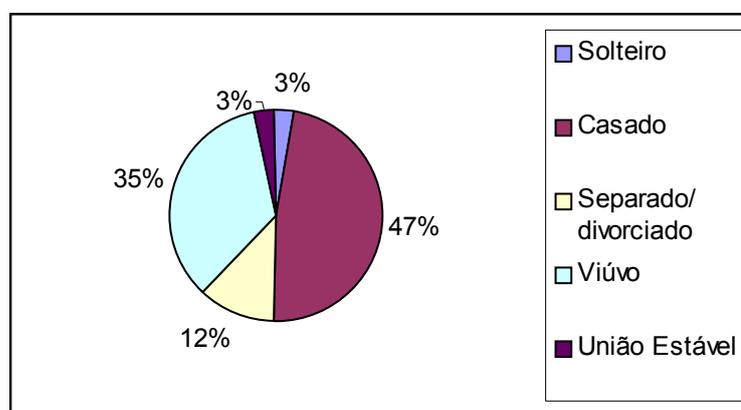
FONTE: Pesquisas de campo 2005 e 2006.



FONTE: Pesquisa de campo 2005.

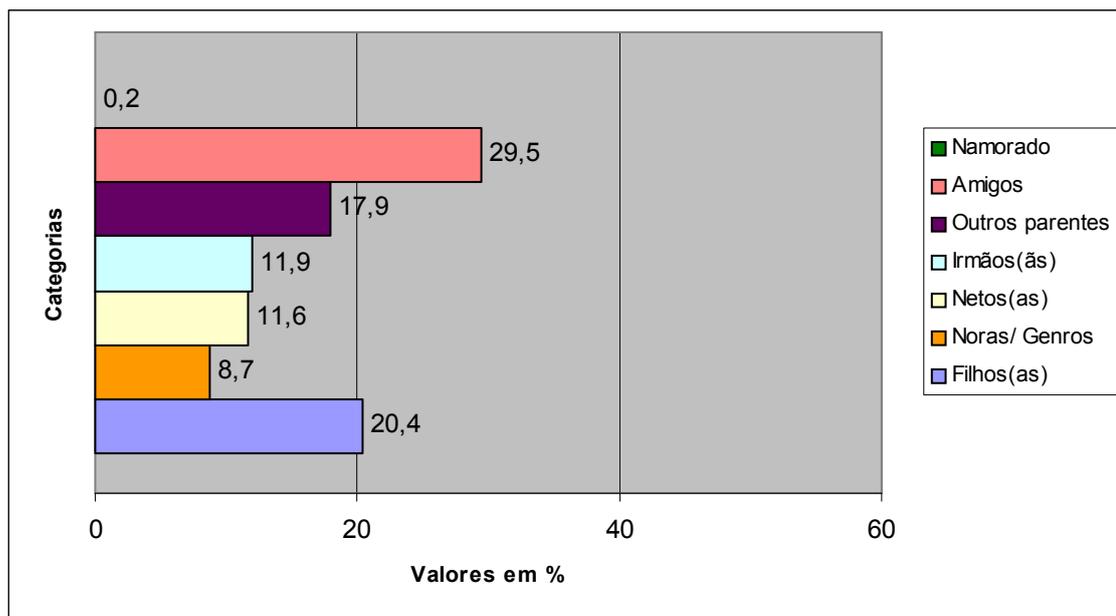
Figura 10 – Mora com quem

Observando a figura 10, constata-se que 25,2% dos idosos moram com o cônjuge, 17,1% moram com o cônjuge e o(s) filho(s), e 11,1% moram apenas com o(s) filho(s). A maioria dos idosos, portanto, não vive sozinha, sendo o percentual de idosos que moram sozinhos de 24,4%.



FONTE: Pesquisa de campo 2005.

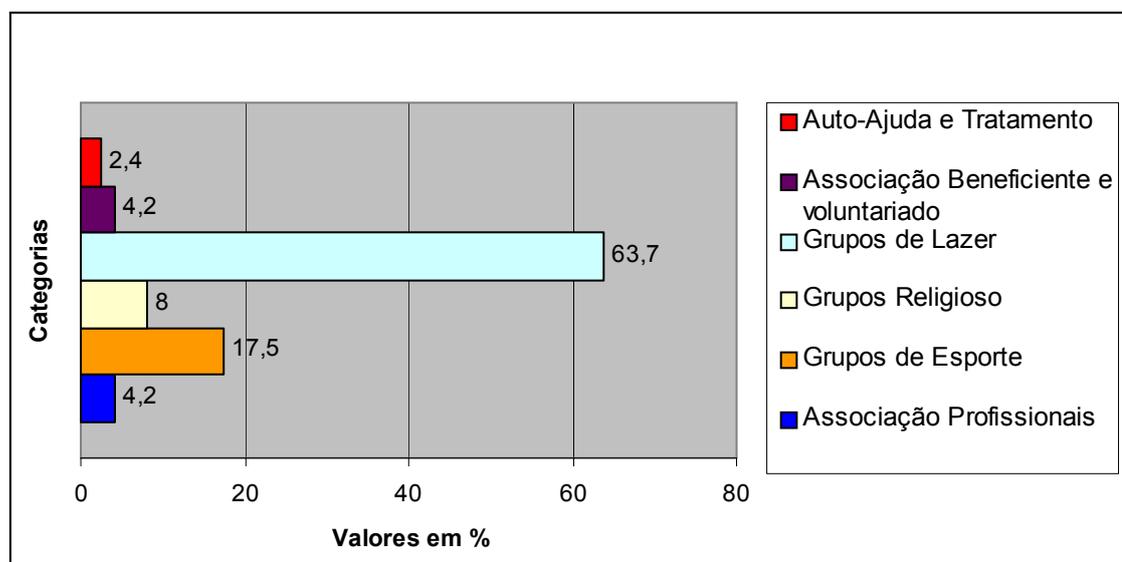
Figura 11– Estado civil



FONTE: Pesquisas de campo 2005

Figura 12 – Quem vem visitar

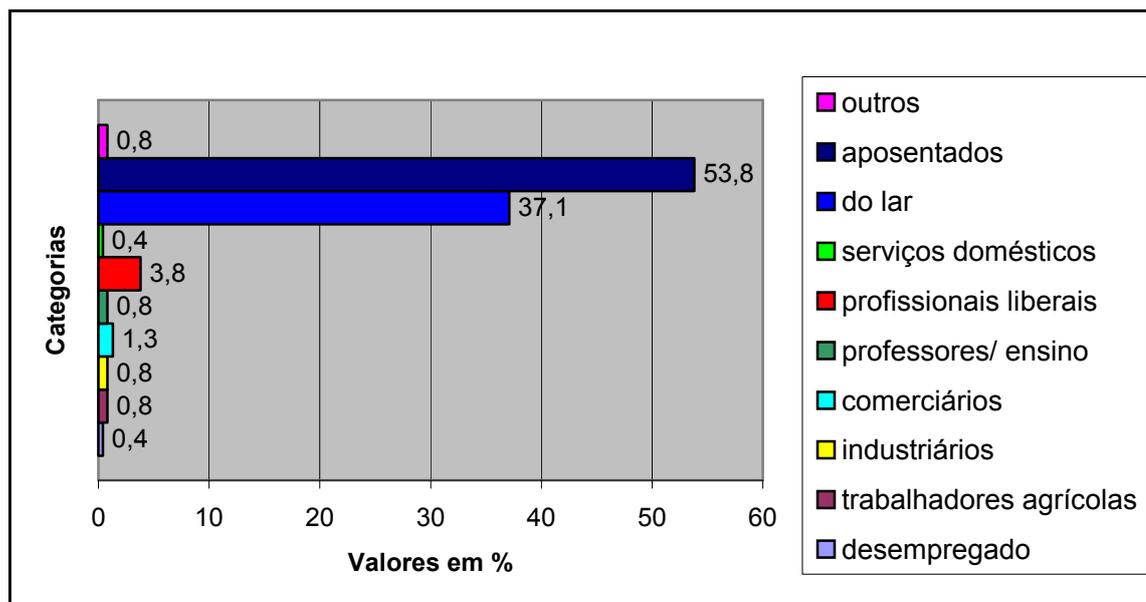
O percentual maior de sujeitos é de casados ou viúvos como se observa na figura 11 e estes são visitados por amigos (29,5%), filhos (20,4%), e outros parentes (17,9%), como pode ser observado na figura 12.



FONTE: Pesquisa de campo 2005

Figura 13 – Qual o grupo, clube ou associação que frequenta

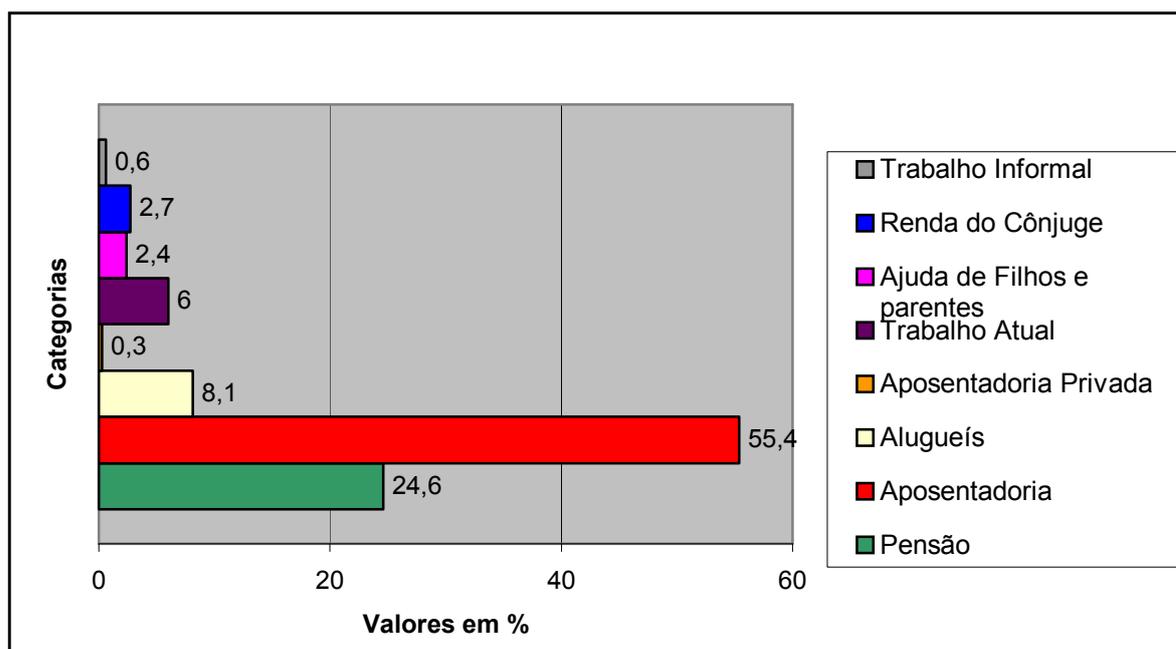
Salienta-se que a amostra desta pesquisa é composta por um grande número de idosos que fazem parte dos grupos de convivência atendidos pelos projetos de extensão da Universidade. Deste modo, pode-se verificar que 63,7% dos pesquisados citam os grupos de lazer (categoria em que se encontram os grupos de convivência) na questão referente a quais grupos, clubes ou associações freqüentam, conforme figura 13.



FONTE: Pesquisa de campo 2005

Figura 14 – Qual a atividade atual?

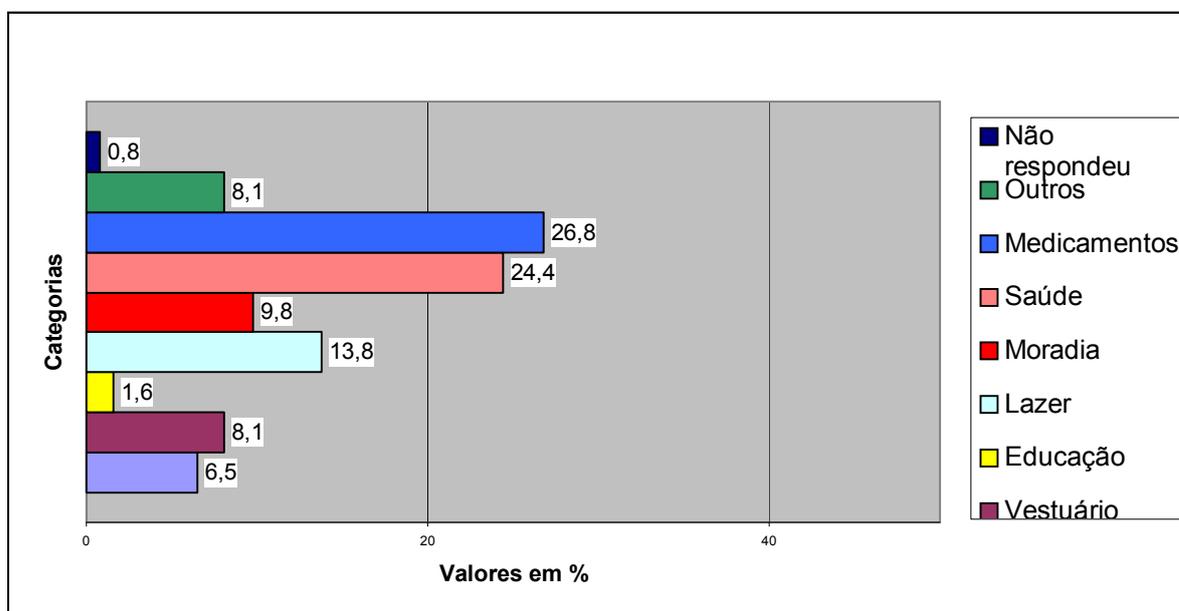
Quanto à atividade exercida atualmente, 53,8% afirmaram serem aposentados, 37,1% são do lar e 3,8% são profissionais liberais (Figura 14).



Fonte: Dados de Pesquisa, 2005.

Figura 15 – Quais as fontes de renda atuais?

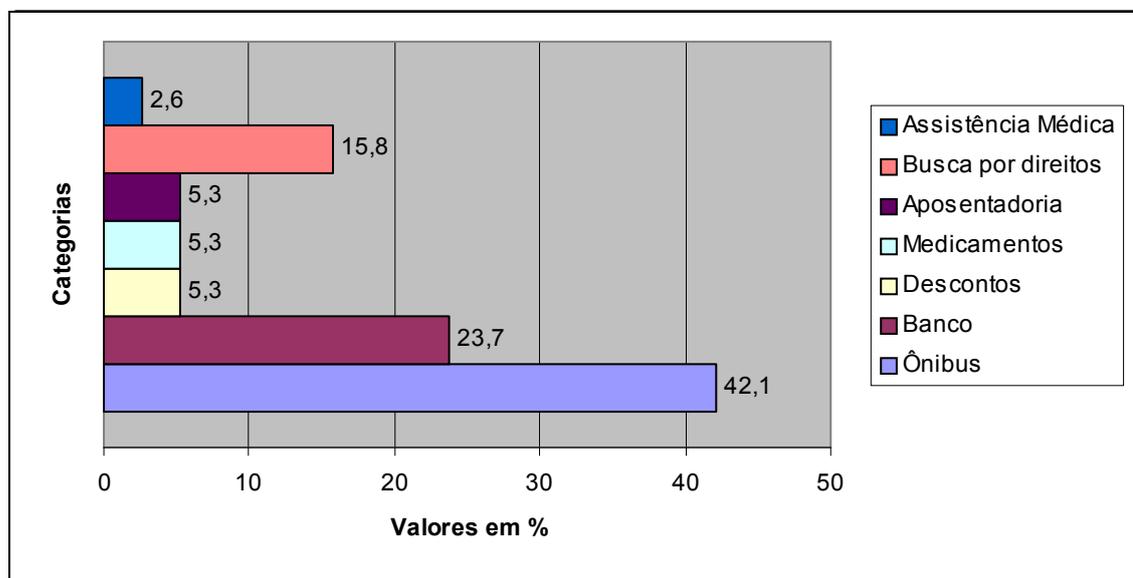
A figura 15 mostra que a grande maioria dos idosos vive da aposentadoria e/ou pensão (55,4% e 24,6%, respectivamente). Cabe ainda destacar que 6% dos idosos ainda trabalham.



FONTE: Pesquisa de campo 2005

Figura 16 – Falta dinheiro para quê?

Dentre os idosos que afirmaram não possuir dinheiro suficiente para a satisfação das suas necessidades, 26,8% responderam que faltava dinheiro para medicamentos, 24,4% para a saúde e 13,8% para o lazer (Figura 16).



FONTE: Pesquisa de campo 2005

Figura 17 – Utilizou o estatuto do idoso por qual motivo?

Dentre os idosos que fizeram uso do Estatuto, 42,1% utilizaram para o transporte urbano e interurbano, 23,7% em atendimentos preferenciais nos bancos e 15,8% em busca por direitos que não foram especificados em suas respostas, como se observa no gráfico acima.